



MEMÓRIAS DE VIDA

Narrativas e memória comunitária de
moradores de Gramado e região

Volume I - 2026



Trabalho

Memória
Social

Ferrovia

Comunidade

Cotidiano

História Oral

Colonos

Museologia
Territorial

Patrimônio
Cultural
Identidade

Raízes

Rural

Imigração

EDITORA

Karahá
HISTÓRIA E CULTURA

Wanderley Cavalcante - Eduardo da Silva Weber - Alex Juarez Müller

Wanderley Cavalcante
Eduardo da Silva Weber
Alex Juarez Müller

MEMÓRIAS DE VIDA

**Narrativas e memória comunitária de
moradores de Gramado e região**

Volume I - 2026

EDITORA

Karahá
HISTÓRIA E CULTURA



C376m

**Memórias de vida / Gramado-RS e região/ Wanderley Cavalcante, Eduardo da Silva
Weber, Alex Juarez Müller ; - Gramado, RS : Ed. Karahá História e Cultura, 2026 .**

180 p. il. color ; 30 x 21cm

**1. História oral - Memória social - 2. Memória ferroviária - Povoamento / Colônia
3 Cultura regional - Comunidades rurais - Rio Grande do Sul - I. Título.**

CDU 94(816.5)

Bibliotecária responsável: Cláudia Zambelli Mezalira - CRB 10/1628

Imagem da capa: cena produzida em processo híbrido, com auxílio de inteligência artificial e orientada pela incorporação de elementos relacionados ao tema e ao conteúdo da obra, articulados a dados de pesquisa e a uma análise interpretativa autoral, buscando conferir uma síntese visual e uma expressão estética coerente. As demais ilustrações (desenhos) do livro seguem a mesma técnica.

O texto desta obra não foi submetido a uma revisão estritamente orientada pelo Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Adotou-se uma reprodução flexível e contextualizada com a natureza das fontes que, por vezes, demandam a preservação de grafias, usos e marcas linguísticas vinculadas ao contexto histórico-cultural e à identidade dos sujeitos.

Projeto gráfico, diagramação e edição:
Karahá Editora
Gramado-RS
karaha.hc@gmail.com

EDITORA

Karahá
HISTÓRIA E CULTURA 

Esta produção é resultado do projeto 'Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado', contemplado em 1º lugar no Edital nº 31/2024 da Secretaria de Estado da Cultura (SEDAC) do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, com recursos da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura (PNAB).



MINISTÉRIO DA
CULTURA



EDITORA

Karahá
HISTÓRIA E CULTURA

MEMÓRIAS DE VIDA

Narrativas e memória comunitária de
moradores de Gramado e região

Volume I - 2026



Wanderley Cavalcante - Eduardo da Silva Weber - Alex Juarez Müller

Agradecimentos a todos os entrevistados e respectivas famílias:

- Abel Tomazi
- Angelita Altreiter
- Anselmo Vetorazzi
- Alma Hausmann e Armando Hausmann
- Carla Regina Damiani
- Elvira Bérghamo
- Euclides Manosso
- Francisca Nazil e Antnio Gabriel de Souza
- Iraci Baretta e Ari Beretta
- Iraci Casagrande Koppe
- Irineu Ecker
- Isaura José de Leão
- Izaíra de Leão
- Lêda Silva
- Lizete Casagrande
- Marcelo Matte da Silva
- Maria Elita Rünnau
- Odete Casagrande
- Rosa Maria Peteffi
- Sady Vaz
- Tatiana Ferreira

Sumário

Apresentação, 7

Apresentação técnica, 9

Lêda Silva, 11

Irineu Ecker, 17

Angelita Altreiter, 22

Marcelo Matte da Silva, 26

Tatiana Ferreira, 33

Sady Vaz, 37

Euclides Manosso, 40

Abel Tomazi, 52

Alma e Armando Hausmann, 61



Iraci e Ari Baretta, 75

Iraci Casagrande Koppe, 95

Lizete e Odete Casagrande, 105

Rosa Maria Peteffi, 111

Carla Regina Damiani, 130

Maria Elita Rünnau e Anselmo Vetorazzi, 134

Elvira Bérnago, 140

Antonio Gabriel de Souza e Francisca Nazil, 151

Isaura José de Leão e Izaíra de Leão, 158



Vamos imaginar que você está numa praia olhando o mar: um lençol azul de cetim. Vê, ainda, algumas pequenas ondas e sua espuma. Mas, será isso o oceano? Não. Nele, aquilo que não está visível é o que conta. Correntes submarinas arrastam seres vivos, correntezas provocam redemoinhos, o fundo do mar fervilha de criaturas, marés vêm e vão, trazendo e levando coisas.

A história cabe como uma luva nessa imagem. Por vezes, o que vemos na superfície dos fatos, únicos e espetaculares – Proclamação da Independência, Abolição da Escravidão etc. –, encobre um mundo invisível feito de milhões de personagens anônimos, pequenos gestos repetitivos, objetos do cotidiano que esquecemos. A superfície lisa encobre movimentos profundos que ajudam a compreender o passado.

Mary Del Priore (Histórias da Gente Brasileira)

Apresentação

As páginas a seguir são feitas de vozes que ecoam do interior das casas de madeira, dos trilhos da antiga ferrovia, das lavouras, das ruas, das escolas e das pequenas localidades que, ao longo do tempo, deram forma ao território de Gramado e região.

A obra se insere no campo da **História Oral**, compreendida como um método de pesquisa e produção de conhecimento que valoriza o testemunho direto dos sujeitos, registrando suas memórias, experiências e interpretações sobre o vivido. Essa metodologia, reconhece o narrador como **protagonista da história**, atribuindo sentido e legitimidade às narrativas de vida como fontes fundamentais para a compreensão do passado e do presente.

Neste primeiro volume, 23 depoentes, em sua maioria nascidos em meados do século passado, narram experiências que revelam trajetórias marcadas pelo trabalho, pela vida comunitária e pelas transformações do território.

São histórias de homens e mulheres que, embora longe dos registros oficiais, construíram com suas mãos, seus saberes e suas práticas o cotidiano dos lugares. “Anônimos” no plano formal, na prática, protagonistas da história social e cultural da região.

Preservar essas memórias é um gesto de reconhecimento, orientado pelo compromisso genuíno com sua valorização. Em um tempo perda de referências, registrar e divulgar as narrativas orais significa fortalecer as raízes, reafirmar identidades e manter viva a memória coletiva.

Cada relato aqui reunido é um **patrimônio**, agora compartilhado, que conecta gerações, territórios e experiências.

Histórias de Vida é, portanto, um espaço de escuta e reverberação de uma identidade em constante construção, feita de cultura, de afetos e, sobretudo, de **pessoas** que deram sentido e forma ao lugar que hoje conhecemos.

Os organizadores.



Representação gerada por IA de cena típica de paisagem no contexto ferroviário

Apresentação técnica:

- As entrevistas foram organizadas no formato de pergunta e resposta, com identificação de entrevistador(es) e entrevistado(s).
- As transcrições de depoimentos passaram por um processo de **edição mínima de fluxo** (ou transcrição limpa) cujo objetivo é equilibrar **fidelidade ao registro oral** e legibilidade textual:
 - **Não há alteração de conteúdo, nem reinterpretações**, apenas intervenção editorial para fluidez de leitura e pesquisa;
 - Conserva-se o vocabulário, expressões regionais e construções sintáticas características dos entrevistados, do modo a preservar o modo de narrar de cada depoente e o respeito à sequência lógica e temática da fala.
 - Possibilidades de supressões e intervenções (quando não comprometem o conteúdo): repetições excessivas, hesitações e vícios de linguagem, frases incompletas, interrupções, trechos ininteligíveis e ruídos externos (notadamente em entrevistas realizadas em contexto rural), desvios muito longos ou redundantes.
 - Quando há interrupções, sobreposição de falas ou complementação de raciocínio entre entrevistados em dupla, optou-se por identificar as falas de ambos de forma conjunta.
 - “[...]” e “(...)” são utilizados, em alguns casos, para indicar interrupções ou descontinuidades na entrevista.
- Base metodológica: História Oral, entendendo o depoimento como fonte histórica e expressão da memória individual e coletiva.
- Especificamente nos campos “Resumo Analítico” e “Justificativa dos valores patrimoniais identificados” das Fichas de identificação dos entrevistados, optou-se pela padronização da construção do texto (via recursos de Inteligência Artificial, devidamente analisada), a fim de facilitar a percepção do leitor-pesquisador de forma homogênea para todas as entrevistas.



Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0001
Título: Depoimento de Lêda Silva	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: mar/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Lêda Silva Filha do ferroviário Alzemiro da Silva.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Lêda Silva apresenta memórias sobre a trajetória de seu pai, Alzemiro da Silva, ferroviário da Viação Férrea, e sobre o cotidiano das famílias que viviam nas vilas ferroviárias de Gramado e de outras localidades do Rio Grande do Sul, evidenciando a dinâmica de trabalho na ferrovia, as funções exercidas (tuco, imediato e feitor), as constantes transferências entre estações e a organização comunitária em torno das casas, da escola e das relações de vizinhança.
Descritores: Memória ferroviária de Gramado/ Vilas ferroviárias / Cooperativa / Educação nas comunidades ferroviárias Mobilidade e transferências ferroviárias/ História social do trabalho

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória (X) outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: SILVA, Leda . Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 2026. 1 arquivo textual. (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.) Gramado;

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

O depoimento apresenta valor **histórico** por registrar memórias diretas sobre o funcionamento da Viação Férrea, o cotidiano das vilas ferroviárias e a trajetória de trabalhadores do trem, ; possui valor **social** ao evidenciar as relações familiares, comunitárias e de vizinhança nas vilas ferroviárias; e possui valor **identitário** ao reforçar a memória coletiva das famílias ferroviárias e o sentimento de pertencimento ao território, preservando experiências e narrativas que constituem a identidade cultural e a memória comunitária ligada à ferrovia.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante:

Estou aqui com a dona Lêda, nascida em 1943, filha do ferroviário Alzemiرو da Silva. O Caetano está presente, tá? Dona Leda, o que é que tu lembra da história do Alzemiرو da Silva? Quais são as funções que ele exerceu como ferroviário?

Lêda Silva:

Meu pai só trabalhou na viação férrea, se aposentou lá? Ele veio para cá como ‘tucu’, sabe que é tucu né? Aí ele fez o exame lá, passou, virou imediato. Aí depois, com os anos trabalhando como imediato, ele foi, fez outro curso e ficou feitor.

Wanderley Cavalcante:

Então ele teve uma progressão> tucu, imediato e feitor...

Lêda Silva:

Sim. E daí ele, depois ele não quis entrar e foi chamado para ser mestre de linha, mas ele não quis daí, ele só quis ficar como feitor mesmo.

Wanderley Cavalcante:

E vocês moravam numa vila ferroviária?

Lêda Silva:

A gente morou em muitos lugares. A vila ferroviária que moramos aqui era lá onde eles chamam de pedreira hoje em dia, né? Era o peral que o trem passava na frente. A janela da nossa casa, assim e a linha do trem assim, né? Eu acho que ainda tem a casa lá, não sei, mas a linha não tem mais nada, e agora é uma estradinha, né? E vai pro Rabicho, né? Só que agora o carro acho que não entra lá no Rabicho, né? Por ali.

Nessa vila só tinha os ferroviários. Tinha a do feitor, o imediato, a casa do meu tio que era o seu Zeferino que era tuco. Zeferino Pauli. E o meu tio Horácio, que era tuco também.

Depois mais aqui na entradinha onde entra por Serra ali, ali tinha mais outra casinha ali, e daí tinha mais um, o Virgílio era meu primo, né, filho do tio Horácio, mas ele trabalhava com meu pai. O Horácio também era tuco. Mas meu tio morreu aposentado já também, é, ele não trabalhava mais, ele já era aposentado, quando meu tio morreu. O Virgílio morou lá na caixa d'água lá embaixo. Lá na Ponta de Baixo do Rabicho.

Eu nasci lá em Fanfa, não conhece Fanfa, né? É na linha de Santa Maria, entendeu? É logo perto de Canoas, ali, né, sabe? Tem General Neto, General Luz, né, e tem Fanfa, e depois tem mais outro, tem Barreto, Barreto também não conhece, né? É tudo na mesma linha. E daí eu e meu irmão nascemos em Fanfa, mas já tinha minhas irmãs que nasceram, uma nasceu em Taquara, meu pai já era ferroviário, e a outra nasceu em Porto Alegre na enchente de 1941, e daí a gente morava na frente do aeroporto lá.

Wanderley Cavalcante:

Mas vocês moravam nessas cidades, acompanhando o pai?

Lêda Silva:

Sim, o pai era transferido, daí eles mandavam ele e a gente ia junto...

Lá em Fanfa, quando eu nasci, ele era tuco. Ele ainda era tuco. Depois, quando nós fomos morar em Barreto, aí eu já tinha uns 11 anos, mas a gente morou aqui também. Depois foi embora para Porto Alegre, veio de Porto Alegre, quando eu tinha uns 6 anos, 5 anos eu acho, nós viemos a primeira vez para Gramado. Depois fomos embora, depois voltamos de novo e moramos em Barreto, acho que tinha uns 11, 12 anos. Barreto perto de General Luz.,

Daí a gente ficava mais ou menos quatro anos, cinco anos em cada um. Mas o meu pai sempre pedia para vir para cá, porque ele gostava daqui. Então daqui quando terminou a linha do trem aqui, que eu não marco a data de ano, né? Terminou a linha do trem e nós fomos para Linha Bonita, uma estação da linha de Caxias... que vai por Montenegro ali, e pela linha do trem, né?

E daí vai, tem um monte de estaçãozinha e tinha Linha Bonita, só passava o trem na frente da casa também dos ferroviários. A estação nem funcionava mais com a gente, entendeu? Morava um empregado, até era para nós morarmos lá. Quando nós fomos morar lá, era para nós irmos morar na estação do trem. Meu pai não quis, quis ficar perto da garagem, que a casa do corretor era do lado da garagem. Que qualquer coisa que fosse de acidente, ter que ser chamado de madrugada, que muitas vezes era, né? É, então ele já estava perto da garagem para mexer no troll, né, botar o troll na linha e tudo. Depois de Linha Bonita tinha em São Salvador, São Salvador e depois tinha ali Bento Gonçalves e tudo, até chegar em Caxias.

Wanderley Cavalcante:

E a senhora lembra que nessa vila que tinha aqui em Gramado, além das cinco casinhas que moravam essas pessoas, tinha uma escola também?

Lêda Silva:

Tinha, a escola era pertinho da nossa casa, era só atravessar a linha do trem. Ah, nós todos estudamos naquela escola.

Wanderley Cavalcante:

Lembra o nome do professor ou não?

Lêda Silva:

Ah, tinha muitas, elas até moravam na nossa casa, porque elas vinham de outro lugar, uma das últimas mesmo que funcionou ali, era a Irma Comioto, lá da Serra Grande. Mas ela ficava a semana inteira ali na nossa casa. Dormia na nossa casa, porque era muito longe pra vir da Serra Grande, né, pra ir pra Serra Grande naquele tempo assim, ela pegava carona do caminhão leiteiro, que carregava, recolhia os leite na beira da estrada, né.

Daí ela só ia fim de semana, sábado depois do meio-dia ela ia e voltava segunda de manhã cedo.

Wanderley Cavalcante:

Lembra a quantidade de aluno?

Lêda Silva:

Ah, era assim, meia dúzia na primeira série, mais três, quatro na terça e segunda. Era uma professora só. Porque a professora era ferroviária também, né?

Nós estudamos também muito tempo, muitas vezes, né, que nem lá em Porto Alegre, na frente do aeroporto, e aqui, como é que era o nome da escolinha aqui? Ah, não me lembro.

Wanderley Cavalcante:

A escolinha daqui, a senhora já me disse uma vez, quando visitou o museu.

Lêda Silva:

É, eu disse, né? E lá em Porto Alegre tinha a Silva Jardim. Mas lá tinha a sala da primeira série, segunda série... terceira e quarta era junto.

Wanderley Cavalcante:

E sobre a Cooperativa dos ferroviários, dona Lêda, o que a senhora lembra?

Lêda Silva:

A gente comprava na cooperativa. A cooperativa era assim, né? A gente ia lá na cooperativa e tinha o homem lá que fazia o pedido, né? Então ele tinha uns bloquinhos, então ele escrevia "Ah, tanto de bolacha, tanto isso... Mas tinha os ranchos também que o meu pai mandava, recolher de todos os empregados a nota do rancho e ia pra Taquara, lá em Taquara tinha a cooperativa também, e tinha sapato, roupa, tecido, tudo na cooperativa dos ferroviários.

Era. E daí vinha no fim do mês, vinha o dia, tinha o dia marcado de chegar o rancho aqui. Aí eles iam na estação de troll trazia, que vinha os sacos de comida, tudo para cada um. E daí era descontado no fim do mês o pagamento. E para ir lá na cooperativa assim, queria hoje ir lá né, aí comprava lá, marcava naquele bloquinho, para no fim do mês você descontar também.

Tinha uma cooperativa em Taquara e a outra em Porto Alegre.

Wanderley Cavalcante:

A senhora falou do troll. Tinha um troll próximo da casa de vocês?

Lêda Silva:

Na garagem. A garagem que guardava o troll cheio das ferramentas.
É do lado da casa do feitor, sempre.

Além do meu pai aqui teve outros também, outros feitores, mas no nosso tempo era o meu pai.

Wanderley Cavalcante:

A senhora já andou de troll?

Lêda Silva:

Andei. (rsrsrs) E o meu pai era o motorista, né? Tinha um buraco no assoalho do troll que ficava em cima da roda. Aí tinha um porrete assim ó, desses de fazer a casa assim, que daí o meu pai ia de pé segurando ali para travar com aquilo ali, para o troll não correr muito na descida. E ia para travar quando era para parar. E na subida tinha que empurrar, né?

Wanderley Cavalcante:

O que a senhora lembra mais da linha férrea?

Lêda Silva:

É, só tinha linha do trém, lá até onde vai no Perau, que eles chamam de pedreira hoje em dia, onde lá embaixo é o hotel, lá era a roça dos gringos, que um morava do outro lado da estradinha. Os gringos plantavam o milho ali e tudo, morango, tudo. Ali onde é o hotel. Eles atravessavam, eles moravam pro lado de baixo da estradinha. Daí eles atravessavam, capinavam tudo ali. A gente às vezes tava em cima do peão lá, todas estavam com os gringos lá embaixo.

Diz que o rabicho eu não fui lá ainda, não me dediquei ir lá. Diz que o rabicho ainda tem, né? A gente rodeava aquilo lá, sabia? É, a gente era arteiro, né? (rsrs) Porque a gente descia por ali, pra ir lá onde é uma secretaria, hoje em dia era o açougue, o matador lá de carne. Sabe onde é que é? E então a gente comprava carne lá. Então a gente descia por ali, Rabicho abaixo. Não tinha estradinha, mas era o carreiro era ali, né? E daí onde a gente ia e depois da uma dobradinha assim descia, era a casa, pra cá, um pouquinho, onde é o matadouro, tem uma casa alta lá com uma área, lá era a casa do mestre de linha.

Tinha aquela casa que foi desmanchada ali atrás, onde é em pouco tempo, ali era o armazém dos Bezzi. A gente comprava ali também, tinha um caderno lá, queria isso, aquilo também tinha tecido também, tinha roupa. Pagava no final do mês.

E daí então, que nem o meu pai tinha até uma prateleirinha lá na cozinha uma vez, que quando pagava ganhava um litro, às vezes dava, né? Um litro de conhaque, um litro de vermont, sabe? Mas meu pai não bebia, então às vezes tinha uma prateleirinha cheia daquilo, que eu vi.

Wanderley Cavalcante:

Vocês iam lá naquele girador do carro motor?

Lêda Silva:

É, mas nós empurrava, porque a gente sempre ia eu e meu irmão ou a minha irmã, né, a gente nunca ia um sozinho, né. A gente sempre ia de dois assim, porque a gente ia lá, trazia assim ó, hoje em dia, hoje em dia tu vai lá no açúcar e tu traz um bife, né? Mas naquele tempo a gente trazia três, quatro quilos de carne, né? Mas, mais adiante, lá onde tem a, fizeram agora aquela loja nova também, assim ó, do outro lado, do lado de cá onde era, Taqui, ali, ali foi o matador dos porcos. Então quando queria comprar pezinho de porco, de porco, tinha que ir lá. Aqui em cima era de carne de boi, né? E lá era dos suínos.

Tudo a gente comprava, a gente comprava em tudo. E marcavam, né? (rsrs)

...

Ah, era muito bom andar de trem, saudade do trem, você nem imagina.

Wanderley Cavalcante:

Que legal, então eu te agradeço por ter dado a entrevista e vamos conversar mais depois, tá? A gente se lembra o nome da escola depois.

A entrevistada autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-002
Título: Depoimento de Irineu Ecker	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 06/11/2025 - Museu Estação Férrea Várzea Grande – Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Irineu Ecker Natural do Carahá, morador da Várzea Grande e região desde o nascimento. Conhecido popularmente como “Ddjota”.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto “ <i>Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região</i> ”, aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: Depoimento de Irineu Ecker sobre a antiga Vila Ferroviária do Moleque, abordando trabalhadores da estação, moradias funcionais, circulação de vagões e o cotidiano comunitário ligado à ferrovia. O relato entrelaça memória pessoal e história local, destacando o desaparecimento físico da vila e a importância do registro oral para preservação da memória ferroviária regional.
Descritores: Memória ferroviária/ Vila Ferroviária do Moleque/ Trabalhadores da ferrovia/ Patrimônio ferroviário/ História local

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total: 10 minutos aprox.	Equipamento/meio utilizado: telefone celular
Condições ambientais: ruído de rua no entorno	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo ¹ , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: ECKER, Irineu. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 6 nov. 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ Busca-se garantir a transposição da espontaneidade da fala para a página escrita, preservando a identidade do entrevistado e a clareza do depoimento, buscando uma experiência de leitura fiel à dinâmica original. Neste processo, foram suprimidos “ruídos” naturais da conversa (como hesitações, repetições excessivas, frases interrompidas, detalhes irrelevantes em excesso e vícios de linguagem) que, embora comuns no áudio, podem fragmentar a leitura. O objetivo é transpor o depoimento para a mídia escrita garantindo a **fluidez cognitiva** do leitor, sem prejuízo à fidedignidade do conteúdo. Pretende-se a fidelidade à oralidade do registro, mantendo o vocabulário, as gírias e as construções sintáticas que compõem a identidade sociocultural do entrevistado, preservando sua subjetividade e o tom original da interação. A intenção é que o leitor “ouça” a voz de quem fala através das palavras escritas, assegurando que o conteúdo e a emoção do relato original permaneçam intactos.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Moleque, Sapiranga; Taquara; Três Coroas; Carahá; Três Pinheiros.

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

O depoimento documenta a organização da Vila Ferroviária do Moleque, o trabalho ferroviário e transformações da paisagem; evidencia relações de vizinhança, parentesco e sociabilidade entre trabalhadores da ferrovia, além do cotidiano comunitário vinculado à estação, reforçando vínculos de pertencimento à localidade e preservando memórias individuais.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional ()Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico (X) Roteiro de turismo de memória

TRANSCRIÇÃO**Wanderley Cavalcante:**

O Laurindo Grippa já faleceu, né? Olha, aqui tem uma foto dele. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Isso mesmo.

Wanderley Cavalcante:

Ele era telegrafista?

Irineu Ecker:

Era. Quando o agente da estação entrava de férias, ele vinha substituir por um mês. Ele trabalhava nisso, rodava por essas estações todas.

Wanderley Cavalcante:

Ele era teu primo?

Irineu Ecker:

Era, sim. A mãe dele e a minha eram quase irmãs. Eu chamava ele de Tio.

Wanderley:

Esse aqui é o Oscar Wille. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Conheci também. Naquele tempo não tinha quase ninguém aqui. A gente conhecia quase todos.

Wanderley Cavalcante:

E este é o Manoel da Silva Nunes. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Esse eu não conheci.

Wanderley Cavalcante:

E o Mário Cruz? [mostrando foto]

Irineu:

Não me lembro.

Wanderley Cavalcante:

Tu vive aqui há quanto tempo?

Irineu:

Faz uns 70 anos que eu vim pra cá.

Wanderley Cavalcante:

E aquelas casinhas da Vila Ferroviária, tu lembra quantas eram?

Irineu Ecker:

Lá embaixo, no Moleque? Se não me engano, eram cinco casas. O pessoal que trabalhava nos trilhos, arrumava e limpava, morava ali.

Wanderley Cavalcante:

Os tucos também?

Irineu Ecker:

Moravam lá, sim.

Wanderley Cavalcante:

E tinha uma igreja ali?

Irineu Ecker:

A igreja era a do Moleque. Ficava mais pra cima. As casas eram bem na curva grande, descendo daqui. Teve um vendaval que derrubou a igreja e estragou as casas também. O vento arrebentou tudo.

Meu tio tinha um armazém ali em cima, em frente à estação. Tinha dois trilhos: um para o trem passar e outro para deixar os vagões parados. Esse desvio era usado para estacionar os vagões.

Wanderley Cavalcante:

Quantos vagões ficavam ali?

Irineu Ecker:

Às vezes três, quatro, cinco. Vinham de Taquara e Sapiranga. Descarregavam e deixavam os vazios ali.

Wanderley Cavalcante:

Tu nasceu aqui?

Irineu Ecker:

Nasci no Carahá. Vim pro Moleque com dois anos. Me criei ali. Sou carahaense.

Wanderley Cavalcante:

Em que ano tu nasceste?

Irineu Ecker:

Quarenta.

Wanderley Cavalcante:

Tu sempre morou aqui?

Irineu Ecker:

Quase sempre. Só fiquei dois anos em Sapiranga, trabalhando num restaurante em frente à estação.

Wanderley Cavalcante:

Esse apelido teu, “Ddjota”, veio de onde?

Irineu Ecker:

Folia. Coisa de brincadeira da infância

Wanderley Cavalcante:

A vila ficava distante da igreja?

Irineu Ecker:

Ficava uns quatro quilômetros mais pra baixo, na curva. Hoje não tem mais nada. Virou mato. As casas eram todas de madeira.

Wanderley Cavalcante:

Essas aqui são as filhas do Laurindo Gripp e a esposa. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Sim, são elas.

Wanderley Cavalcante:

Tu sabe onde elas moram hoje?

Irineu Ecker:

Não sei mais. Acho que moraram em Sapiranga, Campo Bom, mas não tenho certeza.

Wanderley Cavalcante:

Esse outro aqui é o Zeferino Pauli. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Era ferroviário também.

Wanderley Cavalcante:

E o Alzemiro da Silva morava numa vila em Três Pinheiros. [mostrando foto]

Irineu Ecker:

Tinha muita coisa naquela época. Hoje o pessoal não lembra mais. Eu mesmo ando meio esquecido.

Wanderley Cavalcante:

Por isso é importante registrar.

Irineu Ecker:

É. Senão tudo se perde.

Wanderley Cavalcante:

Um dia a gente podia ir lá onde ficavam as casinhas.

Irineu Ecker:

Vamos, sim. Eu sei onde é. Tem estrada ainda. É só combinar.

Wanderley Cavalcante:

Combinado.

Irineu Ecker:

Só me avisar.

O entrevistado autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista
Gramado, fevereiro de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-003
Título: Depoimento de Angelita Altreiter	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 06/01/2026 - Museu Estação Férrea Várzea Grande – Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Angelita Altreiter Moradora da Várzea Grande desde 1979. Descendente de uma família com raízes profundas na história local, ela é neta de Fredolino Altreiter , que atuou como guarda-chave na estação ferroviária da Várzea Grande antes de se tornar agricultor.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal de Repositório digital.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Angelita Altreiter oferece um retrato da transformação urbana e rural da Várzea Grande a partir de 1979. Através de memórias herdadas de sua tia Hedy, a entrevistada reconstrói elementos do período ferroviário, lembrando do avô Fredolino Altreider (guarda-chave) e o contraste entre a paisagem bucólica de sua chegada — marcada por estradas de chão, plantações de cevada e fumo, e a ausência de luz elétrica — e o progresso, simbolizado pela construção da RS-115 e a expansão de fábricas como a Rissi e a Ortopé.
Descritores: Memória ferroviária / Transformação da Paisagem / Trabalho ferroviário e agricultura / História local / Várzea Grande.

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total: 15 minutos aprox.	Equipamento/meio utilizado: telefone celular
Condições ambientais: ruído de rua no entorno	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo ¹ , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	

¹ Busca-se garantir a transposição da espontaneidade da fala para a página escrita, preservando a identidade do entrevistado e a clareza do depoimento, buscando uma experiência de leitura fiel à dinâmica original. Neste processo, foram suprimidos “ruídos” naturais da conversa (como hesitações, repetições excessivas, frases interrompidas, detalhes irrelevantes em excesso e vícios de linguagem) que, embora comuns no áudio, podem fragmentar a leitura. O objetivo é transpor o depoimento para a mídia escrita garantindo a **fluidez cognitiva** do leitor, sem prejuízo à fidedignidade do conteúdo. Pretende-se a fidelidade à oralidade do registro, mantendo o vocabulário, as gírias e as construções sintáticas que compõem a identidade sociocultural do entrevistado, preservando sua subjetividade e o tom original da interação. A intenção é que o leitor “ouça” a voz de quem fala através das palavras escritas, assegurando que o conteúdo e a emoção do relato original permaneçam intactos.

Ref.: ALTREITER, Angelita. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 6 jan. 2026. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: _____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Várzea Grande / Altos da Viação (as “popular”)

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário (X)Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

O depoimento documenta as transformações na paisagem, o trabalho ferroviário e agrícola, além de elementos históricos vinculados à estação, reforçando vínculos de pertencimento à localidade e preservando memórias individuais.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico (X) Roteiro de turismo de memória

TRANSCRIÇÃO

Wanderley Cavalcante:

Boa tarde. Hoje é 6 de janeiro de 2026. Estamos no Museu do Trem com a senhora Angelita Altreiter, moradora antiga da Várzea Grande. Queremos registrar suas memórias como legado para as novas gerações. Angelita, desde quando tu moras aqui na Várzea Grande?

Angelita Altreiter:

Eu vim morar aqui em 1979.

Wanderley Cavalcante:

Seu avô foi ferroviário?

Angelita Altreiter:

Sim. Meu avô, Fredolino Altreider, trabalhou como guarda-chave aqui na estação da Várzea Grande. Depois ele passou a trabalhar na roça, plantava, colhia. Tornou-se agricultor.

Meu avô era irmão de Carlos Altreiter, que dá nome ao posto de saúde e a uma rua na Vila do Sol. O Carlos foi vereador e era pai do Alcino Altreiter.

Wanderley Cavalcante:

Quais as lembranças que você tem do trem?

Angelita Altreiter:

Eu não cheguei a ver o trem funcionando, pois não foi da minha época, mas o que sei vem das histórias da minha tia Hedy, irmã do meu pai. Eu gostava muito de ir na casa dela. A gente

sentava e ela começava a contar. Ela falando e eu ficava imaginando tudo: como é que era os trem, as vestimentas deles, como era diferente de hoje.

Ela contava que o trem ia até onde hoje ficam as casas populares e fazia a volta ali. Houve um descarrilamento em uma curva onde a composição bateu em uma pedra e virou; parece que levava farinha ou açúcar, e a carga se espalhou por tudo.

Wanderley Cavalcante:

O que mais a senhora recorda dessas histórias de antigamente?

Angelita Altreider:

E daí ela contava muitas coisas também, assim do quando eles iam em bailes e coisas assim, como eles iam, como eles voltavam, sabe?

Lembro de uma história sobre os bailes. Meu avô plantava cevada ali onde hoje é a Vila do Sol, e era preciso colher logo para não estragar. Um dia, minha tia e meu pai queriam ir a um baile, e meu avô só permitiu com a condição de que colhessem a cevada antes.

Eles trabalharam "a mil" para terminar a tempo e foram para o baile de carreta puxada por bois. E daí o meu pai não conseguia fazer ligeiro, né? E ela "vamos ligeiro, vamos ligeiro" e até que conseguiram pegar e colher a cevada e foram no baile de noite. O salão ficava entre o Karahá e o Quilombo Alto; diziam que pertencia a um senhor chamado Michaellesen. Meu pai acompanhava minha tia; eram parceiros de baile.

Wanderley Cavalcante:

Como era a Várzea Grande quando a senhora chegou, em 1979?

Angelita Altreiter:

Era completamente diferente; era mato e acácia para todo lado. A estrada que hoje é a RS-115 era de chão batido. Não havia luz elétrica; à noite, quando tu vinha da Rua Primeiro de Maio, que tu entrava na faixa, a única luz que tu enxergava era do posto de gasolina, outra luz, nem o pé assim, que tu caminhava, tu não enxergava.

Na Vila do Sol, onde moro, só havia plantação... tinha cevada, fumo. Onde hoje é cheio de casas, era lavoura. O Emílio Michaelsen, por exemplo, tinha uma plantação muito grande de fumo. Aí depois começaram a fazer ali as casas, fizeram aquele retorno que desce para ir ali na Rua Primeiro de Maio.

Wanderley Cavalcante:

A senhora acompanhou a pavimentação da estrada?

Angelita Altreiter:

Sim. A Pelotense fez o asfalto da RS-115, tinha umas casinhas ali onde hoje é o retorno. Tudo igual, assim as casinhas. Elas foram desmanchadas para fazer o retorno, a pista.

Eles usavam dinamite para abrir caminho nas pedras grandes. Quando o homem gritava avisando a explosão, eu corria para baixo da cama com medo de que uma pedra caísse na minha cabeça. Minha mãe ria de mim. Uma vez, uma pedra grande quase atingiu um senhor que ficou parado olhando após o estouro; meu tio puxou ele para baixo de casa bem na hora.

Aí ali, onde que é a 'Prátika' agora, ali foi a fábrica de Calçados Rissi. Ali perto do Bannisul. Depois virou Ortopé, e hoje é outro comércio. Eu vi tudo isso mudar. Também acompanhei a construção do pórtico. Praticamente tudo que transformou a Várzea eu vi acontecer.

Wanderley Cavalcante:

E quanto a este prédio da estação onde estamos?

Angelita Altreiter:

Quando cheguei, a estação já estava desativada, mas servia de moradia para duas famílias. Um casal que hoje mora na Vila do Sol e outro homem, João [inaudível...], que já faleceu e era borracheiro no posto do Tio Gil..

Agora eu não sei se eles pagavam aluguel, mas eles moravam aqui, daí eram duas repartidas assim né, daí um casal ficou de um lado e outro casal do outro assim, daí eles moravam aqui, daí depois acho que iam reformar, daí eles saíram, mas esse outro casal eles vivem... o casal Darci e Maria Brickman, que ainda vivem na Vila do Sol.

Nós passávamos por aqui para ir ao "Cantão" e andávamos muito de bicicleta, pois quase não havia movimento nas ruas.

Wanderley Cavalcante:

É um retrato valioso do crescimento da Várzea Grande.

Angelita Altreiter:

Tenho a sensação de ter um filme na cabeça: o mato, as plantações, a estrada de chão e, de repente, o asfalto e as casas surgindo. Vi a Várzea progredir diante dos meus olhos. Quando cheguei, dava para contar as casas; hoje, é uma em cima da outra.

Wanderley Cavalcante:

Agradecemos muito pelo seu depoimento, Angelita. Ele ajudará as novas gerações a compreenderem essa evolução.

O entrevistado autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista

Gramado, jan/2026



Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0004
Título: Depoimento de Marcelo Matte da Silva	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 02/09/2025 - Museu Estação Férrea Várzea Grande – Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Marcelo Matte da Silva. Natural de Porto Alegre, eletricitário, iniciou suas atividades na CEEE em 1985, em Candiota, sendo transferido para Canela em 1990. Autor do livro <i>História da Eletrificação no Rio Grande do Sul</i> , publicado em 2013.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: Entrevista temática com relatos sobre o conteúdo do livro <i>História da Eletrificação no Rio Grande do Sul</i> , escrito pelo entrevistado. ¹ O depoimento aborda o processo histórico de eletrificação no estado, a implantação das principais usinas hidrelétricas e termelétricas, o Plano Estadual de Eletrificação, a atuação da CEEE e a relação entre energia, industrialização e desenvolvimento regional, com ênfase na Serra Gaúcha e Vale do Sinos.
Descritores: Eletrificação no Rio Grande do Sul/ Usinas hidrelétricas/ Usinas termelétricas / Infraestrutura energética/ Política energética estadual/ Sistema interligado de energia/ Privatização do setor elétrico/ Patrimônio industrial.

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total: 40 minutos aprox.	Equipamento/meio utilizado: telefone celular
Condições ambientais: ruído de rua no entorno	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta () temática (X) de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo ² , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: MATTE DA SILVA, Marcelo. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 2 set. 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____	

¹SILVA, Marcelo Matte da. *História da eletrificação no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Evangraf, 2013.

² Busca-se garantir a transposição da espontaneidade da fala para a página escrita, preservando a identidade do entrevistado e a clareza do depoimento, buscando uma experiência de leitura fiel à dinâmica original. Neste processo, foram suprimidos “ruídos” naturais da conversa (como hesitações, repetições excessivas, frases interrompidas, detalhes irrelevantes em excesso e vícios de linguagem) que, embora comuns no áudio, podem fragmentar a leitura. O objetivo é transpor o depoimento para a mídia escrita garantindo a **fluidez cognitiva** do leitor, sem prejuízo à fidedignidade do conteúdo. Pretende-se a fidelidade à oralidade do registro, mantendo o vocabulário, as gírias e as construções sintáticas que compõem a identidade sociocultural do entrevistado, preservando sua subjetividade e o tom original da interação. A intenção é que o leitor “ouça” a voz de quem fala através das palavras escritas, assegurando que o conteúdo e a emoção do relato original permaneçam intactos.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL
Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.) Canela; São Francisco de Paula; Vales do Sinos e Paranhana; Serra Gaúcha.
Valores Patrimoniais Identificados: (X)Histórico ()Social ()Identitário ()Afetivo () Paisagístico (X) Técnico-industrial () Outro Justificativa: O documento registra a formação do sistema elétrico gaúcho e sua relação com o desenvolvimento regional e documenta conhecimentos técnicos sobre usinas, geração e evolução tecnológica do setor elétrico.
Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional ()Nacional
Potencial de Uso Museológico: () Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial () Paisagístico () Roteiro de turismo

TRANSCRIÇÃO

Wanderley Cavalcante:

*Hoje é 2 de setembro de 2025. Eu sou Wanderley Cavalcante, historiador, estou aqui com o Marcelo Matte da Silva, que é um eletricitário de longa data, autor do livro **História da Eletrificação no Rio Grande do Sul**, publicado em 2013. Quero aproveitar a vasta experiência do Marcelo, tanto na área de eletrificação quanto no conhecimento do trecho onde atuou, para registrar algumas memórias fundamentais.*

*Marcelo, sobre o livro **História da Eletrificação no Rio Grande do Sul**: o que você poderia transmitir para as novas gerações sobre o que a obra representa e o que ela busca preservar?*

Marcelo Matte:

Decidi escrever este livro pelo meu apreço pela história e por perceber que a memória das usinas aqui da região da Serra, basicamente em São Francisco de Paula e Canela, estava se perdendo. Elas são históricas, e senti a necessidade de registrar esse legado para as futuras gerações; para que a história permaneça quando eu não estiver mais aqui para contá-la.

Dividi a obra em capítulos, iniciando pela eletrificação do Vale do Sinos, que já era um polo coureiro-calçadista importante na década de 1910. Naquela época, a responsabilidade pelas usinas era de cada município, e a energia servia única e exclusivamente para a indústria e a iluminação pública. As residências ainda não contavam com esse recurso.

O livro começa com a usina da Picada 48, localizada no que hoje é o município de Ivoti; ela fornecia 240 quilowatts para São Leopoldo. Com o crescimento da indústria, houve a necessidade de buscar novos recursos na Serra. Para uma hidrelétrica, precisamos de dois fatores: água e queda, para que a turbina gire o gerador. Foi assim que chegaram ao Rio Caí, onde a Cascata da Toca já era conhecida. A prefeitura de São Leopoldo solicitou ao então governador, Borges de Medeiros, a concessão para construir essa usina em terras de São Francisco de Paula. Como São Francisco já tinha um projeto em andamento onde hoje é a Barragem do Salto, não houve oposição. Assim, a concessão foi dada em 1922 e a Usina da Toca foi inaugurada em 25 de julho de 1930.

Wanderley Cavalcante:

A Usina da Toca localizava-se no Rio Caí, o antigo Santa Cruz, no município de São Francisco de Paula, certo? Para o leigo entender o processo: aproveitava-se a queda d'água existente ali para possibilitar a geração de energia; essa eletricidade era, então, transportada por cabos elétricos até São Leopoldo?

Marcelo Matte:

A linha de transmissão vinha da Toca e passava por Canela, Gramado, Taquara e Parobé, percorrendo todos esses municípios até alcançar São Leopoldo. É provável que, como São Leopoldo não consumia toda a carga, algumas dessas prefeituras pelo caminho também utilizassem parte da energia.

O Rio Caí nasce Rio Santa Cruz, ao norte de São Francisco de Paula e, no trecho da Usina da Toca, ele ainda se chama Santa Cruz. A próxima usina depois da Toca é a do Passo do Inferno; é logo adiante que o Rio Cará se une ao Santa Cruz, e dessa junção é que nasce, oficialmente, o Rio Caí. Portanto, tecnicamente, a Toca ainda está situada no Rio Santa Cruz.

A inauguração oficial da usina ocorreu em 25 de julho de 1930, uma data simbólica por ser o Dia da Imigração Alemã, celebrada pela prefeitura de São Leopoldo, uma comunidade de forte colonização germânica. Na prática, porém, a usina já estava em operação e fornecendo energia desde novembro de 1929.

Getúlio Vargas, então "presidente do estado" (como se chamava o cargo de governador na época) veio especialmente a Canela de trem para essa inauguração. A viagem era longa; o trajeto de Taquara a Canela levava cerca de cinco horas e meia. Por isso, ele provavelmente pernitoou em Taquara antes de seguir viagem no dia seguinte.

É de se imaginar que a população tenha comparecido em peso às estações de Gramado e Várzea Grande, nem que fosse apenas para acenar para Getúlio, que já era uma figura de projeção nacional. Ele havia concorrido à presidência da República, perdendo a eleição para Júlio Prestes, tendo como vice em sua chapa o paraibano João Pessoa.

Curiosamente, o assassinato de João Pessoa ocorreu no dia 26 de julho de 1930, exatamente um dia após a visita de Getúlio à nossa região. Eu costumava dizer às escolas que visitavam a usina que, ao conhecer a Toca, Getúlio talvez já estivesse arquitetando a Revolução de 1930. Poucos meses depois, em novembro daquele mesmo ano, ele assumiria a presidência do Brasil, onde permaneceria por quinze anos.

...

No livro, também abordo a Usina do Herval, localizada em Santa Maria do Herval. Lá, existe uma cascata com 120 metros de altura, que foi aproveitada para a geração de energia. Essa usina é de 1941, construída justamente para suprir uma nova crise de abastecimento que afetava a região do Vale do Sinos naquele período.

Wanderley Cavalcante:

Essas usinas ainda existem?

Marcelo Matte:

No processo de privatização da CEE, em 1997, a Usina da Picada 48 foi vendida junto com a parte de distribuição, seguindo a regra para usinas com menos de um megawatt. Se não me

engano, foi adquirida por empresários de Bento Gonçalves, que realizaram uma modernização completa: aproveitaram a barragem e o prédio original, mas desmontaram o maquinário antigo para instalar uma estrutura nova.

Quanto à Usina da Toca, ela continua em operação. Embora as chuvas de maio de 2024 tenham causado alguns danos, sei que já estavam em processo de recuperação. Já as usinas do Salto e do Herval não estão mais funcionando. A do Herval, especificamente, sofreu danos severos nas últimas chuvas: a estrada cedeu e a tubulação rompeu. Economicamente, sua reativação é pouco viável, pois a geração é pequena — cerca de um megawatt, o que supriria apenas uma população de aproximadamente 2.500 habitantes.

Dando continuidade ao livro, dedico um capítulo à Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. Como sou natural de lá, fiz questão de incluir um pouco da história desse ícone da capital também.

Wanderley Cavalcante:

Lembrando que a usina do Gasômetro não é hidrelétrica.

Marcelo Matte:

Não, é termoelétrica.

Por que Usina do Gasômetro? Na verdade, ela recebeu esse nome por estar localizada ao lado de um antigo gasômetro que fornecia gás para a cidade de Porto Alegre. A usina em si, porém era movida a vapor através da queima de carvão.

Esse carvão vinha de Arroio dos Ratos, transportado pelos rios Jacuí e Guaíba. É por esse motivo que a usina foi construída na margem do Guaíba: para facilitar o descarregamento do carvão que chegava por navio. O processo de geração era térmico: queimava-se o carvão para gerar vapor e, nesse caso, era o vapor — e não a água — que fazia as turbinas girarem para produzir energia.

Wanderley Cavalcante:

Deixa eu fazer uma breve interrupção. Enquanto conversávamos, a esposa do Marcelo, a Neiva, juntou-se a nós. Neiva, sinta-se à vontade. Eu não sei como está o tempo de vocês, poderíamos até dividir esta entrevista em duas partes, fazendo metade hoje e continuando depois...

Neiva: Por mim, fiquem à vontade.

Wanderley Cavalcante:

Então, vamos adiante, vamos tocando. Marcelo, fale-nos sobre as próximas usinas.

Marcelo Matte:

No livro, trato também do plano de eletrificação do Estado. Em 1º de fevereiro de 1943, foi fundada a CEEE — Companhia Estadual de Energia Elétrica. Nós aqui costumamos abreviar para "CE", mas o nome tem três "Es"; os paulistas e cariocas chamavam de "C3E".

Naquela época, as indústrias estavam deixando o Rio Grande do Sul por falta de energia. Como a geração era responsabilidade das prefeituras — muitas delas operando com capital estrangeiro —, não havia interesse em grandes investimentos. O governo estadual decidiu assumir essa responsabilidade e convocou o engenheiro Noé de Melo Freitas. Ele trabalhava para a prefeitura

de São Leopoldo e já possuía estudos para o aproveitamento dos rios Santa Cruz e Santa Maria, visando construir usinas maiores que a da Toca.

Noé de Melo Freitas elaborou um plano que previa a construção de dez pequenas centrais para garantir o abastecimento imediato, enquanto se planejavam projetos de maior porte. Foi assim que nasceu a Usina do Passo do Inferno, localizada um pouco abaixo da Toca, com um megawatt de potência, destinada a abastecer a região de Caxias do Sul. Foi a primeira usina hidrelétrica construída pela CEEE e está situada aqui mesmo, em São Francisco de Paula.

Nesse mesmo plano, ele construiu a Usina dos Touros, em Bom Jesus, para atender a região de Vacaria. No livro, foco especificamente nas usinas da nossa região, embora o plano original tenha espalhado unidades por todo o estado, incluindo usinas movidas a motor diesel.

A partir desse plano, iniciou-se a construção de usinas maiores, como a de Bugres. Para viabilizá-la, foi erguida a Barragem do Salto que, em 1950, era considerada a maior obra de engenharia do Rio Grande do Sul. O engenheiro Noé de Melo Freitas teve uma percepção brilhante: a água estava na bacia do Rio Caí, mas a queda necessária para gerar energia estava do outro lado, na bacia do Rio dos Sinos.

Existe um divisor de águas natural ali. Para quem viaja de Canela em direção a São Francisco de Paula, o que chove à esquerda da estrada corre para o Rio Caí; o que cai à direita, vai para o Rio dos Sinos. São bacias hidrográficas distintas. Como a queda mais acentuada ficava no lado dos Sinos, ele projetou uma solução audaciosa: um túnel de aproximadamente dois metros de diâmetro e dois quilômetros de extensão, encravado na rocha, para transpor a água de uma bacia para a outra.

Essa água alimenta primeiro a Usina de Bugres, inaugurada em 1952 com 11 megawatts. Depois, segue para uma segunda barragem que abastece a Usina de Canastra. Canastra, inaugurada em 15 de dezembro de 1956, já representava um salto enorme de potência, chegando a 42,5 megawatts.

Wanderley Cavalcante:

E onde se localiza exatamente a Usina de Canastra?

Marcelo Matte:

Ela fica na Bacia do Rio dos Sinos, um pouco abaixo de Bugres. Para chegar lá, desce-se em direção a Três Coroas; pela Linha Café já se alcança a usina. Canastra tem uma queda de 333 metros entre a barragem e a casa de força. Devido a essa altura, ela utiliza uma turbina específica, do tipo *Pelton*.

Com a inauguração de Canastra, o Rio Grande do Sul conseguiu suprir sua demanda energética na época. Depois, a CEEE construiu usinas ainda maiores. No Rio Jacuí tem um sistema em cascata, tem cinco usinas hidrelétricas, vai aproveitando a queda d'água de uma para a outra.

E depois eu falo um pouco da usina de Candiota, que é uma usina a carvão mineral no município de Candiota, antigo município Pinheiro Machado. Era uma termelétrica movida a carvão mineral. Diferente do Gasômetro, onde o carvão vinha por navio, em Candiota a mina fica perto da usina.

Hoje, o sistema elétrico é totalmente interligado. Independe se a usina está funcionando ou não. Se uma região não está gerando, ela recebe de outra através deste sistema de anéis com redundância: se um caminho é interrompido, a energia chega por outro. Se aqui está gerando e sobrando, vai daqui para lá, onde está faltando. É assim, nós viemos de Porto Alegre por Taquara. A estrada está interrompida. Eu venho por Nova Petrópolis, mas eu consigo chegar. Então, a energia também é dessa maneira.

Wanderley Cavalcante:

O seu livro traz fotos raras de Getúlio Vargas, como as das páginas 66 e 67. Há uma versão de que ele teria recebido flores da família Bezzi-Casa Grande, na estação de Várzea Grande, mas o registro se perdeu.

Marcelo Matte:

É muito provável que isso tenha ocorrido. Getúlio era o governador, a autoridade maior do Estado, e já muito conhecido, muito carismático, então, ele não ia passar numa estação e não parar, e a população certamente o esperava em cada estação — Gramado, Várzea Grande, Taquara.

No meu livro, incluí também uma foto da posse dele como presidente, no Rio de Janeiro, em 1930. Logo atrás dele, de fardamento branco, está o meu avô, Antero Marcelino da Silva Júnior. Ele era comandante da guarda do Palácio Piratini e foi convidado pessoalmente por Getúlio para a posse.

Eu tenho um mapinha, se eu não tiver, eu lhe trago depois, onde tem todas essas barragens, essas usinas daqui, eu tenho um desenho. Um desenho que foi feito por um rapaz, que agora eu não me lembro o nome dele. O Erni Engelmann, que era dono do posto da Sapatos, que faleceu recentemente., escreveu três livros sobre a Saga dos Alemães. E no terceiro volume eu falo das usinas. Ele veio aqui e me entrevistou, a gente falou bastante sobre usinas, eu dei material para ele sobre as usinas.

Eu tenho esta obra, porque o Erni me deu dois volumes e daí quando ele concluiu o terceiro, ele foi a Canela me entregar pessoalmente.

Para a Usina do Herval, de Santa Maria do Herval, que tem a cascata na página 85, consegui fotos raras com a nora do engenheiro construtor. E ela me emprestou, eu escaneei e devolvi essa fotografia para ela. Naquela época, descer equipamentos pesados por morros íngremes de 120 metros era uma epopeia. Em uma das fotos, vemos um transformador sendo transportado por uma carreta de bois que descia de ré — era a única forma de o peso do equipamento não esmagar os animais.

E nessas usinas mais antigas, que nem a do Herval e a própria Toca, o painel é de mármore europeu. Naquela fase, o Brasil não fabricava equipamentos. Vinha tudo da Europa, basicamente França, Alemanha e Suíça. Hoje a gente monta uma usina com tudo fabricado no Brasil.

Wanderley Cavalcante:

Na época das primeiras ferrovias, do final do século XIX para o século XX, praticamente 100% da infraestrutura construída era de capital estrangeiro. Eram os belgas, franceses, americanos, países do chamado capitalismo central.

A distribuição também dependia dessa tecnologia essencialmente estrangeira?

Marcelo Matte:

Eu diria que no começo também, porque o Brasil não tinha indústria. Então mesmo para fazer as linhas, por exemplo, os postes eram de metal, eles não usavam madeira, o eucalipto não tinha chegado ainda aqui. O eucalipto começou a chegar, que nem o Pinus, depois que terminou basicamente as araucárias e tiveram que tomar uma outra madeira.

E o isolador é de louça. O Brasil não fazia nada de louça. Eu sei porque minha avó, tinham louças que vinham da Europa. A louça era xícara, pires. Então não se tinha nada disso. Tudo industrializado que vinham de fora.

Wanderley Cavalcante:

Na Várzea Grande, em 1935, foi construída uma usina hidrelétrica em um pequeno arroio. O Irapuru, que fica ali ao lado onde hoje é a Vila Olímpica, atrás da Bonasoldi. E foi construída, me parece que teve um profissional que trabalhava já, não lembro o nome dele agora, já trabalhava com eletricidade na construção dessa usina. Essa usina fica mais ou menos meio quilômetro daqui, da antiga estação de trem. Era transmitido para cá, para o entorno da estação onde funcionava um grande polo comercial, depósito, o hotel Casa Grande, ali perto, matadouro. Funcionava entre sete da noite e dez da noite ou em época de inverno que tinha uma queda maior, funcionava de sete da noite até meia-noite e supria esse polo aqui;

Marcelo Matte:

Isso aí, como eu disse, nessa época que não existia a CEEE, cada um tinha que se virar com a energia que necessitasse. Provavelmente viram a possibilidade de botar uma usina para gerar energia por algumas horas, principalmente na parte da noite, já que é um arroio muito pequeno. Provavelmente a barragem não devia ser muito grande, então a acumulação era pouca. Então eles deviam acumular aquela água durante o dia para gerar durante a noite e aproveitava talvez nas residências.

O grande problema às vezes da distribuição de energia é ser muito longe, e se é muito longe a gente tem perdas nesse fim. Então se eu gero uma tensão, vamos dizer, de 220 volts lá, para trazer até aqui, aquilo vai chegar em 118, 119. Agora, se eu levar para mais longe, a tensão é muito baixa, daí a luz não acende. E naquela época, as lâmpadas eram muito pouco, a potência era muito pequena, tanto é que, não sei se lembra ou alguém se lembra, que hoje a gente diz uma lâmpada de 60 watts, as de LED hoje é 9 watts que a gente compra, que equivale a luminosidade. Naquela época se dizia “velas”. Era uma lâmpada de “dez velas”. Ou seja, porque ela dava a claridade de dez velas acesas.

Wanderley Cavalcante:

Muito bom! Encerrando esta parte. Nosso agradecimento a Neiva Maria Fattori da Silva e ao Marcelo Matte da Silva.




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0005
Título: Depoimento de Tatiana Ferreira	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 26/03/2026 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Tatiana Ferreira Formação em Arquitetura e Urbanismo. Trabalhou na Secretaria de turismo de Gramado-RS. A partir de 2026 participa do projeto de atualização do Inventário do Patrimônio Histórico de Gramado-RS.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento apresenta uma narrativa centrada na construção da memória ferroviária e patrimonial da Várzea Grande e de Gramado na década de 1990, articulando memória familiar, formação acadêmica e atuação institucional na preservação do patrimônio cultural. A entrevistada destaca a influência das histórias transmitidas por sua família, sua participação no Conselho de Patrimônio Histórico e nas ações de revitalização da estação Várzea Grande e do rabicho, bem como sua atuação em pesquisas sobre Nova Renânia e patrimônio rural.
Descritores: Memória familiar e comunitária/ Estação ferroviária Várzea Grande/ Rabicho/ Livro <i>Raízes de Gramado</i> / Conselho Municipal de Patrimônio Histórico / Arquitetura e urbanismo / Técnica enxaimel/ Nova Renânia.

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado: e-mail
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta () temática (X) de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: (X) Literal () Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Entrevista realizada via troca de mensagens/arquivos em aplicativo de comunicação (Whatsapp).	
Ref.: SILVA, Tatiana Ferreira. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 26 mar. 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____.	

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Nova Renânia; Serra Gaúcha.

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário (X)Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta valor histórico e social por registrar atuação em processos de preservação da estação ferroviária da Várzea Grande, do rabicho ferroviário e da consolidação do Museu do Trem, constituindo fonte primária sobre a mobilização comunitária, a atuação do Conselho Municipal de Patrimônio e a construção das políticas locais de preservação da memória ferroviária em Gramado.

Ao mesmo tempo, possui valor identitário e afetivo, pois evidencia a relação entre memória familiar, território e pertencimento, ao revelar vínculos emocionais e simbólicos que reforçam a importância da preservação da memória ferroviária como patrimônio coletivo da comunidade.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante:

Como foi a tua vivência/experiência, com aquele processo no final dos anos 1990 de retomada da memória ferroviária e da estação Várzea Grande?

Tatiana Ferreira:

Minha vivência com a memória ferroviária iniciou ainda em casa, com minha mãe, minha avó e minha bisavó contando histórias sobre o trem: das dificuldades em enfrentar a serra até Gramado, da expectativa em torno da chegada dos visitantes, do som do trem se aproximando, das paradas nas estações, de onde ele vinha e onde devia chegar. Infelizmente, não cheguei a andar no trem mas, revisei as histórias por meio dos relatos delas, como se eu tivesse participado de cada uma daquelas aventuras.

Mais tarde, já na faculdade, conheci a primeira estação ferroviária construída no estado. Uma belíssima edificação que oferece um mergulho profundo na história ferroviária do Rio Grande do Sul.

Então o sentimento de pertencimento me fez ainda mais comprometida com a história de Gramado e, minha formação em Arquitetura e Urbanismo, reforçou esse envolvimento. Assim, fui convidada a fazer parte de um grupo que se dedicava a discutir a preservação da memória junto a Diolinda Valentini, Sebastião Fonseca de Oliveira, Udo, Maria Astolfi, Iraci Casagrande Koppe e Marília Daros entre outras pessoas que já estavam trabalhando com a ideia de criação do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural.

Wanderley Cavalcante:

Fale sobre tua participação no Conselho e as ações realizadas naquele período.

Tatiana Ferreira:

Participei do Conselho por vários anos, com esse grupo inicial, que aos poucos foi ampliado. Na época, entendemos que seria importante iniciarmos um relatório de espécies arbóreas para posterior tombamento, entre várias outras iniciativas em busca da preservação da memória e possível abertura do livro tomo. Recebemos a visita do então arquiteto do IPHAE, Regis Thalheimer que orientou alguns dos nossos projetos, entre eles, a revitalização da estação de trem da Várzea Grande. A partir de então, passei a fazer visitas técnicas ao local, com o objetivo de fazer um levantamento, desenvolver o arquitetônico (“as build”), relatórios escritos e fotográficos, além de buscar o máximo de informações sobre a história do trem em Gramado. Na época, existiam famílias habitando o local. Então, por iniciativa da Diolinda junto aos demais conselheiros, fizemos uma campanha para compra de material de construção com o objetivo de realocação daquelas famílias pois, nossa meta era a revitalização, quiçá restauração, da estação para transformá-la em museu. Em 1997, assumi a Vice-Presidência até o ano 2000 dando continuidade aos projetos já iniciados.

Passados mais de 20 anos, causa satisfação ver que o Conselho permanece atuando na preservação da nossa memória. A instalação do Museu do Trem na estação da Várzea Grande e a possibilidade de visita ao rabicho são ganhos para a nossa comunidade. É motivo de contentamento saber que, aqueles que nos sucederam, corroboraram e deram continuidade aos trabalhos.

Wanderley Cavalcante:

Como foi a visita ao Rabicho naquele período?

Tatiana Ferreira:

A visita ao rabicho foi um evento. Nos preparamos usando botas, roupas fechadas e levamos alguns apetrechos além de água, pois a caminhada seria longa, por entre a vegetação densa. Diolinda, Maria e eu seguimos a orientação e o caminho que Sebastião abria para conseguirmos chegar ao local. O caminho, além de extenso, oferecia várias dificuldades de acesso. Não era plano, nem aberto e tampouco gramado, mas muito agradável em se tratando do que íamos encontrar. Pequenos trechos de trilhos, partes dos dormentes e, finalmente, avistamos o muro! Naquele momento, me deparei com uma parte ainda viva das histórias que tantas vezes eu ouvia. Esse dia está assinalado na minha memória como uma experiência muito especial, uma fonte de energia, a partir da qual, compreendi ainda melhor o nosso compromisso com a preservação.

Wanderley Cavalcante:

Comente sobre sua pesquisa sobre a Nova Renânia e a inclusão dela no livro/movimento ‘Raízes’.

Tatiana Ferreira:

Em 1994 estive visitando a Nova Renânia, no interior de Gramado, e encontrei um exemplar construído com a técnica enxaimel, que foi o motivo do meu encanto. Uma residência pequena, no meio do campo, perto de um córrego, cheio de flores típicas de banhado no seu entorno emoldurando a casa junto àquela paisagem. A estrutura, as paredes, as esquadrias, a inclinação do telhado, tudo me remontava à história da imigração. Eu estava nos últimos semestres da faculdade de Arquitetura e Urbanismo e buscava um tema para meu trabalho de conclusão do

curso que já tinha definido: seria na área de planejamento urbano. Naquele momento, decidi que faria um trabalho de revitalização da zona rural com o objetivo claro de incentivar as famílias e, principalmente, os mais jovens, a permanecerem em seus locais de origem.

O resultado foi uma coletânea de entrevistas com moradores locais, pesquisas históricas e informações orais que registrei após várias visitas e conversas, além da busca por mapas e o entendimento de como os imigrantes alemães haviam chegado até a localidade de Nova Renânia. A reunião dessas informações resultou na elaboração de um projeto de planejamento urbano que oferecia motivos e condições para que seus descendentes não quisessem sair daquele belo lugar em busca de oportunidades, de ensino ou de trabalho.

Três anos depois, em 1998, a convite da Marília Daros, participei de um evento realizado em Gramado que reuniu os municípios originários de Santo Antônio da Patrulha e do lançamento do livro “Raízes de Gramado – 40 anos”. Neste livro, vários de nós gramadenses participamos, contribuindo com nossos relatos acerca da história da nossa cidade. Neste livro, publiquei a parte de pesquisa do meu trabalho de conclusão denominado “Redefinindo o conceito urbano rural para a Renânia” onde, além dos fatos que busquei em várias fontes bibliográficas, transcrevi a história que me foi confiada e registrada como a realidade do nosso interior e de como começou a Nova Renânia.

...

Tatiana Ferreira:

Assim como minhas memórias com relação a estação de trem, às visitas ao interior, o contato com tantas pessoas e seus relatos, acredito que muitos capítulos estejam por aí, guardados, com sua riqueza de detalhes e sentimentos.

Imagino o quanto seria importante que as pessoas tivessem oportunidade de dividir esse conhecimento para registros e para o futuro acesso das pessoas que prosseguirão a contar nossa história.

“Acredito que a valorização da nossa origem nos proporcionará a continuidade da nossa história, afinal, sobre cada história contada, pode haver muitas outras histórias para se contar.”

A entrevistada autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, 26 de março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0006
Título: Depoimento de Sady Vaz	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 29/03/2026 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Sady Vaz Sady Vaz é administrador, pós-graduado em Educação de Adultos, dinâmica dos Grupos e Psicologia Organizacional, com Extensão no curso altos estudos Fronteiras do Pensamento. Foi Membro Fundador do Fórum de Inovação da FGV, atuou por 35 anos em Gestão de Pessoas com ênfase em formação, cultura e qualidade de Vida.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Sady Vaz reflete sobre o papel da cultura na formação da identidade de Gramado, destacando valores como pertencimento, hospitalidade, voluntariado e respeito ao patrimônio como elementos que moldam o comportamento social e a qualidade de vida na cidade, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de proteger esse legado cultural por meio de ações coletivas e responsabilidade comunitária.
Descritores: Cultura e identidade local/ Gramado (RS)/ Liderança comunitária/ Pertencimento social/ Hospitalidade gramadense/ Trabalho voluntário/ Patrimônio cultural/ Cultura e turismo/ Qualidade de vida/ Participação comunitária

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado: e-mail
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta () temática (X) de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: (X) Literal () Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Entrevista realizada via troca de mensagens/arquivos em aplicativo de comunicação (Whatsapp).	
Ref.: VAZ, Sady. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante, Gramado, 29 mar. 2026. 1 arquivo textual. Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: _____.	

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL
Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.) Gramado; Mato Queimado; Loteamento Villagio
Valores Patrimoniais Identificados: (X)Histórico (X)Social (X)Identitário (X)Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro Justificativa: A entrevista possui valor identitário, social e afetivo por destacar a cultura gramadense como base do pertencimento comunitário, da hospitalidade, do voluntariado e do respeito ao patrimônio, evidenciando vínculos emocionais com a cidade e a importância da participação coletiva na preservação da identidade
Grau de Relevância Territorial: (X)Local ()Regional ()Nacional
Potencial de Uso Museológico: () Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial () Paisagístico () Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante:

Sady Vaz, faça um resumo de sua trajetória no campo cultural e social de Gramado.

Sady Vaz:

Já moro em Gramado há 30 anos, fui líder comunitário por 14 anos, idealizando e liderando o projeto de revitalização do Loteamento Villagio no Mato Queimado. Participei do Planejamento Estratégico do CNEC e da criação do Círculo de Pais e Mestres em 2011, assim como do Planejamento Estratégico do Hospital São Miguel Arcanjo em 2008, integro o Conselho de Inovação e o Conselho de Patrimônio de Gramado, participo do Círculo Trentino além de outras atividades voluntárias.

Wanderley Cavalcante:

A partir da sua trajetória como líder comunitário e participante de diversas iniciativas sociais e institucionais em Gramado, como o senhor compreende o papel do pertencimento, da hospitalidade e do voluntariado na construção da identidade gramadense?

Sady Vaz:

Gramado tem esta magia de receber bem e acolher aqueles que por sua vez vêm para agregar valor e adotar uma postura de pertencimento à cultura gramadense. Que é o meu caso.

Quando turistas chegam à Gramado passam a se comportar diferentemente das cidades de sua origem, respeitando a limpeza da cidade, o patrimônio público, os espaços privados, revelando nestes comportamentos o poder influenciador no visitante do valor da nossa cultura de cuidado com as nossas coisas.

Este respeito valida o nosso jeito gramadense de ser, que expressamos em nossas práticas de hospitalidade, em nosso capricho, em nossa educação, no respeito à família, em nossas tradições religiosas em nosso convívio e compromisso social, sejam em nossas festividades ou no trabalho voluntário que é um dos principais valores de quem aqui nasceu ou escolheu para morar.

Esse respeito e esta admiração do turista por nosso jeito de ser é um reconhecimento de uma qualidade de vida que conquistamos através de uma cultura robusta de valores sólidos alicerçados por nossos antepassados e que devemos preservar em nome da nossa identidade e em respeito a eles, fazendo de Gramado uma cidade única e uma das melhores cidades para se viver no país

Wanderley Cavalcante:

Na sua visão, quais são os principais desafios para preservar a cultura e a identidade de Gramado diante das transformações sociais e do crescimento do turismo, e qual é o papel da sociedade nesse processo?

Sady Vaz:

Cabe a todos nós, cidadãos, políticos, empresários, líderes comunitários, educadores, grupos e sociedades culturais, religiosos, voluntários, estarmos atentos à qualquer ameaça que possa fragilizar toda esta construção ancestral, agindo através de uma legislação e de ações que protejam a nossa cultura, para que Gramado continue sendo uma cidade diferenciada e não um lugar comum.

O entrevistado autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, 29 de março de 2026

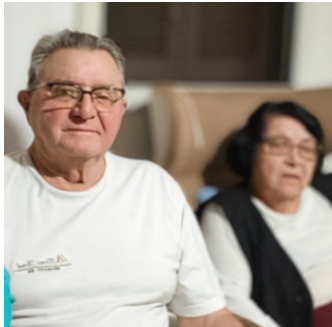


Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0007
Título: Depoimento de Euclides Manosso	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Euclides Manosso Filho de uma das primeiras famílias moradoras da Várzea Grande.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

(imagem de 2026)

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Euclides Manosso apresenta uma narrativa de memória familiar e comunitária sobre a formação da localidade de Várzea Grande e a centralidade da ferrovia na organização do território e da vida cotidiana em Gramado, destacando experiências pessoais ligadas ao uso do trem, ao trabalho com transporte de cargas e turismo, à convivência com ferroviários e à estrutura social formada em torno da viação férrea, incluindo vila de trabalhadores, escola, igreja e atividades econômicas. A entrevista articula lembranças sobre a ocupação das terras pela família Manosso, a imigração italiana, o funcionamento do rabicho ferroviário, a circulação de mercadorias e pessoas, o trabalho infantil e juvenil, e as transformações urbanas após o fim do trem, configurando um testemunho relevante para a compreensão da memória territorial, das relações sociais e da identidade histórica da Várzea Grande e da ferrovia como eixo estruturante do desenvolvimento regional.
Descritores: Memória ferroviária/ Várzea Grande (Gramado)/ Trabalho ferroviário/ Formação territorial e comunitária/ Patrimônio e identidade local

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

Ref.: MANOSSO, Euclides. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, 2025. Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: ____ ____ ____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Várzea Grande; Moleque; “Maura” (proximidades da estação Maquinista Maura)

Valores Patrimoniais Identificados:

Histórico Social Identitário Afetivo Paisagístico Técnico-industrial Outro

Justificativa:

A entrevista registra memórias diretas sobre a formação da Várzea Grande e a presença da ferrovia em Gramado, documentando o trabalho ferroviário, a organização comunitária e as transformações do território, ao mesmo tempo em que evidencia as relações de sociabilidade construídas em torno do trem e reforça o sentimento de pertencimento e identidade local, constituindo uma fonte de memória coletiva fundamental para a preservação do patrimônio ferroviário e da história regional.

Grau de Relevância Territorial: Local Regional Nacional

Potencial de Uso Museológico:

Exposição permanente Exposição temporária Publicação editorial Educação patrimonial
 Paisagístico Roteiro de turismo

XX-II-VI

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante:

Euclides e Terezinha, moram aqui na Várzea Grande há um bom tempo. A gente vai conversar um pouquinho... Vocês nasceram aqui na Várzea Grande?

Euclides Manosso:

Nasci ali em cima, ali, perto do rabicho, ali. Onde hoje é o Altos da Viação. Era a nossa terra, toda a nossa terra.

Wanderley Cavalcante:

Qual o ano que o senhor nasceu?

Euclides Manosso:

1944. Moro aqui desde que nasci.

Wanderley Cavalcante:

A senhora também é daqui?

Euclides Manosso:

Não, não veio novinha para cá. Do município de Nova Petrópolis.

Wanderley Cavalcante:

Então viveu um bom tempo do trem. E morava onde ali em cima?

Euclides Manosso:

Ali, eu morava bem ali, como é que eu vou dizer? Sobe ali, não primeiro, lá em cima, tem uma parada de ônibus desse lado. Ali, uns 30 metros, nós tínhamos nossa casa à direita, ali embaixo. Onde é que tem o ginásio. É tudo nosso potreiro. *[Referência ao ginásio da Escola Vicente Casagrande, nos Altos da Viação]*

Wanderley Cavalcante:

E ali tinha muita residência?

Euclides Manosso:

Não, só tinha nós e o Soares ali. Antes, quando eu era guri pequeno, morava o Raimundo Zatti, era meu padrinho. Raimundo Zatti morava ali. E depois ele foi embora. Ele tinha problema, ele era entrevado,...

Wanderley Cavalcante:

Então, assim, tu via toda hora o trem passando de ré ali.

Euclides Manosso:

Isso. A gente ia no colégio lá do outro lado, subia o morro aqui do rabicho, aqui descia lá do outro lado, ia lá no colégio... hoje desmancharam. Aquele colégio lá que é do lado do Brombatti, tinha uma casa velha ali.

Ali nós estudamos, ali eu estudei, ali era o colégio onde é que o Dolarosa e tinha uma oficina...

Wanderley Cavalcante:

Euclides, o que se conta é que quando o trem vinha de Taquara, as pessoas desciam aqui na estação, enquanto ele fazia a manobra do rabicho, elas iam no Armazém do Bezzi, comiam, talvez tomavam alguma coisa, e subiam por lá. Já ouvi dizer também que eles mais desciam do que subiam...

Euclides Manosso:

Isso é verdade, porque o pessoal descia. O trem levava mais tempo para subir, porque ele abastecia na caixa d'água. Ele saía daqui da estação para fazer toda a volta lá em cima e levava 50 minutos até 1 hora. O único lugar que ele empurrava os vagões do trem era naquele rabicho. Daí ele não ia ligeiro. Em 50 minutos ele levava, aqui na caixa d'água ele levava 20 minutos para abastecer a água.

Nem existe mais caixa d'água ali, mas ainda dava para ver onde é que mais ou menos era. Mas aí ele abastecia ali, tinha uma mangueira, dessa assim, né? Abastecia ali, aí subia de novo.

Aí quando subia, daí ele, às vezes até faltava água, tocava muito, daí lá nos Três Pinheiros tinha mais uma bica d'água, aí também puxava a água lá também, ali onde tem aquela pousada, as rosas ali do lado ali, também tinha uma bica d'água.

Na volta também, mas era na volta, o pessoal comprava salame.

Wanderley Cavalcante:

Na volta ele levava quanto tempo?

Euclides Manosso:

Na volta ele levava meia hora mais ou menos.

Wanderley Cavalcante:

Mas aí lá desciam. Quando ele chegava na ponta do rabicho, lá em cima. Algumas pessoas ou eram todas?

Euclides Manosso:

Não, descia ali talvez 5, 6 pessoas... muitas vezes, não descia tanto, então depende. Iam ali no Bezzi, comprava salame e coisa ali, embarcava de novo lá, quando o trem chegava. Tinha que ser ligeiro, porque não parava muito tempo. Ele só encostava, o cara virava a chave e já ia de novo. Era pouco tempo esse embarque. Aí o pessoal só então muitas vezes falava com os caras, daí eles ficavam um pouquinho lá, mas tem que ser meio ligeirinho.

Wanderley Cavalcante:

Não é coisa para estar descendo com família, com filho não?

Euclides Manosso:

É difícil porque tem que ser meio apurado para descer ali.

Wanderley Cavalcante:

Fale um pouco sobre tua vivência nesse tempo...

Euclides Manosso:

Bom, vou te contar. Eu comecei a trabalhar novo, em 58, eu comecei a trabalhar já cortando pedra, fazendo, cortando pedra aqui. Todo o material de pedra que eu cortava aqui, nós cortava, ia com o trem para Taquara. Encostava o vagão de trem ali, quando tinha carga, encostava o vagão de trem separado, encostava lá, embora ele ia de canela e voltava, mas tinha que deixar o carregado de pedra para ele descer de volta. Assim, eu trabalhei em 58, 59, 60, trabalhei ali, cortando pedra ali, vinha tudo para Taquara.

Até 60, 61. Daí em 61, como vinha muito turista de Novo Hamburgo, São Leopoldo, tudo gente alemão, que vinha muita gente, se hospedar no Park Hotel aqui em Gramado. Hoje não existe mais o parque, lá era o Rita Bier ali. Tinha do lá tinha o Park Hotel. Então como na época, sempre precisava procurar uma pessoa que sabia falar alemão, vieram atrás de mim, que eu trabalhava lá, para receber o turista. Eu tinha que então buscar o turista lá na estação do trem. Com um carrinho desses quatro rodas, botava a bagagem em cima e ia puxando, porque não tinha alto naquela época.

Wanderley Cavalcante:

O senhor tem alguma foto desse tempo aí ou não?

Euclides Manosso:

Não, não tem mais foto daquela época. Então eu ia lá buscava com carrinho... tinha mais eu e outro cara que trabalhava lá. Então a gente muitas vezes, se não tinha muita bagagem, a gente ia de carrinho de mão. E quando tinha mais bagagem, então nós levava num carrinho de 4 rodas.

Wanderley Cavalcante:

Como é que tu identificava quem era o hóspede?

Euclides Manosso:

Gritava, Parque Hotel, Parque Hotel!

...ali era, só que era os donos, era gente alemão, o casal, era o seu Nina e a dona Ana, eles eram alemão, estrangeiros, eles eram estrangeiros.

Wanderley Cavalcante:

[Apresentando uma foto]

Eu quero mostrar pra ti uma foto aqui que eu acho muito interessante, que tem algumas coisas que eu queria confirmar, sabe? É uma foto da Várzea Grande, certo? Dos anos 20, o senhor nem tinha nascido ainda. Mas aqui já existia o Rabicho...O senhor consegue ver aqui tem uma locomotiva, uma fumacinha, aqui uns vagões Ela está vindo lá de Canela e passando aqui. Isso aqui é a atual Avenida do Trabalhador, é como se fosse ali a estação. A estação é mais ou menos por aqui. Está vindo um outro trem aqui de Porto Alegre, Taquara, e esse está vindo de Canela. Aqui é mais ou menos onde hoje é ali a subprefeitura.Pois é, você está vendo está vendo uma trilhazinha aqui? É isso que eu queria confirmar contigo, essa deve ser a trilha da subida. Essa é a trilha a pé, né?

Euclides Manosso:

Era a trilha, e passava ali o telefônico ali pra cima.

Eu descia, nós subia aqui e descia por aqui mais ou menos, aqui descia, aqui perto pra baixo. Do lado do Rabicho, desse lado, nós descia, nós saía ali onde é que hoje tem ali onde é que hoje não tem mais, onde é que tem ali a mobiliária onde é que é a farmácia ali? Ali nós saía, lá de cima, ali nós saía pra baixo. Ali na várzea, ali na farmácia ali. É, ali nós saía pra baixo ali. E o colégio estava lá de baixo.

...

Quando nós morava ali, só tinha nós morando ali, e esse o falecido Raimundo Zatti, E o Raimundo vendeu essas terras para o Soares, para o Francisco Soares. Aí foi vendido essas terras, onde é que é o loteamento de cá e lá era nós, que era a terra dos porcos, da herança da minha avó e dos Manossos, que era o meu avô, que ali desmancharam aqui tinha uma casa aqui em cima, aqui nesse loteamento isso era tudo meu avô, essas terras aqui.

Wanderley Cavalcante:

É italiano ou é alemão?

Euclides Manosso:

Italiano, é a do meu avô, só que essa casa, essa foto até tem essa foto, essa casa ali com a minha, meu vô, com a minha mãe, só que essa foto lá em Três Coroas eu quis mandar história. Eu vou buscar essa foto lá.

Essa foto eu tenho lá, tem muita gente da várzea aqui, muita gente da várzea, tem uma foto grande assim. Eu até mandei historiar ela e ir lá e não, mas parece que não deu certo. Ele está lá na casa do meu irmão, eu até vou ligar para o meu irmão. A minha mãe tinha 10 anos de idade,

quando tinha naquela casa ali, ela estava em cima da janela com o meu avô. Meu avô veio da Itália. Quando ele veio da Itália, ele foi pra Caxias primeiro.

Wanderley Cavalcante:

Lembra qual foi a légua ali?

Euclides Manosso:

Não me lembro a légua. A minha mãe sabia tudo, a minha mãe sabia do começo ao fim contar a história, mas eu já não sou tão assim. Eu nem cheguei a conhecer meu avô, nem cheguei a conhecer ele. Comprou essas terras aqui. Não, ele comprou aqui. Até aqui no Moleque, aquelas terras do Moleque ali do lado de cima, essas terras também eram do Manosso. Essas terras até tem a escritura velha dessas terras que ali eu tenho.

Wanderley Cavalcante:

Deixa eu te posicionar o que eu sei, não do teu avô, mas de outras pessoas. Eu acabei de ouvir, escutar de novo a entrevista do Cicarolli, ele me disse que chegou aqui em 13, 1913. o avô dele também italiano foi para Caxias e Caxias comprou terras aqui no moleque. O Tomás, o Abel, também o avô dele comprou lá na Quarta Lego em Caxias e o pai dele, o João Tomás, comprou aqui terra, chegou aqui em 1908 e comprou aquelas terras ali, onde é o posto de gasolina ali dele, né? Provavelmente assim, por um paralelo que a gente pode fazer, o teu pai deve ter vendido alguma coisa em Caxias e vindo comprar aqui.

Euclides Manosso:

Deve ser porque eu sempre me lembro que sempre contava que levaram 6 meses de navio para vir. Não veio só ele, veio mais. Eu tenho parente em Flores da Cunha, Caxias, eu tenho parente lá.

Wanderley Cavalcante:

Agora, sobre o Moleque, aquela igreja de Nossa Senhora do Caravaggio, ela é bem antiga?

Euclides Manosso:

Desde que eu me conheço por gente, aquela igreja existe.

Eu saía muitas vezes daqui, pegava o trem aqui, ia cortar cabelo lá no Maura, ali no Vetorazzi, ali tinha barbearia também, tinha um armazenzinho lá na ali, eu ia cortar cabelo lá, nós ia daí dois, três. Sábado de tarde nós descia lá, ia cortar o cabelo.

Wanderley Cavalcante:

[Apresentando uma foto]

Eu tenho a foto desse armazém aqui. É o Armazém 34, que é que ficava em frente à estação, é isso? O senhor lembra?

Euclides Manosso:

Sim, em frente à estação. Eu me lembro bem daquilo ali.

...

É isso aí pode dar aí que que é 5, 10 metros, mas não dá, não dá. Porque era aquela curva que tem ali o trem. Ali o trem fazia, não tinha muito segredo ali para tu, porque tinha um bueiro ali, ele tinha que passar por cima daquele bueiro. Aquele bueiro existe hoje ainda ali.

Wanderley Cavalcante:

Eu fui lá com o Anselmo Vetorazzi e nós vimos, ele me mostrou, nós adentramos no mato, os muros desse armazém que você cortava o cabelo, no Armazém 34, e ele me contou o seguinte, o trem, A gente chegava aqui na estação, estação do lado de cá, e levava, ele avançava um pouquinho para frente e voltava um pouquinho de ré para deixar a carga para o armazém do Vetorazzi. O senhor lembra disso?

Euclides Manosso:

Ali era o seguinte...Eu me lembro ali, mas ali eu não sei se tinha trem duplo ali, acho que não tinha linha dupla ali no Maura, não tinha linha dupla, eu acho. Eu não me lembro, só tinha um trilho só, que para ele voltar ele tinha que ter trilho duplo. Então é assim, daí para tu vir para o outro lado tinha que virar a chave, o trem vinha, virava a chave e daí ele vinha para aquele lado lá.

Wanderley Cavalcante:

Isso aqui tudo era pouco habitado, tinha pouca, muito pouca casa.

Euclides Manosso:

Olha, eu vou te contar uma história, quando eu comprei esse terreno aqui em 1970, onde que eu estou morando hoje... só que eu construí em 1972. Em 72, quando eu vim morar aqui, daqui, ali onde é que mora o Francisco Gilberto... Ali onde era a bodega do [...] Lá de cima, ali onde é que tinha aquela casinha na beira da estrada, sabe? Aquele casinha lá de cima, ali tinha um salão de baile.

É, ali tinha um salão de baile. Bom, quando eu construí aqui, eu comprei esse terreno até foi do dono do Michaelsen, o Vilibaldo Michaelsen. Quando eu construí aqui, só tinha lá o salão, o salão do Michaelsen, aqui onde é que era nessa casa velha que tem aqui, do lado ali, que antigamente era o Bolão, que era do Mantai. Tinha essas duas, três casas aqui, essa lá de cima, essa lá de baixo e aquela do lado de lá. Ele morava o Emílio Michaelsen, aqui o Leopoldo Sthal, que trabalha na viação férrea, e para o lado de lá tinha o Zucoloto... só tinha essas 6 casas. A minha foi a sétima casa que foi construída aqui em 72. Eu fui o primeiro morador desse loteamento novo aqui. Quando ele fez loteamento, o primeiro morador desse loteamento fui eu. Essas casas já tinham aqui, mas isso não era do loteamento, o único que era ali era do loteamento, mas ali naquele tempo eles eram cunhado, não sei como é que negociaram pelas terras lá, mas trocaram por ali. Só tinha essas casas aí, a sétima casa foi a minha.

Wanderley Cavalcante:

O senhor lembra quando o senhor ia ali pro moleque cortar o cabelo, no Maura, já ouviu falar se existia ali uma escola ferroviária, uma escola que era patrocinada, era sustentada pelos ferroviários?

Euclides Manosso:

É aquela do lado do centro do trem. Hoje, bem na curva do [...], sabe ali? Ali o senhor tinha que entrar para dentro, mais ou menos uns, ali tinha umas moradoras, ali tinha a escolinha. Não era do lado lá onde é que era o Armazém, era bem na curva ali, então ali vinha o trem de lá para cá...

E aí para lá tinha a escolinha de trem, eu conhecia todo pessoal.

Wanderley Cavalcante:

O senhor lembra de ferroviários?

Euclides Manosso:

Conheci, eu conhecia todos eles, bom, os ferroviários que tinha aqui, eu conhecia todos eles que trabalham na viação, claro.

Conheci o Horácio, conheci o Dorvalino, Tolentino, o Otávio Silva, que era o chefe ali, mais o filho dele, o Mário, aqui tinha daí o Virgílio, Virgílio dos Santos, tudo eles morava ali

Eles cuidavam dos trilhos, da manutenção da linha, da via permanente que eles chamam. Eles sempre trabalhavam, de meio-dia eles encostavam, quando eles trabalhavam lá em cima, eles encostavam o *troll* lá com as coisas deles, vinha tomar um chimarrão lá em casa com o meu avô e minha avó.

...

O troll era aquele que eles traziam as bugigangas, então quando eles vinham, eles vinham de troll, para subir, tinha que empurrar o troll, até lá em cima, porque o acampamento, onde que eles moravam eram no Três Pinheiros ali. Ali tinha tudo, os Três Pinheiros tinha uma vila ali, só de ferroviários.

Vila só de ferroviários, tinha escola, igreja, tudo tinha ali. O Padre Mascarelli, que era o da Viação Férrea, todo mês ele vinha uma vez até uma missa na igreja que tinha ali.

Era uma igreja pequenininha, quase cabia 10 pessoas, estava o Padre Mascarelli sempre vinha rezar a missa. Quando ele vinha rezar a missa, nós vinha lá. Os meus dois irmãos passaram pela comunhão ali em cima, naquela igreja. Comunhão, batizado, se batizaram naquela igreja com o Padre Mascarelli.

Wanderley Cavalcante:

Onde era essa igreja?

Euclides Manosso:

Era bem no Três Pinheiros ali. Sabe onde é que fizeram aquele hotel ali hoje aqui ali na detonar assim dentro daquele aqui na faixa aqui tem hotel novo estão fazendo ali era bem em cima em cima ali.

E tinha uma Vila de ferroviários lá. Nós de manhã, eu era um guri, tinha 6, 7, 8 anos, eu ia com meu vô, nós entregava leite, nós entregava leite lá no gramado, ali pegava aquelas malas, botava os litros de leite dentro e ia entregar leite no gramado.

Os moradores moravam todos ali, quem trabalhava na viação férreal, uns moravam aqui, aqui morava pouco, aqui morava mais, que era o mestre linha, o que cuidava ali, que era o Adão Scheffer. Que morava ali, onde é que tem a sua prefeitura hoje? Ali mandava o Adão ele era o Mestre de linha que tinha ali e por lá de baixo, ali bem lá do lado ali onde é que desce ali morava lá o Escobar que era aquilo que vendia a passagem que era o dia a daí tinha lá os o telégrafo,, era o é que era lá o nome dele ainda o. O Laurindo Grippa, ele era o negócio de telefone. Ele era o que cuidava do telégrafo.

Eram casinhas simples. Até eu morei depois, eu casei em, quando eu casei, fui morar uns três pinheiros ali daí. Morei na casa de um ferroviário. Antes de casal já morava lá.

Eu morava na casa do ferroviário, né? E o sogro dela, O meu sogro, que era o pai dela, mas era uma casa grande, que era do Horácio Silva, então era assim, então nós repartimos a casa. Eu fiquei com 2 peças que eu era solteiro, fiquei com 2 peças, daí eles ficaram com o resto das peças. Eu trabalhava de pedreiro, trabalhava logo para cima e aquele tempo isso foi em 64, 64. Eu fui um tempo, trabalhei em Caxias e quando eu voltei de Caxias, daí eu vim morar ali nessa casa ali na, porque eles gostavam muito de mim, os velhos, os Horácio e a mulher dele, eles gostavam muito de mim, então se dava muito, meus vô, tu vai morar ali, cuidar da casa ali, nem aluguel eles não me cobravam, só para mim cuidar ali e para morar ali. Daí quando eu casei, em 64, eu casei. Aí fiquei morando até Augusto ali ainda, daí fui embora para Santo Antônio, da Patrulha. Morei lá através de pedreiro também. Aí na volta, quando eu vim de lá, vim embora na mesma casa de novo. Mesma casa de morar de novo lá, ali no Seis Pinheiro. E ali era uma vila, só que quando eu voltei de lá, já a maioria já não estava mais morando ali.

Wanderley Cavalcante:

Até porque em 63 o trem acabou também, né?

Euclides Manosso:

É, acabou, e daí Porque esses não foram embora com a viação, porque eles já estavam para se aposentar e ficaram por aí tudo. Então eles ganharam aquelas casinhas. Mas hoje em dia não tem mais essas casas não. E daí um levou para cá, outro levou para lá e depois eles faleceram também, já eram pessoas de idade. Mas era muito, bah, era uma vila, eu acho que tinha umas 10, 12 casas.

Wanderley Cavalcante:

A gente não encontra mais nada no meio do mato ali não, né?

Euclides Manosso:

Hoje é povoado, tudo povoado. Hoje onde é que passava o trem tem a rua, o asfalto, tudo. Tem até que em cima, né? Tem mais nada não. É uma pena.

Wanderley Cavalcante:

Tinha uma escola na Vila Ferroviária que fica em Três Pinheiros?

Euclides Manosso:

Ali tinha uma escola. Isso eu posso confirmar certinho, porque isso eu me lembro bem certinho.

Até a professora que dava aula ali em cima, ela era filha do turmeiro, porque antigamente a gente chamava esse que trabalhava na viação férrea de turmeiro. Eram os turmeiros que trabalhavam, então era, eu não sei se era filho ou mulher dele que dava aula, eu me lembro, me lembro hoje dela, só que o nome dela não me lembro mais, mas eu me lembro.

Ficava na vila, ali no centro, ali do lado, era a escolinha, daí tinha a igrejinha. A igrejinha é junto, aliás, é junto ali assim. Aí do lado de fora até tinha uma, fizeram um quadrinho, botaram um santo, botaram dentro ali, fizeram um muralzinho assim né, botaram um santinho dentro, que era, não me lembro mais qual era a santa que era, aí tinha a igreja e do lado tinha o colégio.

É porque quando meus irmãos nasceram, Que eu sou filho, só tenho Dois Irmãos só por parte de mãe, que o meu pai mesmo eu não cheguei a conhecer ele. Quando eu tinha 6 meses, meu pai foi embora e nunca mais vi. Então a minha mãe depois, 3 anos depois casou, daí o meu padrasto, trabalhou na viação férrea. Aí quando os meus guris eram pequenos, foram batizados ali na nessa igreja do Padre Mascarelli. Uma vez por mês ele vinha pra cima...

...eles indicaram o motor, velho. E essas rotas que tem aqui, nos rabichos, era o carro motor, né? O virador, né? Aí ele subia, não dobrava ali e subia de novo.

Não ficava, depois que eles pegavam embalagem. Não ia deixar ele correr, ele ficava correndo. Aí para nós parar, quando nós queríamos parar, ele ia bem devagarzinho, daí nós encostava ele, então nós derrubava o girador aquele para trancar de novo. Ele rodeava, empurrava ele bastante, ele rodeava, oito, dez voltas sem mexer com ele, depois que ele estava embalado.

Wanderley Cavalcante:

É, o carro motor não precisava vir de ré, né? Ele ia direto, só porque tinha que mudar a direção.

Euclides Manosso:

Naquele trilho lá em cima, ali, olha, a gente podia até se matar quase, porque nós virava, porque um sozinho não conseguia, nós era gurizada, né? Nós éramos em 4, 5, gurizada, nós virava aquela chave e fazia aquele trola, andava.. nós andamos em cima. Brincadeira, brincando em cima daquilo. Aí podia se matar, né?

Então aquilo era pesado, era um chumbo, e nós de 4 gurizadas, nós virava aquilo lá e andava aquilo lá. A gente girava para ficar rodando no em cima do cima, porque em cima tinha um trio de trem, né? Onde é que o cara motor subia em cima, né? Ali, ali. Aí nós girava, aquilo em cima ali, ficava andando ali 1 hora, duas. Vou te contar, era nós, nós, Deus. A gente pensar, hoje a gente não vai fazer mais.

Aí nós tínhamos uma turma, uma gurizada ali que nós criávamos tudo junto. Aí nós subia para lá em domingo, aí em domingo nunca tinha ninguém. Aí nós aproveitava.

Mas é que eu digo, nós éramos aqui naquela caixa d'água, quantos metros de altura, uns 15 metros nós ia subir, Hoje não faz mais isso, né?

Wanderley Cavalcante:

E sobre andar de trem, o que o senhor lembra?

Euclides Manosso:

Olha, eu digo uma coisa, da minha época aqui em roda não tem mais ninguém, duvido o cara que andou mais de trem que eu quando era mais novo. Eu andei muito de trem, Canela, até taquara, tudo, tinha tudo de trem. Eu andei muito de trem.

Aí tinha a primeira classe, segunda classe, então como a gente não tinha dinheiro, eu sempre vinha na segunda classe. Então, a primeira não dá para ir, né?

Wanderley Cavalcante:

Atrás da máquina é a segunda classe?

Euclides Manosso:

É a segunda classe. A primeira classe sempre era os últimos vagões, era a primeira classe.

Olha, eu queimei alguma camisa. Uma vez tinha comprado uma camisa bonita, uma tipo “volta ao mundo”... Bonita a camisa, um dia eu fui pra Canela, daqui a pouco veio uma faísca e queimou a camisa, mas olha, fiquei em todo sentido. Tava o buraco aqui.

Wanderley Cavalcante:

E não podia fechar a janela porque não aguentava.

Euclides Manosso:

E a gente gostava de ver as coisas, então na primeira classe, não, quando o pessoal vinha para Gramado no hotel ali, então o pessoal tudo era de primeira classe, botava as bagagens lá, então eu levava as bagagens para lá e era muito divertido. Aí fiquei trabalhando um tempo no Parque hotel, acho que um ano e pouco, fiquei trabalhando ali. Só que a gente não tinha sábado, não tinha domingo, não tinha nada, tinha que trabalhar sempre...

...

O trem subia aqui com cinco, seis vagões, mínimo que subia mais vagões aqui quando o trem de carga, esse subia com sete, oito vagões, muito mais não. Então vinha, subia, agora no trem era quatro, dois primeiros e dois segundos. Aí era o primeiro, era cinco.

Ele conseguia subir aqui, ele empurrava. Quantas vezes que o pessoal tinha que botar areia, areia no trilho para ele não patinar, o trem patinava quando chovia. Aí o pessoal já tinha areia dentro da máquina, né? Vinha entrar naquele vagão que era, todos vinha botando a areia ali para a máquina não parar.

Eles carregavam banha no Bezzi e tudo ali, toneladas de 100 quilos, então lá pra cima, ia tudo no trem, até Porto Alegre, E no gramado também tinha muitas coisas, tinha mantimento. A mesma coisa eu cortava a pedra. A minha pedra que eu cortava ia de trem para Taquara.

Wanderley Cavalcante:

Eu só vou te pedir assim, se a gente puder conseguir alguma coisa de documentação, de foto para enriquecer o relato....

Euclides Manosso:

Acho que uma pessoa que podia ajudar muito, não sei se devia ter foto, a Juracy Silva, a filha do Otávio Silva, ela mora aqui em Gramado, ali em frente à Rodoviária, de cima para cá, não sei se ela está morando ali ainda. Juracy Silva, ela é filha do que era capataz, o Otávio Silva. Era filha dele, só tem ela ainda viva e o irmão dela, que é o Iran. Essa podia talvez ter umas fotos, porque o pai dela se aposentou na viação férrea, anos e anos na viação férrea. A Juracy pode ter alguma coisa com o pai dela. Essa aí ela é bem de idade, ela tem uns oitenta e poucos anos.

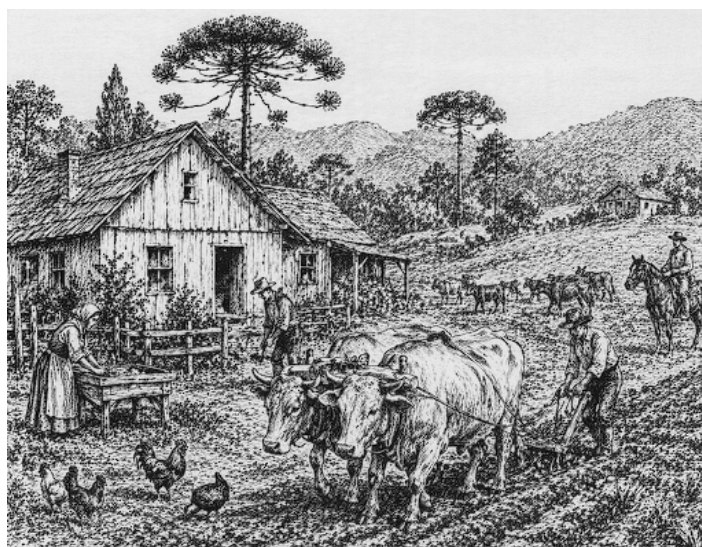
[...]

Agora, ali a gente viu, como é que eu vou te dizer, a minha avó contava muitas coisas. Quando foi feito essa, quando foi feito a viação, a linha, porque a minha mãe nasceu em 1914 e estava fazendo os trem, o trem aqui a gente estava fazendo e a minha avó sempre me contava que ali em cima, ali, onde é que tinha aquela pedra grande ali, ali o pessoal não trabalhava, dava uma marretada na cabeça e derrubava para baixo, um outro corria lá, o que não tem enterrado ali naquela pedra lá.

Gente pagou aqui na santinha, lá embaixo, na santinha ali também, aquela vez, na viação que enterraram um cara lá. Tinha um cara enterrado lá, bem na frente daquela santinha que tem lá... Eu queria, até quem desenterrou aquele cara fomos nós, quando nós fizemos a estrada, eu trabalhei na [...] Sul daí, né? Quando fizeram essa estrada, eu trabalhei. Em 1966, eu fiz essa faixa, nós fizemos. Eu trabalhei ali naquele peral lá, foi tudo eu que furei, da santinha para baixo, até lá, mas tudo eu que furei aquele peral lá. Eu tinha curso, eu fiz curso para isso ali, eu trabalhei 15 e meia na Ester Sul, aí não dava, a banana [de dinamite] começou a me dar dor de cabeça, que cheiro.

Esta entrevista continua e a segunda parte será publicada no número 2 da Série *Histórias de Vida*.

O entrevistado autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026



Representação gerada por IA de cena rural com trabalho no campo




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0008
Título: Depoimento de Abel Tomazi	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Abel Tomasi Colono, filho de João Tomazi, um dos primeiros moradores da Várzea Grande.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Abel Tomazi apresenta uma narrativa de memória familiar e territorial centrada na formação da Várzea Grande, em Gramado, a partir da trajetória de seus antepassados imigrantes italianos, especialmente João Vitorio Tomazi, que chegou à região no início do século XX e se estabeleceu em meio ao mato, enfrentando dificuldades de sobrevivência, isolamento e escassez de recursos. A entrevista articula lembranças sobre a imigração, a vida pioneira, a organização familiar, a religiosidade, as práticas de trabalho e o cotidiano comunitário, destacando objetos de memória, histórias de nascimento e morte, deslocamentos para busca de médicos e a construção progressiva do território, evidenciando detalhes que contribuem para compreender a formação social, cultural e identitária da Várzea Grande e de Gramado.
Descritores: Imigração italiana/ Memória familiar e territorial/ Colonização e vida pioneira/ Identidade comunitária/ Várzea Grande/ Memória ferroviária

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: TOMAZI, Abel. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual. Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Várzea Grande; Moleque; “Maura” (proximidades da estação Maquinista Maura)

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta **valor histórico, social e identitário** por registrar a trajetória da família Tomazi e o processo de ocupação da Várzea Grande, documentando experiências de imigração italiana, vida pioneira, organização familiar e construção do território, ao mesmo tempo em que evidencia as relações comunitárias, práticas culturais e o sentimento de pertencimento que estruturam a memória coletiva local, constituindo uma fonte relevante para a preservação da história, da sociabilidade e da identidade cultural de Gramado.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional ()Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

XX

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante: *[Questionando sobre imagens no recinto da entrevista, um galpão anexo à residência do entrevistado]*

Abel Tomasi:

E aqui a mãe dele, do meu pai, e aqui os pais da minha mãe. E vou te contar o caso. Quando o meu avô veio da Itália, a mulher dele era grávida e ganhou o neném no navio e morreu. Morreu ela e o neném. Diz o meu avô, que enrolaram no lençol e jogaram no mar, porque ele era uma caravela. Eu acho que antigamente ia um mês para frente e um para trás. E daí, na mesma viagem, o meu avô se arrumou essa aqui. Então é a mãe do meu pai. E o pai do meu pai. Não encontrei uma foto em Caxias. Olha, eu procurei por tudo.

Meu pai chegou na Várzea Grande em 1908. Ele tinha 18 anos, ele me dizia, quando ele veio morar aqui no meio do mato. João Vitório Tomás. É, é Maria, o nome dessa aqui é Maria.

Wanderley Cavalcante: *[Questionando sobre objetos no recinto da entrevista, um galpão anexo à residência do entrevistado]*

Abel Tomasi:

Esse relógio, ele trabalha ainda só, ele tá parado porque tem que dar cor. Ele ganhou do afilhado do padrinho dele. Ele me disse, deve ter mais de 200 anos aqui.

Wanderley Cavalcante:

Fale um pouco sobre essa história do seu pai, o João Vitório Tomazi.

Abel Tomasi:

Isso aqui ele me contava sempre. Ele saiu lá da Quarta Léguas. A mãe dele disse que deu uma mala de comida assim, feijão, arroz e aí ele veio se instalar ali. Era só mato. Ele desceu daí era só

mato. Aí ele se instalou ali no meio do mato, ele cortou uma corticeira. me dizia sempre, abriu umas tabuinhas e se fez uma aba assim, um ranchinho para ele dormir dentro. Aí embaixo ele botou tudo, folha de árvore e para travesseiro ele se fez o travesseiro de folha com a mala, que ele tinha os produtos que a mãe dele deu para comer. E ele, carne, eles caçavam porque tinha muitos bichos, então ele vivia com a casa e aquela comida. E em redor ele fechou com madeira roliça. E para a segurança dele, ele tinha um revólver e uma espingarda. O revólver tem, inclusive, eu tenho ele guardado.

Wanderley Cavalcante:

Então ele veio só?

Abel Tomasi:

Aí ele ficou 2 anos aqui, sozinho, aqui no meio do mato. Aí ele voltou para Porto Alegre, buscou o irmão dele. O irmão dele morava aqui do lado também. E daí começaram a vida. Há 2 anos que ele estava aqui, ele casou com a minha mãe, que ela morava na Nova Renânia. Aí eles tiveram 13 filhos e os pequenos morria tudo. Aí um dia ele falou para o padre que era o padre [...], eles diziam. O que ele tinha que fazer que morria todas as crianças? Eles, o mais velho, disse que tinha 2 anos e daí ele disse, tu bota o nome do Santo, primeiro Santo que veio ao mundo, que é Abel, Abel Cain, então ele botou o meu nome, dali não morreu mais ninguém, só o último que a minha mãe, eu me lembro ainda. Nem sei quantos anos eu devia de ter, que eu me lembro, era um gurizão gordo. E tu imagina o médico que a minha mãe tinha gêmeo e morria por causa do grupo, aquela doença que dá no pescoço e um dia ele teve que ir a Taquara, de a cavalo e levar um certo, como se diz, um cavalo para trazer o médico para cá. E quando chegaram aqui, imagina, tem 40 quilômetros daqui a Taquara. Quando o médico chegou, o nenê tinha morrido e a guria viveu. Ela morreu faz uns 2, 3 anos. Ela morava em Caxias. Eram gêmeos, ficou só a guria.

Wanderley Cavalcante:

Então a origem lá, do avô que veio da Itália, como é o nome do teu avô?

Abel Tomasi:

Era Guilherme. Tomasi. e a mulher era Maria. Mas sobrenome tem aqui em Gramado? Como é que é? Eu sempre me esqueço do sobrenome. A Maria é a que ele conheceu no navio.

Wanderley Cavalcante:

Tu lembras assim mais ou menos qual era o ano em que eles vieram? A gente tem como pesquisar esse caso?

Abel Tomasi:

Eu acho que não tem. A gente até poderia mais ou menos porque o pai veio com 18 anos e era o segundo do mais velho. Tinha uma mulher mais velha, uma tia, e depois era o meu pai.

Wanderley Cavalcante:

O teu pai, então, veio com 18 anos, chegou aqui em 1908. Então ele nasceu em 1890.

Abel Tomasi:

É, por aí.

Wanderley Cavalcante:

Na época, muitos italianos que chegaram aqui iam para aquelas colônias ali de Caxias. Os filhos iam depois buscar outras terras. Aí eles chegando, as famílias que chegavam recebiam lotes de terra. O teu pai recebeu um lote ou comprou?

Abel Tomasi:

[Chegavam da Itália] vinham por São Sebastião do Caí até ali, vinham pelo Rio, pelo Rio Caí de Porto Alegre. O meu avô disseram que ganhou também lá.

E depois, quando eles começaram a ter filhos e aí o lote ficava pequeno.

Já o meu pai comprou, comprou dos lá de São Sebastião do Caí. Inclusive, se o meu pai não tinha escritura registrada, os herdeiros vieram. É uns deixa ver isso. É uns 50 anos, acho mais eles vieram fotografaram tudo e eles queriam tirar toda a área de terra dos 3 Pinheiros até no fundo da Sara Grande, que era tudo da família Noll. Era uma família grande lá de São Sebastião do Caí e o meu pai, o único que tinha escritura registrada. Eu tenho guardado ainda as escrituras, senão nós perdia toda a área de terra. E daí entrou o sindicato dos colonos aqui de Gramado, eles fizeram lá um processo que era cada um era dono das propriedades.

Wanderley Cavalcante:

Então teu pai foi o primeiro morador daqui?

Abel Tomasi:

Tinha uns mais para frente aqui, lá num buraco na Serra, era um Dambros. O nome dele, eu não me lembro mais. Era o mais velho da turma. Tu vem. Antigamente eles se colocavam, onde é que tinha uma água sempre meu pai contava que nem aqui embaixo, no fundo, aqui das minhas terras também tinha um morador que é parente ali dos Casagrande. Era ele trabalhava a construir serrarias, era. Era Pascoal o sobrenome dele. Pascoal ali a Lizete Casagrande. Ali tinha o Marsueto Pascoal, que era filho desse velho que morava aqui no fundo.

Depois tinha a Henriqueta que é a última que faleceu agora ali. É, nós se criemos juntos ali Deus, o meu pai trabalhava já no açougue deles muitas vezes ali que eles tinham.

Wanderley Cavalcante:

Teu pai chegou a trabalhar lá, pronto. Agora a gente já está chegando no trem. O trem chegou aqui em 1919, então 11 anos depois do teu pai chegar. Tu tem algum conhecimento assim dessa história sobre ele?

Abel Tomasi:

Sobre o trem ali, eu me lembro ali quando ele vinha e eu ia, eu servia o quartel em São Leopoldo, eu ia de trem sempre para baixo. E minha volta, muitas vezes não tinha dinheiro. Nós pedia carona lá na polícia Rodoviária, chegava ali em Charla, tinha polícia Rodoviária. Muitas vezes, quando eu desço com as minhas filhas, eu falo aqui onde é que a polícia sempre me dava uma mão para nós embarcar nos caminhões de reboque que de Canela. Eles levavam sempre quase o material de serraria, sem tábuas, tudo com os caminhão de reboque.

...

Aqui então do trem, quando ele chegava, nós estávamos na roça, quando ele chegava ali em Sander ali, a gente via ele batendo assim, ali dos morros, quando ele chegava ali embaixo era 11 horas, então nós tinha. Aquilo quando ele chegava aqui na Várzea, já era 11 e meia, 15 para meio-dia sempre. Então já era uma espécie de horário de relógio para nós servir.

É ali no Maura, ali se via naquele peral, ali passando a grutinha. Tem uma grutinha ali embaixo.

Wanderley Cavalcante:

Mas de Sander, já dá pra ouvir alguma coisa?

Abel Tomasi:

De Sander, três coroas. A gente ouvia ele fazer a toada

Todo dia o trem das 11:30 ao meio-dia, era o passageiro que dizia e muitas vezes nós pegava aqui para ir a Gramado. Quando nós era gurizada, meu Deus, se tivesse hoje, que coisa linda que seria.

E ele entrava aqui muitas vezes para fazer o retorno ali, não o passageiro, mas os trens de carga, eles entravam aqui para deixar nos Casagrande. Ali eles tinham carregadeiro, carregador ali que eles tinham depósito, compravam tudo ali, os Bezzi, os Casagrande, era porco, era trigo, feijão, batata. Então eles entravam aqui, para estacionar os vagões ali para eles carregar.

Chegava aqui, aqui tinha um hotel, ele entrava aqui para manobrar os vagões. Aí eles tinham aquele controle de mudança de trilho, o trem mesmo. Ele passava por baixo, daí ali na estação do trem, ele dava ré. E vinha até no hotel.

Então deixava ali perto do hotel um vagão para descarregar no depósito dos Bezzi. Atrás ali daquele mercado, eles passavam bem ali os trem. É bem ali, do mercado, do mercado ali, o VIP. O trem passava ali, passava bem nos fundos e vinha ali até a estação. Ali perto do Ipiranga, da onde hoje é a garagem dos ônibus, ali tinha um triângulo.

Sabe onde é Ipiranga? Ali era o matadouro dos Bezzi.

...

Inclusive antes do depósito ali dos Bezzi, o meu pai ainda tinha cantina de vinho ali, antigamente no mesmo prédio. Meu pai é uma sociedade ali, antes dos Bezzi. Tinha uma cantina de vinho. Sim, era sócio, a uva que eles compravam por aqui. Eles faziam vinho ali e o químico era o meu padrinho, que era o Casagrande, o tio da Lisete. O Mansueto Casagrande, ele que fazia os vinhos e ele que me ensinou, era meu padrinho, meu padrinho de batismo. Ele que me ensinou a fazer o vinho até

Os Bezzi vieram, construíram ali, eles derrubaram agora aquele pavilhão velho.

Ali eles tinham o comércio. O comércio deles era ali de fazenda, de tudo. Eles tinham um prédiozinho. Eu acho, se não me engano, está de pé ainda e depois ali queimou o depósito ali dos bezzi, deu um fogo ali, queimou. Não sei que motivo foi daí eles tinham. Tudo aquilo que era a cantina, que hoje é o depósito ali do Lanner também...

Wanderley Cavalcante:

O senhor chegou a andar no rabicho?

Abel Tomasi:

Já e nós ia de a pé, muitas vezes subia ali, ou nós vinha de Gramado e descia ali. Nós descia ali na Henriqueta..

Ali na estação o trem ele vinha de frente, ele ia até lá nos Tomazini de frente lá, eles trocava de trilho e ele subia de ré lá na ferroviária, que tem aquela Vila.

Isso lá ele subia, ele vinha de ré, então ele vinha de ré, ele entrava de ré e ficava de frente para ir para Gramado, só mudava a chave de novo para subir. E aí tinha muita gente que descia do trem ali. Para descer e esperar ali na várzea. Daí muita, muita gente até que ele fazia a volta, o cara descia de a pé ali.

Wanderley Cavalcante:

Ele demorava mais ou menos quanto tempo para fazer a volta?

Abel Tomasi:

Eu acho que uns 15 minutos, meia hora aí para fazer o retorno. Depende também do tempo, né?

Wanderley Cavalcante:

E aí, tanto na ida para Gramado como na volta, o pessoal descia [enquanto o trem fazia manobra no Rabicho]?

Abel Tomasi:

A maior parte, ele descia quando descia, porque para subir, ninguém subia de a pé, só para descer mais. É difícil, porque é morro ali para subir.

Wanderley Cavalcante:

Desculpa, o senhor nasceu em que ano?

Abel Tomasi:

Em 1932

Servi o exército em 1950.

É porque o primeiro ano eles me deixaram fora. Meu pai até fez o requerimento porque ele estava sempre doente e eu era o único filho que ajudava e veio o Floriano Prezzi, que tinha um Gramado que era delegado e tudo. Mas o primeiro ano me deixaram fora, mas o segundo ano eu tive que servir.

...

É sempre de trem, quase sempre no dia. O meu pai, ele contava com uma vez. Ele ia sempre, ele quase levasse. Tinha algum doente aqui? Eles iam de trem e o meu pai era conhecido lá na Santa Casa. Tinha uma prima nossa que era gerente lá dentro da Santa Casa, em Porto Alegre, e o meu pai levava os amigos que ele conhecia, que ele ia muito de trem em Porto Alegre.

E quando chegaram em Campo Bom, uma vez tinha um amigo dele, a primeira vez que ele foi de trem, porque lá em Campo Bom, ali no chato, ele andava, corria que nem um caminhão, um carro. Aí ele botou a cabeça para fora e levou o chapéu dele. Aí ele começou a gritar, “para o bicho, para o bicho. Para o bicho. Para o bicho”, que levou embora o chapéu dele. O treino não para só na estação? Só por causa do do chapéu dele não vai parar (risos)

Wanderley Cavalcante:

O teu pai chegou e plantava muito por aqui?

Abel Tomasi:

Sim, ele vivia na plantação de milho, arroz, o que mais plantava milho e feijão. Milho e feijão e trigo também. E o trigo, alguns eles vendiam e outro a gente depositava.

Wanderley Cavalcante:

Depositava aonde?

Abel Tomasi:

A gente secava ele. Eu tenho só, eu ainda me lembro, nós levava o trigo em cima para secar ele bem e a gente fazia um caixão e tampava ele e botava no porão, porque o porão era sempre fresco. E durava até o próximo ano. E a gente ia no moinho. Tinha moinho aqui na Serra Grande, tinha na Linha Nova e tudo tinha cavalo.

Wanderley Cavalcante:

Mas levava numa carroça, né?

Abel Tomasi:

Não, no saco assim, tinha cavalo. A gente levava um saco, 2, de garupa no cavalo e meio saco a gente levava no cavalo que andava.

Wanderley Cavalcante:

Vocês comercializavam para quem?

Abel Tomasi:

Aqui para os Bezzi, sempre quando a gente vendia. Tudo. Feijão, batata, tudo era aqui nos Bezzi, nos Casagrande. Nós vendia ali tudo.

Wanderley Cavalcante:

Entregava para ele e ele pagava em dinheiro ou tinha outra forma de pagamento?

Abel Tomasi:

Era troca. Quando eles pagavam em dinheiro, o pai tinha que comprar. A cada ano a gente comprava, meu pai dizia, comprava fazenda para fazer lençol, fazer camisa, fazer vestido para as gurias e eles tinham tudo ali. A maior parte era trocas.

O que a gente vendia muitas vezes, a minha irmã vendia batata-doce, eles entregavam em Gramado. Tinha em Gramado, tinha o Dallemole que comprava... Era 2 comércios também e

ovos também. Muitas vezes as minhas irmãs levava Gramado e comprava açúcar. Mas o mais que a gente comerciava em Gramado era batata doce.

Wanderley Cavalcante:

Voltando um pouco ao trem. O senhor falou, já que quando o trem começava a chegar ali de Sandra para cá, já começava. Você já começava a sentir a chegada dele, o barulho e tal, e aí ia se aproximando, chegava aqui. Aqui em Maura já dava para ver a fumaça, alguma coisa assim?

Abel Tomasi:

Sim, aqui fumaça você via.

E ali embaixo, entre antes de chegar o 26, ele tinha uma subidinha, ele quase apanhava, ele vinha batendo. Ele vinha no fôlego mesmo.

Eu me lembro uma vez, o meu pai contou que eles foram fazer que tinha essas políticas antigamente também os maragatos com os Pica-pau e quando chegaram ali no Maura e eles vinham de Taquara e eles passaram banha nos trilhos e o trem não conseguiu subir. Eles tiveram que ficar quantas horas lá até que eles vieram nos Bezzi, pegar areia e botar areia nos trilhos para o trem não patinar.

O meu pai, inclusive aqui, diz que ele encontrou freio de cavalo, aquelas argolas que era de metal, que deu revolução. Acho que se mataram, que os cavalos de certo morreram ali. Ele achou um monte de coisa ali e mais em cima, ali para cima da [...], ali tinha uma cargerana, um pau bem grosso. E o meu pai disse que eles enterraram, eu acho muita gente. Ele tinha uma cova bem feita assim atrás...

Ele sempre me dizia, olha aqui, eu acho que enterraram muita gente. Tinha uma baixadazinha assim, e disse que tinha uma cova dessa altura assim. Antigamente, certo, porque a estrada que vinha de Caxias era por ali, então de certo aqui se encontraram no tempo da revolução. Coisa que diz que ali mesmo, onde é que eu vendia ali para a fábrica, aqui encontrou muitas coisas de rédea, de cavalos assim. Porque diz que antigamente, quando ele chegava numa casa, antigamente era uma turma e eles chegava e mandava matar o porco, uma vaca, o meu pai contava e se instalava ali talvez 4 ou 5 dias. Na história do livro, no tempo da revolução, deve ter encontrado.

Eu me aembro, a minha filha mais nova, eu pedi esses dias que ela estava aqui, aquele dia que ela estava ali junto. Ela se lembra ainda que tinha os trilhos ali. Eu acho que ela devia de ter uns 6, 7 anos. E que eles tiraram os trilhos daqui. Ela completou agora dia 7 de Janeiro, 60 anos e é uns 53 anos por aí que eles tiraram os trilhos.

...

Eu só uma coisa que eu não estou de acordo aqui... eles querem trocar o nome da Várzea Grande. Isso é o senhor não concorda. Eu não concordo porque eles acham que no dicionário Várzea Grande. É uma várzea.

E Várzea Grande eu acho que Várzea Grande é uma várzea grande. É grande. Não é Varznha. Que a minha irmã morava ali fora no colégio, ela dizia sempre ali onde tu mora é Varzinha. Lá

digo é Moleque, porque a estação, a primeira que veio era moleque lá embaixo. Depois veio Várzea Grande aqui.

Wanderley Cavalcante:

O pessoal chamava ali de moleque. É essa da Várzea?

Abel Tomasi:

Sim, é estação, é Várzea Grande, mas lá pertence a Moleque.

...

Porque todo mundo depois que vieram do meu pai ali que fundaram, que começou a igreja São Luís, todo mundo. Vinha por ali. Inclusive, tem a estrada aqui, eu acho que eu te falei ali perto do posto ali, que desce ali pra minha terra e saía aqui pra morrer aqui a Taquara. Vinha de Caxias, era por ali. A estrada que vinha de Caxias, ia pra Taquara, era por ali.

Wanderley Cavalcante:

Sobre a história da Sociedade de São Luís. Seu pai deve ter participado.

Abel Tomasi:

Foi o primeiro que ele, o meu tio e o meu padrinho que começaram a igreja São Luís.

Wanderley Cavalcante:

Ah, tinha uma usina ali. Você sabe onde é essa usina?

Abel Tomasi:

É atrás ali daquele casarão velho. Ali onde é que tem aquela fábrica aqui, eu acho que até ali é fácil de entrar. Ali tem aquele riozinho que passa ali, onde é que tem aquela oficina mecânica que faz aquele retorno, e o meu pai tinha moinho ali, onde é que tem a Serraria, a oficina ali, antigamente tinha moinho de milho do meu pai.

Que tinha uma energia elétrica que só. Dava para os Bezes lá, os Casagrande só. Era gerado aqui, ia até lá embaixo, um fiozão até lá embaixo, até ele posteou, com certeza, aqui. Lá nos Bezes e nos Casagrande.

Wanderley Cavalcante:

Outro dia conversamos mais sobre a usina hidroelétrica e a Sociedade São Luís, certo?

Vamos conversar bastante ainda. Agradecemos tua gentileza e o tempo que reservaste pra contar essas histórias.

O entrevistado autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0009
Título: Depoimento de Alma e Armando Hausmann - Parte 1	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Alma Hausmann e Armando Hausmann Casal de colonos moradores do Quilombo Alto. Alma Hausmann é professora aposentada.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Alma e Armando Hausmann apresenta uma narrativa de memória territorial e familiar centrada na formação da comunidade do Quilombo, em Gramado, abordando a trajetória dos antepassados imigrantes alemães, a ocupação das terras, a organização do trabalho agrícola, a vida cotidiana nas primeiras moradias, a educação comunitária e as transformações do território ao longo do tempo. A entrevista destaca elementos relevantes da cultura local, como o moinho do avô Francisco Wolff, a origem do nome Quilombo, os cemitérios familiares, as restrições ao uso da língua alemã durante as guerras, a vida escolar em classes multisseriadas, práticas agrícolas, construções antigas, sociabilidade comunitária (como os <i>kerbs</i>) e histórias orais sobre lugares simbólicos como o Perau Fortaleza.
Descritores: Quilombo (Gramado)/ Imigração alemã e colonização/ Memória comunitária e territorial/ Vida rural e educação comunitária/ Patrimônio cultural e paisagens históricas

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: HAUSMANN, Alma; HAUSMANN, Armando. Depoimento concedido a Alex Müller e Wanderley Cavalcante. Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Quilombo Alto

Valores Patrimoniais Identificados:

Histórico Social Identitário Afetivo Paisagístico Técnico-industrial Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta **valor histórico, social e identitário** por registrar a formação da comunidade do Quilombo em Gramado a partir das memórias familiares de imigrantes alemães, documentando a ocupação das terras, o trabalho agrícola, a educação comunitária, as práticas culturais e os lugares de memória, ao mesmo tempo em que evidencia as relações sociais, tradições e narrativas que estruturam o sentimento de pertencimento ao território, contribuindo para a preservação da memória coletiva e da identidade cultural da comunidade.

Grau de Relevância Territorial: Local Regional Nacional

Potencial de Uso Museológico:

Exposição permanente Exposição temporária Publicação editorial Educação patrimonial
 Paisagístico Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Alex Müller:

Então, só para começar a entrevista, hoje é dia 8 de outubro. Presente aqui o Wanderley Cavalcante, eu, Alex Müller, a senhora Alma Hausmann e o senhor Armando Hausmann. Muito bem. Então, a gente gostaria que vocês falassem um pouco da vida de vocês aqui no Quilombo. Quem eram os pais de vocês, onde vocês nasceram, né? Como é que vocês vieram parar no Quilombo, etc.?

Alma Hausmann:

Eu nasci aqui. Eu nasci em 29 de outubro de 1944. Meus pais, essas terras eram dos meus pais. A minha mãe herdou do pai dela, o senhor Francisco Wolff. O senhor Francisco Wolff tinha uma um moinho para moer farinhas e descascar e uma serraria. Mas a serraria era mais do filho, mas o moinho era dele. Ele construiu esse moinho quando ele veio morar em Quilombo, isso em 1913. A minha mãe tinha três anos e ele construiu esse moinho ali embaixo, no arroio as pessoas vieram para levar certo. Entre Quilombo e a [Linha] 28, ali ele construiu um moinho. [...] E as pedras do moinho, ele mesmo lapidou elas.

Alex Müller:

E ainda existe esse lugar?

Alma Hausmann:

Não. Os netos venderam as terras.

Armando Hausmann:

Venderam tudo. Prédio, tudo. Foi levado embora, tudo coisa antiga. Levaram lá pra Feira da Serra Grande. Não tem mais nada, nada.

Alma Hausmann:

Eu queria tirar uma foto assim pra mostrar pros meus filhos, pros meus netos, que o meu avô fez, mas eu cheguei tarde. Quando cheguei já não tinha mais nada.

...

Meu avô, Francisco Wolf, doou um lote de terra para cada um dos filhos. Minha tia, a filha mais velha, recebeu um lote em Linha Araripe. Meus tios receberam um lote em Linha Quilombo, naquelas terras ali onde eles tinham moinho, e a minha mãe ganhou de herança um lote, aqui onde moro.

Meus pais casaram em 1940 e vieram morar aqui por volta de 1942. Eles eram Augusto Appelt e Olga Wolf Appelt. Com o falecimento de nossos pais o lote foi repartido entre os cinco irmãos.

Alex Müller:

Conte-nos sobre seus avós.

Alma Hausmann:

Os meus avós vieram morar em Quilombo em 1916. Minha mãe tinha três anos. Eles se chamavam Francisco Wolf e Elizabeth Guerda Wolf.

Eles eram de Boa Vista de Santa Maria do Herval, A minha mãe e os irmãos mais velhos também vieram de lá. Na época, Santa Maria do Herval ainda pertencia a São Leopoldo.

Não tinha nenhuma construção, não tinha nada. Eles fizeram uma cabana e lá foram morar, e aos poucos foram se organizando e construindo outros imóveis em benefício da família.

Alex Müller:

Esses são os seus pais.

Alma Hausmann:

São os meus avós, Francisco e Elizabeth Wolf.

Tanto meus pais como meus avós não eram muito de comentar sobre como era a vida do passado. Às vezes a gente pegava uma coisa ou outra, algum comentário. Minha mãe dizia que a avó dela comprou uma máquina de costura com o dinheiro ganho juntando pinhões. A máquina veio importada da Alemanha. Ela estava grávida do segundo bebê e os dois morreram no parto.

Alex Müller:

E essa máquina ainda existe?

Alma Hausmann:

Eu acho que existe. Eu ouvi minha prima Vera Müller comentar que ela tem essa máquina. Quem herdou foi a mãe dela, a tia Paulina Wolf Ponath.

Alex Müller:

E como é que a senhora se tornou, professora?

Alma Hausmann:

Era muito o sonho dos meus pais que queriam uma vida melhor para os filhos e pediram que estudássemos muito.

Mas deixa eu contar só mais um pouquinho da situação. Bom, eu nasci aqui, me criei aqui, meus pais lá eram agricultores e tinha muitas roças plantadas. Eu trabalhava, ia com meus irmãos para a roça, mas eles queriam que tivéssemos uma vida melhor e menos sofrida.

A mãe era brava, que tinha que comer na hora do almoço, não tinha esses dengo. Vamos comer, que depois do ombro pra roça. Esse belo incentivo que ela dava pra nós: a gente comer (risos). Mas a gente se criou aqui.

Eu estudei nessa escola Carlos Barbosa. Comecei com seis anos. Minha irmã mais velha me ensinou em casa a escrever o nome, os números, as letras. Eu já entrei sabendo ler e escrever e continuei estudando.

Wanderley Cavalcante:

Deixa eu te perguntar, antes do Francisco e da Elisabeth, que vieram lá de Santa Maria do Herval. Vocês tem alguma pista dos ascendentes deles, de onde vieram?

Alma Hausmann:

Imigrantes. Eles eram imigrantes. E depois a bisá morreu quando teve o segundo bebê. A minha avó era órfã, ficou com o pai que depois se casou com outra mulher e teve 2 filhos.

[Inaudível]

Alex Müller:

O senhor era da Linha Araripe, e seus pais?

Armando Hausmann:

Linha Araripe

Alex Müller:

E os avós?

Armando Hausmann:

É, o meu pai veio lá de São Sebastião do Caí.

Wanderley Cavalcante

E daí alemães, né?

Armando Hausmann:

Alemão. Daí, como é que eu vou explicar? A minha avó veio da Alemanha, no caso.

Alex Müller:

O senhor recorda o nome dela?

Armando Hausmann:

Sim, é Francisca. Schier. Depois ela casou com Pedro Kilp.

Alex Müller:

Qual o nome do seu pai e da sua mãe?

Armando Hausmann:

Otto Hausmann e Elsa Kilp Hausmann.

Wanderley Cavalcante

Vocês tem uma ideia, talvez tenha até um documento aí, não sei, da procedência? De quem eram essas terras?

Alma Hausmann:

Era de um Fritz. Mas ele ficou apenas um ano aqui e eles conseguiram essas terras, não sei como, mas essas terras também pertenciam aos Bernardes.

[Inaudível]

Eles receberam essas terras do governo, como sesmarias, porque participaram da Guerra do Paraguai

Alex Müller:

Isso vocês ouviram falar que recebeu por causa da Guerra do Paraguai? Como é que chegou essa informação?

Alma Hausmann:

A gente ouviu falar, porque eles dizem que eles receberam toda uma sesmaria desde lá de cima, da linha 28, todo esse espaço, e começaram a vender. Diz que não trabalhavam mais, vendiam um lote, gastavam o dinheiro, daí vendiam outro lote de terra.

[Inaudível]

Alex Müller:

E por que esse lugar aqui em cima de Quilombo?

Alma Hausmann:

É a história de um fugitivo da polícia que veio do Uruguai, que não era negro, mas que tinha o apelido de Quilombo, e que se escondeu nessas redondezas aí. Aí ficou o nome do fugitivo Quilombo dando nome ao lugar.

Ele deveria de existir, porque tinha famílias que tinham escravos.

Alex Müller:

Aqui no Quilombo?

Alma Hausmann:

Tinha. Essa família Bernardes também tinha escravos.

Alex Müller:

E tem algum resquício disso por aqui que a gente conseguiria, assim, alguma coisa construída, material que vocês viram, alguma coisa diferente? Ou isso só, ou que foi só de tradição, de falar, assim, que os mais antigos falavam?

Alma Hausmann:

Tem a casa dos Bernardes ali. Tem a casa deles ainda, mora o Sérgio Axeruld. Era dos primeiros moradores, os Bernardes.

Armando Hausmann:

É um judeu que mora ali. Nem sei se ele mora ainda.

Alma Hausmann:

Não, a casa está despencando, parece uma Tapera, mas ainda tá em pé.

Alex Müller:

Como é que a gente acha essa casa

Armando Hausmann:

Se querem ir lá. Antes de chegar à curva à direita, mora o caseiro. Mas tem que falar com o caseiro, ele nunca tá.

O caseiro mora do lado direito. Do lado direito, antes da curva. E o dono, o patrão, mora depois da curva à esquerda.

Alma Hausmann:

Tem os cemitérios também. Tem três. Um do lado do outro.

Alex Müller:

Por que tem tantos cemitério?

Alma Hausmann/Armando Hausmann:

Naquele tempo, as famílias faziam o próprio cemitério, nas suas terras... Cemitério familiar...

Aqui é dos Marques, que tinha aquelas terras lá no Quilombo Baixo. Marques e Marciel. Aí um pouco adiante, daí tem o cemitério, que eles diziam assim, que era o cemitério dos alemães, no caso, os Maier. O que mais tem é Maier.

Armando Hausmann:

Os Bernardes, esses que moravam aqui, eram os primeiros moradores.

Alma Hausmann:

É, e esse cemitério tem mais de cem anos.

Armando Hausmann:

Ali estão enterrados os Perinis, os Bernardes que se mataram numa guerra de brigas entre famílias.

Alma Hausmann:

Morreram três Perinis, dois Bernardes, ou dois Bernardes e três Perinis....

Armando Hausmann:

O pai do Bernardes e o irmão. É, dos Perini morreram dois também, ou três.

Alex Müller:

E aqui na linha do Quilombo e mais na 28, vocês ouviram falar alguma coisa das brigas políticas de maragata, pica-pau, que tinha por aqui, ou alguma outra coisa assim?

Alma Hausmann:

As pessoas comentavam que numa época quem era alemão não podia falar o alemão. Só podiam falar o português por causa das guerras. Existiam essas pessoas que denunciavam quem falasse o alemão, em lugares públicos.

Armando Hausmann:

Mas era depois, não, sei...Primeira Guerra.

Alma Hausmann:

Não sei se foi na mesma época. Mas os maragatos e pica-paus foram lá em 1930. Mais ou menos antes.

Alex Müller:

E sobre isso de não poder falar o alemão, a senhora ouviu falar de alguém ou a senhora presenciou?

Alma Hausmann:

A mãe comentava o que se passava.

Ela se criou aqui, diz que era muito difícil. Tinham episódios que chegavam a ser cômicos, que aconteciam por causa das coisas do mundo. A mãe dizia que tinha esses espiões. Ela tinha muito medo de comentar alguma coisa, porque pessoas que escutavam do lado de fora o que se comentava dentro de casa. Como é que elas ficavam sabendo? Era bem crítico.

Alex Müller:

E alguém foi preso por causa disso?

Alma Hausmann:

Acho que não. Eu sei que os rapazes serviam um exército porque eram obrigados. Meus pais falavam de brigas, que aconteciam em festas ou bailes, em que entravam os espiões.

[Inaudível]

Alex Müller:

Isso nessa época que não podia falar o Alemão. E eu pergunto se tinha brigas aqui, porque de vez em quando a gente lê em algum desses livros sobre história de Gramado, sobre o Quilombo, e ali na Linha 28, que era um lugar meio perigoso... Isso procede quando o pessoal fala ou é mais conversa?

Alma Hausmann:

(risos) Acho que procede...Acho que a mãe contava muita coisa sobre isso, só pra gente saber.

Alex Müller:

Ela comentava que era meio perigoso?

Alma Hausmann:

É, que tinha, que tinha isso. (risos)

Alex Müller:

E vocês falam alemão?

Alma Hausmann:

Agora a gente fala mais em português. Meus pais falavam. Eu nasci depois que foi liberado.

Armando Hausmann:

Em casa eu quando fui pra escola, nem sabia dizer que queria um copo d'água em português. Isso é a gente era assim como é que se chama hoje? ... bullying.

Mas é assim, os tempos mudam.

Alex Müller:

E como foi a formação escolar?

Alma Hausmann:

Eu fiz até o quarto ano aqui na Escola Carlos Barbosa,. Fiz o quinto em Canela na Escola Evangélica Frederico Mentz. Continuei estudando pelas aulas de rádio e depois fiz exames de supletivo. Comecei a lecionar pra trabalhar na escola e comecei a fazer cursos. A Secretaria também fornecia cursos para ensino supletivo, que a gente estudava em casa e fazia as provas. Fiz o primeiro grau assim. Lecionei 25 anos, não tinha magistério. Parei um ano. Comecei de novo, fiz magistério em São Francisco, fiz o segundo grau.

Eu comecei a lecionar com 16 anos, no dia primeiro de abril de 1960, lá na escola Martim Afonso de Souza, em Quilombo Baixo (ou Morro do Arame), quando a professora de lá, Tereza Bérnago, ganhou bebê. E daí eu lecionei assim, pingado, três meses aqui, três meses lá. Eu lecionei depois aqui na Ema Bastos, tinha uma escolinha nas terras do jogador do, do goleiro, do futebol, como é que é... o do Taffarel, ali tinha uma escolinha.

Durante dois anos substituí a professora Tereza e a professora Aldina Belotto da Escola Curitiba, que depois mudou de nome para Ema Bastos. A Curitiba era pra lá da ponte, as terras do Caetano Fattori.

Surgiu uma vaga na Escola Nossa Senhora de Fátima, na Vila do Sol, em que fiquei por 4 anos. Depois da Vila do Sol trabalhei também na Escola Estadual Caramuru. 15 anos, sendo 10 em sala de aula e 5 na biblioteca. Depois aposentei-me pelo Estado.

Eu lecionei até os 70 anos. No dia do meu aniversário, 29 de outubro de 2014, assinei minha demissão do município.

Durante minha época de trabalho, mais ou menos 52 anos, fiz muitos amigos, conheci gente, tive alunos exemplares, outros menos, Todos aprenderam a ler e escrever. Sinto-me realizada. Cumpri com minha obrigação de professora. Fiz aquilo que gostava de fazer, que é ensinar.

Alex Müller:

E, essas escolas, elas sempre foram o estado que oferecia o professor ou era a comunidade que se reunia para pagar um professor, para dar aula?

Alma Hausmann:

Quando eu lecionei, era o município que pagava. Mas antes disso elas eram comunitárias. Quando a minha mãe estudava, elas eram comunitárias, as pessoas se reuniam e pagavam o professor.

(Inaudível) professor Chuk...

Depois eu fui pra escola São Roque, fiquei quinze dias. Fui transferida pra escola Osvaldo Aranha em Linha Araripe, onde fiquei três anos.

Armando Hausmann:

Lá que nós se conhecemos (risos)

Alma Hausmann:

E depois, ainda voltei pra casa, morar aqui com meus pais e fiquei mais dois anos na Ema Bastos. E depois, em 1967, comecei na Carlos Barbosa e fiquei até 1988, com intervalos de licença gestante ou saúde. A Carlos Barbosa não era esse prédio, era uma escolinha, sete por sete, era uma escolinha quadrada. nas terras de Werno Pottraz;

(Inaudível)

Aposentei-me com 25 anos de serviço. Fiquei em casa 1 ano, mas não me sentia bem. Voltei a trabalhar no ano seguinte e lecionei mais 27 anos na Escola Carlos Barbosa.

Fiz concurso para Estado e Município e fui aprovada em ambos.

Alex Müller:

E como eram os professores na época que vocês estudaram? Eles eram muito bravos, assim?

Alma Hausmann:

A minha era bem brava. Até porque ela tinha problema físico, ela não conseguia andar direito, ela tinha só uma perna, a outra era pequena. Acho que problema de nascença. Ela vinha, sentava, vinha a cavalo, até a escola a cavalo, depois ela usava a muleta e sentava. Professora Carmelinda Guesla Mapelli. Ela lecionou também na Padre Scholl.

Ela lecionou em Carahá. Só que eu não sei se era Padre Scholl. Tinha muitos alunos, então eu acho que um pouco por pra poder manter a ordem e poder ensinar toda a turma, porque ela tava também, no começo estava sozinha, me lembro dela, quando eu comecei na aula ela com 40, 45, 50 alunos. Abri uma vez o livro de chamada ali na na escola pra procurar nome de pessoas para

fins de aposentadoria. Tinha 50, 52 alunos. E entrou uma ajudante. Uma época foi a professora Nair Fatori, irmã da professora Carmelinda e outra época foi a professora Olímpia. E as duas trabalhavam em conjunto. Uma ensinava um pouco, depois a outra, porque era uma sala única.

Faziam leituras orais, que era obrigatório, ditados, produção de texto tipo “cartas”, tabuada, cálculos, problemas, geografia, história, ciências. Os hinos eram cantados semanalmente aos sábados, muita caligrafia e ortografia. A entrada da sala de aula era fila ordenada. No recreio o pátio era repartido: de um lado meninos e do outro meninas.

E as crianças sentavam assim, nos bancos longos, tipo de igreja, pra cinco pessoas, seis, depende. E era até do primeiro ao quarto ano, Então, eram os grupinhos. E a gente copiava a lição do quadro, usava caderno. No começo, não. No começo era escrito na tábua de pedra, de 15 por 25 centímetros mais ou menos. Pedra quadrada e pena, que eu também usei. Pena que a gente não tem mais esse material. Era quadrada, a tábua era de pedra, usava pena de pedra.

Armando Hausmann:

E daí era tipo um lápis, tipo um grafite, mas sem madeira.

Alma Hausmann:

Era um desse comprimento, uns 15 centímetros. E era mais fino com um lápis, mais fino com uma caneta, mais fina. E aquilo era feita de pedra.

A pedra era preta. Moldado, tem moldura ao redor, de madeira, pra não quebrar. A gente escrevia, mostrava à professora a lição e apagava, fazia outra lição, não tinha como guardar a lição. Mas eu escrevi dois anos assim.

Eu estava no segundo ano quando ganhei o meu primeiro caderno. Fiz uma choradeira para conseguir. Porque só minha irmã ganhou o caderno. Porque ela estava um pouquinho mais adiantada que eu. Mas eu queria tanto o caderno.

Armando Hausmann:

Eu estudei na Linha Araripe com a professora Alice. Era muito calma e dedicada.

Alma Hausmann:

Aqui era a professora Carmelinda e a professora Nair. A gente fazia caligrafia, escrevia redações ou textos, fazia as cópias. Tinha que cuidar para não apagar, porque não tinha caderno. Na época não era essa sacola chique de agora, era feita com um pano ou um cesto trançado de palha de trigo que o pai comprou pra nós. Usamos essa cesta praticamente desde o primeiro ao quarto ano. No começo a gente usava a sacolinha de pano, depois a roupa, essa cesta para nós.

Alex Müller:

E vocês recordam de outros imóveis ou lugares antigos conservados, que estão de pé?

Alma Hausmann/Armando Hausmann:

Sim, tem a casa do ali do Jovani Baretta, de 1915 ou tem mais que cem anos. Era salão. E a casa do senhor Werno Potratz e Lucinda Potratz.

Ali também tem uma antiga que é da Julita Fritsch. E no outro lado onde vai pra Quilombo Baixo tinha um salão bem antigo que foi desmanchado. Ali tem um salão antigo também. Tem um café colonial que era dos Weber antigamente.

A Igreja Evangélica, reformada em 1932.

Wanderley Cavalcante

São aqueles Weber lá do Karahá?

Alma Hausmann:

Não. Eles foram morar pra Canela. Weber, Eram muito amigos de meus pais, tanto é que foram compadres.. Eram aqueles Weber que um dos filhos tem um negócio, é redator do jornal... Integração, acho que tem uma coisa assim, eu vi, se não me engano.

...

Alex Müller:

Essas taipas, esses muros de pedra é por causa dos porcos...?

Armando Hausmann:

Sim. Meu pai e um ajudante fizeram cercados para proteger os porcos e as vacas de leite.

Alex Müller:

E os porcos eram pra consumo próprio?

Alma Hausmann:

Se vendia. Eu sei que meus pais vendiam muito. Duas vezes por ano. Onde é que tem aquela caixa d'água azul, ali era o chiqueiro de porcos. Então eles organizavam duas cuiqueiradas por ano, com mais ou menos vinte porcos por vez. Vinte, vinte e cinco. O pai sempre separava dois, três pra nós, pro consumo, e o resto a gente vendia para o Miguel Bezzi. Geralmente era ele que comprava.

Aí plantava milho de mandioca, abóbora, para alimentar os porcos, as vacas, as galinhas...

As terras de meus pais, onde é que tem o condomínio, era da minha irmã. Ela vendeu. Onde é que tem a escola, era do meu outro irmão. Também vendeu.

Alex Müller:

E venderam pra pessoas daqui da região, ou pessoas que vieram de fora?

Alma Hausmann:

Pessoas de fora. Mudou bastante. Aqui no condomínio tem seis, sete casas. A gente vê três ou quatro, mas ali por aqui por trás do mato tem outras construções.

Armando Hausmann:

Por trás do mato tem um prédio. Eu nem conheço mais ninguém, só um, que era o chefe seu Élio.

Alma Hausmann:

A gente não conhece as pessoas.

Alex Müller:

E assim, quando vocês eram crianças, que vocês se lembram de como tinha alguma coisa diferente na moradia aqui de vocês? A casa não era essa, era outra?

Alma Hausmann:

Essa casa aqui meu pai construiu, quando a família veio eu morar aqui nessa casa, eu tinha sete anos. A casa onde o meu pai morava era uma tapera. Agora é a garagem. Ela tinha na frente e ela tinha um puxado, um coberto, e atrás tinha outro puxado para estrebaria das vacas. Então no meio a gente morava.

Tinha o forno de barro também, pro lado de fora de casa, uns cinco metros. Aí a mãe fazia o pão de forno, pão de milho, porque família também era grande. Tinha um paiol aqui de madeira.

Armando Hausmann:

Deu tanto cupim, aquele paio. Começamos a desmanchar, caíam os pedaços, tirei umas telhas, e coloquei fogo. Era mais fácil. Não dava pra aproveitar nada.

Alma Hausmann:

A gente usou essa construção antiga para paiol mesmo e colocar milho. O porão dessa casa foi feito de pedra pra colocar o trigo, o arroz, feijão, pra colocar os mantimentos, feijão, o que a gente colhia. E depois tinha o galinheiro, dois chiqueiros para os porquinhos e outro para os porcos de engordar.

Alex Müller:

E dentro de casa, como é que se virava, assim, na questão de cozinha, banheiro?

Armando Hausmann:

Não havia banheiro. Não tinha água encanada. Não tinha luz elétrica. O banheiro era uma capunga no meio do mato. Isso era normal. Buscávamos água do poço com balde e usávamos o vela a querosene para iluminação.

Alex Müller:

A capunga era patente? E essa patente, capunga mudava de lugar?

Armando Hausmann:

Isso, às vezes trocava, ficava muito tempo, depois, no fim, né, ia mais.

Alex Müller:

E a cozinha, como era?

Alma Hausmann:

No começo, minha mãe tinha fogão campeiro. Folhão de chapa de ferro. Ela colocava uns pedaços de madeira bem grande. E as panelas de ferro. Minha mãe, ela sonhava em ter panela de alumínio achando que aquilo era uma maravilha. Ela ganhou as panelas de alumínio quando eu já lecionava. O fogão tinha saída de fogão. Tinha assim ... os canos não eram de eram de folha de alumínio. Era de barro, eles eram de comprimento e um encaixava no outro.

Alex Müller:

E a questão do banho, como é que funcionava?

Alma Hausmann:

Muito pouco (risos)

Armando Hausmann:

Chamelinha? Como é que se chamava isso? Banho de bacia.

Alex Müller:

E os objetos dentro da casa, tinha alguma decoração, algum armário, era tudo muito simples?

Alma Hausmann:

Era tudo muito simples. Meu pai comprou um armário de cozinha pra minha mãe; era muito bonito, com detalhes e um balcão assim de mármore. Acho que era o único da região que era assim. E a cama da mãe eu sei que também lá tinha os detalhes. Eu também me lembro que lá tinha assim, tipo um "S" na cabeceira. com a cabecinha bem alta com aquele tipo nessa em cima, assim, um tubo pra cima, uma vela.

Tinha uma mesa redonda com uma roda menor que girava, onde eram colocadas as bacias com alimentos.

O colchão era feito de palha. Palha de milho. Tinha que renovar de vez em quando a palha, Isso da mãe era sagrado, renovar pra todos os anos. Tirava a palha velha, sentava no paiado pra sentar. Dá poeira. Sim, porque a vida dele... começa a desfiar, começa a criar e dá coceira. Como se fosse pra dormir hoje num colchão de palha, acho que eu não ia conseguir dormir. Daquele tempo a gente tava acostumada, né? Sim.

Cobertores de pena de marreco e patos, lençóis de cretone branco...

Alex Müller:

É outra coisa. E aqui na região, vocês recordam, vocês falaram em prédios, cemitérios e tal, casas assim importantes que ainda existem, né? E tem alguma coisa que fosse natural, que chamava atenção, alguma gruta, caverna, algum tipo de árvore que era normal, algum ponto de referência, que vocês recordem que sempre era, que é importante aqui na região, uma cascata, um rio, uma gruta?

Alma Hausmann:

Tem um perau lá em cima que é visitado. O Perau Fortaleza. As pessoas vão lá e sobem lá em cima para olhar para baixo. Enxerga bem longe. É muito bonito.

Armando Hausmann:

Tem uma história, não sei se é bem verdade, que a sogra contava, que eles faziam um baile, um kerb, que era pra ir no Salão Velho. Veio uma seca muito grande. Todo mundo na roça quase não dava mais pra trabalhar de tão seco. Um louco inventou, pegou um funil (altofalante), foi lá em cima da pedra. Todo mundo lá no salão dançar até que venha a chuva. Foram com gaita dançar e dançar, como vieram da roça. Começou a chuva de noite. Dança da chuva. Isso ouvi dizer dos índios, né?

Alma Hausmann:

Na época dos Kerbs, os músicos subiam no perau Fortaleza para chamar o pessoal para ir pro baile.

Tocavam lá em cima, para o som espalhar.

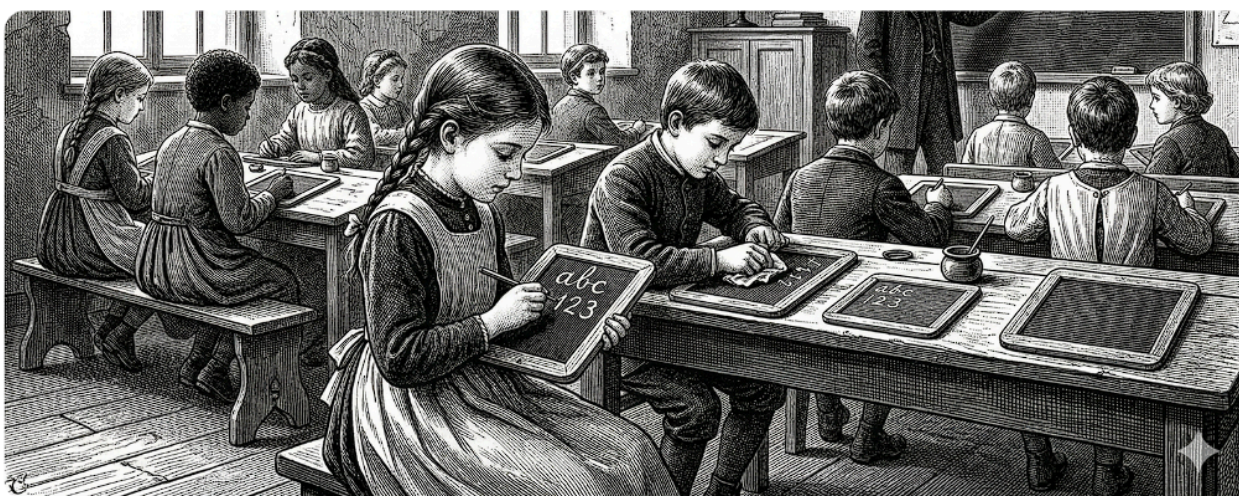
As festas celebradas eram: Natal, Ano Novo, Páscoa e os kerbs. O kerb era na festa de aniversário da Evangélica, durava três dias, com comidas selecionadas, churrasco, cuca, doces, cerveja caseira.

Os parentes e amigos se visitavam. Tinha baile em domingo de noite. Às vezes terça de noite. Depois em outubro tinha o Nokerp, uma noite de baile.

O aniversário da Igreja Evangélica do Quilombo ocorre em 17 de setembro, quando também é o aniversário da chegada dos primeiros colonos alemães na região.

Esta entrevista continua e a segunda parte será publicada no número 2 da Série *Histórias de Vida*.

Os entrevistados autorizaram a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026



Representação gerada por IA de cena de alunos em sala de aula utilizando a lousa de pedra como caderno




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0010
Título: Depoimento de Iraci e Ari Baretta	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Iraci Baretta e Ari Baretta Iraci Baretta é professora aposentada. Trabalhou muitos anos na brizoleta do Carahá (Gramado-RS)	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Iraci Baretta e Ari Baretta apresenta memórias da formação da comunidade da Linha Carahá, em Gramado, destacando a trajetória de Iraci como professora da brizoleta, a vida familiar e comunitária, as dificuldades de acesso à educação e transporte, as experiências com o trem e com o transporte de leiteiros, as práticas escolares, a merenda comunitária, a influência das políticas educacionais e agrícolas, além das relações sociais, políticas e culturais da comunidade, incluindo histórias sobre lideranças locais, práticas de cura, festas, modos de vida rural e transformações na educação e na convivência social ao longo do tempo.
Descritores: Linha Carahá (Gramado)/ Educação rural e brizoletas/ Memória ferroviária e transporte comunitário/ Vida comunitária e cultura local/ Formação territorial e identidade gramadense

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistadores: Alex Müller / Eduardo Weber / Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: BARETTA, Iraci; BARETTA, Ari. Depoimento concedido a Alex Müller; Eduardo Weber; Wanderley Cavalcante. Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Linha Carahá

Valores Patrimoniais Identificados:

Histórico Social Identitário Afetivo Paisagístico Técnico-industrial Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta **valor histórico, social e identitário** por registrar a trajetória de vida de Iraci Baretta como professora da comunidade da Linha Carahá, documentando práticas educacionais, modos de vida rural, relações comunitárias, memórias do trem e das formas de transporte, além de narrativas sobre personagens, tradições e transformações sociais que contribuíram para a formação do território de Gramado, preservando experiências e saberes que fortalecem a identidade local e a memória coletiva da comunidade.

Grau de Relevância Territorial: Local Regional Nacional

Potencial de Uso Museológico:

Exposição permanente Exposição temporária Publicação editorial Educação patrimonial
 Paisagístico Roteiro de turismo

XX-X-VIII

DEPOIMENTO

Alex Müller:

Só para ficar registrado, aqui estão presentes, a dona Iraci Baretta e o seu marido Ari Baretta. E também eu Alex, o Wanderley e o Eduardo. Hoje é dia 24 de outubro e a gente tá aqui para entrevistar então vocês dois, ok? A senhora poderia talvez começar falando um pouco da sua vida, enquanto até mesmo como professora. Como é que a senhora se tornou professora, sua infância, contar um pouco disso.

Iraci Baretta:

Bom, meu pai veio de Muda aqui para o Carahá. Eu tinha quatro anos de idade. Foi assim um dos primeiros que veio da Linha Ávila, comprou terra aqui, logo ali, e depois dele ele trouxe quase todos os irmãos para cá, compraram terra também. Da minha mãe também, trouxe bastante gente que veio da Linha Ávila para cá.

E eu comecei na aula, tinha 5 anos logo com a minha irmã. Tem quase 3 anos mais velha que eu, então eu ia de companhia. Naquele tempo tinha só uma escola no Carahá. Era ficava mais pra lá no centro, ali na terra do João Hessel, que eu tenho foto dessa escola, de uma casa de madeira que era no potreiro, a primeira escola.

E quando a gente começou o “Prata da Casa”, eu fui à pesquisa dessa e consegui essa foto. Só que agora, no momento, não sei mesmo onde é que ela está, se está na pasta ou se está na escola lá no linha de pé. Mas eu tenho essa foto da primeira escola e eu sempre, sempre desde pequena, queria ser professora. Por quê? Porque a minha mãe e meu pai eram analfabetos. Então a minha mãe tinha paixão que tivesse na família uma professora, porque ela sempre queria saber ler e tal e ela achava assim uma necessidade, uma importância muito grande. E eu ia na roça com a minha mãe e eu brincava assim, quando eu era pequena, numa sombra e eu brincava, eu fazia um chãozinho de terra e pegava pedrinhas. Eram alunos... eu dava aula para essas pedrinhas. Fazia de conta que eram os aluninhos, eu dando aula. E foi isso crescendo, sempre fui pensando em ser professora. Aí eu estudei naquela escola, depois foi desmanchada aquela escola, foi feita outra aqui logo depois da casa da minha mãe, escola também de madeira, assim. E depois, como era

longe para vir os alunos lá do Bororó, vinham a pé, não tinha transporte como hoje... Aí então foi construída, na época do Brizola, as brizoletas, que tem ainda as duas no Carahá.

Aquela lá foi reconstruída de novo, reconstituída como um espaço cultural. Não está funcionando nada agora. E aqui, essa aqui, ela está tombada como patrimônio. Foi construída uma escola, agora de alvenaria do ladinho, já em 2012, que tem tudo ali, mas ela ainda funciona. Essa foi tombada é a São Gotardo. E essa aqui é a Padre Scholl, tá?

Alex Müller:

A Padre Scholl não está tombada?

Iraci Baretta:

Não, está tombada também. A outra foi reconstituída como um espaço cultural. Ela está mais natural que essa aqui, porque essa a gente foi fazendo mudanças, só que agora, como ela é patrimônio já, tá assim, eu acho, ainda em processo, porque veio a filha do Brizola, tudo para ver, né, tudo, neta, não sei, agora fazer pesquisas e tudo na escolinha, tirar fotos nessa aqui. A gente fez várias mudanças nessa escola aqui. Eu dei aula aqui, estudei, depois quando fizeram as brizoletas, eu estudei nessa escolinha aqui, nessa Padre Scholl. Daí eu terminei, naquele tempo era o quinto ano. E a minha professora já tinha ido de muda, a professora Virgínia morava perto da escola e ela também deu aula nas outras duas escolas.

A primeira escola de madeira era Maurício Cardoso, e depois a outra foi passando de nomes, agora é Padre José Scholl, mas foi vários nomes, Machado Lopes, Maurício Cardoso e depois foi Padre José Scholl.

Alex Müller

Todas essas escolas que a senhora está mencionando sempre, digamos assim, foi a mesma e só mudou de nome ou...?

Iraci Baretta:

Essa escola aqui sempre foi a mesma, não foi a mesma, porque foi sendo mudada, né? A primeira de madeira era Maurício Cardoso, depois foi Machado Lopes. Quando lhes construiu a brizoleta aqui, ela ficou com o nome Machado Lopes. Depois que foi mudando, que tem todas as atas e tudo, pra pesquisa, pra saber a data e quando, agora de memória, não lembro. E aquela escola lá foi com o nome, já logo na construção dela, com o nome São Gotardo, porque ela foi construída no pátio. Tudo deu até vários problemas por causa disso ali, não tem documento que prova, que foi a diocese que doou. Sumiram todos os documentos para provarem isso. Por isso que ela ganhou o nome de Escola São Gotardo e ela permaneceu sempre com aquele nome. E essa foi trazendo o nome das outras, até que foi mudado por Padre Scholl, que hoje em dia continua.

Mas então, como eu vinha dizendo, eu estudei nessa escola, daí não tinha mais estudo para mim. O meu tio, que morava lá, no fundo, pertinho da outra escola, ele disse: "Quem sabe a Iraci não vai lá naquela outra escola, São Gotardo, ajudar lá. Porque a professora de lá tem muitos alunos. E eu, como estava parada de estudar e queria continuar estudando, não tinha transporte que levasse nada, né? Eu fui lá, eu ia a pé naquela escola lá. Só que eu tinha feito o quinto ano aqui. E lá eu não sabia ajudar os alunos de quarto, porque a professora de lá, ela tinha já um estudo mais forte. E aqui a gente estudava, ajudava mais do que estudava na escola. Então, a professora

minha aqui veio visitar meu pai, porque eles eram compadre, e disse assim: "Não, não é futuro para Iraci ficar ajudando lá. Não adianta. Quem sabe ela vem parar comigo." E me levou para Gramado e eu fui morar com ela. Fiquei um ano na casa dela, fui no colégio das irmãs fazer o quinto ano de novo. Mas para entrar no primeiro ano do ginásio, eu teria que fazer uma admissão. Eu fiz essa admissão. Eu rodei, eu acho que em todas as disciplinas. Aí a professora Virgínia me disse assim: "Faz o seguinte", falou para o meu pai, ela vai no Mazurana, no Luiz Mazurana, lá na Serra Grande, porque lá ele é um professor muito bom e ele vai ensinar para ela o que ela precisa. Ele era orientador escolar. Então eu peguei, nós tínhamos um cavalo, o meu pai foi lá, me levou na garupa do cavalo e falou com o professor Mazurana. Ele disse assim: Olha, ela quer, a professora Virgínia indicou que viesse aqui, porque ela quer ser professora. Não, tudo muito bem. Só que eu não tenho dinheiro para lhe pagar, mas eu posso lhe dar em coisas de roça. Posso dar feijão, farinha, galinha, banha, linguiça e tal, pro seu Luiz Mazurana. Eu fui um mês a cavalo lá. E ele me ensinava assim, eu tinha nossa uma ânsia assim de aprender, que quando eu fui fazer o admissão de novo, eu tirei quase tudo 100 nas matérias, então sinais que aprendi. Aí, tá, eu fiz o admissão, fiquei estudando lá mais um ano. E daí a minha professora, meu tio morava na avenida e disse assim, o meu tio, que ela era irmã do meu pai: "Não, ela vem parar lá em casa e tal". Daí eu mudei, saí da casa da professora e fui morar na avenida. Estudei mais um ano lá na avenida, vim a pé para o centro estudar no colégio ali, que agora é o Colégio Cenecista, era das irmãs, mas como era muito caro para pagar, era assim, cada mês vinha o boletim. E tinha que pagar assim mil real, na época era um dinheiro diferente de hoje. E o meu pai não tinha esse dinheiro, então o vizinho emprestava para o meu pai, e meu pai ia pagando para ele. Aí surgiu, veio para Gramado o Gentil Bonato, na Emater, essa parte da agricultura, ali cuidando dos agricultores.

Eduardo Weber:

Juventude agrária, foi o que a senhora disse?

Iraci Baretta:

Isso, a juventude agrária e tal. E aí, ele era muito amigo do meu pai, porque meu pai também fazia parte desse grupo de agricultores, né? E daí fizemos cursinho de professor, a gente estudou, fizemos cursinho de professora, a Nilva, minha cunhada também fez, e eu passei muito bem. E aqui, como tinha uma professora que estava querendo comprar um pedaço de terra e eu ia perder a vaga, eu fui fazer esse curso porque estava sem professor aqui. E o meu pai, então, me vendeu um pedacinho de terra lá atrás. E eu, na época, nós já namorávamos, né pai? E daí tá, namoramos, tá, compramos esse pedacinho de terra, fizemos casa lá atrás. E eu fui escolhida pelo professor Gentil a ser professora. Aí eu sei que comecei e no começo era alunos grandes que tinha na escola, alunos assim, nossa, quinto ano, naquele tempo, começava com 8 anos para a escola, né? Não tinha pré, entrava direto no primeiro. E daí eu dizia para minha mãe "Ai, mãe, mas eu não posso mais e é muito ruim, mãe. É porque não dá, mãe, eu sou muita Vai, filha. Tudo é difícil na vida. Vai. Porque se tu quer ser professor, é assim, no começo tudo é difícil. Não gosto de trabalhar na roça, então o que tu vai fazer? Continua, é aquilo que tu quiser, vai. E foi indo e foi indo. Daí eu sei que no começo foi bastante difícil, porque no começo os alunos traziam a merenda. Depois começou a vir a merenda para a escola, merenda que vinha importada, vinha em sacos. Vinha sacos assim de merenda de leite em pó, de sopas de feijão. E a gente fazia na escola, né, aquela merenda.

Ari Baretta:

Dos Estados Unidos, vinha lá. Era o charque.

Iraci Baretta:

Isso, até que chegava aqui. Isso, tudo de lá. A gente, quando chegava aqui, aquilo não era bom, daí os alunos não podiam mais trazer merenda. Eu comecei a plantar, em 1964 eu comecei a dar aula. E a escola foi fundada em 1961, a Escolinha Brisoletq. Então eu estudei um ano nessa escola, depois eu parei dois anos, saí, fui estudar fora e depois voltei a dar aula em 64. Eu ia fazer 15 anos, eu tinha 14 anos quando comecei a dar aula. Em 64. Aí eu comecei a dar aula, em 65, começamos atrás da escola a plantar umas verdurinhas, umas coisinhas para incrementar essa merenda, para fazer um pouquinho mais gostosa. E em 67, os pais resolveram, então, fazer uma hortinha, a horta escolar. Então, a horta escolar acompanha a escola desde 1967, com o projeto do Gentil Bonato. E depois o Alexandre Meneguzzo e o Antônio Fávero, e tem o Cirilo Grisuski, Grisuski, que ele tem aqui na 28, ele tem uma plantação de flores ali, né? E eles deram um atendimento nas escolas. Muitas escolas tinham essas hortinhas, né? E eles deram um atendimento, eles vinham dar aula. Foi muito importante essa época, porque eles vinham e daí faziam o exame do solo, bem assim na tecnologia, como devia ensinar, fazer os canteiros. Eles vinham uma vez por mês, passavam um na escola, eles eram em três, então o meu, na minha escola aqui, era o Cirilo. Passava o dia com nós na escola, na outra escola, lá era o Antônio, o Antônio, não lá era o era o Alexandre e no Quilombo era o Antônio. Eles vinham de 3 um ficava, outro ficava, outro ficava e ficavam ensinando os alunos, a gente a despertar neles também esse interesse.

E a horta sempre foi indo, foi trabalhando sempre junto. E assim para mim, só para dizer para vocês assim, a horta, não é Eduardo está aqui, pode dizer. Era um ponto para ensinar o conteúdo da escola. Por exemplo, matemática tinha alunos com dificuldade na multiplicação, que não entendia o que era tabuada. Através do canteirinho, do canteirinho, uma careirinha, 2 careirinhas, 3 careirinhas. Quantos deu ao todo, quantos mudinhas plantava? Quantos você plantou aqui junto? Quantos você plantou? Os alunos tinham os canteirinhos e a gente na prática ia lá contar. E perímetro, área, tudo através da horta, meses do ano, o tempo das estações do plantio, o cuidado das plantas, o próprio, o próprio assim. A aprendizagem, o tempo de aprendizagem de cada um a gente comparava. A gente comparava assim, por exemplo, semeia o rabanete, semeia a cenoura. Tá, o rabanete a gente faz hora comer de três vezes, dá pra plantar três vezes enquanto a cenoura leva o tempo, né? Leva três meses, vamos supor. O rabanete dá pra comer, dá pra semear três vezes, então ele é rápido. Assim a gente fazia a comparação, o respeito que o aluno tem que ter pelo coleguinha, de que não aprende, porque a escola é multisseriada. Sempre foi multisseriada. E uma professora só. Eu sempre trabalhei sozinha. Então assim, é difícil, o Eduardo mesmo sabe, né Eduardo? O Eduardo, por exemplo, era o inteligente do terceiro ano, do segundo ano, assim que não dava bola para ninguém, ele queria aprender, mas do lado tinha alunos que não queriam, que ficavam atrapalhando, então a gente fazia essa comparação, que nem todos têm o tempo de aprender igual. Então a gente fazia esse respeito também, essa diversidade entre os alunos, para eles se respeitarem mais e ter paciência para eles também juntos, por exemplo, a gente dava uma lição e, por exemplo, os meses do ano, a gente trabalhava com todos, depois começou a entrar o pré, daí foi um tempo assim que começou, o primeiro era o primeiro ano ao quinto ano. Depois com a lei veio pré a quarta série. Depois veio pré a quinta série. Agora na escola agora vai ter assim o pré um desde o ano passado. Vai ter assim desde quatro anos na escola até o quinto ano agora. Então é assim tudo numa sala. Só que agora depois

foi mudando. Agora nossa escola agora aqui tem hora-atividade. tem diretora, tem merendeira, tem supervisor, então ela tá comparada a uma escola grande. Eu no meu tempo fiquei assim, anos sozinha, no ano de...

... 2007 veio a Pare. A Pare é a merendeira. Porque eu fiquei muito, naquela época eu tinha 25 alunos, só tinha brisoleta, tudo ali, então não tinha mais como. E eu fiquei muito cansada, tal. E a dona Vera me disse assim, a Secretária, quem sabe vamos fechar a escola? Já tinha transporte que já passava nas escolas levando os alunos. Você vai lá nos Altos da Viação. Foi no ano que construíram a escola dos Altos da Viação. Você vai lá e trabalha na biblioteca. Aí se você está cansada, você não vai, tira um atestado. E daí tudo assim, você está cansada. Tá. Eu fui fazer todos os exames médicos, tudo, e a doutora atestou, tenho até o atestado guardado, ela está bem, ela está cansada, ela precisa de alguém para ajudar na escola. Aí a Dona Vera me deu duas pessoas para escolher, Aparecida, Maria Aparecida, e o Diógenes, um outro merendeiro, cozinheiro, que veio para Mosés, Mosés. E eu disse não, que era Aparecida, Maria Aparecida, porque ela é da comunidade, ela é dali. Nossa, então ela veio para a escola. No primeiro dia que ela veio para a escola, a gente fazia tudo na brisoleta. Tinha o fogão, já tinha uma cozinhinha, uma cozinha que foi construída atrás, ali junto, com uma verba que tinha vindo, a gente construiu uma cozinha, que ainda funciona ali na brisoleta, e construiu também dois banheiros, No fundo da escola, para as crianças e mais um lavabozinho então ali, um lavabo ali, tudo. Mas era tudo na sala de aula. A gente dava aula, fazia merenda, fritava pastel, fazia pastel e assim... daí veio a Aparecida para a escola, nossa!, com 25 alunos. Daí eu disse para ela no primeiro dia: "Você senta e observa hoje. Hoje você não faz nada. Você observa como funciona a escola, e ela ficava tão nervosa que ela disse que batia a pálpebra do olho dela de nervosa, ver como era a rotina da escola, como era o costume e daí tá foi indo e desde aquilo lá acompanhou a escola e ela passou e foi daí em 2 eu fui indo. Daí depois, então, 2012 foi construída a escola nova. Essa escola nova, no dia primeiro de julho, foi inaugurada na gestão do Nestor. E depois veio então, naquela época então, daí já veio a Nara, minha auxiliar, professora Nara, minha filha. Daí já veio o Pedro fazer a hora atividade, que é meu neto. Daí já tinha a merendeira. Em 2017, eu me exonerei. Eu me exonerei porque tudo é diferente. Eu era do tempo de fazer tudo, de estudar, de pesquisar, de ver. Aí começou a entrar internet, mas o digital e a gente não tá preparada para isso. Então, no fim, para mim foi difícil, porque eu preparava aula e eu tinha precisar deles para eles colocar a minha aula no sistema. Então eu achei nossa, em vez de ajudar, estou atrapalhando. Já deu o que eu tinha que dar, já tem filho dando aula, já tem neto, tá, eu já fiz. Fui me exonerei, em 2017 me exonerei. E então, agora, de vez em quando volto para a escola, porque ainda tenho alunos que foram meus, de primeiro e de segundo, que agora estão no quinto. no quarto, estou quase saindo, voltei até essa semana lá dando aula para eles, mas assim, criei os filhos, morei aqui e se fosse assim para dar aula, do jeito que eu estou preparada, eu gostaria de dar, entende? Mas ver que os alunos têm interesse, despertar neles aquele interesse, porque agora eu voltei até para a aula assim, o aluno assim lá sentado, mas senta direitinho. Tu tem que ter postura, você não pode sentar de qualquer jeito, porque se eu vou aqui no quarto também escrever desse jeito, eu também não vou conseguir escrever. Então a gente tem que, eu acho assim que está faltando muito. Não, mas eu estou dizendo, é como um depoimento, está faltando muito assim, o incentivo, passar esse incentivo para as crianças, porque eles podem ter internet, pode ter tudo, eles podem pesquisar, mas eu acho assim, esse convívio, esse respeito que deve haver, está se perdendo na escola. Então eu acho assim que de repente a internet veio assim, distanciar as pessoas muitas vezes ao invés de juntar eles, né?

Ari Baretta:

Na época, [...], nos anos 70, 80, eles traziam merenda para fazer meter um porco mulherada pelas carne. E daí vinha aquela merenda lá, mas você escolhia aquilo também, né?

Iraci Baretta:

Nós misturava, toda incrementada, né, Eduardo, sabe? Mas os pais tinham costume assim, as mães faziam um pão fresco, vinha para a escola. A mãe do Eduardo deu muito pão de milho, vinha com a chimia, tudo direitinho para a escola. Carneava um porco, já avisava assim, profe que amanhã, amanhã vai ser então pastel. Porque o pai vai carnear é um porco, daí vinha carne moída, vinha ovos, vinha farinha, porque não tinha essas coisas.

Ari Baretta:

O estudo dela, ela esqueceu de falar que durante esses anos todo era curso em cima de curso, pra se atualizar. Sempre, sempre foi em Caxias, parou 40 dias.

Iraci Baretta:

45 dias eu fui em Caxias e daí eu fui para Viamão no tempo do secretário Pedro Silveira. E como é que é o nome da Arend? Que é minha amiga até do Face, acho que é Ai, não lembro dela. Nós somos Eu fui como professora, o professor Silveira foi como supervisor, secretário e ela foi como a Arend, a Lucinete Arend, ela foi como da Secretaria da Educação. Nós ficamos 20 dias em Viamão. Lá nós aprendemos assim porque naquela época estava voltando a incentivar por causa do êxodo, tinham saído muitas, as famílias saíam, né? Então, para incentivar, o governo começou a dar o curso para essas escolas do interior, né? A ser valorizada. Então, eu fui nesse curso aprender o tema gerador, um tal de tema gerador, por exemplo, eu vou trabalhar transporte, é um tema gerador, eu posso trabalhar transporte com pré, com o primeiro, com o segundo, com o terceiro, com o quarto e com o quinto. Daí o tema é transporte, só que daí as atividades é de acordo com o nível da capacidade do aluno,

A pesquisa, né, Eduardo, disse aqui. O Eduardo sabe bem, não estou, o que era na escola, né? E a Lari também me ajuda a completar. A merenda, nós tinha assim, a gente comprou um fogãozinho, logo depois se comprou um fogãozinho. Se fazia, o aluno tinha uma lista, uma lista dos ajudantes, os alunos levavam a chave, cada aluno levava a chave, abria a escola, fechava a escola. Eu, como professora, nem chave tinha. O aluno vinha cedinho, trazia lenha, buscava.

Depois, antes de nós comprar o fogão, a vizinha ali deixava o fogão prontinho, com a lenha, tudo para mim ir lá fazer a sopa, para cozinhar a sopa. Então era uma parceria, tudo uma parceria. Depois, quando eu fiquei doente, antes, quando eu estava bem assim, cansado e doente, antes de vir a Maria Aparecida como merendeira, os pais combinaram, os pais combinaram de cada dia, numa reunião de mãe e de pai que a gente fez na escola, de cada dia, qual é que ia trazer a merenda? Então a gente tinha direitinho quem mandava merenda e o que vinha de merenda. As mães, por exemplo, eu vou na segunda-feira, vou mandar pão e chimia, na terça-feira eu vou fazer cueca virada, na quarta pão de ló, quem fazia? Então a gente teve uma parceria muito grande para mim também não parar de dar aula, porque eu tive sempre esse incentivo da comunidade.

Alex Müller:

E a senhora falou que a horta, uma coisa que me chamou a atenção, é que a horta surgiu principalmente de uma necessidade de uma comida

Iraci Baretta:

... é complementar, mais gostosa.

Alex Müller:

Isso a senhora falou que vinham esses sacos, eles vinham importar dos Estados Unidos?

Iraci Baretta:

Nossa, chegava até que chegava, porque não era um transporte como hoje em dia, que é rápido, né? Não é assim. Por exemplo, hoje você pegou o transporte da prefeitura, bom, veio aqui, antigamente não tinha, né? Se você queria, tem que vir o papel de bicicleta ou de trem ou do que for. Assim era a merenda. Eu acho que até vinha de trem de Porto Alegre, né, pai? Na época tinha?

Ari Baretta:

Sim, tinha ônibus, tinha caminhão e tudo.

Ari Baretta:

Não, mas caminhão era, era o trem, o caminhão subia lá pela Serra Grande, né, por São Francisco não tinha essa faixa aí, né.

[...]

Alex Müller:

Outra coisa que a senhora falou, que estudou no Colégio Santa Terezinha, né? Como é que era, a senhora morava lá? Ou a senhora vinha pra casa e voltava pra casa?

Iraci Baretta

Não, eu ia de leiteiro. Eu vinha assim no sábado, com o leiteiro, que levava o leite, passava das casas e levava o leite. Eu vinha pra casa no sábado de meio-dia e eu voltava na segunda-feira, na segunda-feira. Ficava na tia, quando ficava na professora também. Quando dava pra vir, né? E quando não dava pra vir, não se tinha telefone, não se tinha nada, eu escrevia cartas dizendo, como se está se falando com a minha mãe. Eu não dava para minha mãe as cartas, mas eu fazia de conta que eu estava falando com a minha mãe nessas cartas, da saudade que dava, de ficar muitas vezes duas semanas, três semanas que não tinha como vir para casa, né? E isso que eu passo para os alunos hoje em dia e passava e passo para eles ainda. Hoje em dia eles têm a Kombi que passa na porta e eles não vão, né? Eles têm preguiça de irem para a escola, a gente não tinha e a gente vinha para a escola, né? ...

Alex Müller:

E como é que era a relação com as freiras?

Iraci Baretta:

Elas eram muito enérgicas, era tudo muito certinho. E agora eu voltei nesses dias na escola cenequista, a uma entrevista, a Vidas e Conexões, que tem esse, tá lá até a entrevista, e eu me senti com aqueles alunos assim, que eles têm ainda essa escola particular, tem ainda, eles conseguem manter essa disciplina, porque nós somos de 7 pessoas e se dividiram, sexto ano, sétimo ano,

oitavo, nono, primeiro ano, segundo e terceiro ano. Foi assim de todos misturados, como se fosse uma classe multisseriada. A gente foi dividido para fazer uma entrevista, contando também um pouco da vida da gente, como foi o estudo. E daí bateu o sinal. Nossa! na minha sala que eu estava dando entrevista, nenhum aluno levantou ou disse "Bateu". Aí daí tinha, porque a gente foi conversando, foi conversando, foi despertando o interesse da turma e da professora também, que entrevistou a Tati, né? E daí então, daí tinha a foto para tirar, a lembrancinha para me entregar e eles queriam todos ainda me abraçar. me agradecer. Ninguém saiu correndo, ninguém empurrou ninguém. E isso hoje em dia, essa diferença na escola pública, bate o sinal até o professor saindo, né? Muitas vezes largando tudo. Largando tudo e indo, né? Saia da frente porque bateu. É, mudou. Então assim, e agora eu volto para a escola aqui e eu também não escuto o sinal e eu consigo passar para os alunos não essa pressa. Porque ontem eu fui ali dar uma aulinha de matemática na escola e bateu o sinal da merenda. Eu não ouvi bater o sinal e eles também não saíram correndo. Depois eu disse, daí vieram na porta, é para ir lá que já bateu o sinal da merenda, porque a merenda é servida na brizoleta e a aula é na escola de alvenaria, ali que tem tudo daí, tudo assim, quadro grande e tal. E daí então um aluno disse , mas eu tinha ouvido bater, mas você devia ter falado, né? Entende?

Quando se pegava ônibus, também o ônibus, a gente chegava na escola, olha, não tinha transporte, 12h30 de meio-dia, se estava na escola, recebia os alunos, porque vinha alunos de prézinho, não podia se deixar solto lá, a turma era grande. A gente ia na escola às 12h30 e eu ia na parada botar os alunos 6h30 da tarde. E muitas vezes o ônibus tinha que esperar, a gente não via o sinal, a gente estava tão ocupada, interessada naquele conteúdo, que não se ouvia o sinal, né, Eduardo? E o ônibus esperava o sinal, o ônibus, que era o ônibus de linha. E muitas vezes os passageiros reclamavam, né, porque eles não, os alunos estavam sendo o empecilho deles, eles tinham pressa. E eu assim ficava fazendo na escola, eu ia de manhã trabalhar, dia de reunião eu não almoçava, ficava direto, meu marido me largava lá na escola, porque tinha todas as séries, e eu vinha para casa de noite às 9 horas da escola. Eu deixava tudo prontinho para outro dia e usava mimeógrafo pouco, porque não tinha dinheiro de comprar o álcool, porque o mimeógrafo, assim, Gastava muito álcool, uma tarefa de álcool, nossa, aquilo era caro, porque não se tinha ajuda de nada, de nenhum material. Hoje em dia tem tudo. Tem tudo, na escola recebe, ali está de material, recebem merenda, nutricionista, merendeira. Hoje em dia tem tudo, e o pessoal não está contente. Eles tinham que passar porque a gente passou, e a gente não desistiu, e a gente tem ainda esse afínco de voltar, eu acho que a profª Alma [Hausmann] que vocês entrevistaram, também tem isso ainda, né? Eu acho que ficou na gente isso. A professora Lucilda, que é a mãe da Secretária da educação, ela também. A gente se encontrou no bingo, agora aqui ela disse, nossa, que bom, que tempo bom, isso aí é um tempo bom, só que a idade vem chegando e cada um tem seu tempo, né?

Alex Müller:

A senhora recorda de nomes de professores?

Iraci Baretta

Por exemplo, a minha professora foi a Virgínia. Foi na primeira escola, Virgínia Vetorazzi, essa que depois eu fui parar na casa dela, que ela dava aula lá, a segunda escola que fizeram na terra do João Bessa, que lá nessa escola que eu estudei, vinha o Mazurana, que era supervisor escolar. Era o supervisor, vinha supervisionado, vinha a pé, quando não vinha a cavalo, de burro ou a cavalo, não sei, ele vinha. E a gente era uma educação assim, nossa, eu me lembro, eu era

preparada porque eu tinha facilidade de decorar. Então eu me preparava com o versinho: “colegas todos a postos, pois acaba de chegar, de visita à nossa escola, o supervisor escolar”.

A gente recebia cantando. E isso que eu trouxe isso. Nós na escola, né Eduardo? A gente cantava quando chegava um visitante. A gente com os alunos criavam uma musiquinha, né Eduardo?:

“Visitante, visitante, seja bem-vindo, seja bem-vindo em nossa escola, em nossa escola”.

A gente, continuou isso. Isso foi uma coisa que eu me sentia bem fazer. A gente via que o professor também se sentia bem ser recebido com a música. Então, a minha primeira professora foi a Virgínia, daí ela foi de muda, veio a sobrinha dela, a Irani, a Irani Vettorazzi, que foi minha professora. Aí quando eu parei de estudar aqui, que eu fiz o quinto ano, eu fui na outra escola, que era Terezinha Setti, que eu fui para ajudar ela. Ela era comprometida com o trabalho, fazia o diário todo dia, um diário, estava prontinho o diário de classe, ela pertencia a Três Coroas, ela vinha do Bororó lá, ela subia a cavalo a pé e ela tinha a irmã dela que morava perto da igreja, ela ficava a almoçar, daí ela ia embora de tarde, muitas vezes tinha aula o dia todo. E eu assim aprendi com ela, porque eu achava muito importante aquilo organizado, aquilo pegar o diário e estar ali toda a aula pronta, entende? Então, para mim serviu muito de lição. Eu nunca fui para a escola, foi uma coisa que eu aprendi dela, que era muito importante a organização. Eu aprendi dela também a preparar diários, deixar tudo prontinho, trabalho a aula, o tema gerador e o que que eu ia trabalhar. Muitas vezes eu ficava, né, Ari? O Ari tá aqui para dizer duas horas, três na madrugada, ele dizia "Mas tu não vem dormir, tu não dorme essa noite? Não, eu não posso porque eu tô embalada. Não me atrapalha. Eu tô embalada para continuar meu trabalho. Se eu parar, eu perco o fio da meada, então eu quero ir até o fim." E daí eu ia vendo, ia vendo, ia buscando, ia buscando, ia sabendo coisas, ia me iluminando as ideias. Daí quando tava pronto, eu ia dormir. E deixava, fazia com transmissor, Usei muito transmissor, por exemplo, fazia o trabalhinho de pré primeiro, tudo com quatro, cinco cópias, que eram poucos alunos, usando o transmissor.

Alex Müller:

O transmissor é o carbono?

Iraci Baretta:

É o carbono, que agora até tinha caixas de carbono, porque aquele tempo se fazia nas fábricas, se usava na folha para fazer o trabalho e ficava uma cópia na máquina, não sei como era lá nas fábricas, eu sei que eu ganhei carbonos da prefeitura e tudo, até agora eu tenho uma caixa de carbono ainda. guardadinha e a minha filha nesses dias levou para os alunos, para eles tirarem um desenho passado, que era mostrar como era antigamente. Eu usei muito carbono, né Eduardo? Tu deve ter trabalho, se tu guardou, tu tem com carbono. Então uma coisa assim, que foi isso, que me trouxe assim, essa organização, esse diário. Quando eu dei aula lá, eu fui dar aula 10 anos lá na outra escola, eu desdobrava na São Gotardo. Desdobrava, naquela época o desdobramento se recebia por empenho, era empenho. O Maurina que pagava, ele era bem nervoso, ele era da contabilidade da prefeitura e a gente tinha que, ele não fazia pagamento extra nem nada. O Ari vinha me buscar, eu deixava o diário pronto, meus alunos lá e ele me levava a Gramado, né, Ari? E eu ia receber lá na prefeitura e ele me levava de volta, os alunos ficavam na escola sozinhos. Naquela época nós tinha o Fusca já. Tinha o Fusca. E ele me deixava, nós pagamos uma multa um dia, que eu te disse é pura mais, era um dia de chuva. A primeira multa e a única que pagamos. Ele ultrapassou ali nos Três Pinheiros e não podia. É. E daí eu disse assim para ele, passa, tu não pode esperar esse caminhão, tu tem que passar porque os alunos estão lá

sozinhos. Os alunos sozinho. Os alunos olham, faziam o fogo, faziam merenda. Eu tenho uma cartinha aqui que eu posso ler para vocês de uma aluna que quando fizeram aqui a reinauguração da Brizoleta, ela escreveu toda a rotina da escola, que nesses dias eu abri ali e tá ali, se você quiser como um depoimento, levar para ver como era uma aluna, ela foi convidada no dia da reinauguração da escolinha, né? Alunos, professores e tudo, e ela pediu licença, eu não sabia, eu chorei todo o tempo. Ela pediu licença e disse assim: "Eu quero fazer um depoimento, eu escrevi." Ela escreveu tudo como era, como eu chegava, como nós fazíamos, tem tudo ali escrito. Então assim, os alunos se respeitavam, né Eduardo? Tinha quem aprontava, mas não tinha quem se associava, então a bagunça não ia para frente. E eles faziam fogo, eles lixavam fogão, eles ajudavam na merenda. Era tudo uma parceria, era bom trabalhar. E agora, assim, nós aqui do interior, se perdeu esse vínculo, porque foi assim, como você disse, dessa, negócio do rural, do êxodo, tudo, agora é assim, vem um pessoal, compra um treino e daí vem ali, vende pra, tem 5, 6, 10, 15 casas. Nós temos lugares aí que tem 19 casas.. Então esse pessoal, eles não têm vínculo com a escola, porque eles vêm, vão, vêm, vão, vêm e vão. E nisso aí também, essa mudança de moradias e coisas, divido também o ponto de droga, né? Porque eles não criam vínculo, eles bem, quando estão sendo percebidos, eles trocam de lugares e levam crianças, né? Mas não vem o caso, mas é isso aí que acontece, né? Então assim, lembranças que eu trago é de receber bem a visita aqui dentro da escola, de também assim, os pais vinham na escola e diziam, olha, eu trouxe uma vara junto, porque o meu filho precisa de vara. Então a gente tinha todo o direito, se precisava bater, se batia. Mas o que eu mais fazia era tirar recreio, né, Eduardo? Você não fez o tema, você fica no recreio fazendo o tema, porque o recreio é uma coisa que o aluno gosta. E eu brincava com os alunos, porque eu aprendi lá na outra escola com a professora Terezinha, brincar com os alunos. E eu sempre brinquei com os alunos. Brincar com os alunos. Agora eu vou na escola, eu brinco com os alunos aí. Eu brinco com os alunos, eu me sinto bem, brincando, ensinando. Por exemplo, quando eu ensinava horas, tu lembra a brincadeira que se brincava quando se estudava horas, Eduardo? Qual é a brincadeira que nós íamos brincar no pátio? Quando nós estudava relógio.

...

Nós ia lá, "O rato está em casa", lembra? A gente brincava da brincadeira do rato. "O rato está em casa? Já chegou, que horas? Não, onde é que ele foi? Que horas ele chega?" E a gente pulava cinco horas, ia lá e trocava o ponteiro para cinco horas. Então sempre assim fechando junto, com brincadeiras "direita, esquerda", né? Então assim, sempre associando a brincadeira, então eu achei muito importante a professora brincar. Também sempre procurei brincar com os alunos, porque através do lúdico a criança grava mais o conteúdo. Então isso também, sempre levei comigo. E uma coisa também que marcava a gente é que a gente se reunia pra fazer, se reunia com professoras aqui perto, por exemplo, eu me reunia com a professora Alma, A professora depois era a Dali, que foi minha colega, não foi minha professora, foi colega. Com a professora lá, até a mulher do Adélio Bergamo, era Bergamo, lá de Quilombo e lá do 28 tinha Maria Aparecida Tomazini. A gente fazia grupo nos sábados, passava o sábado o dia inteiro na escola para fazer os trabalhos juntos. Uma tendo a ideia da outra é para preparar a aula para uma semana toda. A gente preparava, daí uma fazia isso, fazia aquilo, a gente preparava. E como meu marido disse que a gente estudava muito. Eu fiz esse curso em Viamão, eu fiquei 20 dias, depois nós fomos para Caxias. Eu fiquei lá fazendo um curso de 45 dias, foram escolhidas poucas professoras para a gente depois trazer isso para explicar para as outras professoras, e eu não tinha magistério. O magistério eu fiz 1996, me parece. Eu fui fazer lá no José de Alencar, em São

Francisco. Eu fiz de férias, eu fiz magistério lá. Então eu fui a vida toda assim em curso, estudo e dando aula.

Alex Müller:

A senhora fez magistério junto com as outras professoras do município lá também?

Iraci Baretta:

Sim, a professora Alma fez magistério. A Peteffi. A Dali não, a Dali não era mais. A professora Dalene.

Alex Müller:

A professora Zulmira Foss?

Iraci Baretta:

A Zulmira não, eu não sei se ela fez ela, será que ela fez magistério? Eu acho que ela não chegou a fazer magistério. Quem fez magistério? Eu, a Alma, a professora Dalene. Eu nem queria fazer, eu fiz por causa da professora Dalene, porque quando eu parei de dar aula, lá, a professora Dalene, ela era, ela não tinha estudado muito, só tinha feito o quinto ano. E ela queria ser professora, daí eu disse para ela assim: começa a estudar, porque eu não volto mais dar aula lá. Porque se abrir a escola eu já não volto mais. E ela realmente depois voltou para a escola e ela veio comigo, ela estudou um ano, porque ela veio na minha escola um ano todo dia, acompanhar como eu dava aula. Para depois aprender também, no tempo do professor Germano Blum, que ele era o secretário de Educação, ele botou a Dalene de professora, porque no interior ninguém quer vir dar aula, né? Ainda mais naquela época, não tinha transporte como hoje. Hoje em dia é tudo diferente. É, tudo diferente. E daí ela veio na minha escola o ano todo, para pegar como, né, para depois dar aula também lá. Então ela foi, o solo Dalene também me incentivou muito a eu fazer esse magistério.

Alex Müller:

E qual é a data de nascimento da senhora?

Iraci Baretta:

24 de março de 48.

Alex Müller:

E o senhor

Ari Baretta

24 de outubro de 45.

Alex Müller:

Vocês falaram do trem antes, o senhor falou do trem, mesmo com o trem, que é relativamente próximo, essa ida a Gramado era uma coisa que era pelo que eu vejo não era tão comum assim, era difícil.

Iraci Baretta:

É, só que na época, né, pai, não tinha mais trem, não tinha mais o trem. Eu fui de trem, a primeira e a última vez que o trem passou foi a última vez. Meu vizinho foi de muda. É, então foi em 63, porque em 64, eu comecei a dar aula. Então assim, eu tinha 14 anos quando o trem passou a última vez. Eu vim de trem. E eu vim de trem, nós fomos de caminhão de mudança pra ajudar o vizinho a arrumar as coisas e voltamos, eu e a minha irmã, de trem. Só que como nós éramos pobres, a gente pegou a última classe. E na última classe do vagão, pegava muita fásca. E eu tinha comprado uma blusa pro ar, coisa mais linda, roxa, com branco, que eu ganhei de um jogo de bispo, de loto, que nós jogava com a bisa, e eu ganhei o dinheirinho e fui comprar uma blusa, meu pai comprou uma blusa e a minha irmã costurou e ela queimou todos os furinhos, eu fiquei com a blusa toda furadinha. E eu até fiquei com raiva do trem, porque foi com tanto sacrifício que comprei uma blusa bonita e depois queimou no trem. Então foi em 1963, que o trem passou pela última vez. Então nós, depois do curso, não se ia de trem. Nós íamos fazer curso de leiteiro, nós íamos de leiteiro, de manhã cedo, quando tinha curso de leiteiro...

Eduardo Weber:

Mas não foi em 61, por aí, que a Corlac, começou em 61, me parece. E, a Corlac era estatal que era do leite, daí tinha o leiteiro que passava.

Iraci Baretta

Pois é, não sei. Daí então a gente ia de leiteiro, nós professoras, e nós voltávamos a pé. de Gramado. A pé de Gramado que a gente voltava. Na época a gente voltava ainda carregadinho de coisas.

Ari Baretta:

Primeiro leiteiro foi Armindo Bretano.

Iraci Baretta:

E foi há 51 anos atrás, o Armindo Bretano, que ele que me levou para ter o [...] no hospital foi ele. Não tinha, cara? Na época não tinha, era um, dois anos.

Alex Müller:

A senhora comentou que a senhora nasceu na Linha Ávila. O senhor é natural de onde e o que fez vocês mudarem de lugar e vir para o Carahá? Qual o motivo?

Ari Baretta

Do Quilombo.

Alex Müller:

O casamento, mas a senhora veio para cá com quatro anos, né?

Iraci Baretta:

Eu vim com quatro anos, morei com meu pai. Aí eu comecei a dar aula, eu tinha 14, ia fazer 15. Eu comecei a dar aula dia 8 de março de 64, Dia da Mulher. E dia 31 de março foi o ponto facultativo do movimento do 31 de março.

Os militares, né? Então era um ponto facultativo. O meu pai me disse, escutava muito notícia. Tu não precisa ir pra escola dar aula, porque hoje é liberado quem não quer ir. Não, mas eu preciso ir porque nem todo mundo tem rádio para escutar. Eu sei que eu fui dar aula nesse dia 31 de março, que começou da revolução da revolta, que eu digo, que mudou de... daí então assim, eu comprei um pedacinho de terra, como eu falei antes, meu pai me vendeu um pedacinho de terra para mim ter terra no nome, para mim não perder a escola, que vinha uma outra professora dar aula e ia me tirar minha escola, e quem tinha terra no lugar tinha preferência. Então eu comprei terra, eu e ele. Casamos e viemos morar, construímos uma casinha lá atrás. Agora onde meu filho mora, para lá da escola.

E daí nós, depois nós namoramos, daí nós casamos, moramos lá e depois nós compramos aqui esse pedaço de terra e construímos casa lá. Essa aqui é a segunda, já é a terceira casa que construímos.

Alex Müller:

E a senhora falou que esse 31 de março de 64 foi ponto facultativo, né? E o que que a senhora recorda de antes e depois, assim, mudou alguma coisa assim no cotidiano da escola com o passar dos anos nesse período? Eu acho assim

Iraci Baretta:

Que a diferença, ó, era tudo nossa como mudou, era educação cívica, moral e cívica nesse tempo de ditadura, a gente cantava, era na escola obrigatória se cantar hino nacional, tanto é que o filme ficou gravado, a gente sempre cantou, né Eduardo? Meus alunos sabem todos os hinos, sabiam todos os hinos. Hoje em dia passaram para eles, as crianças gostam de cantar, sabem decoram, hino nacional, hino à bandeira, hino à Gramado, porque se passou isso, se trouxe, porque quer ou não quer, foi um tempo bom. Eu era assim, tipo meu pai, na linha firme, sabe? E a gente deu pra sentir muita mudança depois, quando entrou o Lula, por exemplo, esse governo, o que veio de coisa, veio pra escola, teve muita coisa boa, mas teve muita também coisa de desperdício, porque não se tinha até antes se comprar um livro. Se eu queria um livro, tinha que comprar. Agora, as bibliotecas estão cheias de livros, até botam no lixo livros, porque veio muito livro, desperdício de dinheiro, porque assim vem livros. que é lá do Nordeste. Não, teria que vir um livro justo para o Rio Grande do Sul. Então muitas vezes a gente tem que adotar na escola um livro que não é do nosso interesse. Então eu acho que teve os seus tempos bom, mas também teve seus tempos bom agora também, porque veio muita coisa. Negócio de merenda, tudo isso também veio a favorecer. Então assim, mas para mim eu sou muito assim, do tempo assim da linha, eu sou muito da, como dá pra perceber, do tudo no lugar, do tudo certo, do tudo assim. E hoje em dia o Brasil, o brasileiro tá mais assim do jeitinho, não é verdade? É o jeitinho, dá um jeitinho, tem os padrinhos, tudo isso, tudo aquilo. Não tinha no tempo da ditadura isso.

Alex Müller:

E antes de 64 a senhora falou que a Brizola ia ter de 61, né? Como é que é? Qual é a imagem que a senhora recorda assim do período do Brizola?

Iraci Baretta:

Eu acho que o Brizola foi uma alavanca para o estudo. Para mim foi. Porque ele construiu, encheu o Rio Grande do Sul da escola. E ele incentivou. Porque naquela época mesmo era o êxodo rural. Começou naquela época por falta de escola, por falta de distância, né Ari?

Ari Baretta:

Aqui, Quilombo, surgiu nos 60. Surgiu que toda a rapaziada ia pra Três Coroas. “Bah, eu comprei um guarda-roupa, eu tô pagando prestação com todas. Comprei a bicicleta, comprei moto ciclo”. Mas nós, trabalhando na roça, nós ganhando dinheiro uma vez por ano, duas, né? Plantando feijãozinho com ele, aquela miséria, né? Bah, todo mundo se mandou, nas fábricas de calçados. Aquilo foi a fábrica de calçados, foi o êxodo rural daqui. Não, obrigado. Todo mundo foi pra Três Coroas, pra Igrejinha, Aí o Ortopé surgiu em Gramado.

Iraci Baretta:

Como não tinha transporte, o pessoal ia de Muda. Em 64, quando eu fui a 63, quando eu fui

Ari Baretta:

Aquelas famílias que estavam sofrendo, né? Foi uma grande coisa, o resto da vidinha lá passaram bem, né? Aqui na colônia, na colônia é esgrimada a vida.

Iraci Baretta:

Eu não posso esquecer, o Brizola foi uma alavanca porque a A Neuza era a secretária da educação, então era voltada para a educação, entende? Foi um tempo em prol da educação, na construção de escola e depois foram fazendo as escolas núcleo, entende? Isso foi fechando as escolas, fecharam, a minha escola ficou, eu vou bem dizer, foi uma sobrevivente, eu acho que é a única, a minha escola e a da Linha Araripe. Não sei se ainda tem na Linha Araripe, a Brizoleta. Uma vez tinha como cozinha na Linha Araripe, que era de duas salas. Mas a Brizoleta mesmo, acho que de Gramado, que funciona, é a minha, Padre Scholl. Por quê? Por causa desse interesse dos pais, por causa dessa parceria dos pais, de cultivar a horta, de fazer com que os alunos despertem esse amor para plantar, para colher, para ter uma verdurinha. Eu acho que isso também favoreceu muito a escola não fechar. Mas aí veio agora, em 2000, meu Deus, agora lembrar 2009, eu acho 10, não lembro bem, que veio esse Escola Ativa, do governo a Escola Ativa, de ativar a escola rural. Nossa, daí foi assim muito a Jurema, que era no tempo que ela fazia parte da Secretaria da Educação, a gente se reunia, as escolas foram uma reavivada de novo com a escola ativa, que é a escola rural, reacender de novo. Então foi assim, três, eu acho assim, Brizola foi muito, depois a escola foi indo, foi indo, e daí agora a escola ativa parece que foi 2000 e não sei se não foi 2011, a escola ativa, não estou mais lembrada, mas nós temos painéis, trabalhos que a gente fez. E daí também começou a surgir em 2011, 2010, que a escola ativa, a escola ter o fundo, esse fundo, o PDDE, que a escola pode administrar o dinheiro, porque antes vinha pelo município. Aí o município, acontecia até isso, você pedia o que que você queria. Vinha, por exemplo, 500 reais, vamos supor. Então você escolhia, você escolhia, podia usar tanto em material permanente e material de consumo todo dia. Só que a gente ia ver muitas vezes depois, superfaturado, as coisas que vinham. Por exemplo, se a gente escolhia material didático para a escola, daí lápis de cor e tal, daí a gente via, depois vinha um esquema, nossa, tanto os lápis, mas não é tanto, se eu fosse comprar. Então era superfaturado pela prefeitura, porque era vinha de lá, as escolas, nós do interior, as escolas rural. Depois então veio com essa escola ativa, a gente fundou nas escolas rurais o CPM, registrou, registrado no cartório. Foi depois dessa escola ativa, então também foi um deslanche da escola do interior, veio o dinheiro. Então para mim veio 2012. Veio, agora não lembro o quanto, mas veio bem bastante. Naquela época a gente comprou o balcão e tudo, a gente tinha que fazer três licitações, mandar para o governo tudo direitinho e depois tu escolhia tudo o que tu podia comprar. E agora continua, depois desse 2011,

bem aberta para a escola, direto, porque tem o CPM registrado, antes não tinha. Então você é de uma escola que lá tem tudo isso, né?

Ari Baretta:

Antes, antes do Brizola, tinha o Meneghetti, Ildo Meneghetti, que é uma história interessante. O Ildo Meneghetti, ele sempre quis fazer a faixa, que subisse lá no Chapadão, essa que sobe ali, que passa ali no Maura, que passa na Várzea, era para subir para três coroas chapadão saindo Canela. Tava traceada tudo porque ele tinha fábrica, a celulose era dele. O Meneghetti era governador e tinha celulose em canela e puxou, que saísse em canela [...] E daí foi, foi, foi que quando ele saiu mudou, né? Daí botaram uma lei que ia tirar os trilhos e a faixa tinha que ser 500 metros máximo, longe dos trilhos. Daí fizeram a faixa ali que subia ali. Eu acho que foi meu tempo do Brizola. E o Meneghetti saiu, porque ele não queria que fosse aqui e que fosse lá. E aqui o João Correia queria que fosse aqui, por causa dos trilhos, né?

Iraci Baretta:

Porque daí ia gastar menos, porque já tinha um roteiro, né? E você que sabe de fazer pesquisa sabe disso, né? Já tinha tudo onde passava, que a maioria dos lugares passou pelos trilhos.

Alex Müller:

E o que vocês recordam dessa construção, dessa faixa? De coisas assim que marcaram na construção dela?

Ari Baretta/Iraci Baretta:

Ah, isso é muita coisa, eu ia pescar aí no Moreira, eu falei assim, o compadre aí que morava logo ali, nós ia a pé e eles abriram a picada no meio dos mato e eu disse "aqui vai passar a faixa" era uma ribanceira assim, eu disse "mas como é que eles vão abrir a faixa aqui?" Depois, quando começou a ouvir uma baita máquina e ah, eu não me lembro...

Em 70... Tu te lembra? Foi na enchente do Moreira? Já tinha, mas passava por ali

Na estrada de chão, né?

É, foi assim, há uns 50 anos atrás, 49, anos atrás de hoje, a gente imaginou assim que não ia ter essa estrada, que ia levar 10 anos, né, Ari? Que não levou 10 anos.

Porque lá demorou mais, foi de Sandra, a igreja, né? Ali demorou, não sei porque que demorou tanto.

De repente pra desapropriar, né.

Ou eles botaram outra firma, né, que veio a Ester Sul, a tal de Ester Sul na época, a pelotense, a Ester Sul.

Iraci Baretta

Sim. Deixa agora aproveitar o gancho da Ester Sul. Era uma companhia. Aquela companhia vinha moradores, de lugares longe, né, porque era uma companhia. É, o Nino, por exemplo, que tem na várzea ali, o pai do Rafael, que é o vereador, ele é da Ester Sul. Ele veio, né? Não lembro da cidade de São Lourenço do Sul, esses lugares longes. Eu tinha famílias que moravam ali, no

Maura ali, que passava a escola, que vinham 6 alunos. O Selau era um de 6 que vinha para a escola, numa família de 6 alunos. Nossa, na época eu tinha 40 e poucos alunos, 45 alunos. Na época que fizeram a estrada, eu acho que ela levou mais ou menos uns 5, 6 anos, pai.

Ari Baretta

Daí detonava. Nós ia ver eles detonar. Quando dava as detonação, e domingo ia o pessoal se escondia nas tocas daí pra ver. Quando explodia, saía uma fumaça e o tiro você depois, né? Engraçado que né? E até que morreu um cara, um capataz, ali na grutinha... não tinha detonado e ele foi lá ver...

A grutinha eu acho que foi com a morte. Ele botaram, os parentes do cara que estava enterrado, ali eles arrancaram os ossinhos dele lá e daí eles botaram aquela santa, aquela grutinha, aquela santa e daí os turistas passam ali e botam um dinheirinho, né? Até tinha uns colegas quatro mortos, né? Iam pescar juntos, nós passava ali a pé, a estrada de chão e na faixa e saiu por ele na frente, o que que eles querem? Iam lá roubar o dinheirinho.(risos)

Alex Müller:

Mas próximo dessa gruta é aquela que o senhor falou do trem ali, dos trabalhadores que eram agitados.

Eduardo Weber:

O trem acho que passava para o lado de cima, eu acho.

Iraci Baretta:

O Ari sabe, eu acho que era quase no mesmo lugar o trem. Porque o trem vinha para cá na curva, ali ó, o trem, a Maquinista Maura, tinha uma escola. Tinha uma escola ali na curva.

E a Vetorazzi, essas Vetorazzi, ó, a minha professora, ela era cunhada do professor, que o professor que hoje em dia podem falar com o Anselmo. Pois é, o Anselmo sabe bastante da história, porque ele foi criado pelo vô e o vô tem um armazém. E o armazém, Ali tinha uma escola. Ele foi meu aluno, o Anselmo. Subia a pé, vinha para a escola.

Eu não cheguei a conhecer a escola, porque eu acho que era a casa perto da casa do pai do Anselmo, do Primo[Vetorazzi], que era pai adotivo. Naquela época que conseguiram as escolas, a professora de baixo do quilombo vinha por um atalho, passava na minha escola e descia ali na minha escola e saía lá embaixo na faixa. Era ali a descida.

Eduardo Weber:

A estrada que passava na frente da escola era a mesma que descia lá embaixo e a mesma que ia lá no quilombo...

Alex Müller:

E aqui no Carahá aqui, o que vocês recordam de pessoas, comerciantes que eram importantes aqui, que movimentava essa localidade?

Iraci Baretta:

Armazém tinha o Bretano, né pai? Era o leiteiro lá na esquina. Era ali na encruzilhada, aquela casa pro lado de baixo. Ali tinha um armazémzinho. Tinha um campo de futebol. E depois ele comprou uma Rural, né pai?

Ari Baretta:

Depois que ele vendeu ali, ele vendeu pro Alcides Sorgetz.

Que era lá do Quilombo. Do Quilombo, daí era lá no Salão Becker, que agora não tem mais o salão. Nos Poltratz, ali, nos Fritsch.

Até eu achei que eles iam tombar aquele salão, mas desmanchado de surpresa, eu acho.

É, onde é que os Bezzi nasceram, foram enterrados, naquele cemitério que está no meio do mato ali.

Ali naquele cemitério. Ali naquele cemitério, não é da minha época, na época do meu pai e outros moradores antigos. Ali deu a inauguração do cemitério. Então os Perini e os Bernardes, eles tinham uma intriga muito grande por causa que um namorava, um Perini namorava uma Bernardes. E não sei se é por causa da cor, né? Os Bernardes não era preto, né? Mas é brasileiro, eles não gostavam. Eu acho que era por isso, não sei porquê. E tinha encrenca que não deixa, não faz. E vieram e morreu uma criança, não sei de quem ali. E foram no enterro, daí pra baixo da casa do meu pai lá, tem um lugarzinho que agora é do do Antônio. Do lado ali, tinha lugarzinho que tinha uma bodega. Daí foram lá e se encontraram lá e brigaram, né? E o cara da bodega trancou a bodega e era tiro e tiro. Morreu cinco, né? Morreu cinco pessoas. Daí foram descobrir algum Murilo e não sabemos onde é que tinha tiro, era a velha que tava deitada, ia atirar pra cima, matou um ou dois, a velha Bernarda. Tava deitada no chão que tinha levado um tiro, né. E daí eles contam toda a história, daí aquela encrenca dos Bernardes, os Perini, ficou encruado, né. Os Perinis se mudaram pra Porto Lucena, que um é era um tio meu, mas aquele era filho num Perini daqueles, né? Como é que é a idade? O meu tio era filho dum Perini daqueles, foi se mudar pra lá e os Bernardos ficaram morando ali. E deu a eleição, só pra vocês verem, deu a eleição do Beto Perini, na época... Deu a eleição do Beto Pirine, só pra contar a história, do Beto Perini contra o Vinizard, parece que era. Então o partido nunca tinha ganhado uma eleição em Gramado. O Valter ganhava, o outro ganhava, o Arno ganhou. Daí foi o Beto Perini e o Beto era do partido renovador, sei lá uma coisa assim. Daí o pessoal votou nele. E os Bernardes, porque era Perini, não votaram. A mesa do Quilombo deu 24 votos em branco. Não votar para outro lado, mas

... aquele que morava no Quilombo era o lugar que estava na briga também. Só era o mais novo da turma, né? Era o Leopoldo Bernardes.

Iraci Baretta:

Sim, só um pouquinho, pai, aqui, ó. Tu sabe, quem sabe bastante da história, é o Jorge. O Jorge Bernardes, ele conta uma história diferente do 28, desses nomes de quilombos, que não é nada de fugitivo de negro. Ele conta, porque a gente tem uma história assim de quilombo alto e quilombo baixo é por causa de fugitivos, escravos. Ele conta diferente. É interessante a história do Jorge, porque o Jorge é de memória e ele conta a história do vô. Ele foi meu aluno.

É, ele sabe, ele veio aqui só pra dizer, Eduardo. Ele veio aqui, tinha cachaça que ele tomou um litro. Ele almoçou aqui, nós tomamos um copinho de vinho, ele se servia a vinho, ele tomou um litro e meio de vinho e ele saiu como ele chegou. Não deu para perceber que ele tinha bebido.

Ari Baretta/Iraci Baretta:

Daí o avô dele, dos Bernardes. Esse avô era que nem um médico, no quilombo, né? O Bernardes, esse, o Leopoldo Bernardes.

Era um curandeiro.

Não, não era curandeiro. Ele tinha um livro. Não era curandeiro, ele tinha um livro e procurava aquilo. Benzedores. E ele fazia o chá. Eu levei meu filho muitas vezes lá com dor de ouvido, ferida na boca. sapinho...

E daí dava os bailezinhos antigamente. Ele era o rabicho de Gramado. Rabicho é um modo de dizer, puxa-saco dos caras de Gramado. Acho que era o Floriano, que era o manda-chuva lá. O delegado não sei quem era.

O Floriano Petersen.

Daí ele ia nos baile, ele e mais um para cuidar do baile, né. E daí se dava alguma coisa, ele xereteava lá e vinha e prendia os caras. Muita gente tinha raiva deles por causa disso, né, mas na época era assim, né, não adianta.

Iraci Baretta:

Daí ele conta das terras também, como foi do Schumann quando vieram, porque o Schumann era um... Eles eram donos do Quilombo, quase tudo. Terras aqui, no cemitério, essas terras. que é dessa professora Íria, que era de herança, eles eram donos Schumann, quando vieram Schumann, nossa, eles eram donos lá debaixo daqui eram levas de terra, porque eram pessoas que vinham e se apoderaram, acho até, ganhavam essas terras, pagavam pouco pelas terras, então foram um dos primeiros moradores. E ele tem a história e conta a história do Bernardes, ele veio aqui nesse dia, achei interessante, ele foi meu aluno.

Ari Baretta:

... assim as tropas de boi eu morava no Quilombo subia o Morro do Arame quando não vinha de trem né eu ia de trem até Sander subia o Morro do Arame subia o Morro do Canela que hoje em dia é um trio onde é que as motos sobem né. Vocês viram aquilo agora tem água como é que é a nossa passagem Se um dia o Canela tivesse inventado, vamos fazer uma estrada, é pertinho, sei lá, só lá no campo da aviação, ali é pertinho, três, quatro pontos.

Iraci Baretta/Ari Baretta:

Eles passavam aqui as tropas, muita tropa passava aqui, subiam aqui ó. Daí vinha a cavalo com o cachorro, o Morro do Arame, levavam ali na avenida, o nome gramado, por causa ali da grama.

Daí o Gado Serrano descia, porque eu acho que esse trem de carga era certo, era muito vagão, né. Ali em Sander tinha um frigorífico ali, não sei se na época que tinha ainda.

Eles subiam por aqui, eu me lembro, nossa, eles vinham com corneta, com aquelas, como é que é, que se chama? Aquela berrante, eles avisavam, a gente saía do caminho, né?

Cara, o trem dia de chuva. Era bonito de ver, eu morava lá, ele patinava naqueles trilhos, o carga, eu não sei o que que tinha em cima, a areia, muitas vezes era a areia, era. Mas e o trem? E patinava e botava

Iraci Baretta:

Ali no fundo do Carahá faz divisa onde o trem vinha, né? Como é que a gente chama? Bororó? No 26, na estrada, no 26, o trem vinha por ali. Até ali, uma coisa assim que tu estudou e pesquisou. É que a gente na época plantava nós, aqui a gente plantava piretro, a florzinha, para se fazer venenos, para formiga, para mosquito, para tudo. Vendia o piretro lá na Várzea para o

trem levar. Quem comprava aqui era o Casa Grande. Se vendia ali, ali tinha hotel, Casa Grande e tudo, era ali uma No começo do telefone só tinha um telefone ali, Casa Grande, se precisava de uma qualquer coisa.

Ari Baretta:

Tudo era o feijão, vendia nos armazéns, levava de carreta, lá no Moreira, onde é que o trem passava, e Sander. Nós levava ali no Leopoldo Faes, ali no Morro da Arame, nós comia o feijão e levava ali, botava tudo. Daí ali vinha as carretas de boi, né, pegar, e levava pro trem pegar lá embaixo.

...

Iraci Baretta:

Antigamente as nossas bolsas de escola era perna de calça, porque a calça, geralmente esse brim Diamantina, as calças era feita larga, estragava no joelho. Eles botavam remendo e tudo. Daí as mães fechavam embaixo a bainha e cortavam aqui e botavam a alça. A gente pendurava. Era assim. Agora eu tenho uma que é para mostrar.

Eu comecei a escrever com pedra. Pedra, pena. E daí a gente botava aqui dentro, botava a pedra, o vidrinho, o paninho, né pai? E a merenda, a gente levava a merenda. Chegava na escola, a gente fazia o sócia. Chegava na escola, a gente perguntava: O que tu trouxe hoje? O que tu trouxe sócia? A gente fazia com o associado. Então eu sempre me associava com quem trazia ovo. Os vizinhos tinha ganso, gansa, sabe? Botava os ovões assim e as patas. E a minha mãe, nós não tinha, era essa galinha. Então eu dizia, tá bom, eu vou fazer sócia contigo. Eu levava na escola pão de milho com banha e açúcar. Como eles não comiam banha e açúcar, eu trocava uma pão de banha e açúcar com um pedaço do ovo. A gente fazia sócia com quem trazia doce, quem trazia batata doce, tudo assim. A merenda, quando eu estudava, a merenda era levada de casa.

...

Pena de pedra, só que a minha irmã tem a pedra, minha irmã tem a pedra dela guardada, só ela não tem a pena. A pena era retinha, assim, como um grafite de lápis.

Alex Müller:

Eu acho que tem tanta coisa que perguntaria, mas que daí aqui mais uma meia hora, uma hora conversa.

Os entrevistados autorizaram a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.

Gramado, março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0011
Título: Depoimento de Iraci Casagrande Koppe - PARTE 1	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Iraci Casagrande Koppe Iraci Casagrande Koppe é uma figura histórica de Gramado. Foi a primeira Rainha das Hortênsias, eleita durante a primeira edição da Festa das Hortênsias, em 1958. Nascida em 1932, dedicou grande parte de sua vida à pesquisa, documentação e conservação da memória gramadense, tema sobre o qual é autora de vários importantes livros.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Iraci Casagrande Koppe apresenta uma narrativa de trajetória de vida articulada à formação histórica e territorial de Gramado, abordando as origens familiares ligadas à imigração italiana, as transformações sociais da comunidade, a organização administrativa e política do território, a transferência do centro distrital para a região de Gramado e o desenvolvimento urbano, além do papel da memória, da pesquisa histórica e da valorização do turismo e da cultura local na construção da identidade gramadense, evidenciando a importância das lideranças comunitárias e dos processos históricos na consolidação do município e de seu patrimônio cultural.
Descritores: Formação histórica de Gramado/ Imigração italiana e colonização/ Organização territorial e administrativa/ Turismo e desenvolvimento cultural/ Festa das Hortênsias

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Alex Müller e Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória (X) outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

Ref.: KOPPE, Iraci Casagrande . Depoimento concedido a Alex Müller e Wanderley Cavalcante. Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual. (transcrição editada). Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: _____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.) Gramado;

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta **valor histórico, social e identitário** por registrar a trajetória de Iraci Casagrande Koppe e suas memórias sobre a formação territorial, política e cultural de Gramado, documentando processos de colonização, organização comunitária, desenvolvimento do turismo e construção da identidade local, ao mesmo tempo em que preserva narrativas e interpretações que fortalecem o sentimento de pertencimento e contribuem para a salvaguarda da memória coletiva e do patrimônio cultural do município.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

XX

DEPOIMENTO

Alex Müller:

Boa tarde. Hoje é dia 13/12. Estamos aqui com a Dona Iraci Casagrande Koppe, o Wanderley e eu, Alex. Então, Dana Iraci, como eu falei pra senhora, uma entrevista que tem como objetivo também valorizar a pessoa que está sendo entrevistada. Então assim, pra começar eu sempre peço que a pessoa conte um pouco da sua história de vida, desde a infância, o nome dos pais, onde nasceu, se recorda dos avós e os avós de onde eles vieram, né? Pra gente também fazer aquela trajetória e saber de onde vieram essas pessoas, ok?

Iraci Koppe:

Vocês vão ficar encantados com a história dos meus avós.

Alex Müller:

Então sinta-se à vontade para falar.

Iraci Koppe:

Bem, eu vou começar por mim, né, criança. Eu nasci em Capinzal porque meu pai era lavrador, filho de imigrantes italianos, né? Então, acontece que a minha mãe começou a ficar doente, porque um filho atrás do outro, quando tirava, nem tirava as fraldas de um já, o outro nascia. Isso deixou a minha mãe naquele estado que as mulheres ficam depois do parto, não sei como é que fica isso. Enfim, ela ficou muito doente. Então, uma senhora que me batizou lá, ajudou a batizar e tal, escreveu uma carta para os meus avós, dizendo que fossem buscar minha mãe, que ela não estava bem. E também não cuidava das crianças porque não tinha condições, estava muito doente. Já tinha quatro crianças, né? A minha avó, meu avô pegaram o trem de Taquara em diante e foram lá me buscar, buscaram a família toda. Ver minha mãe, que era em Porto Alegre, na Santa Casa, e eu fiquei com meus avós, do Hotel Bertolucci. Meu avô era dono do Hotel Bertolucci. Então, cresci ali, e o nome do meu pai era Albino, Casagrande, e da minha mãe Gina

CasaGrande. E, afinal de contas, eu fui crescendo ali dentro do Hotel. Meus irmãos também, porque eles ficaram com meus irmãos, mais três irmãos, né? E minha juventude foi muito bacana. Porque também aqui não tinha muita coisa, né? Eu lembro que eu era mais ou menos uma jovencinha, a gente tinha que ir ao sábado e domingo passear na praça, juntar um grupo de gurias ou guri para passear um pouco, porque não tinha o que fazer aqui. Nós tínhamos um cinema velho, os cinemas Splendid, né? Que era velho, e a Sociedade Recreio, era o que nós tínhamos aqui.

E eu cresci praticamente frequentando essa sociedade. A gente era pequena quando tinha alguém que tocasse uma gaitinha, todo mundo ia escutar a gaitinha a tocar. Era um tempo rústico, um tempo simples, um tempo de poucas coisas, novidades, né? E Gramado crescia, assim, devagarinho, foi crescendo, foi crescendo. E eu também fui crescendo, ficando mocinha. Então, o que aconteceu? Eu aprendi, estudei no Colégio das Irmãs, Colégio Santa Terezinha, que era muito bom, muito forte o estudo. Até o quinto ano, porque não tinha mais. E a minha avó fez eu repetir o quinto ano pra não ficar na rua. (risos) Acho que era interessante eu fazer repetir um ano. Eu já tinha feito tudo certinho e fazia de novo. Mas eram os cuidados que a minha avó tinha.

Porque aqui era uma coisa muito interessante. Quem mandava aqui era o padre. A autoridade máxima de Gramado, naquele tempo, em 1932, 1937, por aí, era o padre. Depois era o médico e depois que vinha o subdelegado. Eram três. pessoas, né? Mas o padre tinha voz ativa aqui. O que o padre dizia, todo mundo tinha que fazer. Os que eram católicos, né? E as vovós, as mães, eram carolas mesmo, aquelas de puxar rédea, né? Por exemplo, eu tinha que, eu fiz a primeira comunhão na Igreja Católica, enfim, frequentei a Igreja Católica, mas tinha esse detalhe. Quando chegava domingo, a criança, o jovencinho, tinha que ir à missa. E na volta contar para os avós o que que o padre havia dito no púlpito. Para ter certeza que a gente tinha ido à missa. Então era uma, como se diz, uma educação, assim, muito, muito apertada, né? Não tinha liberdade para nada. Nem para namorar se tinha liberdade. Era tudo controlado, tudo observado pelas vovós e títias velhas que tinha por aí, (risos) as fofoqueiras.

Mas, apesar de tudo, eu tive uma infância, uma juventude muito bonita. E a minha juventude, eu aprendi como se diz, naquele tempo não tinha roupa, uma confecção pronta em lojas. Não existia isso, confecção. A pessoa tinha que comprar o tecido e depois mandar fazer a roupa, né? Então, o que se fazia aqui? As jovens aprendiam o corte e costura para fazer suas próprias roupas. E eu sempre fui uma moça bem vestida, porque eu sempre fazia a minha roupa. Até que um dia a madre do hospital, que era a mesma madre que construía o hospital, Era a diretora da Escola de Santa Terezinha, pediu que eu ensinasse às alunas o corte e costura. Mas a gente não tinha nada pra fazer aqui. (risos) Foi uma coisa maravilhosa, né? Ensinar corte e costura, passar o tempo, como se diz. E eu acho que eu ensinei umas duzentas moças de corte e costura. E todas, então, faziam sua própria roupa, confeccionava sua própria roupa. Agora, tinha aqui costureiras, como se diz, assim, de destaque, né? Costureiras boas que iam aprender em Taquara e depois faziam as roupas antigas, com a Dona Vale Bender. Essas eram costureiras de classe. E tinha as outras que tinha menos conhecimentos como e outras, né?

Mas, enfim, foi uma época que passou o tempo. Então, eu fiquei mais ou menos, eu tinha acho que uns 15 anos? É. Aí houve uma festa, um baile na sociedade? Baile de estudante. Baile de estudante. Os estudantes, os gurus aqui estudavam em Porto Alegre e outros lugares, depois

vinham pra cá, no verão, ficavam em casa, né? fazia o baile do estudante. Tinha uns 20, 25 jovens assim. Só que eles tinham que ter uma rainha. Aí, em 1950, eu acho que foi em 1945, 1950, eu fui coroada a primeira rainha de estudante. Os bailes eram muito finos aqui, muito, assim como se diz, de tradição, gente fina. Porque nós tínhamos como presidente Leopoldo Lied, as pessoas que fundaram Gramado, e a esposa dele, ela era assim, se esmerava na educação, pra ensinar os sócios da sociedade, que foi ele que fundou a sociedade. Tinha que ajudar a ensinar, assim, como se portar dentro da sociedade. Eles eram interessantes esse casal, fora de série aqui em Gramado. Eles transmitiram a boa educação para todos que tinham aqui. Porque ela, ela foi, morava em Porto Alegre, foi para São Leopoldo, frequentava a Sociedade Orfeu. Ela era artista, assim como se diz, trabalhava como artista, né, em teatros e também tocava cítara. Era uma pessoa social. Ela então fazia os bailes, organizava tudo e dizia para as jovens como deveriam se portar e os rapazes. A Sociedade fez um estatuto tão duro, que foi o marido dela que fez, que as jovens não podiam dançar agarradinhas, a gente ficava quase 20 centímetros longe, né? Aquilo era as velhas iam lá na festa pra observar no baile. Quem estava dançando junto, um pouquinho junto, chamava assim na secretaria e ali era um chamado atenção e tinha que se portar, porque as pessoas tinham malícia, né? Naquele tempo, imagina. O jovem não podia fazer nada.

Então eu vou te contar um fato que aconteceu naquela época, só que eu ainda não tinha idade para isso. Bem no começo, Gramado, tinha jovens, inclusive filhos do Seu Leopoldo, que gostavam de fazer piquenique. E as mães só deixavam esse piquenique acontecer se a Dona Frau Bauer pudesse ir junto. A Frau Bauer, uma senhora com uma vestimenta preta, assim, coque, cabelo grisalho. A senhora é idosa, né? E a Frau Bauer pudesse junto e tudo bem. Então lá, arrumava as cestinhas, iam pro mato, porque aqui era tudo mato, né? Não tinha nada de casa aqui, iam fazer os piqueniques. Lá pelas tantas, elas davam cerveja pra Frau Bauer, sabe? E a Frau Bauer, uma senhora idosa, ficava com sono, então ela já tinha até o cobertorzinho pra botar a Frau Bauer em cima (risos). Quando elas viam que ela tava dormindo, apareciam os rapazes com violino, violão, pra fazer a dança, dançavam no mato. Eu tenho duas, três fotos, elas dançando no mato. Veja que coisa, né? Que era tudo tão proibido, né? Então ali, é claro, elas ficavam bem mais à vontade, né? Pra namorar, pra beijar, pra abraçar, porque em outro lugar não dava. E foi muito, muito rígida a educação aqui, moral, moral, muito rígida. Mas, enfim, vivia-se, né?

[Primeira Festa das Hortênsias]:

Depois de muitos anos, em 1958, houve, em 1954, houve a emancipação, 1955, né? O seu Valter Bertolino, 1955 foi a posse da primeira legislação. E seu Valter foi o primeiro prefeito.

Então, foi a Festa das Hortênsias. Não sei se vocês já não sabem sobre a história. Houve a Festa das Hortênsias, precisava ter uma Rainha e o Felipe da Rainha. Mas foi duro pra ser Rainha aqui. Veja, tinha dois partidos, o PTB e o PSD. E se confrontavam. Então, tinha cinco candidatas a Rainha, inclusive meu nome. Essas meninas tinham que vender os seus votos porque a mais votada, as mais votadas seriam, participariam de um júri vindo de Porto Alegre, pessoas importantes, né? E os meus, como é que se diz? Os meus que faziam Ai, meu Deus, que faziam a campanha pra mim meus cabos eleitorais, eles vendiam os votos e compravam picolé e sorvete, porque era verão, né? (risos). Então eu fiquei pra cinco, eu não fiquei em primeiro lugar, mas votaram. Porque não tinha importância se eu ficasse no terceiro, segundo, primeiro. O importante é que cinco seriam candidatas. Mas chegava aí, pelas seis horas, sete horas, a praça ficava lotada. Eram os dois partidos que estavam torcendo para suas candidatas, né? Era

transmitido por microfone, aplaudido. Era uma festa, cada dia que faziam a, como se diz, de contar os votos, né? Quem estava ganhando, quem não estava. Eu estava meio desligada. "Ah, se é pra mim ser rainha de você, se é pra mim ser rainha também eu vou ser, o que importa é que eu sou uma pessoa feliz, não preciso disso, né?" Mas aconteceu que no dia da eleição foi na sociedade, a eleição. De manhã às 10h, começou 10h. A sociedade lotada de gente. Tinha gente de toda parte desse Rio Grande. Eu nunca tinha visto tanta gente. Porque a imprensa já estava fazendo propaganda pra Gramado por causa das hortênsias. E aquele dia foi histórico. Uma menina que disse pra mim assim, quando havia a votação: "Você deveria sair fora deste concurso." "Por quê? Porque você tem mais idade do que eu do que a Fulana." Ah, então, não te preocupa se eu tenho mais idade, com certeza, não vou ser eleita, né? Sair eu não vou, porque não adianta querer sair, já estou, né? Mas naquele dia, quando disseram o meu nome, esse eu não vou esquecer mais. Parecia que a sociedade vinha abaixo. Era casaco voando, né? Sabe? Uma euforia, assim, fora de série. E eu fiquei toda arrepiada pensando "Meu Deus, eu nunca imaginei que eu fosse ser escolhida, né?" Mas essa menina chorou. E eu então peguei o microfone e disse que a gente não deveria chorar e ficar triste porque eu mesma dividiria este título com todas elas. Porque Gramado estava entrando em uma fase diferente, que nós tínhamos que trabalhar todas para o turismo da cidade. Que dependia de todas nós que fosse para frente essa ideia de turismo, né? Que o Walter havia implantado. E nós ajudamos realmente, foi muito bom. Enfim, eu fui escolhida, foi um baile deslumbrante, foi uma festa deslumbrante, mais que isso, o Parque Knorr Ficou marcado muito, marcado na imprensa gaúcha, que quando chegou a segunda festa, a primeira já tinha preparado tudo pra que a segunda, dois anos depois, fosse um sucesso.

Iraci Koppe:

A imprensa sempre falando, sempre falando sobre turismo de Gramado, sempre falando. Aí na segunda veio o diretor do CETUR, Oswaldo Goidanic. E 50 jornalistas pousaram aqui, foram recepcionados. Então, o próprio diretor do CETUR disse "Gramado será denominado Gramado Cidade Jardim das Hortênsias, capital do Turismo do Rio Grande do Sul". Isso em 1962.

Então nós podemos nos orgulhar que a nossa cidade aqui no Rio Grande do Sul foi realmente a cabeça que teve essa ideia do turismo. Isso já estava na nossa ideia, já estava na nossa cabeça. Porque o Leopoldo sempre transmitiu isso. Tanto que ele é considerado a primeira pessoa que falou em turismo aqui. Leopoldo Rosenfeld.

Wanderley Cavalcante

O Leopoldo Lied ainda estava vivo nessa época?

Iraci Koppe:

Ele estava. Ele morava numa chacinha lá no baque hotel, tinha uma chácara. Mas depois ele faleceu também.

Alex Müller:

Dona Iraci, a senhora falou que veio de Capinzal. Capinzal é onde?

Iraci Koppe:

É Santa Catarina. É Cidade Ouro e no meio do capinzal.

Alex Müller:

Qual é a data do nascimento da senhora?

Iraci Koppe:

15 de agosto de 1932.

Iraci Koppe:

Com cinco meses me trouxeram pra cá. Tem essa história também. E o meu avô, meu avô começou a ficar encantado com aquela criança, né? Cinco meses, foi crescendo, as minhas tias também. Então minha mãe ficou boa, a saúde ficou melhor. E meu pai veio buscar a família, afinal, novamente, né? Foi construir a família. Meu avô deu terras pra eles em Sangra. E começou a sair a mudança da minha mãe, com as crianças todas. E quando saiu o meu bercinho, o vovô Bertolucci puxou o bercinho pra dentro e disse "Essa aqui não vai, essa fica". Era eu, né? E eles me criaram, desde pequenininha. Então, desde cinco meses.

Alex Müller:

E a sua mãe, qual é o sobrenome de casa?

Iraci Koppe:

Boff.

Alex Müller:

E sobre o Bertolucci que a senhora fala do hotel...

Iraci Koppe:

Porque, assim, vou te contar a história do meu avô. Meu avô era um carreteiro em Caxias do Sul. Ele fazia transporte com carretas, como hoje fazem caminhões, né, de transportador, açúcar, café e tudo, até outros lugares. Era um homem que tinha sua vida própria, né? Só que ele namorava a minha avó, Pirina, Stangerlin, Stangerlin, o sobrenome dela, de solteira. Namorava a Pirina, mas quando saía da casa Pirina, ele tinha uma outra. Chamava-se Rosa Godeffi. As duas eram amigas, a Pirina e essa Rosa. Só que aconteceu o seguinte, que a Rosa engravidou. E foi contar para Pirina que estava grávida do Henrique Bertolucci. O que aconteceu com a minha avó, né? "Não, você casa com ela. Tá devendo seu casamento, vai casar com ela." Afinal, saiu o casamento dele com a Rosa Godeffi e ele teve cinco filhos com essa. E a minha avó, por sua vez, casou com José Boff, Ele veio lá naquele lado da Áustria, de imigrante, era alfabetizado, meuavô. E ele tocava trompete porque ele era vestido todo de tirolês, como se usa nos Alpes, né? E eu vi uma foto que ele tinha até um trompete tocando. Afinal, ela casou com esse bofe. O que aconteceu? Morreu a esposa do Henrique. Ele ficou com aquelas crianças. E não demorou mais que faleceu o marido da minha avó, o Boff. Então, eles juntaram-se, os dois, com as duas famílias. E dessa união nasceram mais cinco filhos, que ao todo, juntando eram 13, né? Mas como a minha mãe ficou doente, depois faleceu, meu avô ficou com mais cinco crianças, que éramos nós, da minha mãe. Então veja quanta gente eles criaram.

Veja só. Cinco, mais três, depois mais cinco e mais cinco, mais quatro. Era eu e meus irmãos, porque eu já estava com eles, né? Só que eles ficaram com os outros dois. Quando a minha mãe faleceu, eles ficaram com as outras crianças.

É. E meu avô, ele, quando comprou o hotel, não era hotel, era a primeira pensão, não digo a primeira, mas a segunda pensão que existiu aqui em Gramado. Nessa pensão, vinha aqueles

carreiros, vinha esses *Musterreiter* que passavam por aqui e se hospedavam ali, nessa pensão. Chamava-se Catarina Rangetti, cunhada do Bertolucci, porque o irmão dele casou com ela. E ela viu que a situação do Bertolucci estava crítica, porque juntar duas famílias, né? Porque como é que ele ia sobreviver só com carretas? E ela estava a fim de vender a pensão. Quando ela era cunhada, ofereceu a pensão para ele. Ele comprou. Comprou a pensão, então tinha cinco camas e coisa pequena, né? Mas ele teve muita sorte. Ele ganhou na loteria do estado. Muito dinheiro. Então ele fez o primeiro prédio e pôs o nome em "Hotel Familiar" Bertolucci. Não demorou muito e ganhou de novo na loteria (risos) Esse ficou milionário. Entendeu? O senhor, ele fez quatro prédios. E tinha cem camas, né? Camas de ferro, aquelas coisas de antiga, né? E os filhos foram casando. Eu já era uma bolsinha, então, sempre tá junto com a minha avô. Às vezes caía a neve e ele saía pra caçar e eu ia junto, ele levava aquela bolsinha pra botar o passarinho dentro. Então às vezes meu pezinho é atolado. E sempre, sempre assim, acha que ele é o meu anjo da guarda. "Minha filha, quando eu morrer, eu vou fazer muita falta nesse hotel aqui." Isso eu me lembro que ele dizia pra mim. E por coincidência, ele faleceu com uma cabecinha aqui no meu braço. Deu um ataque cardíaco nele. Enfim, foi uma história assim, bem interessante.

E eu fiquei mocinha, naturalmente, né? E a minha fiquei com a minha avó, porque meu avô faleceu primeiro. Minha avó continuou com a minha educação. Aí começava assim, sabe, coisa de um dia, né? Aqui já tava tudo mudado também. As pessoas começaram a não dar muita importância para essas coisas toda... aparecia americanos, não é? Que as moças fumavam, usavam calça comprida. Isso tudo começou a aparecer por aqui também. E as velhas tiveram que se conformar, né? Porque não podiam modificar nada (risos). Aí eu comecei, e depois que eu fui ali da Rainha, eu fiz uma viagem ao Rio, que eu recebi ... passagem. Fui a São Paulo, passei, falei sobre turismo, aqui em Gramado. E fui muito homenageada em Porto Alegre pela imprensa gaúcha, tanto que, até nem gostei de dizer ficar chato. Eles me adotaram como afilhada da imprensa gaúcha (risos). É coisa que eu tenho que me levar comigo, né?

E eu tive a oportunidade, porque eu ficava sempre na casa do seu Bier, que era uma um palacete na Dom Pedro II. Seu Bier era um dos sócios da Fábrica Guaíba. A gente sabe de um tipo assim, muito chique, né? Neto da Joaquina Bier, da Baronesa. E ali eu ficava com eles porque eles vinham veranear no hotel da minha avó e me levavam junto. E eles ofereceram um jantar com a imprensa gaúcha na residência deles. Em agradecimento pelo que eles fizeram pra mim. Eles também é muito bonito, né? Enfim, foi Minha vida foi muito bonita, não posso dizer nada. A única coisa, assim, que eu perdi meu avô, perdi minha avó também. Fiquei muito triste pela morte deles, né? Mas depois eu casei, fui morar em Porto Alegre por 20 anos. Depois dos vinte anos, em Porto Alegre, eu voltei pra Gramado. Mas já tinha feito essa casa pra veraneio a meio. Eu não fiz pra morar. Aqui tudo era mato, não tinha nada aqui. Só tinha duas casinhas aqui do lado. Mas era tudo, assim, primário. Gramado era primário. Não tinha nada, era muito mato, muito mato.

Eu fiquei vinte anos por lá, mas eu sempre vinha no verão porque a minha irmã morava aqui, Cardoso, né, Ivani Cardoso, tinha fábrica de hobbies, então eu vinha passar os dias na casa dela.

Alex Müller:

Quando a senhora falou que estudou no colégio de Santa Terezinha, o que que a senhora recorda do colégio? Das irmãs da escola?

Iraci Koppe:

A coisa mais importante que eu recordo: a Madre Verônica, o nome daquela rua chamada Verônica. Ela que estava cuidando da construção do Hospital São Miguel. Então ela recebeu só o muro. Aí ela começou a fazer o primeiro piso, né? Ela porque comandava tudo. E era professora e diretora do colégio ao mesmo tempo. Ela com um binóculo, porque não tinha nada na frente. O binóculo era controlava os trabalhadores. Se ela visse alguém parar, ela subia a pé lá pra cima pra comandar a turma. Então, eu lembro dela assim, como a benfeitora da cidade. Porque ela doou a sua vida por esse hospital. Quando fizeram o primeiro piso, por coincidência, eu fui olhar um documento no dia da inauguração e tem o meu nome junto. No dia da inauguração, eu achei muita graça, mas como é que eu tava lá, meu Deus do céu? Eu tinha, acho, uns 15 anos. Eu estava fazendo, trabalhando junto com uma quermesse, que angaria fundos pra ajudar o hospital. E essa Madre, ela dedicou a vida dela, não só pro colégio, mas por esse hospital, que ela deu a vida dela pra esse hospital. Quando ficou a primeira parte pronta, ela foi lá no hotel dos meus avós pedir camas e tudo pra colocar nos primeiros, no primeiro apartamento, assim, porque o doutor Nels tinha doente em outros, em outros lugares, em casos particulares, então ele queria colocar tudo lá. E ela, coitada, essa criatura trabalhou, trabalhou muito pra esse hospital e morreu do coração. Cansada. Ela morreu cansada.

Ela era de uma Congregação, a Sagrado Coração, Sagrado. Imaculado Coração de Maria. Naquele tempo não se dizia Imaculado, dizia "Sagrado Coração de Maria". Que naquele tempo dizia "Louvado seja o nosso Senhor Jesus Cristo". Tanto para a freira como para o padre, né? A gente tinha que dizer essa palavra. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo.

A escola era muito rígida, muito rígida. Mas se aprendia muita leitura, a leitura era importante. Porque eu também acho que a leitura é que abre os horizontes de uma pessoa. Pra tudo, pra estudo, pra tudo. É a leitura.

E nós tínhamos leitura, que é até ditado sobre a leitura. É que isso era uma coisa de praxe. Nós tínhamos ginástica, nós tínhamos que ser patriotas, um coração quando tocava o Hino Nacional. E era tocado toda semana tinha o Hino Nacional. Havia, na época da guerra, essa última guerra aí. Gramado, Gramado teve uma situação aqui que entre alemães e os italianos aí, uma situação meio desagradável. Porque vieram alemães, após a Primeira Guerra pra cá, e se estabeleceram aqui. Mas não eram alemães que vieram pra capinar, eram alemães intelectuais. Médicos, botânicos, artistas, professor, sabe? E se estabeleceram aqui. Então esse conjunto era considerado quinta coluna aqui, pelos italianos. Por causa da guerra, né? Era uma confusão tremenda por causa da guerra aqui.

Alex Müller:

Teve perseguição pra essas pessoas?

Iraci Koppe

Teve. Teve perseguição. Dr. Nels foi preso, o professor Hann foi preso. Mas, felizmente, esse meu tio que eu te falei, Oscar Fish... Ele tinha muita influência, sabe? Que era um homem, assim, muito educado, muito respeitado aqui. E ele foi pra Porto Alegre e tal, então conseguiu trazer os alemães de volta. Mas, Houve um fato. Ah, faziam aquelas como é que se chama? Aqueles altares na praça pra fazer a missa solene. Então tinha soldados gramadenses e tudo ali reunido. Vou falar alguma pessoa. Mas tinha brasileiros que apreciavam muito os alemães, os

italianos também. Era meia dúzia que participavam do ...como é que se chamava aquilo? Meu Deus do céu. É uma coisa que era do Brasil que cuidava desse setor. Aqui tinha que cuidar dos alemães daqui, né? O que eles faziam? O que eles não faziam? Então, esse Tinha um brasileiro aqui, um capitão reformado, o capitão Araújo, estava na praça e o professor Hugo fez o discurso sobre a pátria, sobre não sei o quê, mas que aqueles alemães que não estavam satisfeitos aqui, que fossem embora daqui. Barbaridade! O capitão Araújo pegou o revólver e contou ele pra um duelo. Ele só tinha uma mão, coitado. Que duelo ele ia fazer, né? Foi uma confusão, uma confusão, isso. Ah, coisa de guerra, né? Tem uma mistura de coisa aí. Mas, felizmente, a guerra terminou e as coisas todas foram pro lugar, mas que aqui os alemães foram muito perseguidos.

Alex Müller:

A senhora nunca ouviu falar do pessoal que já falou em guerra na época que construíram a estrada fizeram uma reforma, algo que tipo a Estrada Nova Petrópolis e Gramado. As pessoas que estavam construindo, elas saqueavam os sítios e casas dos colonos, em 1941, por aí. A senhora recorda?

Iraci Koppe::

Eu sei de 1923, da Revolução de 1923. Maragatos e pica-paus, né?

Aí existiu essa revolução aqui. Inclusive aqui em Gramado deu-se um fato. Chegaram os maragatos, um grupo, e o Major Nicoletti estava em São Francisco, comandando uma turma lá, como capitão. E aqui ficou então o pai do Romeu Riegel, no lugar dele, como é que se diz, subintendente, né, subprefeito. O Lied, que era autoridade também. Aí ele chega esse bando e foi pra igreja. Foram lá pra igreja e plantaram a bandeira deles lá. E o padre perguntou por que isso, né? Eles disseram que nós viemos aqui pra acabar com as autoridades do lugar. Nós somos maragatos. Ah, mas não foi fácil, não foi não. O Fisch pegou aquele, aquela coisa que vai no trem, sabe? Um troller. Ele foi pra Taquara, pedir reforço, né? Com esse carrinho. E nós tínhamos aqui o quê? A defesa gramadense eram cinco soldadinhos pobres, com espingardinha sem ar, sem igual, nem nada. Então ele trouxe reforço. E o que aconteceu? Eles começaram a matar os maragatos. E lá no hotel do vovô tinha uma porta que a autoridade de Taquara, esteve aqui também, bateu com uma munhequeira, uma coisa assim. Tinha direitinho, assim, a marca. Era o grande chefão maragato que estava ali, que era o hotel do meu avô. Então pegaram ele. Primeiro o Fisch, deu fim, aqui no centro, na praça. Aqui morreram uns quantos maragatos. Um deles disse: "Por favor, não me mata porque eu tenho cinco filhos." E o Fisch disse: "E eu tenho seis filhos." E matou ele na hora. Mas esse chefão, eles foram, coisa da espingarda, assim, até aquele, aquela descida que tem ali na Várzea Grande, que tem beiral, lá eles jogaram este homem. E levaram ele até pra lá, assim, com as espingardas dando nele, né? E foi horrível. É horrível essa revolução. Mas aqui, não só aqui, em toda a serra aqui tinha. Eles eram bandidos. Eles se diziam maragatos, mas não eram maragatos. Eles se juntaram aos maragatos. Porque a história é bem, bem diferente, eu vou te contar. O Nicoletti pra fundar Gramado, ele recebeu do Borges de Medeiros uma ordem: antes de mudar a sede de Linha Nova para esse lugar tem que fazer uma limpeza. Matar todos os bandidos que tinham aqui. Eram restos de revoluções e coisas que ficavam aqui nos matos, sabe? E os carreteiros, os tropeiros, tudo eram assaltados. Eram mortos aqui. Então, Borges achou interessante que primeiro fizesse uma limpeza, né?

Aí dizem que o Nicoletti foi bandido, ele não foi bandido, ele fez tudo o que ele tinha que fazer, uma ordem superior. E graças a eles nós temos uma cidade bonita. E veja, tu vai construir uma

casa no mato, né? Ali, onde está a rótula, começou o Gramado ali. Ali é o ponto onde começou Gramado. Onde é o Serra Azul, era a pensão viúva[...], onde o Nicoletti se hospedava. Do lado de cá, o ponto de informações era o cartório do Leopoldo Lied. E do outro lado, o comércio de Pedro Benetti, onde é o Santander. Ali começou o Gramado. Então tiveram que desmatar aquela parte toda. Depois conforme vinha vindo gente pra morar aqui, desmatando, construindo, desmatando, construindo, mas era tudo mato.

Alex Müller:

E a senhora tem alguma ideia do porquê quando começou as pessoas a morarem nessa região, eles fizeram uma sede do distrito lá em Linha Nova e não fizeram aqui já? Porque quando a gente pega as estradas antigas, por exemplo, a que vinha de Taquara, ela subia pela linha 28, se encontrava ali onde é hoje a escola Presidente Vargas, onde é que tá ali o chocolate Praver ali, né? E ela, pelo que a gente entende, ela ia ali por trás, onde é o Rissul e ia em direção a Linha Nova, né? E aqui, essa região não é citada muito aqui. O que será que tem?

Iraci Koppe:

É assim, vamos dizer, datas históricas, né? 19 de abril de 1904, vamos começar por aí, né? A Ato Municipal, número 72, criou o Terceiro Distrito de Taquara, com sede em Linha Bonita. Taquara não era nome Taquara, é Mundo Novo. E começou a fazer, distribuir os distritos, né? Então começou em Linha Nova. Porém, em 10 de novembro de 1904, um outro ato municipal cria o Quinto Distrito, na sede de Linha Nova.

Porque houve uma coisa com São Francisco, não sei o quê, houve uma confusão. Aí tiveram que trocar tudo de novo, né? Depois houve a transferência, né? Da linha nova pra cá e tudo direitinho, mas o que acontece é o seguinte. Nicoletti foi chamado pra administrar Linha Nova. Por quê? Porque os italianos começaram a invadir Linha Nova. Os filhos de imigrantes, como não tinha mais terra por lá, começaram a entrar comprar terra do José Manuel Correia. Ali, aquela parte já era dele. Então, ampliou muito a, como se diz, a população. E Borges de Medeiros ficou preocupado. Daqui a pouco, como vai haver divisão de terras e coisas, Caxias vai tomar esse pedaço. Então mandaram o Nicoletti lá pra administrar e politicamente, né? E ele ficou lá até que as coisas se resolveram direitinho. E quando tava tudo pronto, que tinha colégio, tinha açougue, tinha cartório, enfim, o que havia de necessidade para uma vila, que ele conseguiu formar, ele recebe notícia do Borges Medeiros que transferisse a sede do Quinto Distrito para um lugar perto da linha do trem. Aí ele ficou cinco anos procurando, procurando, procurando, e encontrou aqui, que era a Campestre, o nome, Campestre Gramado, que era mais perto de Canela, porque lá era muito longe, porque o trem ali era muito distante. E aí que, então, ele conseguiu fazer a transferência pra lá.

Esta entrevista continua e a segunda parte será publicada no número 2 da Série *Histórias de Vida*.

A entrevistada autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0012
Título: Depoimento de Lizete e Odete Casagrande	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Lizete e Odete Casagrande Moradoras da Várzea Grande, netas de Mosé Bezzi.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Lizete e Odete Casagrande apresenta memórias da vida comunitária na Várzea Grande e em áreas ligadas à antiga linha férrea de Gramado, destacando relações familiares, práticas cotidianas, sociabilidade entre vizinhos e experiências vinculadas à estação ferroviária, ao trem pagador, ao telégrafo, aos trolés e aos espaços de encontro como o rabicho e os armazéns locais. A narrativa evidencia a convivência entre famílias de origem italiana e alemã, os costumes da comunidade, as histórias de trabalho, namoro, religiosidade, comércio e lazer, além das lembranças sobre o funcionamento da ferrovia e da organização territorial, revelando um cotidiano marcado pela solidariedade, pela simplicidade das relações e pela forte identidade cultural construída em torno da memória ferroviária e da vida comunitária em Gramado.
Descritores: Memória ferroviária de Gramado/ Várzea Grande e organização comunitária/ Famílias Bezzi-Casagrande e redes de sociabilidade/ Cotidiano e cultura local (rabicho, armazém, trem pagador)/ Identidade territorial e vida comunitária

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória (X) outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: CASAGRANDE, Lizete; CASAGRANDE, Odete. Depoimento concedido a Alex Müller e Wanderley Cavalcante. Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual. (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Várzea Grande

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista possui valor **histórico** por registrar memórias sobre a ferrovia, a organização territorial e o cotidiano das famílias na Várzea Grande, contribuindo para a compreensão da formação de Gramado; apresenta valor **social** ao evidenciar as relações comunitárias, práticas de solidariedade, comércio, lazer e convivência entre diferentes grupos familiares; e possui valor **identitário** por preservar narrativas, costumes, linguagens e experiências que expressam a cultura local e reforçam o sentimento de pertencimento ao território e à memória ferroviária da comunidade.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional ()Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

XIX

DEPOIMENTO

Lizete Casagrande:

Adivinha, eu não me esqueço, ele vinha, ele vinha, ele dormia lá em casa, e aí ele saía, se despedia, tu podia ir embaixo do travesseiro, ele deixava um dinheirinho lá, uma coisa, então, sempre, sempre, sempre...

Wanderley Cavalcante

João Gabriel, a esposa dele, como é o nome?

Lizete Casagrande/Odete Casagrande:

Julieta. Não, ela é Estefânia.

Sim, Estefânia, mas a gente é chamava... Julieta, é Estefânia.

Odete Casagrande:

Eu arrumei tudo que era porque eu tenho a chave lá do cemitério. Eu tinha guardado e alguém mexeu, alguém mexeu, caiu, não sei, perdi. E agora eu escolhi tudo que era a chave que se um dia eu tiver oportunidade para ir lá levar uma flor.

Lizete Casagrande:

No cemitério, lá em Porto Alegre, tem o nome dele e tudo. Tem o nome e tudo dele.

Odete Casagrande:

Isso aí vocês não podem saber. Eu não digo que estou no fim, porque o senhor sabe que como é Deus, né? Ele sabe, ele que sabe. Mas eu nem faço questão. Eu sempre fui criada, eu fui criada pelo meu pai, meu avô e meu padrinho. Porque eu era a única guria que tinha lá na casa, porque as outras eram tudo velhas, né? Eu fui a única guria. Eu sou, só, só acompanhava os homens. Eu só escutava.

Eles me chamavam sempre juntos. O papai e o [...] e o meu padrinho. E eu ficava escutando aquelas coisas. Às vezes as minhas tias iam falar alguma coisa e eu dizia assim para tia Melina: "Tia Melina, não é assim, não é assim". Como é que tu sabe que você sabe? Eu nunca dizia que era o padrinho ou alguém que me dissesse. Eu sempre ficava comigo, ele me pediu, né? Porque aqui falava, sabe como é que é, aquelas coisas todas, né? Eu era mais assim, tinha a responsabilidade de homem, né? Agora, o homem tinha um monte que nós tinha, tinha o 5, mais 2, o Moisés, o Mírio, era tudo uma porção de gurizada lá em casa.

Lizete Casagrande:

Ela tem diferença de 10 anos comigo, mas a mais velho já faleceu, o Alberto, sim, só somos duas.

Odete Casagrande:

Assim, eu fui criada a tudo, caía uma barreira aqui, eu falava no telégrafo. Eu tinha uma prima que um dia pegou um trole daqueles sem nada e saiu correndo para lá, para baixo, quase se matava.

Lizete Casagrande:

O trole era assim, o trole tinha o eixo e aquelas 2 rodas e depois era de madeira em cima, né? E para travar era um pau assim que tinha assim, aí travava. E as mulheres se inventaram no domingo, e as mulheres lá, as mocinhas lá de lá das coisas mais parentes, não é que inventaram, pois não é que na curva lá começaram a ver e se atiraram, todo mundo se atirou lá nas coisas, a sorte é que ninguém se matou, ninguém fica nada. Mas aquele controle se foi até o Alan. Até o maquinista Alan, era o maquinista lá, foi parar e aí viram que as coisas mais elas não se machucaram e vieram pra casa [...] porque senão eles não apanhavam do falecido vovô.

Wanderley Cavalcante

Vocês sabem por que que o nome da estação era Maura, maquinista Maura?

Odete Casagrande:

Maura é o seguinte: Halllan e Maura, mais perto. A Maura era dos Vitorazzi. Eu não posso dizer com certeza. Mas lá uma vez houve uma morte. Mas não posso lhe dizer se foi por causa disso. Só que eu ouvi assim, cochichos, cochichos, cochichos. E daí chamávamos sempre a parada, tinha um nome, a parada lá. Não, a parada era da caixa d'água, mas pra cá era a Maura. E ele disse, agora em diante vão chamar Maura.

Só que um Garcia matou um Vitorassi numa briga. Eram vizinhos lá.

...

Lizete Casagrande:

Mas eles tudo ali, os Tomazi, os Bezzi, tudo, era tudo, família, nós ali, tudo, a gente, tudo, tudo, o Abel Tomazi, ele, quando a mãe tava doente lá, ele ia lá, gostava da mamãe.

Não, é como eu lhe disse, se o meu irmão tiver em casa ali, ele pode ir lá junto com o senhor. Eu já falei isso para ele. O senhor fala com ele, olha, sua irmã, que falou e tudo, que o senhor ele sabe.

Odete Casagrande:

Só que tem uma coisa, o Remy é surdo...

Lizete Casagrande:

Ah, não, eu já disse pra ele, que ele tem que falar bem alto com ele, né?

Odete Casagrande:

É preferível, Lizete, que o Remy sempre mais ficou fora. É preferível gente que morava ali...

Lizete Casagrande:

Mas ali dos nossos ali só tem o Remy, agora ali, que sabe.

Wanderley Cavalcante

Deixa eu fazer uma pergunta, tem um ponto da história, além desses que eu citei, Rabicho, Trilha, aquela trilha a pé, que é a casa de Moze Beze. E tentaram negociar com vocês ao longo de todos esses anos e não conseguiram, e ano passado ela caiu, né?

Lizete Casagrande:

Estava tudo caindo, nós pedimos para a prefeitura, porque tinha o zinco em cima, que é que era para ajudar com o caminhão, para a gente mandar, não vieram.

...

São vários irmãos, um já faleceu, tem os filhos, tem as coisas. Teria que fazer uma reunião com os que estão ali para saber, porque tem vários herdeiros, não é só os irmãos. os netos, depois tem os sobrinhos deles também, que são herdeiros, sabe? Tem várias gente, tem muita gente ali.

Odete Casagrande:

E se vendia remédio, Isso a Nair pode falar. Sim. Mas se vendia tripa, sardinha, fumo, tudo. Tudo que é num armazém mesmo.

Eu vou lhe contar uma coisa. Uma vez eu tinha um namorado, não, eu fui no Sander e ele dançou comigo um pouco lá. E ele, sei lá. E ele começou a vir de Sander e ele ia para Gramado, ou Canela, não sei. E ele descia lá em Várzea Grande, porque ele entrava na loja e queria falar comigo, me trazia um dia uns bombons, outro dia, alguma coisa assim. E um dia, até eu já tinha falado com outro rapaz, ele disse, não, eu vou fazer uma história nisso aqui. E um dia ele me trouxe uma cestinha de moranguinho, os moranguinhos, mas eu gelei, sabe? Eu não queria, eu era guria ainda, sei lá. Eu acho que tinha 15, 16 anos, mas não. E ele me deu. E daí ele me deu e deixou aqui. Olha aqui, Odete, eu trouxe pra ti, o Willerich, né? Eu trouxe pra ti, né? Ele muito risonho, muito querido, rapaz. Eu disse obrigado, muito acanhada. E daí eu fui para trás e ele subiu o rabicho. A loja era assim, ele tinha que vir aqui assim e subiu o rabicho lá. E eu saí dali, eu disse obrigado e fui lá. Lá tinha uma porta e ele lá de cima, quando me viu, eu fui espiar ele e ele disse espia, mas não espalha, viu? (risos)

Faz uns oito anos, mais ou menos, morreu uma senhora aqui. E ele casou, ele ficou viúvo, casou com uma filha. E eu fui no velório dessa senhora, mas nem sabia, né? Vi um homem todo chique, todo de preto lá na mortuária, tudo. Aquele beijo que levantou, por mais que eu nunca contei isso, não foi há muito tempo, não. Se levantou e veio o Seu Dete. Eu gelei, você sabe, eu

gelei. Eu era casada, [...] não tinha morrido ainda. Mas eu gelei assim, era um lugar tão bonito. Os namorados saíam, iam lá no rabicho, lá gritavam, mandavam um abraço para um, mandavam um abraço para outro. O senhor sabe, era romântico aquilo. A gente ouvia completamente, que naquele tempo não tinha esse barulheiro, essas coisas.

Chegava no rabicho num instante, porque aí ele subia o rabicho a pé. E como eu disse, até que o trem chegava lá, demorava, o trem dava volta, o senhor sabe. E era assim, então, no fim depois, eu contei para os guri lá e tudo, nós levava tudo uma brincadeira, né, porque dava trote e tudo, né. E assim, por isso que eu digo, e por isso também que os veranistas sempre diziam que Várzea Grande era um lugar muito romântico, porque era várzea, mas se tinha alegria, que era bonito, era a igreja. Aquele morro ali, onde que é o morro, o sol ali, a Vila do Sol de cevada...

Lizete Casagrande:

Aquilo ali é um morro. Eu tenho até tenho uma, o seu Alcino também tem, porque ele era eles que era depois ficaram ali cuidando da Brahma. Era antes da Brahma, era a Continental, plantavam ali tudo naquele morro, cevada, então quando era verde, aquele verde, então aquilo ali assim parecia o mar. Aí depois quando ficava amarelo, que era a coisa mais linda, que aquele sol batia, aquelas coisas e tudo, depois os empregados, eles iam lá cortar para aquela cevada, com a trilhadeira, né, e tudo, e aquilo ia tudo, depois de trem para Porto Alegre.

Odete Casagrande:

Tinha tudo. Tinha pessoas que visitavam para ver essas coisa. E iam lá naqueles morros para tirar fotografia.

Lizete Casagrande:

E ali, agora que a Odete falou, ali no rabicho, tinha as de origem alemã, elas iam em domingo e nós era a nova assim, elas iam lá em cima, naquele rabicho, era a coisa mais linda. A gente ficava lá embaixo escutando elas cantando, te lembra, as do Valdemar Fischer lá, aquela isso, aquelas do Valdemar Fischer lá, elas subiam, elas tinham bandolim, acho que era a viola, tocavam. E cantava, e nós lá embaixo, ouvindo aquilo, era a coisa mais linda para nós. Lindo, lindo aquilo aí. Eu falei esses dias para o Remi, digo que tu te lembra, Remi, das coisas?

E elas cantavam, cantavam em alemão, cantando a música que elas sabiam, em alemão e tudo. Eram umas moças bonitas, as Fischer, né? Fichas eram 2 ou 3, era uma porção, uma morreu, já faz tempo.

Acho que não tinha barulho, não tinha carro, não tinha nada. Eu vou lhe mostrar onde é a casa ali perto da estação, um pouquinho para lá da estação. Eu digo o dia que você estiver na Várzea, se eu estiver lá, eu vou dar um pulo lá. E esse meu irmão conhecia elas tudo.

Wanderley Cavalcante

Se deixar, eu fico aqui. Eu volto aqui uma outra oportunidade, tá?

Odete Casagrande:

Aqui ninguém faz nada (risos). O senhor nem sentou (risos)

Wanderley Cavalcante

Então eu vou dar uma ocupação para vocês daqui a pouco, tem muita coisa para ouvir.

Lizete Casagrande:

Eu vou apresentar o Ari Fish e o outro...

... jogar carta, o pessoal do trem pagador, e o dinheiro lá no trem pagador.

Wanderley Cavalcante

Lá na estação?

Lizete Casagrande/Odete Casagrande:

Na estação. E ninguém nunca pegou um tostão...

...e deixava assim que quando eu me lembro disso, trem pagador!!

Wanderley Cavalcante

Trem pagador era um vagão só?

Lizete Casagrande/Odete Casagrande:

Era um vagão só. Não, dois, dois. Era um que ficava o pessoal assim e o outro que vinha o trem com o dinheiro. Eles iam jogar carta lá na casa do meu avô.

Sim, eles iam jogar lá no trem pagador também.

Lizete Casagrande:

Também iam lá também, mas não, eles iam lá e a gente dizia, trem pagador, e a gente nem sabia que , tinha o dinheiro lá dentro, era trem pagador, mas é deixava dinheiro...

Wanderley Cavalcante

Levava o dinheiro pra onde? Pra cá, pra cidade?

Lizete Casagrande/Eles pagavam os empregados, né? Eles pagavam os empregados lá na frente da estação. Sim, eles vinham pra entregar.

Lizete Casagrande:

Para receber, sabe o que trabalhava nos trilhos assim, essas coisas, né? Assim mesmo, eu acho que nem tinha envelope.

Odete Casagrande:

Tinha, tinha o envelope amarelo. E daí ele fazia assim, “João Garcia” e falava, chamava, ele saía da plataforma, ia lá, pegava e pronto, entrava, entrava, eles pagavam lá dentro.

Lizete Casagrande::

Da estação. Nunca você ouviu dizer que alguém tivesse pego nada de ninguém?

As entrevistadas autorizaram a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.

Gramado, março de 2026

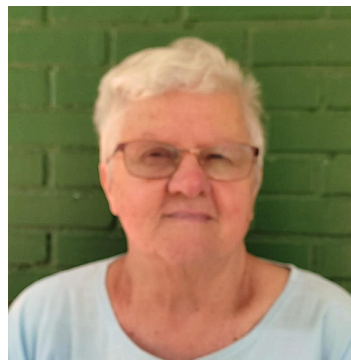


Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0013
Título: Depoimento de Rosa Maria Peteffi	Produtor: Karahá História e Cultura
Local: Mazurana (loteamento) - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Rosa Maria Peteffi Professora aposentada do município.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Rosa Maria Peteffi apresenta uma narrativa sobre a formação familiar, educacional e comunitária em Gramado, destacando a trajetória de uma professora aposentada vinculada às localidades de Serra Grande, Mazurana e Forquilha, com forte presença das memórias da imigração italiana, da organização territorial das famílias Peteffi e da história da educação rural. A entrevistada relembra sua formação escolar, o ingresso precoce no magistério, as dificuldades de acesso à educação, o funcionamento das escolas e o cotidiano pedagógico, além de abordar práticas culturais como o canto coral, os desfiles cívicos, a religiosidade e a convivência comunitária, refletindo também sobre mudanças sociais contemporâneas, como o enfraquecimento das relações comunitárias e da cultura escolar tradicional, evidenciando a memória como elemento estruturante da identidade e da história local.
Descritores: Memória da educação rural em Gramado/ Imigração italiana e família Peteffi/ Formação comunitária e territorial (Serra Grande, Mazurana e Forquilha)/ Trajetória docente e cultura escolar/ Cultura comunitária e identidade local

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Alex Müller
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

Ref.: PETEFFI, Rosa. Depoimento concedido a Alex Müller; Eduardo Weber; Wanderley Cavalcante, Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual (transcrição editada). Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: ____ ____ ____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Serra Grande, Mazurana; Forquilha

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista apresenta valor histórico, social e identitário por registrar a trajetória de uma professora que vivenciou a formação educacional e comunitária de Gramado, preservando memórias da imigração italiana, da organização territorial das famílias, do cotidiano das escolas rurais e das práticas culturais e religiosas que estruturaram a vida social local, contribuindo para a compreensão da identidade gramadense e das transformações socioculturais ao longo do tempo.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional ()Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

XX-X-VIII

DEPOIMENTO

Alex Müller

Para identificar, como é que é o nome completo da senhora e a data de nascimento?

Rosa Peteffi:

Rosa Maria Peteffi. Dois F. Setembro de 1950.

Alex Müller

E a senhora é natural de onde?

Rosa Peteffi:

Aqui mesmo, nasci na Serra Grande. Morei oito anos na Serra Grande, lá perto do Capes, lá pra baixo. Ali um pouquinho mais perto do moinho que tem um açude. Ali eu nasci. A Serra Grande alemã.

Alex Müller

O moinho não existe mais, né?

Rosa Peteffi:

Sim, só o açude.

Alex Müller

E tem uma casa ali do lado, né? Que era, não sei se era da época do moinho, uma casa antiga.

Rosa Peteffi:

É, era da Geni, ela também era professora. Se entrevistar ela, ela sabe um monte de coisa de lá de antigamente.

Alex Müller

A senhora é casada?

Rosa Peteffi:

Divorciada.

Alex Müller

Como era o nome do seu esposo?

Rosa Peteffi:

Anselmo Mosken Libarti. Parente dos Libarti.

Alex Müller

A senhora tem filhos?

Rosa Peteffi:

Sim, Jefferson Mosken Libarti.

Alex Müller

Qual sua profissão?

Rosa Peteffi:

Professora aposentada. Professora municipal aposentada.

Alex Müller

Seus avós paternos eram?

Rosa Peteffi:

Claudino e Angélica Peteffi

Alex Müller

Qual era o sobrenome 'de casa' da Angélica?

Rosa Peteffi:

Bordin.

Alex Müller

Seus avós maternos...?

Rosa Peteffi:

Vitório e Ana Tomásia. A avó era Fabriele de casa. Eu acho que eram lá de Galópolis.

Alex Müller

E os seus pais...

Rosa Peteffi:

Waldemar e Maria Peteffi? Maria Linda Tomásia, de casa. Nascidos aqui em Gramado. Lá embaixo também.

Alex Müller

E os Peteffi são originários de onde?

Rosa Peteffi:

Vieram da Itália. Os meus bisavós, tataravós.

Eu, não me lembro do nome do meu bisavô Peteffi, acho que era José.

Se tu vai lá naquela casa lá, tu vai encontrar isso aí tudo [casa da Praça das Etnias]

O meu primo foi pra Itália e ele fez a genealogia. A mulher me mostrou os dados lá e ele trouxe até do meu bisavô.

Alex Müller

E eles vieram e se estabeleceram aqui nessa terra, tinham a casa aqui, que a senhora falou que a casa ficava no Mazurana, né?

Rosa Peteffi:

O meu bisavô, sim. que eu conheci, ele morou aqui e depois daí meu avô comprou as terras dele.

Alex Müller

E essa casa, onde está o loteamento do Mazurana, era terra da família Peteffi?

Rosa Peteffi:

Peteffi. Porque foi o Luiz Mazurana que comprou, mas era tudo Peteffi. É que no caso, em Gramado, dentro da casa, lá, está toda a história da família Peteffi. Tem outros, tem outros, assim, muitas coisas antigas também, máquina de costura e coisas mais. A origem das pessoas, o sobrenome é dos Peteffi que tem lá, casa do meu avô. Sim. Ah, eu não sei o nome dele, só do José, eu lembro.

Alex Müller

A senhora então era professora, hoje é professora aposentada? O que que levou a senhora a se tornar professora?

Rosa Peteffi

Eu sempre gostei, sabe, sempre. Desde que na aula eu gostava de fazer teatro, de me comunicar com as pessoas. Eu sempre assistia bastante na igreja, sempre cantava no coral da igreja. E daí a minha tia era professora e com 17 anos eu fui. Na aula, na aula em Forquilha. Olha, me adaptei bem com as pessoas e fiquei. Daí eu trabalhei 35 anos de professora. E nunca me passou pela cabeça de trocar de profissão.

Se eu pudesse voltar atrás, eu podia tudo de novo. Minha tia era a Doraci Speb.

Alex Müller

E como é que funcionava pra se tornar professora na sua época, na época da sua tia?

Rosa Peteffi

Na época eu me tornei professora, estudei até a quinta série, aqui na Padre Anchieta tinha até a quarta. Daí eu fui na sala grande. Eu acho que com dez anos eu já tinha terminado a quarta série aqui. Aí não tinha dinheiro na aula. Meu pai não queria que eu parasse de estudar. E daí eu ia na Sara Grande sem ser matriculada, só pra ir assim. Daí eu fiz a quinta série lá na Pompéia. Não era aquela escola ali, era mais pra cima um prédio velho. E daí eu repeti dois anos na quinta série, daí eu fiquei dois anos em casa. Daí eu fui com a minha tia fazer uns cursos intensivos. janeiro, fevereiro, em Gramado, eles davam uns cursinhos, sabe? E daí eu fui com ela, eu completei dezessete anos em setembro, que em dezembro eu fui fazer esses cursos com a minha tia, e em março eu já comecei a substituir professores, com o quinto, só com o quinto ali, os cursos que eu tinha.

Isso em 1967, 68, acho. Porque minha carteira está assinada depois de 70. Eu acho que é 68, 67. E daí depois, daí nós tínhamos que fazer o primeiro grau, fiz por Madureza, tinha que estudar, escutar as aulas no rádio, não sei mais como é que era, com as aulas no rádio, daí tinha as apostilas, daí nós tínhamos que prestar provas, meu Deus, em Porto Alegre, né, num colégio lá. Um colégio de Taquara, no Cruzeiro do Sul.

Alex Müller

No IACS? Instituto Adventista Cruzeiro do Sul?

Rosa Peteffi

Isso! Ali. Imagina quantos anos fazem. Ainda lembro, faz cinquenta anos mais, já. E daí tinha que era média, eu não lembro que era cinquenta pra prova, daí tinha que olhar o nome assim, "Aí quem passou Aí, daí eu lecionei, eu lecionei assim, com o primeiro grau. Daí surgiu que tinha que fazer o magistério. Daí a Vera Pante disse "Se tu não...". Eu fiz o magistério, eu já tinha quase vinte anos de trabalho, eu trabalhava aqui, já tinha dez anos aqui. Daí se surgiu uma professora que tá formada, tu tem que dar a tua vaga pra ela. Meu Deus, daí nós tínhamos, no período de férias, janeiro, fevereiro e julho. Três anos em São Francisco, que fazer magistério.

...

Era na escola José de Alencar. Era de morrer de frio lá em julho, meu senhor. Passei a estudar de manhã, de tarde e de noite. E provas e trabalhos. E daí fiz a formatura. Aí depois, com quarenta e dois anos, eu me aposentei logo que tinha terminado. Aí fiz concurso, eu passei, daí lecionei mais quase dez anos. Eu tinha até cinquenta anos de idade. Eu lecionava aqui na Padre Anchieta e daí foi construído uma escola aqui na... do Zucoloto. É diretor, tinha faculdade, tudo, mas não tinha experiência. E daí a Vera Pante disse "tu vai lá com ela trabalhar". E daí fui trabalhar ali como uma ... do Zucoloto. Aí depois, quando eu tinha 51 anos, aí não aguentei mais, eu parei.

Alex Müller

Não aguentou mais por que?

Rosa Peteffi

Ah, eu enfrentei a depressão. É muita coisa, né? Problemas da vida, problemas particulares, problemas, aí as crianças já eram diferentes, sabe? Hoje em dia... antigamente o professor tinha mais pulso, podia segurar mais. Hoje em dia parece que fazem o que querem, né, eles não valorizam o professor. Antigamente a gente era valorizado.

Alex Müller

O que que a senhora quer dizer com valorizado? Em que sentido?

Rosa Peteffi

Mais respeito, eu acho.

... daí as crianças vinham tudo, aqui era estrada de chão, não tinha só aqui de hoje, daí eles vinham tudo e os vinte e sete, trinta alunos, todos saíram juntas, de primeira, terceira, quarta e quinta. Antes tinha o prédio. Aí eu já dava a chave pro mais velho, quarta série, que ia na frente, abria a escola, acender o fogão a lenha, botar a água, esquentar. Nessa época da Azaléia, botar um buquezinho de flores em cima da mesa e esperar a professora chegar. Quando eu apontava ali, já tava na fila, a fila dos guri e a fila das gurias.

Aí já quando eu fui pra Pedro Zucolotto, trinta anos depois, tinha diretora, tinha tudo. Aí tinha que bater e bater a sineta, não queriam entrar. Então eu acho assim que você perdeu o respeito pelo professor, né. Quando eu comecei não era assim. Aí depois eu parei, eu não sei nem mais, só que eu vejo assim como é que é, com meus sobrinhos, que é diferente.

Alex Müller

Qual é a lembrança da senhora da época de escola enquanto aluna, quando a senhora era aluna?

Rosa Peteffi

A primeira escola que eu fui foi quando eu morava na Serra Grande, lá no açude, lá embaixo, no Gambello. Era uma escolinha, um prédiozinho assim, umas madeiras, umas tábua larga, o banheiro era na rua, aquela casinha, e água, nós ia buscar num poço com balde, mas não tinha merenda, nós levava de casa uma merenda. A primeira escola que eu fui era lá.

Era a Pedro Álvares Cabral. Hoje não tem mais escola nenhuma lá. Não, não tem mais prédio não. Mais nenhum, foi construído três quatro prédios depois de mim. Aí depois, quando eu vim pra cá, não vou esquecer nunca, que daí foi na aula, daí com oito anos eu vim pra cá morar. Isso aqui e aqui tinha tudo parreiral, meu pai trabalhava em parreira. Aqui meu vô tinha três parreirais enormes, nato de origem italiano, né. Meu vô tinha as pipa ali, nossa, tinha vinho, daí meu pai veio da Serra Grande pra cá ajudar o pai dele a trabalhar nas parreiras. Daí eu ia na aula aqui, na Padre Anchieta. Aí eu fui aluna, fui professora aqui e tudo.

Como minha professora foi tia Carmelina Mazurana... E eu tinha uma professora que era deficiente, já tinha passado paralisia infantil, Amélia Caziragui. Ela vinha a cavalo e nós ajudava ela a desmontar o cavalo e depois amarava o cavalo para ela atrás da escola. Aí nós ia buscar pro cavalo, do lado de lá acendia pasto, daí os outros garotos pegavam a foicinha e cortava pasto pro cavalo. E nós ajudava ela a andar dentro das salas da professora. E me pensa assim... meu Deus, se fosse hoje, as crianças não fariam mais isso que nós fazíamos. Nós tínhamos respeito por ela. Nós éramos, eu pensava uns 30, 40 quilos, quando tinha 18 anos, não era assim. Nós ajudava a professora a levantar o pé pra subir no cavalo pra ir embora. E tinha a escolinha, era tudo cercado com arame farpado, quando estudei aqui. Depois eu fui na Serra Grande, um ano, dois,

repeti a série lá e depois eu fui lecionar. Eu acho que tinha brizoleta. As brisoleta foram construídas nos anos 60.

...

Foi na época que o Leonel Brizola era governador. E daí ele construiu essas escolas, eu acho, em todo o Rio Grande do Sul. Eu conheci aqui, quando eu comecei a trabalhar, depois que eu deixei de estudar, que tinha uns prédios, só tinha brizoleta. Quando eu fui no Arroio Forquilha tinha brizoleta, no [...] tinha brizoleta, no Quilombo. Aqui, depois que fizeram umas escolas de alvenaria, não tinha nada diferente, só tinha o mesmo padrão, em todas aquela áreazinha azul na frente, foi tudo no mesmo formato, essa brizoleta.

...

Lá na Serra Grande o professor era o Pedro Gomes da Silveira. Ele era natural de Rolante. Ele morava dentro do pavilhão da igreja. Solteiro. E ele dava aula no pavilhão da igreja, quando eu estudava.

E lá naquela escola, Pedro Álvares Cabral, tinha a Amália. O sobrenome eu não sei, acho que era Amália. E essa aqui de Anchieta era Amália Casiraghi, mas lá eu não sei. Era uma morena que vinha de canela, porque antigamente os professores não iam de carro, de ônibus, eles vinham de fora e ficavam de pensão nas casas, sabe?

...

Quando eu saí de casa, chorei tanto, tanto, só eu de moça. Tem mais três irmãos, mas tinha que trabalhar, alguma coisa que eu tinha que fazer na vida. Daí eu tinha que morar lá na Forquilha. Morar numa casa lá. E daí quando eu cheguei lá, aqui tinha luz, Lá não tinha luz onde eu fui morar. Era uma casinha com umas janelinhas, sem vidro, e puxava assim a janela e ficava escuro. Se eu deixava aberto, ficava frio. Pra mim fazer os trabalhos de aula de noite. Pra fazer trabalho de aula de dia, deixava aberto, era frio, só fechava e ficava escuro. Daí eu tinha que acender a vela. E eu tinha que morar lá. E daí, eu fui com o meu pai, Me levou de leiteiro. Eu subi em cima do leiteiro, eu tinha os cabelos compridos assim. Eu botei um lenço amarrado. E ficou mal. Cheguei lá, queria chorar quando meu pai veio embora e queria me atirar atrás do caminhão. A mulher disse assim pro meu pai, nunca esqueço: “Eu vou dar pensão pra ela, mas eu quero saber se ela sabe duas coisas. Eu não vou cobrar pensão”. A mulher tava grávida e daí em março ela ia ganhar o neném, ganha um mês, dia 27 de março. “Ela sabe tirar leite. Você vai tirar leite, né?” Mas como em casa eu fazia tudo, meu pai "Sim, ela sabe tirar leite". "Ah, sim, ela sabe cuidar de criança?”. Sou a mais velha, tinha mais três menor que eu que cuidava. Agora sobrou pra mim, vou ter que ficar aqui. Eu fiquei de pensão lá, na casa, um mês. que vim pra casa. Não tinha leiteiro, só se eu vinha com leiteiro, mas daí se eu vinha na sexta, daí não tinha com quem ir embora na segunda. Daí eu sei que fiquei, eu fui lá no começo de março, daí eu vim só pra casa na Páscoa, que tinha quarta, não tinha aula em quarta, quinta, sexta e sábado. Muitas professoras vinham de Taquara, ficavam hospedadas lá na Linha Nova, Furnas, casaram, ficaram por ali. É como os professores vem agora trabalhar aqui, vocês podem ir e voltar. Mas na época não tinha que ir e voltar, tinha que vir e ficar.

...

Se a professora lecionasse só meio turno, e no outro turno trabalhasse, trabalhasse o que for, né? Não precisava pagar. E a minha tia não pagava e eu nunca paguei pensão. Mas também, eu trabalhava de manhã na casa de gente estranha, né? Uma criança ainda. Dezesete para dezoito anos, quando eu comecei. Eu lecionava de manhã, aí de meio-dia quando eu chegava em casa, a mulher deixava o almoço, nós almoçava, ela pegava a carreta com o marido dela e iam plantar fumo, lá do outro lado do Rio Caí, que pertencia a Caxias. Olha só a confiança que eles tinham. Deixava o gurizinho com um mês, dois comigo, toda a tarde. E daí, quando chegava de noite, ela ficava na cozinha e eu tinha que ir lá pra estrebaria tirar leite. Daí não precisava pagar pensão. Se não trabalhasse tinha que pagar.

...

Não tinha chuveiro pra tomar banho, nem chuveiro quente, que nem hoje e coisa com estufa dentro do banheiro. Hoje eu tenho, mas hoje eu já tô velha. Na época eles botavam uns regadores e pendurava no porão, só que o porão era chão batido, e pendurava ele cheio de água quente. Daí quando a gente tirava a roupa, daí puxava o regador com o chuveirinho e tomava banho assim. E daí não dava pra tomar banho assim todos os dias. Quantos daí você lava e lava aquele sabão feito em casa, ficava aquele cheiro de esterco de vaca,. Mas era assim. Se a gente queria trabalhar e lecionar fora, era assim, tinha que parar fora, senão... Hoje em dia, se fosse que hoje em dia tivesse que parar fora, ninguém ia mais nunca.

Alex Müller

E como é que funcionava o planejamento da aula assim? Tinha pessoas que ajudavam na escola ou a senhora era sozinha?

Rosa Peteffi

Ninguém. Eu era sozinha, ninguém ajudava. Aí tinha as crianças de primeira à quarta série, a gente tinha que se organizar, nem sei como fazia. Se fosse hoje, eu acho que não saberia. Tinha que fazer a merenda, tinha que ter lenha e fazer fogo. As crianças mais velhas, toda a quarta série ajudava a fazer a merenda, ajudava a copiar para as terceiras que se atrasava, e os que terminavam e iam lá ajudar a primeira série a copiar, e as crianças se ajudavam entre si. a gente monitorava, né. E cada um tinha um quadrinho, cada um tinha, cada semana tinha, fazia a merenda na terceira,, lavava a louça, tudo a gente fazia um esquema, um cartazinho, cada um tinha o seu nome. Eu penso como é que fazia. Não sei. E sabe uma coisa? Eles sabiam ler e escrever melhor que hoje. Olha, eu tenho alunos que eu vou pra Gramado, hoje eles me cumprimentam e dizem: "Graças, que a senhora me ensinou. Sou empresário, sou gente que sabe que depois com vontade de trabalhar, né? Hoje em dia eu vejo que eles escrevem muito errado. Bota M, letra maiúscula, M, B, I, dois S, S, S, C E na época eles sabiam. Hoje parece que essas novas tecnologias ganham tudo pronto, né?

Alex Müller

E como é que a senhora alfabetizava essa gurizada?

Rosa Peteffi

Assim, só a primeira série, quer saber, sabe, põe a primeira série e continua, né? Alfabetizava assim, nós tínhamos os cartazes com as vogais, depois as combinações das vogais, tudo exposto na parede. ver como era bonita a escolinha aqui, os cartazes. Depois tinha a palavra chave, se dá

certo, letra V com as combinações das vogais, as consoantes com as combinações das vogais, letra V com o A, faz vá. E assim sucessivamente com as outras consoantes depois, conforme a gente notava que a criança ia aprendendo, aí tu ia emendando. Eu lembro que sempre no mês de maio, eu dava a letra M pra trabalhar mamãe, daí se ele já tinha dado, se eu tivesse dado uma outra consoante, com o P , aí juntava, a emenda da mamãe com o A, P do papai com o A, Marapá, sabe? Depois que a criança, depois que eles descobriram o som, pra juntar as letras, não precisava muita tecnologia. Hoje precisa de um monte de coisa. Vocês tem que ter reforço, tem que ter Eu tinha na Serra Grande lá, eu lecionei na Flores da Cunha também.

Alex Müller

E todas essas escolas a senhora sempre foi sozinha?

Rosa Peteffi

A Flores da Cunha já era de duas professoras porque tinha muitos alunos, mas cada uma com uma. Eu tinha, eu não sei, eu tinha duas séries e a outra também. O professor tinha duas, três séries.

Alex Müller

E quantos alunos chegava a ter?

Rosa Peteffi

Ah, quando tinha duas professoras eu devia ter mais de trinta.

Eu trabalhei com vinte e sete com todas as séries, pra mim dava. E quando nós lecionávamos o dia todo, eles não pagavam dois salários, pagavam desdobramento só a metade. Não sei se era a lei, o que que era, não, ganhava só a metade.

E eu lecionava na Flores da Cunha, e era tudo de origem alemã. E eu não sei falar alemão nada, só italiano, italiano eu falo tudo. E daí outra professora falava tudo alemão.

E eu não entendia nada alemão. E nas reuniões, ela falava tudo em alemão com as mulheres. Eu disse um dia - Pera, se tu continuar falando alemão , eu falei _ Mas na reunião . Ela assim, sabe, sem querer, falava, porque as mulheres não sabiam o português, daí ela falava o alemão. Mas eu alfabetizar os alunos, eu tinha que alfabetizar o português. Eu ia escrever B , ele escrevia um B . E mas se escrever F , V escrevia um F, _V escrever _ Foi e escreveu um _ Voi . Aí eu usei toda uma estratégia, daí eu tinha que fazer, aí eu fiz cartazes com desenhos para eles, para eles visualizarem o desenho, para receber a palavra. Eu tinha oito que só falava alemão, no fim do ano eu alfabetizei tudo. Claro que aquele sotaque alemão eles não perderam. Sim. Mas, é, mas eu falava viam, né? É que a gente se esforçava, né?

Alex Müller

O que acontecia com o aluno que causava problema, se é que tinha aluno que causava problema. Tinha alguma medida corretiva? O aluno não fez tema, o aluno tá aprontou na sala de aula, o que que fazia com esse aluno?

Rosa Peteffi

Nós tinha que resolver tudo sozinhos.

Não tinha como mandar direção, não existia. Aí nós tinha que chamar os pais. Eu assim já não tive problema de ter que transferir alunos, mas teve, teve na turma da outra professora que tava comigo, o filho dela e mais um outro, só brigavam. Não prestava atenção em nada. Mas eram os dois que não fizeram nada com nada. Daí o que que ela fez? Ela mandou o filho dela estudar. A professora Vera mandou o filho dela estudar na Pedro Alves Cabral e o Norton ficou na Flores da Cuia. Separou os alunos. Um acordo com os pais, né. Porque mandava pra Gramado, falar com o secretário de educação. Não existia. Hoje uma escola se resolve, né? Sim. Mas na época não existia. E quando eu tava sozinho lá pra onde for que ia lá pra baixo, eu tinha que resolver sozinho.

Alex Müller

Não era comum usar castigo mais severo, que nem antigamente, tipo com palmatória?

Rosa Peteffi

Não. Quando eu comecei a trabalhar, não. Ah, tu fez isso, não fez o tema? Então tu vai fazer o tema lá do recreio. Aí chegava uma vez só. Uma vez uma professora parece que bateu com uma vara num guri. Eu nasci como Dom Monte. Os pais processaram ela,

...

Ah, eu não gosto de maltratar as crianças, de bater, de assim, de tirar um brinquedo que eles gostam. Isso machuca a criança. Eu acho que violência gera violência. Uma criança que já vem agressiva, cheia de problemas, se tu vai bater, eu acho que se torna pior. Eu nunca ninguém me disse bate, faz isso, faz aquilo. Eu fazia por conta, mas eu nunca bati numa criança, nunca, nunca eu puxei as orelhas, nunca, nunca. Só na conversa.

Alex Müller

Como é que funciona? A senhora falou que fazia merenda, cuidava de uma série de coisas na escola. Quando a pessoa se tornava professora naquela época, ela já tava sabendo que ia ter que fazer tudo isso? Ou ela chegava na escola e aquilo caia na cabeça assim sem saber?

Rosa Peteffi

Não sabia. Tinha muitas que desistiam, muitas. E teve muitas colegas que, nossa, mas eram super amigas, depois elas foram embora, até tinha uma, Tinha aquela Fabiane, o nome dela, nossa, ela era tão amiga. Ela morava em Caxias. Eu sei que ela trabalhou dois, três anos, ela não quis mais. É, era muito puxado, era muito puxado. Só que, como eu te disse, eu acho assim que existia mais participação também na escola. Dos pais, hoje em dia, hoje em dia não é assim, né? Os pais, é porque isso, porque aquilo não vai no barulho não. Porque aquilo não olha o caderno pra criança, porque não tem vontade, deixa, deixa pra professora, pra professora que educa, professora que ensine a professora, não é assim, né? Acho que a educação veio de casa. Antigamente, eu acho que era mais fácil.

Alex Müller

E como é que era a relação da senhora com os pais? Porque pelo que eu percebia, a senhora sempre trabalhou em escola de interior, né? Que eram pais agricultores.

Rosa Peteffi

Tudo em agricultura, sempre. Só ultimamente que, antes de me aposentar, trabalhei aqui, o Pedro Zucolotto, seria sempre na agricultura.

Alex Müller

E como é que era essa relação com esses pais? Os pais procuravam a escola, eles iam na escola?

Rosa Peteffi

Tinha sempre com uma exceção, né, sempre existia um mais desleixado, outro menos, mas no geral, assim, eu sempre me dei bem com isso, porque não tinha horta, depois E eu tinha que fazer horta, mas depois de tempo eu lecionava. Daí tinha que fazer a sopa na escola. Não, seus pais mandavam um monte de coisa. ...Eu tive essa participação. Se eu precisasse fazer uma rifa pra ganhar fundo pra escola, pra comprar alguma coisa, os pais ajudaram. Eu lembro que eu comprei uma vez um toca-disco, sabe? Aqueles discos grandes. Eu gosto muito de cantar, também gostei. Eu sei todos os hinos ainda, Nacional e na Bandeira, Independência e todos. E daí eu pensei "Mas que eu vou ensinar para as crianças, porque você tá cantando?" Aí quando eu notava que estava agitado, estavam cansados, principalmente de tarde. Eu mandava eles guardar e botava aquele toca-discos pra eles ouvir os hinos e fui e eu pedi um dinheiro pros pais. Eles nem sabiam o que era o toca-discos. E pedia pros pais, mas olha, naquela semana já veio o dinheiro e eu comprei. O toca-discos, hoje em dia não existe mais, né, aquela agulha, assim. Eu não tenho que me queixar com os pais antigamente. Claro, sempre tem alguma exceção.

[...]

Daí nós tinha que marchar no dia 7 de setembro em Gramado daí. Daí, ensinava a marchar na estrada.

Alex Müller

E tinha um uniforme, né? E como é que funcionava o uniforme? Eles que compravam?

Rosa Peteffi

Eles que compravam. Por isso que eu disse, daí se tinha mesmo alguém que não podia comprar, alguém sempre ajudava, mas as fotos que eu tenho, os desfiles de 7 de setembro, todos tinham uniforme.

Alex Müller

E o material escolar, como é que funcionava? Vinha do município, vinha do estado? Os livros, o caderno que eles usavam, essas coisas assim?

Rosa Peteffi

Os livros, alguma coisa já tinha de antigo cultura, nas bibliotecas, na escola, mas os livros tinham que comprar. Eu não me lembro que isso ganhar um livro. Depois, mais tarde, daí, parece que veio uns livros que o aluno não podia levar pra casa. Trabalhava no livro durante o ano, tinha que botar capa, cuidava pra não estragar, porque no próximo ano o coleguinha ia trabalhar com aquele livro, entendesse que lendo o livro. Era assim, que eu lembro.

Alex Müller

Entendi. E a senhora falou do professor Mazurana, o que que a senhora lembra do Mazurana?

Rosa Peteffi

A mulher dele foi minha professora. O nome dele era Francisco Mazurano.

Alex Müller

O nome do bairro, do loteamento é Mazurana, é por causa dele?

Rosa Peteffi

Porque o filho dele comprou aqui dos Peteffi. Quando eu ia na aula, era a mulher dele, que era minha professora, a Carmelina Ricci, aqui. Só que eles tinham quinze filhos. Quinze filhos. Só sei que quando ela ganhava os filhos, vinha o marido dela dar aula para nós.

Aí, ele Gostava sempre de rezar. A gente jogava todo mundo, pra escutar. Sempre dois anos, sempre dois anos que tinha o chapéu, eu rezava, eu rezava. Tinha uma grutinha aí na frente. E daí ele ia, largava nós pro recreio, e daí ele ia conversar lá com o Libardi. E deixava nós brincando, pulando. Eu lembro dele só assim. Mas é que não dava aula todo dia, era mulher dele. E daí quando entrava na sala, aí eu estava na primeira série, ou segundo, acho que segundo. Entrava na sala, ele dizia assim "Todo mundo encher a linha de letra A". E ainda não é só encher a linha de letra A, A maiúscula, A minúscula, B maiúsculo, B maiúsculo. E assim que eu aprendi, eu acho. Assim, eu lembro dele, que eu ia, que ele era meu professor. A mulher dele já não era assim, a mulher dele já dava exercícios, era diferente.

Alex Müller

E ele lecionava aonde quando ele não lecionava aqui? A senhora, quando fala aqui é na Escola Pompeia, lá, ou no Padre Anchieta. Padre Anchieta é uma escola muito antiga, então.

Rosa Peteffi

Ih, escolinha velha aqui. Antes da brizoleta tinha uma outra, antes de mim já tinha. Meus pais estudaram aqui. É muito antigo. Meu pai, tem umas fotos que tem meu pai que estavam levando a bandeira, mas dizem que era um prediozinho velho pra baixo, que era uma bodega, sabe, uns anos tomava cachaça no fim de semana ali. E depois durante a semana tinha aula ali dentro.

Não tinha luz, não tinha nada. O velho Mazurana na época, eu acho que ele era secretário da educação.

...

Alex Müller

O que a senhora lembra antigamente? A senhora andava pelo interior, né? Como é que era a vida das pessoas na zona rural? Era uma vida difícil, era uma vida boa? Os colonos, eles viviam bem, não viviam bem, tinha as coisas pra viver no interior, como é que era? Por exemplo, seus alunos, eles tinham roupa quando iam pra escola, tinham calçado, como é que eram as condições de vida?

Rosa Peteffi

É, tinha aqueles que tinham mais, tinha aqueles que tinham menos, mas, quando o Lesso andava lá pra aqueles lados ali, eles, o Rui Forquilha ali, que foi pro primeiro, eles plantavam fumo, Tinha bastante produção de fumo.

...

Eles tinham, um ouro redondo lá, né, eles faziam aquela estufa assim, tinha, botava os fumo assim em camada, e na época era a Souza Cruz que cuidava dos fumo. Daí, quando dava bem, era um circulando forte, eles tinham assim, ainda não tinha luz aí na época, assim, mas eles tinham pra comer e tinham uns casarão muito bom, sempre tinham exceções como tem hoje. Mas eles tinham umas casas assim, eles faziam tudo, que nem não vou aqui, eles tinham vinho, eles tinham vaca de leite, eles tinham abelha pra tirar mel, eles tinham a criação de porco. Eles cobram melhor que hoje, porque hoje a gente come tudo industrializado, né? Eles nossos já se foram antepassaram na nossa geração, e eu sei que na mesa assim pra comer, nossa, tu não vai aqui, a gente, não tinha aquele, aquela qualidade de vida, tem noite com tudo, né, mas pra comer assim, muito melhor que hoje. Assim eles faziam linguiça, matavam porco, linguiça, banho, leite, então, eles faziam queijo, tiravam nata, Meu avô tinha a criação de abelha ali pra cima, um monte, um monte de enxames. Ia tomar café de manhã, aquele pão de milho, sabe? Tinha farinha, plantava bastante milho, eu levava o milho, fazia farinha nesses moinhos, como o meu fio, tinha, não tá mais lá, tem a pedra ainda, alguma coisa, no moinho ...

Alex Müller

O do açude? É. Eu não fui no meio da, na beira do rio, ali da rua. só da estrada, né? Mas eu quero ir lá com calma pra olhar, porque foi a Simone junto comigo, que é a professora também, que trabalhou com a Liziane na escola lá, que ela era diretora da Nossa Senhora de Fátima quando ela fazia. Isso. Inclusive eu fui lá entrevistar o, entrevistei o seu Dalino, entrevistei o seu Ermindo Conhece?

Daí foi por intermédio dela, né? Que ela fez contato e daí ela me levou pra mostrar onde é que era o moinho, onde é que era o as casas antigas de comércio, não tem mais, ela mostrou que falou que achava que ainda tinha junto ali do mato alguma coisa de pedra ainda que sobrou, né?

Rosa Peteffi

No moinho lá, a professora Geni Machner sabe um monte dela.

E ela era professora do município também. De lá do Pedro Alves Cabral. Depois que eu era criança, vim pra cá, ela casou, ela morava pra cá, ela casou com o neto do dono do vinho ali.

O Arno, o Arno, o marido dela morreu com 56 anos. Ficou dele, quando o vô dele morreu, o Arno, o marido da Geni, a Geni foi ou morreu muito moinho e descascou arroz naquele moinho.

Ela sabe que quis dizer muita coisa de lá, da história dali.

[...]

Alex Müller

E o que que a senhora recorda assim, porque a senhora foi professora justamente no período que os militares estavam no poder, né? Estavam na presidência, né? No Brasil, né? Por que a senhora lembra desse período, assim, desse contexto? Era tranquilo, indiferente, assim, era tudo normal ou tinha algumas coisas assim que a senhora notava que era diferente porque eles estavam governando?

Rosa Peteffi

Que época foi que eu já não sei mais?

Alex Müller

Em 1967, 1968, né, até final de 1979 ali, que como é com o Figueiredo, né, que daí vai começar a anistia, né, a lei da anistia, a reabertura, né.

Rosa Peteffi

É diferente. Eu lembro que uma vez nós fomos em Gramado que veio o Garrastazu, Médici, em Gramado. De todas as escolas, tipo de uniforme, recebeu o Presidente da República. Mas na época eu nem sabia o que era o Presidente da República, né? Assim, de ver esse homem que veio, quem é que era, quem é que não era. Hoje em dia eles vêm passear.

Sim, claro que era professor nessa época, mas pra mim, assim, eu acho que foi tudo mais ou menos igual.

Alex Müller

O presidente era um negócio bem distante, assim, então.

Rosa Peteffi

É que, é, nem sabia, a gente ensinava para as crianças, o presidente, o prefeito, o governador, Mas olha, governador e presidente da república, aí a gente dava dia de 15 de governo era dia da Proclamação da República, né? Então a gente lia um texto, tinha nos livros, o que era, quem foi o primeiro presidente foi o marechal Deodoro da Fonseca, né? Aí a gente estudava com a história do Brasil assim, mas eu te explicasse assim o O que é diferente, eu não sei.

Alex Müller

E quando a senhora fala que trabalhava um pouco a história do Brasil, tinha algum momento que trabalhava sobre a história dos reis no Brasil, Dom Pedro I, Dom Pedro II, ou não tocava muito nesse assunto?

Rosa Peteffi

Na quarta série, sim. Eu fui pro Dom Pedro I, só que se tu vai me perguntar pra mim hoje, eu te explicar o que que eram essas pessoas, eu não sei te explicar, porque eu não estudei mais. Faz quase 30 anos que eu parei. Aí se eu pego um livro e leio, ah, lembro disso, disso, mas como eu explicava pras crianças, na época isso, eu lembro que nós tínhamos livros, que eles copiavam, depois tiravam, faziam as perguntas, interpretavam o texto, aí ficava te explicando, eu vou te dizer pra não sei.

Alex Müller

Como é que era esse planejamento que a senhora falou? A senhora falou que ficava até meia noite planejando, mas era complicado esse planejamento, como é que funcionava?

Rosa Peteffi

É, o diário de planejamento por cada série eu tinha que fazer. Chegava na sala de aula, tinha que ter aula pronta. Aí nós tinha que planejar aula em casa. Tinha quatro diários. Cada série tinha um planejamento. E daí, volta e meia, elas iam fazer visita na escola. Elas vinham na escola olhar como é que tava o planejamento. Fiscalizava, nós tínhamos uma raiva.

Espera a gente fazer isso aqui tudo, pra ver como era bom. Ai, será que isso aqui? Tem que mudar, que tem que mudar, que não sei o quê. Mas olha, era puxado, tá louco. Depois, no fim do ano, as provas finais tinha que fazer, cada um sem fazer as provas finais.

...

Ultimamente nós se juntava às escolas, pra elaborar as provas finais, a gente fazia igual, porque o conteúdo era o mesmo, né? Tinha três, quatro escolas aqui, Flores da Cunha, Padre Anchieta, Ernesto Dornelles lá no Morro Agudo, hoje não existe mais.

Aí nós entrava em acordo com as professoras, e nós juntava numa escola, um ano num lugar, um ano no outro, e umas escrevia, e nós tinha que passar as folhas no mimeógrafo, né? Fazia a matriz. Aí de vez que a matriz estava pronta, botava muito álcool, pouco álcool naquele mimeógrafo, você botava bastante álcool, Apagava a matriz e fazia de novo. Você botava pouco, saía fraco que eles não enxergavam. Quando o mimeógrafo estava velho enferrujado, saía a matriz do outro lado rasgada. Olha, você não imagina como é que era. Nossa Senhora.

Quando eu comecei, tinham que copiar, ou nós tinha que fazer em casa. Tinha três, quatro, um de cada série, aí fazia uma semana numa prova, uma semana na outra, ia escrever a mão, depois que veio mimeógrafo.

Alex Müller

E quando era tudo multi-seriado, várias séries numa sala só, como é que fazia pra organizar as atividades, as avaliações? Como é que fazia pra dar conta disso, se organizar? Por exemplo, tinha uma prova, essa prova ela era pra todo mundo, de todas as séries, ou era pra uma série, as outras séries ficavam fazendo outra coisa?

Rosa Peteffi

Fazia pra, as futuras era diferente, tinha futuras diferente. Quando fazia pra quarta série, a quarta série, mas eles eram disciplinados, não ficava bagunçando, dava prova pra eles e agora vocês fazem a prova. Eu tinha filho assim, filha da quarta, da terceira, da segunda e da primeira. E daí ficavam fazendo lá e ficavam fazendo trabalho com os outros alunos aqui. Um dia fazia o da terceira, Zé, e os outros ficavam fazendo. Depois que eu tinha em casa, nós tinha que fazer, passar as notas tudo no papel, daí fazia as médias no papel. E daí nós tinha que fazer também o mapa da merenda, o controle da merenda que vinha. Vinha a merenda em sacos. Aí tinha que fazer a aí tinha que ver quanto que gastou, quanto sobrou, quanto restou, e mandar o papel pras supervisoras da merenda, que era a Dona Alone Ritter. Ela olhava, se fechava, se não fechava, quanto gastou. Nossa, eles tinham um trabalho burocrático muito grande pra fazer, mas tinha que fazer tudo em casa. Tudo que fazia. Hoje você tem uma atividade, né? Os caras vão tá atrás agora, uma atividade. Vamos trabalhar pra não ganhar nada. Nós tinha que fazer em casa de noite. Quantas vezes meu filho voltava da aula de meia de noite, morava lá embaixo, dormindo em cima daqueles cadernos, andar de botar fora. E tinha prazo para entregar. Era boletim mensal, era mapa da merenda. Por intermédio disso eles se controlavam. Depois ia para a Secretaria da Educação, elas olhava, precisava visto, depois voltava para a escola, aí tinha que arquivar na escola. Tinha todos os arquivos assim. Cada coisa, o nome, cada coisa com o antigo mensal, o mapa da merenda. Cada coisa era arquivado ali. O controle era assim. Não era por WhatsApp, não sei o que que é hoje. Hoje tudo no computador, né?

Aquele livro de chamada que nós tínhamos, aqueles quadrinhos assim, livrão assim.

Alex Müller

E era um livro à mão ou o município mandava impresso, como é que funcionava?

Rosa Peteffi

Não, nós tinha que fazer tudo à mão, achei que era o caso do nome. Aí tinha que botar sexo, idade, quando nasceu, de que cidade, nacional de idade, não sei o que, não sei o que. Tudo à mão.

Alex Müller

E esse material será que tem ainda em alguma escola?

Rosa Peteffi

Seria bonito se tivesse guardado, seria bonito.

Alex Müller

A senhora falou que trabalhou na Padre Anchieta e aqui era assim, Na época.

Rosa Peteffi

Eu acho que ela deve ter, esse diretor ali, ela é muito organizada, ela quer fazer, a não sei o que ela quer fazer lá de antigamente, umas fotos, botar numa pastinha, eu acho que ali ela deve ter, ainda. Aqueles livros.

...

Parei de lecionar, começou a entrar com computador na escola, daí não precisei fazer curso de computação. Ah, não.

...

Pelo amor de Deus, tinha que estudar e trabalhar e criar filho sozinha. Eu me casei e me separei com cinco anos de casada. Meu marido me deixou quando ficou com cinco anos. Tinha 26 anos que eu me separei, só da imagina.

Daqui a pouco me deu um amassou. De colecionar, ganhar um pingouco, aí voltar pra casa com meus pais, Tinha mais três irmãos solteiro em casa, temos que ser a Virgem Maria e nós ganhamos um pouquinho. Hoje em dia, conforme a graduação ganha mais, né? Na época nós ganhava nem salário pra trabalhar, dizia um desdobraimento, trabalhava o dia todo, ganhava um salário e meio. Mas a gente passou também, né?

Alex Müller

Sim. E como é que era, por que a senhora foi estudar o magistério em São Francisco? Porque tinha magistério também em Taquara, né?

Rosa Peteffi

Eu acho que foi São Francisco porque a prefeitura de Gramado tinha algum convênio, alguma coisa com com São Francisco. Foi o curso que abriu lá, eu acho que foi por isso.

Ele era um curso gratuito. A gente pagava a estadia lá, né. Nós dormimos num colégio um ano. Levamos uns colchões e depois dormimos no colégio, vim pra casa só em fim de semana. Quase no dia de frio, no mês de julho. Nós embarcamos do rumo assim, a neve alta assim.

Hoje as pessoas querem ver a neve, não vem. Não vem, não dá quase mais. Tinha uma bota marrom, a torre da neve até aqui. O ônibus parou, estava grudado, assim. Aí dormimos lá. Mas o porquê que foi lá, eu não sei, acho que porque abriu o curso ali. Eu acho.

Alex Müller

E as brincadeiras, o recreio, como é que funcionava? E quanto tempo era esse recreio?

Rosa Peteffi

Muito bonito. O recreio era vinte minutos, dez minutos a merenda. Mas aí tinha que lavar louça... Ah, era brincadeira, era tudo feito por nós. Tinha cinco Maria, tinha brincadeira de roda, quinhentos tipos. Eu ainda lembro, se é a letra, se só tem a letra, a melodia, sei das musiquinhas, as brincadeiras de roda, fala pela caia, joelho, levanta e gata e rato, pula corda. Assim, as brincadeiras no recreio.

Alex Müller

E a senhora brincava junto com eles?

Rosa Peteffi

E como! Você vê que eu tô toda torta assim, mas vem cá de esconde-esconde, vinha me esconder com eles, brincava com eles, sempre brinquei com eles, sempre. Na educação física, assim, nós dava como sabia, como nós tinha aprendido nos cursos, né, mas sempre brinquei com eles. Eu gostava.

Alex Müller

E não tinha o momento então do descanso, então? Não tinha aquele período de interno? Professor não tinha.

Rosa Peteffi

Não. O professor não tinha descanso, tinha que estar sempre em atividade com o aluno. Era só professora, só uma só, pra tudo. Nós tínhamos que ganhar cinco salários agora, se fosse na época. Sim, porque eles fazem lá em cada série. Sim. Era só um pra tudo hoje em dia. Porque se uma série com Ela tem uma série com oito alunos, eu digo: "Quê? Ah, mas não dá com o Joãozinho, não dá com a Maria, porque não estuda, porque não escreve, porque não faz?" "Meu Deus, mas nós tínhamos 27, 30, tudo numa sala." brincadeira nós tínhamos que brincar juntos, não tinha assim, vamos brincar com a primeira, com a segunda. Tu tinha, eu tinha quarta série, às vezes repetiu a série, de 10, 12 anos, nós tinha uns pequenininho de seis, sete, nós brincava juntos. E eles não se machucavam. Ah, aquelas brincadeiras assim de roda, nós era muito legal. De gato e lá, tinha umas brincadeiras, eu tinha uns por livro grosso assim, nós fazia curso, sabe, nós aprendia.

Daí nós copiava, quando as professoras davam, às vezes davam pronto pra nós, assim, o desenvolvimento da brincadeira também. Tava escrito. Eu tinha uns grosso por aí, grosso assim, mas tava tudo velho, estragado, batia tudo fora. Mas hoje em dia eles não usam mais isso também.

Alex Müller

Como eu falei pra senhora, sobre a história da educação, isso é importante também, né? São práticas que daqui a pouco as pessoas não vão saber mais que existiu, né? Que fazem parte de onde a gente chegou hoje, né? A gente não tá, hoje, do nada. Então é importante a gente entender isso também, né? Como é que foi a caminhada até aqui...

Rosa Peteffi

Essa brincadeira das Cinco Maria era em dias de chuva, daí que um dava pro garu, sabe o que que é?

Aí desenvolve o quê? O lado, o community, não sei como é que se diz mais. Pega cinco bolinhas, feita com, eu fazia com um arroz, cinco saquinhos. Aí sentava no chão, não tinha dor nas pernas. Sentava no chão e botava assim assim com Maria, jogava uma o saquinho pra cima, juntar e pegar outra que vem vindo. De novo, juntar, não podia soltar, tinha que passar pro colega. Aí botava de novo, aí juntava duas, uma tirava pra cima e juntava com a arquinha descendo. E olha, depois fazia a casinha assim. Largava assim, juntava, tocava pra dentro assim, sem bater nos dedos, uma versão. Já tava lá fora, tinha que puxar e pegar aquela arquinha descendo.

...

E, e de pular corda, hoje em dia eu não vejo mais eles pular corda. Eu não pulo mais, não tem mais pular corda, né?

...

Eu fui lá, quando contratou 25 anos na escola, me convidou, nem sei, achei que tinha esquecido de mim. A mulher tava vendendo isso aqui lá, eu comprei lá. Eu comprei só, só a parte de dentro, diz que eu mandei emoldurar, e ela me trouxe pra casa, mas Eu gostava, mas na época não era a Marta, diretor, era a Dirce. Mas deve ter muito mais trabalho.

Alex Müller

Dirce que era professora de arte.

Rosa Peteffi

É, mas agora não é mais, agora você se aposentou.

Dirce Bergamo.

...

Ali na Pedro, nós brincávamos, mas agora eu vejo, eu não vejo só esse correr atrás, eles não brincam mais essas brincadeiras.

...

Mas tinha assim umas brincadeiras umas brincadeiras organizadas, sabe? Não é assim, vai lá, te corra atrás, te derruba, te pula em cima Sabe, a gente controlava, porque a gente brincava junto. Mas hoje em dia, mas acho que quando eu lecionava ali, cada um cuidava o recreio, uma vez ali com a Marta. Com a Marta não, com a Dirce. É, mas só que agora é muitos alunos diferentes, não tem como brincar assim também, né?

É tudo diferente. Mas essas brincadeiras não vão mais voltar atrás... porque essas novas tecnologias são muito mais práticas pras crianças. Estudar um computador, o meu neto tem seis anos, estudar um coisa pra ele, um celular, uns joguinhos, meu Deus, ele vira de perna embora. Sabe tudo, né? Como é que pode? Sim.

Alex Müller

Mas e a senhora acha que isso é positivo?

Rosa Peteffi

Seria positivo voltar atrás, eu acho. Ah, tem mais, mais integração, mais sociabilidade. Porque hoje em dia eu sinto assim que as pessoas não se conversam mais, né?

Até as crianças. Tu vai nas casas em um silêncio total. Ah, tá com o celular, tá lá no celular . Não, na escola, eles não tem celular. Na escola não, mas nas casas assim, tu vai. pessoas nos parar de ônibus, quando eu vou pra Gramado, as próprias pessoas se vindo se reúnem, Ah, isso mesmo, puxa o seu Joel. Manda, eu vou embora, porque eu tenho o celular que eu vou fazer aqui.

Eu acho que seria dor ausentar ali, não era assim mais difícil, não sei. Eu acho que seria dor resgatar. _ Ah, tem que fazer bastante exercício, porque não sei o que, porque vai ser bom . quando tu ficar velha, daí não vai ter ir pra esse problema, não vai ter aquele outro. Sim, tu vai ter o mesmo, porque por natureza o corpo da gente vai se ver, as almas vão morrendo, tu vai perdendo as forças, mas se fosse por isso, eu não podia ter doença nenhuma, porque nós brincava bastante, mas eles adoravam, mas hoje em dia não sei se vocês vão gostar, eles não querem.

Não, e os professores hoje em dia também não sabem cantar os hinos. Tinha muitos professores, quando eu tava com a Dilce ali, e... ficava a Semana da Pátria, eles não sabiam menos dia de nada. Nem do Hino da Independência, nem do Hino Nacional, nem o Hino. O Hino de Gramado então passamos longe, ninguém conhecia, ninguém conhece. Eu sei ele. Eu sei porque nós cantamos no Coral, ele também, né? Mas eu sabia.

Alex Müller

A senhora participa do coral da igreja?

Rosa Peteffi

É, nós vamos cantar fora também, também nós vamos cantar na Catedral em Hamburgo.

Nossa. Eu sou um maestro, mas eu não entendo de nota, eu não estudei nota. O maestro diz Ré menor e semicolcheia e não sei o quê. Eu entendo alguma coisa, aquelas bolinhas que sobe, desce, que voe de ouvido, ninguém entende. Mas se a gente tem força de vontade, Deus se deu o dom da voz, né?

Tem que ter voz, porque Tu vai lá, começa, tranca aqui, a voz tem que me dar aqui, começa a cantar aqui, tu enche aqui, tu não canta nada.

Daí não consegue, mas eu gosto, eu cantava muito na escola com as crianças. Acho que por isso que eu fui professor, que eu já tinha dentro de mim isso.

Alex Müller

Então, vamos marcar, já deu quase uma hora e quinze de fala...

Rosa Peteffi

Nossa, eu não quero me ouvir que é feio... (risos)...

A entrevistada autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, março de 2026



Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0014
Título: Depoimento de Carla Regina Damiani	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: 29/03/2026 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Carla Damiani Carla Regina Damiani é professora da rede municipal de Gramado (RS), nascida em 15 de maio de 1975 e moradora do bairro Várzea Grande, onde construiu sua trajetória pessoal, familiar e profissional. Filha de Oscar e Welícia Schonardie, cresceu em meio à vida comunitária do tradicional armazém da família e às dinâmicas sociais do bairro, consolidando sua identidade territorial e seu compromisso com a educação local desde 1997, atuando como docente e também como diretora escolar.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Carla Regina Damiani apresenta uma narrativa de trajetória de vida profundamente vinculada ao bairro Várzea Grande, em Gramado, articulando memórias familiares, comunitárias e profissionais com o processo de formação e transformação territorial da localidade. A entrevistada relembra a importância do armazém de seus pais como espaço de sociabilidade, o cotidiano das indústrias, da escola e das práticas religiosas e comunitárias, além de destacar marcos estruturais como a construção da RS-115, o crescimento urbano, a expansão dos serviços públicos e a consolidação de equipamentos culturais e educacionais. Sua trajetória como professora da rede municipal reforça o vínculo entre educação, identidade e pertencimento territorial, evidenciando a Várzea Grande como espaço formador de memórias, relações sociais e identidade coletiva no desenvolvimento de Gramado.
Descritores: Várzea Grande (Gramado)/ Memória comunitária e territorial/ Educação municipal e trajetória docente /Comércio tradicional e sociabilidade (Armazém Oscar Schonardie)/ Transformações urbanas e identidade local

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado: e-mail
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta () temática () de trajetória (X) outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: (X) Literal () Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Entrevista realizada via troca de mensagens/arquivos em aplicativo de comunicação (Whatsapp).	

Ref.: DAMIANI, Carla. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado. 2026. 1 arquivo textual. (transcrição editada). Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: ____ ____ ____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Várzea Grande

Valores Patrimoniais Identificados:

Histórico Social Identitário Afetivo Paisagístico Técnico-industrial Outro

Justificativa:

A entrevista possui valor histórico, social e identitário por registrar a trajetória de vida vinculada ao bairro Várzea Grande e documentar memórias do comércio tradicional, da educação, das indústrias, das práticas comunitárias e das transformações urbanas que contribuíram para o desenvolvimento de Gramado, evidenciando o sentimento de pertencimento territorial e a construção da identidade coletiva local ao longo do tempo.

Grau de Relevância Territorial: Local Regional Nacional

Potencial de Uso Museológico:

Exposição permanente Exposição temporária Publicação editorial Educação patrimonial
 Paisagístico Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante

Quem é Carla Damiani? Se apresenta para nós, por gentileza.

Carla Damiani

Meu nome é Carla Regina Damiani. Sou professora, esposa, mãe de duas filhas Laura e Isadora Schonardie Damiani e, agora, avó de um menino lindo de 6 meses chamado Eric. Sou casada há 31 anos com Aldo Damiani que também apesar de ter nascido em Canela RS fez da Várzea seu lugar favorito para morar e empreender, e meu sobrenome de solteira é Schonardie.

Wanderley Cavalcante

Carla, nos conta um pouco das tuas memórias e vivências entrelaçadas com o bairro Várzea Grande.

Carla Damiani

Nasci e vivi toda a minha vida no bairro Várzea Grande, em Gramado, onde também construí minha trajetória profissional como professora da rede municipal desde 1997.

Nasci no dia 15 de maio de 1975, tenho três irmãos e sou a irmã mais nova. Naquela época, meus pais eram proprietários do “Armazém de Secos e Molhados Oscar Schonardie”, localizado em frente à Igreja Matriz Nossa Senhora de Lourdes, na atual Avenida do Trabalhador, nº 10.

Meus pais, Oscar e Welícia Schonardie, dedicaram-se a esse armazém até o final da década de 1980, sendo que esse espaço não era só um comércio e sim um ponto de encontro e referência para o bairro.

Naquele tempo, o bairro contava com muitas indústrias, principalmente nos ramos calçadista e metalúrgico. Por isso, o armazém abria muito cedo, atendendo os trabalhadores que ali compravam seus mantimentos antes de iniciar a jornada. Além disso, havia um ponto de táxi e

telefone disponível para a comunidade. O armazém, junto com a igreja, a Sociedade Ipiranga e o matadouro Bezzi e Casa Grande, formava o pequeno centro do bairro.

Outro marco importante foi a construção da RS-115, realizada pelo DAER entre as décadas de 1970 e 1980, que até hoje representa uma via essencial para o desenvolvimento da região e do município.

O armazém permanece no mesmo local até hoje, funcionando como um mercado importante para o comércio local. Embora meus pais já tenham falecido há mais de 25 anos, suas histórias seguem vivas e fazem parte da identidade desse bairro que tanto amo. Como forma de homenagem, o nome do meu pai foi dado a uma rua próxima ao antigo armazém.

Foi nesse contexto que cresci. Assim como muitos moradores da época, estudei na Escola Estadual Caramuru, trabalhei nas indústrias de calçados e participei intensamente da vida comunitária. Frequentava as tradicionais festas da Gruta Nossa Senhora de Lourdes, realizadas na Sociedade Ipiranga, além das missas dominicais e novenas.

Ao longo dos anos, acompanhei de perto a transformação do bairro. Vi a construção do pórtico da RS-115, a pavimentação das principais ruas, a substituição da água das vertentes pelo abastecimento da CORSAN e o surgimento de novas escolas, como Mosés Bezzi e Nossa Senhora de Fátima.

Também testemunhei o crescimento urbano com novos loteamentos, como a Vila do Sol, a criação do primeiro posto de saúde, da capela mortuária e da creche municipal Tia Carmelina.

Os trilhos do trem foram retirados, o primeiro posto bancário do Banrisul foi instalado, enquanto algumas fábricas fecharam e outras surgiram, diversificando a economia local.

Com o tempo, novas igrejas foram construídas, e pessoas de outras cidades passaram a escolher o bairro para viver e trabalhar. Surgiram os primeiros prédios, e o bairro, antes essencialmente industrial, começou a se abrir também ao turismo.

A Várzea Grande passou, então, a se configurar quase como um pequeno município dentro de Gramado, especialmente com a instalação da subprefeitura e a criação de espaços culturais.

A Vila Olímpica, o Museu do Trem e a ampliação do comércio e dos serviços tornaram o bairro cada vez mais completo e acolhedor.

Wanderley Cavalcante

Tua vida e trajetória se confundem completamente, portanto, com este lugar, não é?

Carla Damiani

Foi aqui que construí minhas raízes, minha família e minha identidade. Tornei-me professora e tive a oportunidade de lecionar na escola onde estudei, a Caramuru, além de atuar nas escolas Moisés Bezzi, Vicente Casagrande e Nossa Senhora de Fátima. Nesta última, exerci a função de diretora até o ano passado e sigo, até hoje, como professora, com orgulho, dedicação e inúmeras realizações.

A Várzea Grande me deu tudo: família, lar, trabalho, amizades e, acima de tudo, um profundo sentimento de pertencimento. Carrego comigo a certeza de que, antes de ser gramadense, sou, acima de tudo, varzeense raiz.

É um orgulho viver, trabalhar e fazer parte desse lugar acolhedor, repleto de histórias — antigas e recentes — que moldam sua identidade. Um bairro com excelente infraestrutura, que acolheu e continua acolhendo grandes nomes e pessoas de todos os lugares desse país e até de outros países mais recentemente, e que foi fundamental para o desenvolvimento de Gramado, permanecendo, até hoje, essencial para o sucesso dessa cidade tão icônica.

Em nossa Várzea temos inclusive entre outros políticos o prefeito do nosso município que assim como eu e a maioria esmagadora dos moradores se dedica de coração por esse lugar.

A entrevistada autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.
Gramado, 29 de março de 2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0015
Título: Depoimento de Anselmo Vettorazzi e Maria Elita Rünnau	Produtor: Karahá História e Cultura
Local: Carahá – Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Anselmo Vettorazzi e Maria Elita Habitantes da região, entre o Moreira e Várzea Grande, de origem colona.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal de Repositório digital.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Anselmo Vettorazzi e Maria Elita apresenta memórias sobre a vida comunitária na região de Carahá, Moreira e Maura, em Gramado, destacando o papel da ferrovia na organização do cotidiano rural, nas relações econômicas e na sociabilidade entre moradores e trabalhadores do trem. A narrativa evidencia o uso da estação e dos equipamentos ferroviários, como troll e velociclo, o transporte de mantimentos, a comercialização de produtos coloniais e a dinâmica da agricultura familiar, além de trazer reflexões sobre as transformações da paisagem e do modo de vida ao longo do tempo, reforçando o orgulho da identidade colona, o valor do trabalho na roça e a importância da memória ferroviária e comunitária como elementos estruturantes da história local e da identidade territorial.
Descritores: Memória ferroviária de Gramado/ Estações Maura e Hallan/ Vida colona e agricultura familiar/ Comercialização de produtos coloniais /Transformações da paisagem rural

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total: 15 minutos aprox.	Equipamento/meio utilizado: telefone celular
Condições ambientais: ruído rural no entorno	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	

Obs.: Transcrição realizada com **edição de fluxo**¹, preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.

Ref.: **Vettorazzi**, Anselmo; **RÜNNAU**, Maria Elita. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, [s.d.]. 1 arquivo textual (transcrição editada). Projeto Memórias de Gramado. Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: ____ ____ ____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Carahá / Moreira / Maura

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário (X)Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

O depoimento possui valor histórico por registrar memórias sobre a ferrovia e o cotidiano rural em Carahá e Moreira, valor social ao evidenciar relações de trabalho e cooperação comunitária, e valor identitário ao reforçar o orgulho da cultura colona e o sentimento de pertencimento das famílias que construíram a história e a memória ferroviária de Gramado.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico (X) Roteiro de turismo de memória

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante

A gente queria ver o que é que a senhora recorda desse período

Maria Elita

Eu sou meio surda, tenho que falar alto comigo.

A estação entrou ali, dali pra cima, em 1928? A estação Hallan foi em 1928. 1928.

Nem nascida naquele tempo, não era. Eu nasci em 1932, mas a minha mãe e a minha sogra sempre contava, 1928. Foi inaugurado a estação Allen, e aqui também a Maura. Era a Maura, não é?

Anselmo Vettorazzi

Sim, Maura, Maquinista Maura.

Wanderley Cavalcante

Essa data é fundamental, a gente não tinha ela. Sim. Será que vocês alguém da família tem alguma fotografia daquele tempo?

¹ Busca-se garantir a transposição da espontaneidade da fala para a página escrita, preservando a identidade do entrevistado e a clareza do depoimento, buscando uma experiência de leitura fiel à dinâmica original. Neste processo, foram suprimidos “ruídos” naturais da conversa (como hesitações, repetições excessivas, frases interrompidas, detalhes irrelevantes em excesso e vícios de linguagem) que, embora comuns no áudio, podem fragmentar a leitura. O objetivo é transpor o depoimento para a mídia escrita garantindo a **fluidez cognitiva** do leitor, sem prejuízo à fidedignidade do conteúdo.

Pretende-se a fidelidade à oralidade do registro, mantendo o vocabulário, as gírias e as construções sintáticas que compõem a identidade sociocultural do entrevistado, preservando sua subjetividade e o tom original da interação. A intenção é que o leitor “ouça” a voz de quem fala através das palavras escritas, assegurando que o conteúdo e a emoção do relato original permaneçam intactos.

Wanderley Cavalcante

Na tua infância, tu chegava a ir nessa estação?

Maria Elita

Sim, a gente andava de trem, marcava ali até Novo Hamburgo, morava minha avó, minhas tias pra lá, daí a gente ia de trem. Sim, e aqui pra cima também a gente ia de trem.

Sim, era muito bonito o tempo do trem.

Agora velhos, não me lembro de nenhum dos velhos, nem em Três Coroas, nem em Sander, nem em Moreira. Quem mais velho que eu? Tem a minha prima, mas ela morava lá do lado do orfanato,...

Wanderley Cavalcante

A senhora morava sempre aqui, nessa casa?

Anselmo Vettorazzi

Não, não, ela morou em outra, lá embaixo ela morava. Lá perto da Hallan. Ela veio bem depois.

Maria Elita

Sim, bem perto da Hallan. Todo dia escutava o trem chegando.

Sim, e o trem, e nós, quando morava lá, tinha o trem, o lastro, nós vendia coisa, daí os que trabalhavam no trem, o Arlindo Model e o Almiro Lens, eles vinham então encomendar, quando o lastro subia para Gramado, eles vinham. tantos feijão, tantas batatas, tantas coisas assim, chimia, banha, vendia tudo pra eles.

Daí então, ele vinha até Canela e voltava, então nós arrumava ligeiro e levava até na estação, daí meu marido carregava na carreta e levava lá. Aí ele já vinha e já deixava pago. Era muito bom o trem.

Era vendido em saquinho, saquinho mesmo, como tem agora, de adubo, essas coisas assim, que daí feijão, comprava um saco inteiro. Aí botava em dois volumes, carregava e levava.

Chimia, banha. Eles vinham na hora encomendar, mas eles já sabiam que a gente tinha. Então, os que trabalhavam no trem, aqueles que trabalhavam, tinham os peões, os peões do trem, é que eles vinham, eles capinavam e se faltava barrote novo, eram os trabalhadores do trem, já sabiam que nós tinha. Então, quando o lastro subia onde o troll estava parado, eles paravam e daí falavam com eles, daí eles vinham falar com nós para encomendar até que o lastro descia de novo.

Anselmo Vettorazzi

O troll, nós não falamos do troll, o troll nós usava aqui para buscar a casca lá embaixo e daí botava a casca em cima e empurrava ela para cima até ali.

Maria Elita

Sim para descer descia assim, tinha uma alavanca para segurar, não é demais.

Anselmo Vettorazzi

Travava na roda, né? E para subir tinha que empurrar.

Maria Elita

Tinha que, daí dois, três puxava e os outros empurrava.

Anselmo Vettorazzi

O troll é um carinho, o tipo dessa mesa aqui com quatro rodas de trem. Pra subir uns puxava, né? E os outros empurravam.

Maria Elita

Aí carregava tudo, as ferramentas.

Anselmo Vettorazzi

E tinha o velociclo, que era um troço que andava assim e pedalava, dentro iam duas pessoas. Aquilo é que eles levavam, iam lá em cima e desciam revisando os trilhos. Aquilo é um velo se lembra disso?

Maria Elita

Sim, me lembro, sim.

Anselmo Vettorazzi

Com o troll eles carregavam coisa pesada para lá e para cá, o trem levava até num ponto, né, e depois eles sempre tinham que levar para baixo, né, que daí para baixo era mais fácil.

Muitas vezes o trem estava lá pra baixo trabalhando, ele parava e eles engatavam o troll para vir para cima. Eles não precisavam empurrar. Aí o troll era o sem motor, sem nada. Tinha uma madeira grossa assim, dentro de um buraco lá, que fazia isso na roda, né? Pra frear.

Maria Elita

Se ele largava mais, ele andava mais.

Anselmo Vettorazzi

É, se largava aí, olha para fazer parar, não é fácil não. Todo manual, empurrando e puxado, mas era o tipo de uma carreta.

Maria Elita

Sim, não tinha, não tinha telhado, era aberto, sim.

Anselmo Vettorazzi

É, vamos dizer assim, uma caixa de uma caminhonete D20 em cima de quatro rodas. Era mais ou menos ele era largo. Era largo que nem trem assim. Ele era largo e mais ou menos dessa mesa. É um quadrado que nem essa mesa, outra mesa do lado. Mais ou menos.

Wanderley Cavalcante

Deixa eu só anotar o nome dela aqui. O teu nome?

Maria Elita

O meu nome é Maria Elita. Naquele tempo era Sander, agora é Rünnau. Eu nasci em 7 de agosto de 1932.

Wanderley Cavalcante

A senhora tem fotos de antigamente?

Maria Elita

Quando eu era criança, aquelas fotos estão acho que lá na casa do meu irmão, do Darcy, ficou lá. Lá no Morro Agudo. Edaí aquelas fotos de criança estão tudo lá.

Anselmo Vettorazzi

Isso é muito interessante, porque a senhora entendeu, ele é um professor de história, né? E ele tá montando a história do trem, fazendo ficar viva a história de novo, né? O caminho do trem, desde lá de baixo, que nem a senhora. Aqui tinha eu e meu avô, tem minhas tias que estão vivas ainda.

Maria Elita

Tu tem tia ainda vivas?

Anselmo Vettorazzi

Sim, sim Que daí elas eram professoras aqui do tempo do trem, as duas tem a Iria e a Irany

Maria Elita

São irmãs do teu pai?

Anselmo Vettorazzi

Irmã do meu pai, filha do meu avô e aqui tinha escolinha antigamente, bem no lado da estação,

Eu levei ele mostrando onde é que tinha as casas antigamente, que aqui morava Abel Baretta, no lado do Basílio

Maria Elita

Sim, era o Abel e depois era o Basílio.

Anselmo Vettorazzi

Daí o outro eu não me lembro mais, que moravam para lá na Tapera.

Maria Elita

Antônio Lazaretti.

Anselmo Vettorazzi

Bem para lá era o Antônio, antes do Antônio tinha o meu sogro, o Bepp, daí tinha o sogro dele, o Alfredo Caberlon. É, aqueles E tudo isso era família de 10 filhos. E que nem eu disse para ele, naquela época que não tinha mata, era só roça. Aquele morro ali vivia pelado, que eles botavam fogo.

Maria Elita

Hoje de manhã, o Jacó, eu lembro, ele disse mãe, tinha roça antigamente, lá eu disse Jacó. Era pelado, tudo. O tempo de plantação depois era tudo verde de roça, não é? E quando amarelava ficava tudo amarelo. Trigo, trigo, feijão e tudo, coisa assim. Hoje em dia é só mato, só mato.

Anselmo Vettorazzi

E deles dizem que não tem mato, né? A senhora não pode derrubar uma árvore?

Maria Elita

É, tirou da minha boca, vai derrubar uma árvore e os outros já vão denunciar. É coisa triste no mundo.

Anselmo Vettorazzi

Tudo mantimento. E sobrava para vender ainda.

Maria Elita

Sim, isso muito, muito, a gente sempre tinha. Hoje em dia, eles dizem, compro na Ceasa assim, mas e tem que ser plantado também, vem de fora, mas não é mais como era. O tempo passou.

Anselmo Vettorazzi

É verdade., tudo era na roça.

Eu rodei, rapaz, eu me lembro, eu tinha que cortar cevada com meu avô, era criança, desse tamanho, tudo deitado e tinha que trabalhar. O que eu gostava dessa história era de tomar café de chaleira na roça, levar o café numa chaleira. Essa é a única história que eu gosto.

Maria Elita

O pão e a comida num balaio e sentava tudo no chão e comia. Hoje em dia tu vê uma coisa, tem que ser bem lavadinho e tudo não, ooô

Anselmo Vettorazzi

Tenho saudade desse tempo, viu?

Maria Elita

Eu também. Muitos dizem, oh tu é colona, ainda diz, estou orgulhosa de ser colona, orgulhosa. Porque tem muitos: “tu não tem vergonha de trabalhar na roça?” Tenho muito orgulho, quero morrer lá na roça, eu digo pra eles, lá na roça!

...

Wanderley Cavalcante

Que isso, obrigado. Tudo de bom. Bastante saúde.

O entrevistado autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista
Gramado, mar/2026




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0016
Título: Depoimento de Elvira Hessel Bergamo - PARTE 1	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Elvira Hessel Bergamo Colona, moradora antiga da Linha Carahá.	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Elvira Bérghamo apresenta uma narrativa de trajetória de vida marcada pela experiência no meio rural da Linha Carahá, em Gramado, abordando memórias da infância, da imigração familiar de origem austríaca, da organização comunitária e do cotidiano ligado à presença da ferrovia e das estações locais, como Maquinista Maura e Moleque. A entrevista evidencia transformações territoriais, formas de sociabilidade entre famílias colonas, práticas de trabalho agrícola e a importância do trem como elemento estruturador das relações econômicas e sociais, contribuindo para a compreensão da formação histórica e cultural do território e da memória ferroviária de Gramado.
Descritores: Memória ferroviária de Gramado/ Linha Carahá e Linha Maura/ Cultura colona/ imigração austríaca/ Vida rural e sociabilidade comunitária/ Patrimônio cultural e território

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Alex Müller e Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: (X) sim () não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória (X) outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	
Obs.: Transcrição realizada com edição de fluxo , preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.	
Ref.: BERGAMO, Elvira . Depoimento concedido a Alex Müller; Eduardo Weber; Wanderley Cavalcante. Gramado,2025. 1 arquivo textual. (transcrição editada). Disponível em: https://memorias.gramado.rs.gov.br/ . Acesso em: ____ ____ ____.	

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Linha Carahá; Linha Maura; Moleque

Valores Patrimoniais Identificados:

Histórico Social Identitário Afetivo Paisagístico Técnico-industrial Outro

Justificativa:

O depoimento possui valor histórico, social e identitário por registrar memórias diretas sobre a formação das comunidades rurais da Linha Carahá e a presença da ferrovia na organização territorial de Gramado; ao evidenciar relações de convivência, trabalho coletivo e redes comunitárias entre famílias colonas; preservar narrativas de origem, tradições culturais e o sentimento de pertencimento ao território, contribuindo para a valorização da memória local e da identidade comunitária.

Grau de Relevância Territorial: Local Regional Nacional

Potencial de Uso Museológico:

Exposição permanente Exposição temporária Publicação editorial Educação patrimonial
 Paisagístico Roteiro de turismo

DEPOIMENTO

Alex Müller:

Boa tarde. Qual é o nome completo e a data de nascimento senhora?

Elvira Bergamo:

Elvira Bérghamo eu casei com Bérghamo, mas era Hessel de casa. Nasci em 28 de novembro de 1930, mas o meu pai me registrou dia 6 de dezembro.

Alex Müller:

Dona Elvira, conta um pouco para nós assim sobre a sua vida desde a infância. a senhora falou que nasceu aqui no Carahá, não é? Conte um pouco...

Elvira Bergamo:

Aqui no Carahá era assim: aqui pra baixo, tinha uma turma de gente que morava ali, umas famílias. E aqui do outro lado, agora é Moleque, mas naquela época era maquinista Maura, porque descia o trem, né? O trem passava. Ali então era maquinista Maura. E aqui era a linha Carahá, era o centro de Carahá, né? Era assim.

Alex Müller:

A senhora nasceu aqui no Carahá mesmo?

Elvira Bergamo:

Sim, nasci aqui.

Meus avós eram da Áustria. Eles não eram brasileiros. É, eles vieram de lá e daí meus pais, nasceram lá em São Roque e depois meus pais vieram morar aqui. É, lá os meus pais nasceram lá e eu, depois nós aqui, nossa família nasceu aqui.

Alex Müller:

Quais eram os nomes dos seus pais e avós

Elvira Bergamo:

Olga Hessel e João Hessel. A minha mãe era [...] de casa. E o pai era Hessel. Meus avós eram Hessel; Sofia Hessel e José Antonio Hessel. Os avós maternos... Era Henrique, o nome do vô. Minha avó era Catarina.

Alex Müller:

E eles chegaram a comentar o porquê eles saíram de São Roque e vieram para o Carahá?

Elvira Bergamo:

Porque lá era muito difícil, lá diz que não é um lugar muito bom, se é muita pedra, muito pedregulhos né e o rio muito perto, o rio Caí onde eles moravam e daí eles se transferiram aqui e a terra aqui era melhor né e tudo bem melhorzinho, então eles vieram morar pra cá.

Alex Müller:

Como era o Carahá antigamente?

Elvira Bergamo:

Veja só. Aqui era assim. Aqui morava o João Mapelli. Ali morava o Jacinto Valentini. Lá depois morava o Fedorino Altraider. E de lá morava meu pai, que era o João Hessel. Depois morava o Rudolfo Lugno. Depois morava, ela ficou viúva, Malvina de Castro. Depois vinha [...], eles também foram para Santa Catarina, se mudaram para lá. E depois de lá era o Rodolfo Lied. E depois era o Alberto Zann. E depois de lá o Alfredo Altraider, depois do lado de cima morava o Cruz, o nome Matias Cross. E por baixo era o Rodolfo Said e depois lá era o vô dele [apontando para Eduardo Weber], que era o João Weber, e depois de lá morava uns Mayer, mas esse eu não me lembro o nome dele. Essa era a linha Carahá. E o Marcolino de Amaral, que morava do lado de baixo. E essa era assim, depois pra lá, sabe, daí não tinha. Não é assim como hoje. Hoje já tem muita gente, né, morando. Naquela época não tinha ninguém.

Alex Müller:

E a senhora falou, todos esses moradores... que tamanho tinha essas terras que cada um morava?

Elvira Bergamo:

Era pouca terra. Não tinha, não tinha muita terra. Porque depois de lá, sabe, essas terras era tudo um Schumann, do Quilombo, no Morro de Arame. E eu não sei quantas hectares eram, porque lá onde é que mora o Jorjão, lá que terminava a terra, e começava lá embaixo, no Morro do Arame. E ali depois, ali sim, depois então começou a vir outros moradores e tudo mais. Aquela época era desse Schumann que morava no Quilombo.

Alex Müller:

A senhora sabe por que tem esse nome, Carahá?

Elvira Bergamo:

Diz que é um tipo de uma taquaireira, lá em cima é o morro, ali no morro. Então esse ficou o morro Carahá, agora é linha Carahá, mas naquela época todo mundo conhecia por Morro Carahá.

Alex Müller:

E então, os primeiros moradores que foram do Carahá, são esses que a senhora falou?

Elvira Bergamo:

Essas que saem depois daqui, esses que moravam ali eram cinco famílias. Então era um Cavalin, um [...], e dois Mapele. Tinha cinco. moradores, mas eu não lembro. Ai, agora, agora quem era o outro? Não lembro, mas ele não tem mais lembrança, não sei mais como é que era. Agora aqui sim, aqui era, ali era uma linha forte aqui, essa que eu disse que era maquinista Maura, né? Então ali, ali morava uma porção de gente. E ali, daí tinha até uma casa do comércio e tinha a estação do trem, passava o trem ali. Era o Pedro Lucas que tinha, era estacionário, assim, um mini mundo [...] (risos) Eu acho que tinha um metro e meio, se tinha.

Não, ali também. Quantas famílias? Tinha o meu sogro e depois tinha um Desidério, depois era um Vettorazzi, um Lazaretti, um Caberlon, um Baretta, dois Tomasi, como é que é? Thomaselli e depois pra lá então vinha a viúva Vettorazzi, que o marido já tinha falecido e o filho tinha esse comércio, né?

E daí depois, pro lado, tinha o trem que passava ali, que era a estação do trem. Às onze e meia o trem tava ali. Ali, depois adiante, aquele muro lá, ali, a Vila do Sol, ali foi uma tristeza esses anos. Sabe o que eles faziam? Vinha o trem subia, então eles limpavam aquele óleo, essas máquinas, atiravam ali. Aquilo era só fogo. Sempre, sempre se via. Porque nós morávamos, porque não morávamos aqui. Me casei, depois no fim, eu morava ali onde é que tinha aquela antena ali do lado. Eu morava ali. E nós trabalhava ali no morro, a gente enxergava do outro lado, né? Aquilo era só fogo. Era uma coisa, é muito triste isso ali.

Eles limpavam a máquina do trem e jogavam ali pra cima. A Vila do Sol hoje é tudo, né? Mas aquela época era tudo fogo. Depois em 63, eu acho que o trem parou. Me parece, não tem isso. É? É, então eu dou certo. E daí, depois, acalmou. E ali, com o tempo, começaram a fazer casas. Porque o trem rodeava, né?

E assim, e daí ele, de lá, ele subia assim. E lá em cima, no morro, quando ele vinha, ele vinha de ré, até ali. E daí depois, então, ele vinha de frente e aqui, ele ia de frente, chegava ali e subia de ré. Era uma coisa extraordinária.

E ali, em sábado, subia o carro motor, então esse carro motor, Ele girava ali.

Eles fizeram assim o cassino, o cassino era em Canela. Então eles se reuniam em Canela, jogavam até segunda-feira de manhã. Às vezes nós de manhã, é curioso né, sabendo de gente que não tinha carro naquela época. Então nós ia lá em cima no morro ver quando o carro motor descia. Aquilo ia. Ia embora sim, a cor dele era branca ...

...

Teve uma seca muito grande, um ano, mas era uma seca muito grande. Aqui até a água não foi, não faltou tanto. Se não tinha a água, eles buscavam, as pessoas não tinham água. E daí ali também, eles botavam fogo mais pra baixo, ali onde é que tinha a santinha, né, que ali passava. E ali, o meu sogro ali, eles de noite ficavam em cima da casa cuidando, porque vinha as faíscas de fogo do vento, né, no tempo dessa seca grande, tinha uma seca enorme esses anos atrás.

Alex Müller:

Dona Elvira, a senhora chamou ali onde ficava Maquinista Maura de Linha Maura, né? Então quando a senhora usa a palavra ‘linha’, quer dizer que ali então tinha várias pessoas?

Elvira Bergamo:

Sim, ali tinha, naquela época tinha. Naquela época era maquinista Maura. Era onde hoje passa a faixa.. Bem certinho. E ali, depois, lá em cima tinha tipo um arroio, né? E lá eles tinham a caixa d'água pra encher. Então o trem era a vapor, né? Então vinha, eles enchiam a caixa d'água ali. É, ali tinha o Bororó, né? Ali também o trem também abastecia a água ali.

Eduardo Weber:

No 26 ali embaixo, daí?

Alex Müller:

O trem então passava na frente da Santinha ou em cima do morro?

Elvira Bergamo:

Não, pra lá, ali é mesmo certinho. Na frente.

Wanderley Cavalcante

E o comércio que tinha ali...

Elvira Bergamo:

É ali na frente da estação, bem do lado de cima, por exemplo, com vocês aqui e eu aqui, né? Então aqui era o comércio e lá era a estação.

O Primo Vettorazzi, que tinha essa casa de comércio. Eles vendiam de tudo, de tudo, de tudo. Tudo era comércio, né, naquela época. Só que não tinha carro, alguma coisa, era tudo com carroças, de boi.

Alex Müller:

A senhora comentou o nome Pedro Lucas; quem é que era esse Pedro Lucas?

Elvira Bergamo:

Esse era o estacionário, Pedrinho Lucas. Ele que cuidava do trem. Ele que mandava, né? Tinha contato dos trem que subia, que descia, né? Muito isso, isso sim.

Eduardo Weber:

Ele é, foi o que eu falei, Wanderley, que tinha uma tia da minha avó que era casada com o filho dele, o Maneca Lucas .

Alex Müller:

Dona Elvira, aqui na comunidade do Caraha, o que a senhora lembra que é importante, que a senhora acha que ainda existe, que é preservado?

Elvira Bergamo:

Posso falar da estrada?

Porque naquela época, então, eles tinham capataz e cada um tinha que trabalhar 8 dias na estrada. Então era carreta de boi de carroças, né? E lá uns puxavam cascalho e os outros

puxavam, cavoucavam as picaretas, né? E daí aquilo e cavoucavam a estrada, trabalhavam, olha lá, era um sacrifício naquela época. E quando dava aquelas chuvas, então dava tudo atolador, né? Porque não era como hoje que tá tudo... Eu disse, ninguém sabe o sacrifício há 50, 60, mais ou menos 70 anos atrás, né? O que que era essas estradas, o que que esses coitados desses colonos trabalhavam para manter uma estrada?

Alex Müller:

E como é que funcionava esse trabalho na estrada? Ele era voluntário, era obrigatório?

Elvira Bergamo:

Era obrigatório, cada um tinha que fazer oito dias. Por ano.

Mas se dava, como diz aqueles troladores, né? Porque ali, no quilombo, ali fora, naquele lá é pra lá, né? Uma senhora, ela vinha dali Até essa Arminda Vitorazzi de ser irmã, desse que tinha comércio. Ela foi a cavalo para visitar uma irmã dela que morava num sítio por ali. E ela chegou um certo ponto, se afundou. Ela ia se afundando com animal e tudo. Na estrada de tanto tolador. Olha, a gente só, como eu disse, olha, nem é bom se lembrar a vida que tinha os pobres dos colonos naquelas épocas.

E depois o primeiro carro que tinha a puxar era o Delmar Dutra. Vocês já ouviram falar, né? Aí de Gramado, o Delmar Dutra. Ele tinha, ele não era jipe, era um outro cara.

Eduardo Weber:

Fubica, não era uma coisa assim.

Elvira Bergamo:

Sabe, eu não sei o nome do carro. E ele era como se diz um táxi.

Puxava os doentes. E a minha mãe, uma ocasião, estava muito doente e ela não podia nem ir de carroça, nem de carro, por exemplo, essas coisas. Aí eram oito homens, eles fizeram tipo uma caminha, então eles saíram daqui carregaram ela até Gramado no Hospital Santa Terezinha, porque o Hospital São Miguel não existia ainda naquela época.

Depois, agora eu me lembro, assim um pouco, mas eu era ainda mais criança também, quando eles estavam fazendo esse hospital. Meu pai, ele tinha esse carroça, então levavam as coisas, mantimento e as coisas, e nós fomos ver onde é que estavam formando, estavam fazendo o Hospital São Miguel, me lembro como se fosse hoje, então nós subimos as escadas, gurizada, né? (risos).

E a igreja também, a igreja de Gramado era coisa engraçada, então eles tinha uma corrente e eles botavam as pedras tudo em cima e arroteavam, rodeavam, rodeavam, até, como era a igreja. Corrente era assim, de quatro partes, né? E entre meio eles tinham tipo uma caixa, então lá eles botavam as pedras e subiam.

Alex Müller:

A senhora viu a igreja construída então?

Elvira Bergamo:

Sim, eu vi construir, me lembro do Hospital São Miguel e da igreja também. Isso eu me lembro.

Wanderley Cavalcante

E sobre a Igreja do Moleque?

Elvira Bergamo:

Ah, eu fui batizada ali.

Ali, uma vez deu um temporal muito feio, aí derrubou essa igreja e aí tinha uma outra casa. Uma professora estava dando aula ali nessa onde passava o trem. E ali tinha mais famílias morando pertinho. E a professora largou as crianças porque veio o temporal e derrubou a igreja do Moleque ali e derrubou a casa onde ela largou as crianças. A escola ficou em pé e a casa onde as crianças estavam caiu e matou a filha do Chico Ecker, que era irmã do Djota.

...

Aqui em Maquinista Maura, né, ali que eu disse, quem vinha aqui do Carahá, tinha que passar os trilhos e depois era na beira de um peral, assim, tinha uma estrada. Talvez desse tamanho aqui, e ali então a gente passava, subia lá, então chegava na igreja, o moleque ali, aí depois tinha a estrada, ia até a várzea...

Então Tinha que passar pra lá da estação, era uma estradinha que ia ali, a gente passava um arroiozinho e depois subia na beirada do peral...Chegava em frente da igreja, né, ou chegava pela frente, né?

E naquele cemitério que está em frente à igreja, do Moleque, ali já existia naquela época, já tinha gente enterrada,

A maquinista Maura ficava ali e depois dali adiante, mais adiante era Moleque. Mas aquela ali até essa parte era maquinista Maura. Essas famílias que moravam ali não era Moleque, era maquinista Maura, que moravam ali. É.

Alex Müller:

A senhora recorda de alguém comentar que aqui na região tinha indígenas?

Elvira Bergamo:

Eu não, mas eu via eles falarem ali, onde fica a minha terra, os fundos. A gente encontrou pedaços de panela dos índios. E ficou muito tempo guardado e depois eu acho que não sei, foi perdido. Foi pena, mas era para as panelas.

Era lisa, era lisa assim, era preta, preta e lisa.

...

Eduardo Weber:

Fala sobre o Leopoldo Bernardes...

Elvira Bergamo:

Eu posso contar uma pequena história do Rabicho? O Leopoldo Bernardes e esse Marciolino Amaral, eles falam de picuinha. Eles eram como, os contatos deles era com o delegado. Então qualquer coisinha que alguém fazia, eles entregavam. Então o apelido deles ficou de 'Rabicho' (risos)

...

Agora eu vou falar um pouquinho, posso falar um pouco da guerra? É, veja só, isso foi em 1942, né? 42 até 1945. Naquela época, agora, esses tempos atrás, quando faltou a gasolina, eu tinha vontade de sair correndo, porque eu sei o que o sofrimento que a gente passou naquela época, porque eu acho que não tinha gasolina. Eu acho que era só querosene. Isso eu não tenho lembrança. Se tinha já, mas eu acho que não. Porque a gente não tinha mais querosene, não tinha mais sal, não tinha nada. Dessas coisas para comer, não vinha mais sal. Então, o que que nós fazia? Nós tinha que pegar uma latinha e botar um paninho e botar assim e botar fogo para poder ter uma velinha. Ou senão mamona. Eles fincavam nas varas, assim, um pedaço de vara, de ferro, alguma coisa e aquilo queimava, né? Aquilo era nosso fogo. E os pobres que não tinham mais sal para botar na comida, sabe o que eles faziam? Botavam assim cinza e coavam e aquilo eles botavam na comida. E não tinha, não tinha. Os mais que puderam se comprar, se prevenir, esses então tinham. Mas o pobre mesmo não tinha, não tinha. Foi muito triste naquela época e aí Eles proibiram o alemão e o italiano... Não podiam falar alemão e italiano. Coitados. Eles iam na cadeia Mas isso foi preso muita gente naquela época. Mas os coitados não sabiam falar outra língua. Foi muito triste aquilo. É, eles e daí eu sei que ninguém saía de casa. Não podiam mais sair de casa, porque se saiam de casa, não podiam nem pedir. Uma mulher foi fazer uma, ali nesse Vettorazzi, ela ia, queria tecido para vender e ela não sabia dizer o pedaço de remendo. Então ela disse em alemão, eu quero um *flick*... para remendar um pedaço de remendo, ela queria. E aí a mulher entendeu o que que ela queria.

Alex Müller:

A senhora recorda de alguém assim que, algum caso que aconteceu que a pessoa foi presa?

Elvira Bergamo:

Até o meu pai! Meu pai ficou preso! Foi pra cadeia! Mas levaram muita gente pra cadeia aquela vez.

Porque ele falou alemão. Ele foi pra Taquara. É, ele falou em alemão, ah!!

Mais era nos bailes. A polícia ficava atenta. As pessoas falavam. Que coisa mais triste, né? Eu sei ali, ali a vizinhança. Eu sabia falar, nós aprendemos. Mas ali os alemães, ali pra lá, de origem alemã. Ninguém sabia falar o brasileiro, nem uma palavra, nem um bom dia, não sabiam dizer.

Alex Müller:

E como é que era na escola? A senhora recorda? Também não podia falar?

Elvira Bergamo:

Mas agora isso não tenho mais recordação, assim, como é que ficou na escola. As crianças já naquela época, já estavam aprendendo a falar o brasileiro. Porque a minha professora também era italiana, mas falava o brasileiro, né? Só que falava o brasileiro.

Eduardo Weber:

Qual o nome da professora?

Elvira Bergamo:

O nome era Carmelinda Mapelli. Ela era até ela tinha só uma perna. Ela era aleijada, e ela ia a cavalo. É, a cavalo, era ali.

Eduardo Weber:

A escola era ali onde o pai da senhora morava.

Elvira Bergamo:

Isso, ali, onde é que agora tem aquelas rosas. Ali era a escola. Depois transferiram a escola aqui. Aí o meu pai e uma Terezinha Setti, foram pra Taquara, até que ajeitaram pra fazer essa escola ali. E aí era uma outra escola, e depois... não sei se foi intermédio, eu acho, do Brizola.

...

Na minha primeira escola, era pedra. Era pedra com caneta de pedra, né? Depois entrou o lápis e os papéis, assim, os cadernos, né? Mas as primeiras épocas era tudo com pedra. E a gente levava para casa, mas apagava. E não tinha mais como depois fazer o sistema, né, das escolas. Gente, naquela época não foi fácil pra gente.

...

Eu comecei a estudar com seis anos, eu tinha.

Eu tinha, naquela época, era o quinto manuscrito. Eu fui até o quinto manuscrito, 12 anos, eu acho que tinha uma coisa assim.

Alex Müller:

E a senhora em algum momento trabalhou na agricultura com os pais quando? Conta um pouco para nós dessa vida na agricultura, como é que era essa rotina e como é que era aliar isso com os estudos.

Elvira Bergamo:

Trabalhei sempre. Sempre.

Veja só, muitas vezes o pai segurava nós em casa para ajudar a trabalhar. E a gente perdia esses dias de aula. Como era triste, né? Naquela época, feijão, cevada, trigo, arroz, arroz era batido com assim então as tábuas, mas essas outras coisas eram tudo, exigiam manguá.

E muitos assim que investiam muita, né, muito feijão e tudo, então eles botavam uns cavalos [...] Mas, e às vezes, me acredita tinha anos que era que nem agora. E nessa época era tempo de cortar cevada, trigo e tudo. E a gente fazia as vezes, cortava uma roçada e vinha chuva e criava tudo rabinho. Brotava tudo. O feijão brotava em pé. Essa pobre gente, essa não, eu também. Eu bati muito feijão. E tu tinha que bater tudo a manguá, assim como de manguázinho, né? E daí eu batia o feijão sempre, ajudava também. E nós colhia bastante feijão, eu e meu marido. (rsrs)

Alex Müller:

E a senhora começou a trabalhar na roça com que idade?

Elvira Bergamo:

Seis anos já sabia tirar leite, fazer tudo. Seis aninhos ou nós já ia na roça, veja só, se calhar uma enxadinha bem pequena porque nós não conseguia pegar as enxadas grande ainda.

É, e daí com as enxadas pequenas. E tudo o pai, o pai lavravaa, os irmãos, e depois meu marido também era tudo com arado, não é que nem hoje, que nem ocupam mais, né. Naquela época era tudo, tudo, tudo arado, tudo feito assim.

Se plantava tudo! Era batata, era feijão, era milho, cevada, trigo, arroz, essas coisas tudo a gente plantava, aipim, batata doce, tudo, essas coisas.

Plantava também piretro. E era muito venenoso aquilo, né? Barbaridade! E depois que nós casamos, quantos anos plantando fumo? Meu Deus! Eu tenho pavor de lembrar como era, como a gente se judiou plantar fumo. E não se ganhava nada mesmo. Quando era no fim a gente empatava o dinheiro. Depois o meu marido, ele tinha efizema. E com o fumo, acabou, acabou. Aí já acabou morrendo com 64 anos.

Alex Müller:

E pra quem vocês vendiam o piretro e o fumo?

Elvira Bergamo:

Eu acho que era em Taquara. A Pirisa

E o fumo era endido Souza Cruz. Souza Cruz. Eu acho que era Lajeado.

Wanderley Cavalcante

Uma curiosidade, esse caminhão da Souza Cruz, será que ele chegava aqui direto ou vocês passavam para algum atravessador?

Elvira Bergamo:

Não, era aqui o que levava era um Roldo. Como é que é o nome? Anacleto, Anacleto Roldo. É, que levava o fumo. Ele era quem levava. O trem já não fazia mais. O trem encerrou no ano 63.

Pra fazer as casas, eles tinham que ir lá no Caracol. Então eles iam às vezes três ou quatro dias até que aprontavam as cargas de madeira, as tábuas, pra poder fazer as casas por aí. Eu vi muitas casas. Antigamente, quando morria alguém, era o Alberto Chan e o Rodolfo Satti, que faziam os caixões. Eles faziam os caixões, coitados. Trabalhavam a noite inteira para preparar o caixão para outro dia.

Era tábua, forravam com pano preto. E as crianças eram forradas com pano branco.

Alex Müller:

E diga se a senhora recorda no dia do velório, tinha alguma coisa diferente nos velórios antigamente, que hoje não se faz mais?

Elvira Bergamo:

Não, era mais ou menos uma coisa assim, não era assim, que era.

E era engraçado, não? Aquilo era religião evangélica. Eles viraram todas as mesas e cadeira, tudo de perna para o ar. Tudo, tudo. Terminou o velório, porque aí eram as casas, né? Era tudo dentro das casas que eles tinha que fazer. E daí, eles, depois que terminavam, eles viraram tudo, tudo, tudo. Eu não sei qual é que era da religião deles, ou o porquê, ou porquê que eles viravam tudo. Isso depois do caixão sair.

...

(rsrsrs) Eu sei que meu pai dava risada, ele contava de um velório do pai do Zé, que era em casa, no escuro, aquelas velas, enfrentava os bichos, cada um com um chinelo... (rsrsrsrs) derrubaram o defunto (rsrsrs)... Ai, o meu pai contava, né meu Deus? Sim, diz que pulavam pra cá e pra lá

com o chinelo... (rsrsrs)... Diz que tinha aquelas mariposas, né? Imagina, naquela época não tinha luz.

Aqui foi o Francisco Perini que botou... nós conseguimos a rede de luz. Então cada família, cada um tinha que fazer [...] pra fazer ficar os postes e pagar pra ter a luz.

Eduardo Weber:

Sessenta e poucos, eu acho isso. Perini é sessenta e poucos.

Elvira Bergamo:

Porque o Walter Bertrucci foi o primeiro prefeito, né? E depois foi esse Francisco Perini. Mas veja só, Gramado? Gramado tinha umas casas. Eu me lembro assim. Vaga, assim, também pouco ainda. Porque nós levávamos tudo às vezes a cavalo, a gente levava com os cestos pendurados no animal, levava cebola, batata, galinha e levava tudo. E daí ali, na Rita Bier, ali eles tinha um hotel e depois lá tinha o moinho do Bisol e ali na, ali tem uns chocolates agora por ali, e lá tinha a farmácia e o. O [Bumbauer?], esse eu não me lembro o nome dele. E ali o moinho era do Bisol, era pra lá, e daí depois, mas era poucas, poucas casa, né? E hoje em dia nem se sabe mais bem onde fica. (rsrs)

Alex Müller:

Como era a relação aqui entre católico e evangélico?

Elvira Bergamo:

Não, isso não tinha diferença.

Ah, o cemitério sim. Naquela época a minha avó foi a primeira que foi enterrada aqui nesse cemitério. E aí, então eles fizeram assim. Então era uma parte assim, era pra ser católico e outros evangélicos. Mas depois os evangélicos botaram aquela igreja lá fora no quilombo e daí eles botaram os cemitérios pra lá. que esse cemitério que tem ali naquela curva, não é muitos anos que tá ali. É, aquela aí, e lá fora era eles lá, eles tinham e daí, então se separaram, na igreja católica era aqui e a igreja evangélica era lá.

Alex Müller:

E a senhora é católica?

Elvira Bergamo:

Sim. Católica? E o meu marido também.

Esta entrevista continua e a segunda parte será publicada no número 2 da Série *Histórias de Vida*.

A entrevistada autorizou a transcrição, a guarda e difusão da entrevista.

Gramado, março de 2026



Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0017
Título: Depoimento de Antônio Nelson Gabriel de Souza e Francisca Nazil de Souza	Produtor: Karahá História e Cultura
Local: Carahá – Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistado: Antônio Nelson Gabriel de Souza e Francisca Nazil de Souza Antônio Nelson Gabriel de Souza (nascido em 1945, na localidade de Caboclos, Gramado-RS) e Francisca Nazil de Souza (nascida em 1948, também em Caboclos) são moradores tradicionais da região, descendentes de famílias colonas que participaram da formação histórica da comunidade, com trajetória marcada pelo trabalho na agricultura familiar e pela atuação no Instituto Santíssima Trindade. Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal de Repositório digital.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento de Antônio Nelson Gabriel de Souza e Francisca Nazil de Souza apresenta memórias sobre a formação e o cotidiano da localidade de Caboclos, em Gramado, destacando a vida colona, as relações comunitárias, o trabalho na roça, as práticas de mutirão (pixuru), a atuação do Instituto Santíssima Trindade, as atividades escolares e religiosas, os bailes comunitários, a alimentação, a carneação e as formas tradicionais de conservação de alimentos, além de relatos sobre descendência familiar, presença indígena e origem do nome da localidade. Descritores: Caboclos (Gramado-RS)/ Vida colona e agricultura familiar/ Memória comunitária rural/ Instituto Santíssima Trindade/ Origem do povoamento local/ Presença indígena na região

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total: 15 minutos aprox.	Equipamento/meio utilizado: telefone celular
Condições ambientais: ruído rural no entorno	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) () Temática () Narrativa consolidada	

Obs.: Transcrição realizada com **edição de fluxo**¹, preservando identidade sociocultural e conteúdo do relato.

Ref.: SOUZA, Antônio Nelson Gabriel de; SOUZA, Francisca Nazil de. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante. Gramado, [s.d.]. 1 arquivo textual (transcrição editada). Projeto Memórias de Gramado. Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: ____ ____ ____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Gramado; Caboclos; Moreira

Valores Patrimoniais Identificados:

(X) Histórico (X) Social (X) Identitário () Afetivo () Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

O depoimento possui valor **histórico, social e identitário** por registrar memórias sobre a formação da localidade de Caboclos, o cotidiano rural, o Instituto Santíssima Trindade e as práticas tradicionais de vida colona; por evidenciar as relações de cooperação comunitária, mutirões, festas, escola, igreja e formas de convivência que estruturavam a vida coletiva e reforçar o sentimento de pertencimento ao território, a memória das famílias fundadoras, as tradições culturais e o modo de vida rural que constituem a identidade histórica e cultural da comunidade de Caboclos e de Gramado.

Grau de Relevância Territorial: (X) Local (X) Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico (X) Roteiro de turismo de memória

DEPOIMENTO

Wanderley Cavalcante:

Estamos aqui com a Francisca Nazil de Souza, esposa do Antônio Nelson Gabriel de Souza, com a Lourdes que é filha do casal e com a Renata Tatiel. Estamos aqui para conversar sobre a localidade de Caboclos. Pra começar assim, é um bate-papo, a gente vai conversando naturalmente, né? Antes de começar a gravar, vocês me disseram que são daqui de Caboclos, certo?

Francisca Nazil:

Eu nasci aqui, em 1948. Ele nasceu lá no Cantão, em Caboclos Também. Lá perto da Isaura, lá da Isaura.

Wanderley Cavalcante:

Dona Francisca, eu vou te chamar de Francisca, tá?

Francisca Nazil:

Tá. No posto de saúde me chamam de Chica. Ontem se assustaram que eu tava muito cedo lá, acharam que eu tava doente.

¹ Busca-se garantir a transposição da espontaneidade da fala para a página escrita, preservando a identidade do entrevistado e a clareza do depoimento, buscando uma experiência de leitura fiel à dinâmica original. Neste processo, foram suprimidos “ruídos” naturais da conversa (como hesitações, repetições excessivas, frases interrompidas, detalhes irrelevantes em excesso e vícios de linguagem) que, embora comuns no áudio, podem fragmentar a leitura. O objetivo é transpor o depoimento para a mídia escrita garantindo a **fluidez cognitiva** do leitor, sem prejuízo à fidedignidade do conteúdo.

Pretende-se a fidelidade à oralidade do registro, mantendo o vocabulário, as gírias e as construções sintáticas que compõem a identidade sociocultural do entrevistado, preservando sua subjetividade e o tom original da interação. A intenção é que o leitor “ouça” a voz de quem fala através das palavras escritas, assegurando que o conteúdo e a emoção do relato original permaneçam intactos.

Wanderley Cavalcante:

Francisca, você nasceu aqui. E os teus pais são de onde?

Francisca Nazil:

Meus pais são daqui também. O meu bisavô era da Alemanha. O pai da minha mãe, né? Da Alemanha, o vô da minha mãe.

Antônio Gabriel:

Pai da tua mãe e teu bisavô.

Wanderley Cavalcante:

Esse ‘Nazil’ e alemão? É da Alemanha?

Renata Tatiel:

Foi um erro de digitação. Era pra ser Nazira.

Wanderley Cavalcante:

Então o teu bisavô é alemão, mas o teu avô era brasileiro. Ele é que é Pereira Dias?

Francisca Nazil:

Não, era o meu pai. A minha mãe era Falkenbach de casa. De casada era Francisca Pereira Dias. O meu pai era Gabriel Pereira Dias.

Wanderley Cavalcante:

Gabriel Pereira Dias. Esse sobrenome Pereira Dias é bem conhecido nos relatos de história, sabe? Tinha o Polidoro Pereira Dias, que tinha terras por aqui.

Antônio Gabriel:

Polidório? Sim. O Polidório, mas que nós chamava Polidório, morava lá em cima do morro. Tinha um louco aí que cantava, nós cantava terno de reis e coisas. O homem era assim, muito alegre. Eles diziam bobagem, assim, eles falam, parte de um “polidório” lá. Eu me lembro desse antigo aí.

Wanderley Cavalcante:

E o Antônio Nelson é daqui, de Caboclos, né, e teu pai é?

Antônio Gabriel:

Meu pai nasceu lá no Castelo de Canela, no Santo Passo do Inferno. Depois ele veio, vieram pra cá, veio, mais três irmãos vieram pra cá. Daí ficaram por aí, arrumaram as companheiras e ficaram por aí (rsrs). Meu pai era João Pedro Gabriel de Souza. A mãe é Maria Lídia Pereira Dias. Era prima do Gabriel Pereira Dias

Francisca Nazil:

É tudo brasileiro e puro.

Renata Tatiel:

Assim, da nossa descendência, é brasileiro. É índio e bem brasileiro.

Wanderley Cavalcante:

Qual ano que tu nasceu Antônio?

Antônio Gabriel:

1945.

Wanderley Cavalcante:

Então, da década de 1940, filhos de pais que já estavam aqui, podemos dizer que nas primeiras décadas do século XX... Seria um povoamento português...

Renata Tatiel

Isso. E alguns deles de avós que estavam aqui, né?

Antônio Gabriel:

Avó sim, estava, isso. A avó era daqui, morava aqui. Lá naquela região ali, morava os velhos. Pai da minha mãe morava lá e já nasceram por lá e esfriaram por lá também.

Renata Tatiel

É tudo de Caboclos. Então já remonta até quem sabe o começo do século...

Wanderley Cavalcante:

O que é que vocês tem para contar assim de Caboclos, como é que vocês se conheceram, como é que foi a vida de vocês?

Francisca Nazil:

Muito melhor que hoje em dia, por um lado né? Que tudo era unido o povo, tudo era unido, um ajudava o outro quando o outro não podia fazer um serviço na roça o outro ia ajudar né? Fazer aquele pixuru que nem se chamava Pixuru, juntava as famílias, para um ajudar o outro. É um mutirão, mas antigamente é chamado de pixuru.

Wanderley Cavalcante:

E o trabalho de vocês sempre foi na roça?

Francisca Nazil/Antônio Gabriel: Eu sempre fui na roça. Esse aqui ia na roça, mas era empregado no orfanato. 46 anos que ele trabalha lá. É mais na roça.

Sempre tem roça pra mim. [...] nós começamos a vida, porque a vida é engraçada. Começa com dois e termina com um. Começa com dois e termina com um, porque um vai primeiro que o outro.

Não sabe, mas não vou te deixar pra trás (rsrsrsrs)

Então a gente trabalhou sempre na roça aí. Depois eu me inventei de trabalhar de empregado, me dei bem, porque trabalhei de frente. cara bom de serviço, o que tem que fazer...

Francisca Nazil:

Eu fiquei em casa com as três crianças e oito vacas de leite...

Wanderley Cavalcante:

E o orfanato, ali... do Instituto Santíssima Trindade, era de antes de tu nascer?

Francisca Nazil:

É antes de nós nascer, já. Eu nasci quando eles começaram, quando a mãe já foi pra trabalhar lá, eu tinha um aninho, que a mãe me contava...

Antônio Gabriel:

Primeiramente era aqui nesse morro aqui, a casa era aquele morro do outro lado. Daí depois mudaram ela pra baixo, então daí ficou. Esses alemão foram muito, muito inteligentes quando vieram pra cá... foi o senhor Augusto Goethe, um alemão. [...] no meio da Alemanha. Até um filho dele nasceu num navio [...]

Wanderley Cavalcante:

Como era o nome dele? Augusto?

Antônio Gabriel:

Augusto Goethe. Pastor Augusto Goethe. É, foi uma coisa muito E aquilo cresceu tanto, tão rápido assim Se desenvolveu tão rápido assim que ninguém pode pensar em imaginar como juntaram tanto dinheiro. Mas os alemão ajudaram com o dinheiro. A Alemanha ajudou muito, os Estados Unidos, ajudaram, a Europa, tudo e todo o país ajudaram. Por isso que eles cresceram tão de repente.

[...]

Wanderley Cavalcante:

Vocês têm plantação de que aqui?

Antônio Gabriel:

Estou plantando um oitinho, feijão, milho. Eu tive muita bananeira. Milho, cuia, feijão por baixo, banha, tenho pra vender, mel eu vendo, faço de tudo um pouco. E no Instituto o serviço era na roça.

Wanderley Cavalcante:

Vocês chegaram a conhecer esse Honorato Leão aqui? (mostrando foto)

Antônio Gabriel:

Sim, foi claro. Nós tinha aula na casa dele. A casa dele era em cima, nós tinha aula lá. É, a professora Landina, que é morta agora, morava antes. Ela dava aula lá na casa, e vinha a cavalo de baixo para dar aula ali. Deixava a mãe dela com os filhos. Tinha uma a sala e a gente fazia baile todo fim de semana nesses baile de descanso o 'véi' tocava uma sanfona domingo de tarde. Naquele tempo era muito grande o Caboclos, tinha muita gente, tinha família aí de seis, oito, nove... rapaz e moça na família. Ali tinha família ali que tinha dezesseis, né?

Renata Tatiel

Então tinha menos gente, mas também o pessoal era mais conhecido também. Menos morador, menos morador e mais família. Mais gente na família.

Francisca Nazil:

Eles se conheciam, todo mundo conhecia, todo mundo.

Antônio Gabriel:

Quando era fim de semana os velho tocava a gaitinha dele lá e fim de semana andava, às vezes 20, 30 bolsa rapaz, só daqui.

Francisca Nazil/Antônio Gabriel:

E era uma sala grande assim que eles tinham, que daí então, em meio de semana eles botavam o pasto ali dentro para tratar os bichos, né. E daí no domingo de tarde às vezes chegava lá, tinha pasto lá dentro, o que chegava as moças e o rapaz e tirar os pastos, [a comida da criação] dele para eles dançar, né.

Ele não tinha lugar para botar, ele botava ali dentro, no cantinho, né. Então desde domingo de tarde, quando chegava a turma, que ainda tinha pasto ali dentro, eles tiravam para fora o pasto e passava a vassoura. E chegava às cinco horas ele fechava a gaitinha dele e, ó, todo mundo pra casa.

(olhando a foto) É, o velho. O velho tinha orelha desse tamanho assim (rsrs). Parecia um chapéu. Então na semana era aula. E domingo de tarde era o baile.

[...]

Aqui tinha uma escola, uma escola municipal. Bem aqui na minha entrada, pra dentro ali um pouquinho. Então a professora Landinha saiu de lá e veio dar aula ali. Então daí ali, aí eu ajeitei um padre de Três Coroas pra vir dar missa aqui. Daí eu limpava, quando ele se aposentou, fechou a escola. A comunidade ficava mais à vontade, né? Então a gente pedia pro padre três dias todo mês.

Uma vez por mês, né? Que daí eu limpava e limpava a escolinha, né?

E a fazenda da tia Inácia, a mulher dele, a gente tinha aquele fogão de chão, né. Aí eu pendurava a panela numa corrente, né.

Cozinha de chão batido assim. Hoje em dia que a gente vê, tô dizendo que a vida mudou muita coisa, inventa tudo que é coisa, mas tem que ser coisa chique. Entendeu? Cortava quatro paredes, fazia aquele cozinhão ali, dava um fogão de lenha lá, uma chapa. A chapa era comprida assim, aqueles fogão antigos. Tinha três lugar pra botar as panelas. Pendurava com um gancho assim na travessa, assim.

Pendurava a panela de pé, aqueles panelões de ferro, pendurava naquele gancho ali... na trempe... fazia aqueles bolos e se virava dentro da panela assim, se virava sozinho. Bolo de trigo e de milho

[...]

Renata Tatiel

E como era a carneação antigamente?

Antônio Gabriel/Francisca Nazil:

É, a carneação era a coisa que era esquentada água lá pelava o porco E abrir e limpar. E limpar as tripas para fazer mocela. Como não tinha geladeira fazia o charque, charqueava, abria as costelas, pendurava inteira assim, um buraco todo.

E as carnes mais grossas abriam, assava, levava na banha. Tinha um fogão daí para secar esse calor da da canga, aí esquentava, enxugava a carne.

E se não assava e queria guardar. assava no forno e botava dentro das latas de banha, né? E quando quiser só tirava e esquentava aquela carne mesmo.

Não tinha geladeira. Nós compramos a primeira geladeira que apareceu aqui no Caboclo, fomos nós que compramos. Geladeira a gás. Era três bujões por mês. Mas também gelava que era uma beleza.

A gente usava aquelas velinhas de querosene, não tinha que chegava, andava até fumacê dentro de casa, E todo mundo vivia bem. Hoje em dia o luxo, a gula é muito avançada, pode ter certeza do que eu estou dizendo, a gula e a ganância mata as pessoas.

[...]

Wanderley Cavalcante:

Vocês conhecem alguma coisa sobre indígenas por essa região? A Isaura, ou foi a Isáira, me disse que a avó Inácia era filha de uma bugra e que já souberam sobre peças indígenas na roça, pedaço de panela, pedaço de panela...

Antônio Gabriel/Francisca Nazil:

Eu cheguei a ver, mas não sei ...um pedaço de roça que eu tava trabalhando, um pedaço grande, assim, presto, ficava tudo com as unhas assim, tudo picadinho, um pedaço da panela.

É para ficar bonita, em rol da panela, né?

Não me lembro onde é que eu achei, quantos pedaços eu achei de panela, era nas roças, por aí. Eu não sei se não foi aqui do outro lado, nós estávamos campeando, chamei os guri e mostrei pra eles, essa aqui é a panela dos bugre. A parede era tudo picadinha, as cestas e com as unhas no barro, que aquilo era feito de barco, né?

Wanderley Cavalcante:

E por que o nome do lugar é Caboclos?

Antônio Gabriel/Francisca Nazil:

Por causa de duas famílias, caboclos.

Foi os primeiros que entraram aí. Primeiro que entraram nesse lugar aqui.

Eram os caboclos, eles chamavam, apelido de caboclo, né? Duas famílias que vieram. Entraram e ficaram por aí. Aí começou. Aí então ficou o nome de Caboclos.

Esta entrevista continua e a segunda parte será publicada no número 2 da Série *Histórias de Vida*.O
entrevistado autoriza a transcrição, a guarda e difusão da entrevista




Sistema de Museus de Gramado-RS

ACERVO DE HISTÓRIA ORAL

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

1 – IDENTIFICAÇÃO	Código de referência: HO-2025/26-0018
Título: Depoimento de Isaura José de Leão e Izaíra de Leão dos Santos	Produtor: Karahá História e Cultura
Data e local: maio/2025 - Gramado-RS	
Sistema de arranjo: (Fundo, Série, Subsérie) a definir	

2 – CONTEXTUALIZAÇÃO	
Entrevistados: Isaura José de Leão e Izaíra de Leão dos Santos	
Contexto de produção: Depoimento produzido no âmbito do Projeto "Novos Tempos para a Memória Ferroviária de Gramado-RS e região", aprovado no Edital SEDAC/PNAB RS nº 31/2024 – MEMÓRIA E PATRIMÔNIO, com posterior guarda em Portal Repositório digital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa de Gramado-RS.	

3 – CONTEÚDO / ABRANGÊNCIA
Resumo analítico: O depoimento das irmãs Isaura e Izaíra resgata a memória social e a ocupação territorial da localidade de Caboclos, na divisa entre Gramado e Três Coroas, destacando a trajetória da família Leão na formação da comunidade. Por meio de uma narrativa afetiva, as entrevistadas detalham a transição de uma economia de subsistência baseada no cultivo de fumo, trigo e cevada para a realidade atual, além de enfatizarem o papel pioneiro de seus antepassados na doação de terras para cemitérios e a criação de espaços coletivos, como o salão de baile que também servia de escola particular. O diálogo revela um contraste geracional marcante: enquanto recordam o trabalho infantil na roça, o transporte com carretas e cavalos e ainda a ausência de infraestrutura básica, celebram a preservação ambiental e a fauna local, ao mesmo tempo em que expõem preocupações contemporâneas sobre a regularização fundiária do cemitério familiar e o acesso à água.
Descritores: Caboclos/ Moreira/ Educação rural/ Formação territorial e comunitária/ Patrimônio e identidade local

4 – DADOS TÉCNICOS DA ENTREVISTA	Entrevistador: Wanderley Cavalcante
Duração total:	Equipamento/meio utilizado:
Condições ambientais:	Uso de imagens disparadoras: () sim (X) não
Tipo de entrevista: aberta (X) temática () de trajetória () outros ()	Idioma/escrita: Português

5 – OBSERVAÇÕES TÉCNICAS E METODOLÓGICAS	Dimensão e suporte: arquivo textual
Condições de reprodução: permitido para fins acadêmicos, educativos e museológicos com citação da fonte	
Tipo de transcrição: () Literal (X) Editada (fluxo) ¹ () Temática () Narrativa consolidada	

¹ A entrevista passou por uma **edição mínima de fluxo**, com o objetivo de aprimorar a leitura e garantir maior clareza textual. Foram eliminadas apenas repetições, hesitações, vícios de linguagem, pequenos trechos ininteligíveis e outros ruídos naturais da conversa oral, preservando-se integralmente o conteúdo, o vocabulário, o tom narrativo e a identidade do entrevistado, de modo a manter a fidelidade ao depoimento original e assegurar a autenticidade da fonte de história oral.

Obs.:

Ref.: LEÃO, Isaura José; **SANTOS**, Izaira de Leão dos. Depoimento concedido a Wanderley Cavalcante, Gramado, maio 2025. 1 arquivo textual. Disponível em: <https://memorias.gramado.rs.gov.br/>. Acesso em: _____.

6 - MUSEOLOGIA TERRITORIAL

Vínculo Territorial: (Localidade principal; área(s) de influência; paisagens associadas: bens e equipamentos patrimoniais citados, etc.)
Caboclos, Moreira, Gramado, Três Coroas

Valores Patrimoniais Identificados:

(X)Histórico (X)Social (X)Identitário ()Afetivo (X) Paisagístico () Técnico-industrial () Outro

Justificativa:

A entrevista possui valor histórico, porque documenta a colonização e a organização territorial da localidade de Caboclos, registrando o uso da terra em grandes propriedades familiares e o papel pioneiro da família Leão na infraestrutura educacional e funerária da região. Também apresenta valor social ao evidenciar a economia de subsistência baseada na agricultura e as redes de apoio mútuo em tempos de isolamento geográfico. Por fim, tem valor identitário, uma vez que preserva o patrimônio imaterial contido nos costumes rurais e o patrimônio paisagístico pela forte conexão com o meio ambiente.

Grau de Relevância Territorial: (X)Local (X)Regional () Nacional

Potencial de Uso Museológico:

() Exposição permanente (X) Exposição temporária (X) Publicação editorial (X) Educação patrimonial
() Paisagístico () Roteiro de turismo

XX-II-VI

DEPOIMENTO

[...]

Izaira:

Eu falei para a Renata ainda essa semana do cemitério, que a minha avó, minha bisa. O primeiro túmulo do cemitério é da minha bisavó, a tua também. Ela deu o cemitério. Agora é da família, todo mundo tá ali.

Alex Juarez Müller:

O cemitério é onde? Aqui no Caboclos?

Izaira:

É, por ali adiante. Sobe, ao invés de vir pra cá, tu vai na outra estrada. Pra esquerda. Tem gente que falaram que queriam fazer túmulo ali pra vender, pra enterrar as pessoas. Mas é uma região pobre. Tu não pode deixar. Só que foi dado de boca, não tem nenhum papel, nada. Tem gente que diz que pode ir lá e registrar uma coisa pra ninguém ficar sem ter enterrado, porque foi dado para os pobres, pra quem não tivesse onde enterrar e a família. E ela nunca deixou ninguém registrar nem fazer a sociedade. Comprar de ninguém, né. Minha bisavó deu uma parte. Mas se tu pode pagar pra fazer um enterro, um túmulo bonito, tu paga, é tu que decide, mas daí tu não pode

cobrar de alguém que não pode pagar, deixar enterrar ali. É, eu pedi para a Renata dar uma especulada, como é que a gente faz para registrar, né?

Alex Juarez Müller:

Mas e assim, vocês duas, irmãs, né? Como é que vocês vieram parar aqui na região? Qual é que é a história de vocês assim?

Izaira:

Ah, meu pai era de Gramado, né? Meus avós, meus pais. Eles venderam as terras. Lá o São Lourenço, o Cemitério São Lourenço, aquele lá foi eles também que doaram, a minha família lá, né? Tem aquela rua Tristão de Oliveira lá, é o sobrenome da minha gente, né. Aquilo lá foi doado, mas depois entrou uma sociedade, daí nós não podemos ser enterrados lá ninguém. Errado. Daí cobra muito caro, né. Daí então meu vô vendeu tudo lá e comprou tudo aqui no Caboclos. Ele tinha um monte de terra, o Caboclo era quase tudo dele, né. Depois ele foi vendendo. De quem? Do meu avô, do pai e do meu pai, Honorato José de Leão. E o meu pai foi um dos primeiros alunos quando fizeram aquele colégio de Gramado, ele tinha oito anos e foi o primeiro aluno que entrou naquele colégio, o Santos Dumont. Alzemiro José de Leão, meu pai.

Alex Juarez Müller:

O seu pai. Então, o seu avô, Honorato com H?

Izaira:

Honorato José de Leão.

Alex Juarez Müller:

Lembra o nome da sua avó?

Izaira:

Maria Inácia de Oliveira, mas chamava Tristão de Oliveira, não sei se sobrenome Tristão era só, porque era Tristão de Oliveira.

Alex Juarez Müller:

A Maria Inácia de Oliveira, o que que ela era do Tristão de Oliveira?

Izaira:

Pois é, ela era Maria Inácia Tristão de Oliveira. Só quando ela casou saiu fora. Saiu o Tristão da história. É que tem muita história dos antigos. Meu pai, se fosse vivo agora em agosto, ele faria 100 anos. Que a gente nunca prestou atenção nisso. É, mas Três Coroas tem um livro, tem a história quase completa. Não sei se tu poderia pesquisar. Tem a minha prima Izolda, ela sabe que tem um livro lá, em Três Coroas. E eu sei que o meu pai foi o primeiro aluno porque eu trabalhava no restaurante e a Paulinha foi buscar um jornal pra fazer um serviço pro colégio. E daí ela me mostrou, daí tá meu pai, minha tia, os nomes dele foi um dos primeiros alunos quando saiu aquele colégio. Na São Pedro ali né, atrás da igreja.

Alex Juarez Müller:

E o nome do seu pai e da sua mãe?

Izaira:

Meu pai é Alzemiro José de Leão e a minha mãe Alvina Viana de Leão.

Alex Juarez Müller:

E eles são naturais aqui da...

Izaira:

Meu pai é de Gramado, minha mãe é aqui pro lado da Serra Grande. Daí esse eu não sei bem as histórias. Tem só mais uma família, eu acho, Viana ali na Serra Grande.

Alex Juarez Müller:

E vocês se recordam dos avós maternos?

Izaira:

Sim, eu até tenho uma fotografia deles ali. É? Do vovô e da vovó. O vovó é Joaquim Viana e a vovó é Silveira. E a Isabel Silveira Viana.

Alex Juarez Müller:

E eles são naturais de onde?

Izaira;

É, eles também são da Serra Grande, né?

Isaura:

É, eles moraram muitos anos aqui do outro lado

.

Izaira:

É, eles moravam. Parece que se criaram na Serra Grande. Depois, de novo, eles vieram pra cá e elas moravam do outro lado. A vovó Bela, né?

Isaura:

A vovó Belinha.

Izaira:

Nós se criamos na casa do vô, o Leão, né? O vô de Leão tinha bastante terra, morava os filhos tudo em cima. Os filhos dele, tudo tinham casa em cima daquela terra, né?

Isaura:

É, se eu fechar meus olhos eu vejo ele sentado perto do buralho

Alex Juarez Müller:

Buralho?

Izaira:

É, um fogo de chão. Chão batido

Isaura:

Tinha uma cozinha que nem essa aqui, ó. Aqui assim era cortado. Pra lá tinha assoalho, alto fechado, ali era o nosso banquinho. E aqui tinha, aqueles pau de lenha no chão batido. Daí ele botava um pau daqueles, formava o fogo, e em cima tinha uma corrente, botava a chaleira, panela pra fazer polenta, cozinhar feijão, água pro café. E dia frio, nós sentava tudo ali na roda, ele assava laranja, banana de gravatá. Tava frio e nós chegava a ficar com as canelas marcadinhas do calor, daquelas brasinha

Izaira:

Laranja tu assa, devagarzinho ela fica murchinha, daí corta uma tampinha.

Izaira:

Um dia eu quase morri do coração, porque o avô fazia fumo, né? E ele plantou uma rocinha de fumo, já tava velhinho, coitado. E eu era grandinha, daí eu fui lá e quebrei tudo os fuminhos dele. A minha mãe deixou nós lá pra ele cuidar, ele me deu umas palmadas em mim. Quase morri, porque nunca fez. Ele só dava carinho para nós, né? Daí a mãe chegou, ele contou, daí a mãe disse "porque não pegou uma vara, vô, e não deu nas pernas dela?" Me deu uns tapas, já quase morri, me desse umas varadas eu morria

Isaura:

Eu ajudava ele a colher o fumo na roça, eu ajudava a preparar o fumo para amarelar no estaleiro e depois ajudava ele a enrolar e ajudava a virar no rolo. Ele fazia o fumo preto, forte. E o fumo médio, o amarelinho e o pixuá. Sabe quando tu enrola, começa a enrolar, sobra uma ponta, né? Então aquela ponta, depois que o fumo tava pronto e cortava fora, tava sequinho. Daí eu mesmo ajudava ele a picar tudo miudinho e botava numa baciazinha. Então aquele ali era o pixuá. Era fumo puro, só que ele era mais fraquinho, bem fraquinho. E eu aprendi a fumar com o vô e a vô. Desde os 14 anos eu fumava escondido do pai e da mãe depois. Eu fumei até os 54, eu acho. Depois eu tinha muita tosse. Daí me lembrei, não, pera aí, diz que a gente se matar com as próprias mãos é crime. Daí fui largando, não fumei mais. Faz quantos anos faz que eu moro naquela chácara? Doze?

Izaira:

Faz uns 20 anos que tu parou, acho. E a gente passou muita dificuldade, porque não tinha água encanada, não tinha luz, não tinha estrada, no tempo nosso. Hoje tem estrada, né? A gente vivia atolada naqueles barros da estrada. Não tinha um carro, nem o doutor de Três Coroas, que era o doutor Osvaldo Diesel, que fundou aquele hospital em Três Coroas, ele atendia todo o Caboclos, mas ele vinha de carreta. Ele vinha de carro até ali embaixo, não podia subir, e aqui ninguém tinha. Uma vez buscaram o Adão e não tinha carro. Eles levaram ele em cima da carreta e o doutor descia junto até lá embaixo. Era difícil, mas foi uma vida boa, né? Nós era livre pra brincar, pra fazer tudo. Não tinha maldade, como hoje. Trabalhar, nós trabalhamos desde os sete anos, nós trabalhava na roça. Hoje não pode, né? Aquele tempo nós podia trabalhar, já na roça.

Alex Juarez Müller:

O que vocês faziam na roça?

Izaira:

Meu pai e os meus tios eles plantavam aqueles morro tudo, acho que tu não chegou a ver ainda. Era cevada, eles plantavam pra vender, né? Cevada, trigo, milho, aipim, arroz, batata doce, feijão, porque tinha um Armazém no Moreira. A gente comprava, o pai comprava o ano todo, anotado num caderno, né? Aí a colheita do fim do ano ia quase tudo ali, né, porque daí ele vendia e pagava aquilo. Hoje, se tu comprar um ano inteiro num caderno, tu nunca mais paga, tu é pobre, dá demais, né.

Isaura:

Ele só recebia o que sobrava. E o trigo quase levava no moinho, mandava moer, o milho, mandava moer, tinha moinho. Mas eu me criei socando arroz no pilão.

Izaira:

O moinho era aqui no orfanato. Tinha três moinhos aqui no Moreira. Tinha no orfanato um, tinha o lá pro lado da Estrada Velha. Até tem ali no Jornal da Enchente, o Cavalin, tinha um lá perto da igreja, um moinho, e tinha um Lauffer ali pro outro lado, né? E nós ia de a cavalo levar as coisas. Ela nunca andou de a cavalo, porque ela caía, não gostava. Eu que andava.

Isaura:

Eu carregava o cavalo. Montei. Para não dizer que nunca montei, uma vez nós estávamos no morro lá do Rauber e uma aranha me pegou no pé, no dedo ali. E daí eu ganhei uma dor muito grande na perna e aquilo veio vindo quando chegou assim, fez assim, pá, na minha cabeça eu não enxerguei mais nada. Daí meu pai botou, pegou fumo que ele tinha, picou, molhou na água e segurou em cima da mordida. Daí o veneno foi voltando, né. Daí abriu minha visão e me botou a cavalo pra mandar pra minha avó, porque a minha avó tinha a simpatia dela, que ela era meia bugra.

Izaira:

Ela era parteira, a vó Inácia, ela era benzedeira, fazia simpatia

Isaura:

Ela benzeu e eu sarei. Não tinha médico. Era bom ter uma pessoa. E daí, no outro dia, batia assim na minha perna e ainda tava meio parecia urtigado, né. Meu pai me mandou a cavalo, não podia caminhar. Oito dias, eu não pude quase me sentar. Tinha as pernas doloridas, assim onde sentou na cangalha. Também, botou numa cangalha, né. Eu cheguei e depois daquele dia eu puxava o cavalo. Nunca mais andava de cavalo. Puxava. E o cavalo ia tranquilo.

Alex Juarez Müller:

E a senhora falou que a sua avó era meia bugra, qual delas? Por que ela era meio bugra?

Isaura:

A avó Inácia. É que a mãe dela era bugra. Ela não era, era meia bugra, mas a mãe dela era bugra. E ela era muito parecida comigo.

Izaira:

Sabe que ela era mais preta?

Isaura:

Era um pouco mais preta. As pessoas me veem e já dizem "Nossa, mas é igualzinha a vó Inácia". Eu fui lá ver a Landila, que era minha professora, tá com 93.

Izaira:

É, nós tivemos uma professora só aqui, pra nós todos. Na casa do meu vô.

Alex Juarez Müller:

Como é que era o nome dela?

Isaura e Izaira:

Dona Landila. É Landila Abraão.

Alex Juarez Müller:

E ela tá viva ainda?

Izaira:

Tá com 90, o quê? 92, 93. Volta e meia a gente vai lá visitar ela ali.

Isaura:

É, é assim que tu passa aqui, tem uma oficina à direita. E duas casas, ela mora naquela posição. A ponte ali é a ponte ali. Depois tu passa a ponte ali.

Alex Juarez Müller:

Ali no Moreira?

Isaura e Izaira:

É, ali já é Moreira. Antes. Pra cá do Orfanato. Quando eu fui lá ver, ela olhou assim, mas eu não acredito que a Dona Inácia tá chegando aqui. Ela deu aula pra todas as classes, né, no primeiro, até... No salão de baile do meu vô. Meu avô tinha um salão de baile, que ele fazia. Tocava gaita e fazia baile. E na semana era a escola.

Alex Juarez Müller:

O salão de baile era onde?

Izaira:

Ali perto do cemitério, ali para lá do cemitério.

Alex Juarez Müller:

Aqui no Caboclos?

Izaira:

É. Tinha a escola, nós estudamos ali. Ela subia todo dia, de a cavalo, todo o dia, a Landila, professora, para dar aula para nós. E fim de semana tinha baile.

Alex Juarez Müller:

Essa escola então não era uma escola municipal, era uma escola particular?

Izaira e Renata:

Particular. Depois eu acho que quando mudou, Renata, ali pra perto da tua mãe, eu acho que ficou municipal. É uma brizoleta também. É, daí eu não sei como é que funciona.

Isaura e Izaira:

Depois, o Germano, aquele que parece que era candidato... Ele comprou a escola, eles desmancharam, aí ficou sem escola o Caboclos. E não tinha mais professora, não conseguia professora de lado nenhum. Aí o orfanato deu para os particulares, porque antes o orfanato não dava para particular, era só para interno deles. E agora tem um colégio ali até a quinta. Aí depois vão para a várzea, tem um micro agora, circula.

Alex Juarez Müller:

Aqui eles estudam na Várzea?

Izaira e Isaura:

Sim, todo mundo, os pequenos estudam aqui no orfanato. E da quinta em diante vai para a Várzea. A Prefeitura busca. O Bruno tá fazendo daqui. Tem de noite, eles buscam de noite, buscam de dia. Hoje tá bom, né? Tem estudo. Nossa, não tem luz, tem tudo. Tem água.

Alex Juarez Müller:

E quando é que veio a luz pra cá?

Izaira:

Ah, a luz faz uns 20 anos só. Foi meu marido que conseguiu a luz, porque ele foi lá, fez abaixo-assinado e correu. O Calito Bizola (?) que ele, não sei se conhece, do Gramado. Ele é da prefeitura de Gramado, só que ele mora em Canela. Ele ajudou muito, ele que fez bastante. Era o tempo da CEEE ainda, não era a RGE.

Alex Juarez Müller:

E água encanada vocês não têm?

Izaira:

Não, agora que eles fizeram o posto comunitário, mas não tá...

Alex Juarez Müller:

E como é que vocês tiram água de onde?

Isaura e Izaira:

Nós temos uma vertente ali embaixo. A gente colocou uma bomba submersa e puxa para as caixas em casa, mas é uma vertente boa, bem limpinha. Mas tem gente que não tem. A água que nem tu, ela não tem.

Eu fiz o poço no valo, lá em cima da roça. Daí puxa para baixo. Para eu limpar, eu mandei pegar uma mangueira para a caixa e da caixa para dentro de casa. A água quando chove, ela é do valo, ela fica...

Izaira:

A nossa lá embaixo é um pocinho pequeno, é lá na beira do arroio. Tem acho que 100 metros de mangueira até chegar aqui. Daí pode chover, dar enxurrada, enchente, mas nunca suja nem nada, sempre igual, ela é numa pedra assim...

Isaura:

Pra tomar, os meus guris buscam lá na...

Izaira:

O Mário botou uma caixa de 500 litros do lado de baixo, do pocinho, mais baixa, e do pocinho encanou pra dentro daquela caixa. Botou uma bomba dentro da caixa, de 500, a gente puxa pra uma de 250 aqui em cima. E sempre tem água boa. É, pra tudo.

Isaura:

Naquele tempo que eu era criança nós escavava no poço de balde.

Izaira:

Bom, faz 53 anos que eu casei, eu moro aqui. Saí, um tempo, né? Mas voltei sempre pra cá. A Chácara é nossa, né?

Isaura:

Também saí, mas voltei.

Alex Juarez Müller:

Assim, ó, vocês falaram que moraram aqui desde criança, mas saíram. Pra trabalhar aonde? Como é que foi esse...

Izaira:

Se criemos aqui. Eu saí depois que eu casei e morei em Gramado. É, a gente tinha que sair pra trabalhar, né? Porque aqui não tem onde tu ir trabalhar, só se tu sair

Isaura:

Eu saí, trabalhei em Novo Hamburgo. Três anos e depois trabalhei em Sapiranga. E depois trabalhei em Três Coroas, quase dois anos e daí sim, daí voltei para. Aí paguei autônomo o resto, né. Até me aposentar. Mas eu sempre ganhei mais do que dois salários, né. E paguei referente a um. O que valia era os últimos trinta e seis meses.

Izaira:

Sim. Mas um salário na roça...

A gente tem só um terreno, não é um terrenão, mas tem tudo que tu quiser comer. Aipim, batata, laranja, bergamota, verdura.

Alex Juarez Müller:

Antigamente, aqui na região, o entorno das casas sempre foi assim com essa variedade de frutas e alimentos ou era diferente?

Izaira e Isaura:

Era mais, porque hoje os mais novos saem para trabalhar fora, né Renata? E naquele tempo a criançada, nós tudo trabalhava junto do pai e a mãe na roça. A gente tava tudo aqui, não tinha emprego fora. Esses morro era tudo pelado. Não tinha mato. Era só roça, até naquele canto. E agora o orfanato pegou esse resto de morro e tudo até lá no fundo.

Isaura:

E lá pro meu lado, ali que tu pega pra cá, pega pra lá, daí primeiro dobra pra lá. Eu moro lá do outro lado. Lá também era, tinha só a ponta do morro, né.

Izaira:

Ela mora não é longe daqui, de carro dá uns 5 minutos. De a pé, dá um pouquinho. Passa no cemitério, não é muito longe. É tão bonito mesmo.

Isaura e Izaira:

Lá também é só vegetação. Mas lá é muito mais bonito, porque é bem alto.

Isaura:

Às vezes tô sentada na área tomando chimarrão e vem os tucano. E esses dias, Renata, veio aquele preto grande, que tem a cabeça vermelha, o jacu. Veio casal de velho e dois filhotão grandes. Passaram por mim e sentaram bem pertinho. Foram comer ameixa no pé. Coisa mais linda.

Izaira:

Eu tenho uma tábua que eu trato eles. Eu boto milho quebrado para eles.

Isaura:

Eu tenho lá em casa. Às vezes conto 30, 40, quando eu boto uma xicrinha de arroz.

Izaira:

Aí tinha uns sobrinho do meu marido, queria vir aí pra botar, pegar... Lá na minha terra não. Só se as pessoas deram licença, porque lá não pega.

Isaura:

Não pode, mas não pode pegar.

Izaira:

Eu trato eles. Vou deixar pegar e botar na gaiola? Mas Deus o livre...

Alex Juarez Müller:

Essa localidade aqui, o nome dela é Caboclos. E ela tem esse nome, vocês sabem o porquê?

Izaira:

Olha, o que o pai falava pra nós, que a gente sabe, diz que uma época atrás era menos gente, veio uma família de moreno que morava lá... porque aqui é longe, a Renata conhece. Passa aqui, vai reto, vai até debaixo daquele morro lá. Tem casa. É uma família de caboclo e ninguém sabia quem eram, os nomes. Começaram: “lá mora os caboclos”, “é os caboclos” e daí ficou Caboclos, daí botaram o nome de Caboclo. Mas daí não tinha assim, que nem, era Moreira no caso, pra ti fazer um papel, alguma coisa, aí de um tempo pra cá, não, agora é a Linha Caboclo mesmo. Luz, tudo, nós temos nas duas, tudo Caboclo.

Isaura:

E tem a linha A. Tem a linha B e a linha A. Aquela encruzilhada que vocês pegaram pra cá... Agora, agora me pegou. Não sei se a minha pra lá é A ou se é pra cá é B.

Izaira e Isaura:

Mas então nos recibos de luz, deve dizer?
Não diz no recibo de luz também, já olhei.

Izaira, Isaura e Renata:

E aqui esse arroio é o Arroio Xaxim, e aqueles que vocês... A última ponte que tu passou, que vem de lá do lado dela é o Arroio Caboclo. E ali na ponte os dois se encruzam. E tem aquele que vem de lá do lado da Dona [inaudível]. É o mesmo. Não, é só os dois. Aquele ali não é o Arroio do Ouro? Arroio do ouro? Eu não sei. Parece que falaram que tinha o Arroio do Ouro. O que eu aprendi é esse aqui, Xaxim, aquele ali o Caboclo.

Alex Juarez Müller:

E lá embaixo, na Moreira, lá no calçamento, lá é o que? Qual arroio lá é um desses dois?

Izaira:

É, os dois vão, dali do orfanato... entra antes, daqui, quando tu desce, antes do orfanato vai os dois, esse aqui e aquele lá.

Alex Juarez Müller:

E daí qual é o nome que ele fica ali?

Izaira e Isaura:

É Moreira, eu acho. É a divisa de Três Coroas com Gramado. Tem um lado lá embaixo é Gramado e o outro lado é Três Coroas. E nós moramos no Gramado, no município de Gramado. A Vanessa mora no município de Gramado. Sim. E a Igreja Luterana já é município de Três Coroas, do outro lado. Sim, a gente vota aqui no orfanato. E a mesa de Três Coroas vota lá do lado da Igreja Luterana.

Bibliografia sobre História Oral

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). Usos & abusos da história oral. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral: memória, tempo, identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Manual de história oral. São Paulo: Loyola, 2002.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. Memórias e narrativas: história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

MONTENEGRO, Antonio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

PATAI, Daphne. História oral, feminismo e política. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. Ensaio de história oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, 1997.

SMITH, Richard Cândida. História oral na historiografia: autoria na história. História Oral, v. 13, n. 1, 2011.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

Panorama histórico

O território que hoje é Gramado foi uma das últimas frentes de ocupação da região serrana **pelas etnias europeias**. A partir da década de 1880, intensificou-se um movimento de migração interna de famílias de descendentes de alemães e italianos. Com o incremento populacional e o consequente aumento da produção e do comércio, o povoado evoluiu para, em 1904, tornar-se sede do 5º Distrito de Taquara. Sua primeira subintendência foi subordinada ao coronelismo borgista, ao longo de 20 anos. O distrito emancipou-se de Taquara em 1954.

Reprodução adaptada e aproximada dos mapas das colônias e dos fluxos de colonização italo e teuto-brasileiros em direção ao território que hoje é Gramado:

Fluxos de migração de italianos e descendentes em direção a Gramado



Na primeira metade do século XIX, **tropeiros e aventureiros** (descendentes de luso-açorianos, afro-brasileiros e caboclos) passavam e pousavam no atual território de Gramado.

Fluxos de migração de teuto-brasileiros em direção a Gramado

A oeste, sul e sudoeste, colonos vindos das antigas colônias de Nova Petrópolis, São Leopoldo e Mundo Novo foram adquirindo terras e iniciando diversos núcleos pioneiros de origem teuto-brasileira ou mista.

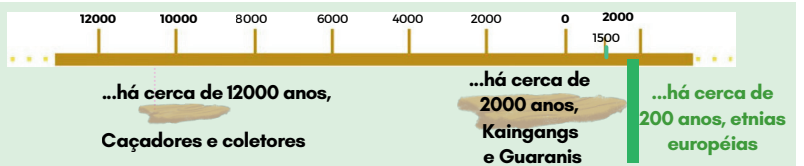
Luso-açorianos

Primeiras colônias italianas (1875)

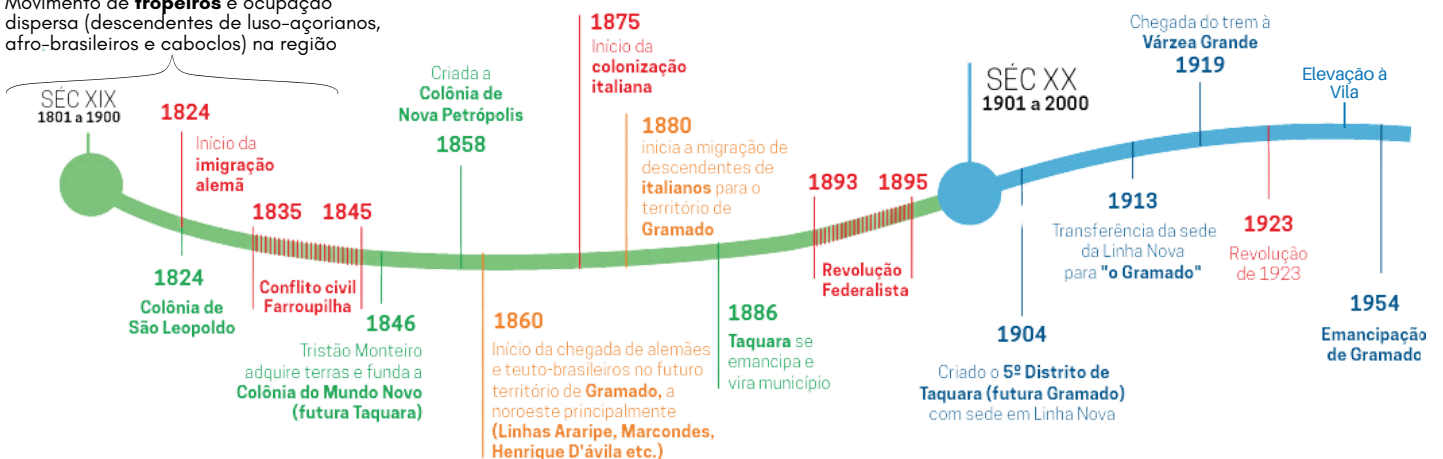
Colônia alemã oficial

Colônia alemã particular

Os **povos originários**, assim como negros e caboclos, não fizeram parte da distribuição de terras do processo de colonização promovido pelos governos imperial e provincial no século XIX que priorizou a vinda de imigrantes europeus (notadamente alemães e italianos)



Movimento de **tropeiros** e ocupação dispersa (descendentes de luso-açorianos, afro-brasileiros e caboclos) na região



Outros trabalhos dos autores

REVISTA GUIA 'CAMINHOS DOS MUSEUS'



Flip-book para ler on-line (gratuito)



Download (Google Boks)
R\$ 5,00

JOGO DIDÁTICO

(TRILHOS DO PATRIMÔNIO - Uma viagem na história da ferrovia Taquara-Canela)



ÁLBUM DE FIGURINHAS

'Memórias dos tempos do Trem'



CURSO ON-LINE

'Introdução à história da linha férrea Taquara-Canela'



Acesso gratuito

VÍDEO COM JANELA EM LIBRAS

'A Estrada de Ferro Taquara-Canela e o Museu Estação Férrea Várzea Grande'

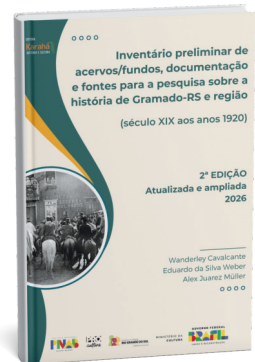


<https://youtu.be/Pns6v-709Nc>

AUDIOBOOK
'Museu do Trem de Gramado'



GUIA DE PESQUISAS



CURSO PRESENCIAL

'Introdução à produção de repositório digital para museus'



A invisibilidade dos negros na história de Gramado/RS levantamento preliminar

Alex Müller
Prefeitura Municipal de Gramado

Raimundo Nonato Wanderley de Souza Cavalcante
Prefeitura Municipal de Gramado
<https://orcid.org/0000-0003-1375-3872>

DOI: <https://doi.org/10.26512/emtempos.v1i36.31760>

<https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31760>



LIVRO

'História e memórias dos tempos do trem - Gramado-RS e a Linha Taquara-Canela'

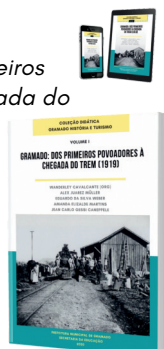


LIVRO DIDÁTICO

Gramado: dos primeiros povoadores à chegada do trem



Download gratuito



REVISTA KARAHÁ





MEMÓRIAS DE VIDA

Narrativas e memória comunitária de
moradores de Gramado e região

Volume I - 2026



Memórias de Vida reúne depoimentos de moradores de Gramado e região, registrados por meio da **História Oral**, revelando trajetórias, lembranças e experiências que ajudam a compreender a formação histórica, social e cultural do território.

As narrativas percorrem o cotidiano das comunidades, a vida nas linhas rurais, as relações de trabalho, as práticas culturais e a presença marcante da ferrovia como elemento estruturador da vida comunitária.

Ao transformar a oralidade em registro escrito, a obra preserva vozes, identidades e saberes, contribuindo para a valorização da memória coletiva e do patrimônio cultural, e convidando o leitor a percorrer histórias que conectam passado e presente no contexto da história regional.

EDITORA

Karahá
HISTÓRIA E CULTURA



MINISTÉRIO DA
CULTURA

